

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

Rodolfo Vianna

## **Aspas verbo-visuais**

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

São Paulo  
2016

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

Rodolfo Vianna

## **Aspas verbo-visuais**

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Professora Doutora Elisabeth Brait.

São Paulo  
2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

---

Autorizo a divulgação do texto completo em bases de dados especializadas e reprodução total ou parcial, por processos fotocopiadores, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte.

*Dedico esta tese à memória da minha avó Nilva Isola Vianna,  
o que em nada quita minha dívida de gratidão.*

### **Auxílio Financeiro de Pesquisa:**

Bolsa **CNPq**, processo 141469/2012-9, entre os períodos de abr. 2012 a ago. 2013 e set. 2014 a dez. 2015.

Bolsa **CAPES PDSE**, processo 6079-13-0, no período de set. 2013 a ago. 2014.

## Agradecimentos

Os agradecimentos em uma tese, resultado de quatro anos de trabalho, sempre é lacunar. Desde já me desculpo por importantes omissões que certamente cometi.

Agradeço à minha orientadora, profa. Dra. Beth Brait, pelo constante incentivo acadêmico e pessoal. À Beth, meus mais sinceros agradecimentos por tudo que fez ao longo dessa trajetória conjunta que se iniciou no mestrado e que, espero, se prolongue por outros e novos desafios intelectuais.

Agradeço ao prof. Dr. Dominique Maingueneau, que generosamente aceitou o pedido de me receber na Paris IV – Sorbonne como coorientador durante a realização do meu doutorado sanduíche na França. Ao Maingueneau, agradeço a confiança e o privilégio das nossas interlocuções que muito acrescentaram à minha formação.

Agradeço à profa. Dra. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, a Cecilinha, pela extrema generosidade e pelas constantes e profícuas discussões. Agradeço também a todos os professores que fizeram parte das bancas de qualificação realizadas ao longo desses últimos quatro anos, assim como os demais docentes que auxiliaram na minha formação aqui e no exterior. Faço menção especial à profa. Dra. Jacqueline Authier-Revuz, que além de me permitir acompanhar seu seminário doutoral em Paris, generosamente discutiu a ideia aqui apresentada.

Agradeço à Maria Lucia, sempre auxiliando na resolução dos problemas burocráticos que teimam em surgir. Por meio dela, estendo os agradecimentos a todo o corpo de funcionários não docentes do LAEL e da PUC-SP.

Faço também um brinde aos amigos. Meus agradecimentos à Angela Pinho e família, que, entre outras coisas, me possibilitaram construir o *corpus* desta pesquisa; e ao Maurício Horta, pela tradução do resumo. Por meio deles, agradeço a todo o delicioso círculo de amizade que me cerca. Agradeço também à Bruna e ao Vinícius, representando o já conhecido Círculo Braitiano de estudos, e a Maíra (e dona Maruska), Felipe, Fernanda, Julián e Wilson,

representantes da “Patota de Paris” – responsável pelo melhor carnaval já realizado na Rive Droite. Registro também o carinho dos amigos da Maison du Brésil e da Fondation Hellénique, que possibilitaram me sentir mais aconchegado longe de casa, e do Tales.

Agradeço à minha mãe Diva e minha avó Nilva, que veio a falecer enquanto desenvolvia parte desta pesquisa no exterior. Tenho certeza de que ela não entenderia do que se trata a tese, mas estaria sentada na primeira fila no dia da defesa, sorrindo orgulhosa e torcendo pelo neto. Por meio delas, agradeço a todo o carinho e suporte da minha família.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelos auxílios financeiros que possibilitaram a realização desta pesquisa.

## Resumo

Esta tese tem por objetivo apresentar o conceito de *aspas verbo-visuais* e categorias de análise para o estudo do fenômeno abordado. A hipótese perseguida é: *tomando o enunciado em sua dimensão verbo-visual, determinadas relações entre elementos verbais e visuais constitutivos dele podem se configurar como desdobramentos metaenunciativos opacificantes, em analogia à dinâmica da modalização autonímica que ocorre no plano verbal, e serem consideradas como aspas verbo-visuais*. A hipótese sugere a possibilidade de ampliação do sentido de determinado elemento visual quando compreendida a dimensão verbo-visual constitutiva do enunciado, tal como ocorre quando as aspas são empregadas no plano estritamente verbal, ou seja, configurando-se como um tipo de *presença/ausência* a ser preenchida interpretativamente. As perguntas de pesquisa a serem respondidas são três: 1) como compreender o processo de metaenunciação, constitutiva da modalização autonímica, no plano verbo-visual?, 2) O que seriam e como se constroem os desdobramentos metaenunciativos opacificantes (modalização autonímica) entre elementos verbais e visuais a partir da dimensão verbo-visual dos enunciados pertencentes ao *corpus* desta pesquisa? e 3) Quais as similaridades existentes entre as ocorrências das *aspas verbo-visuais* que possibilitam construir categorias de análise do fenômeno abordado? O *corpus* de análise é constituído por conjuntos noticiosos selecionados dos jornais impressos diários *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* coletados entre os dias 23/09/2012 a 20/10/2012, assim como de quatro exemplares da revista semanal *Veja* coletados no mesmo período. Na construção das repostas às perguntas de pesquisa, orientadas pela hipótese postulada, esta tese articula as formulações de Authier-Revuz sobre *modalização autonímica*, as concepções de *enunciado concreto* e de *signo ideológico* advindas do Círculo de Bakhtin, os estudos sobre verbo-visualidade desenvolvidos por Brait e o conceito de *instância de enunciação complexa* formulado por Maingueneau. A pesquisa, para além de confirmar a hipótese por meio das análises realizadas, apresenta três categorias de *aspas verbo-visuais*, a saber: a de *relação direta entre elementos verbais e visuais*, a de *opacificação de elementos verbais no plano visual* e, por fim, a de *alegoria verbo-visual opacificante*. A contribuição pretendida, tanto para a Linguística Aplicada quanto para os Estudos da Linguagem em geral, é a de delimitar a compreensão do fenômeno enunciativo-discursivo produtor de sentidos na articulação entre o plano verbal e visual do enunciado, postulando o conceito de *aspas verbo-visuais*, e o de oferecer categorias de análises passíveis de serem partilhadas por pesquisas futuras que se debruçarem sobre os efeitos de sentidos produzidos na articulação entre imagens e textos verbais.

**Palavras-chave:** Aspas, modalização autonímica, verbo-visualidade, superenunciador.

## Abstract

This thesis is intended to present the concept of *verbal-visual quotation marks* and categories of analysis for the study of the phenomenon covered. The pursued hypothesis is that, “*by taking into account the utterance in its verbal-visual dimension, certain relations between its constitutive verbal and visual elements may constitute opacifying meta-enunciative unfoldings –in analogy with the dynamics of autonomic modalization present in the verbal dimension– and be considered as verbal-visual quotation marks.*” The hypothesis suggests the possibility of expanding the meaning of a given visual element when comprehending the constitutive verbal-visual dimension of the utterance, likewise when quotation marks are employed in the strictly verbal dimension, i.e., constituting itself as a sort of *presence/absence* to be filled out by interpretation. The research aims to answer three questions. 1) How to understand the process of meta-enunciation, which is constitutive of the autonomic modalization, in the verbal-visual dimension? 2) What would be and how are constructed the opacifying meta-enunciative unfoldings (autonomic modalization) between verbal and visual elements based on the verbal-visual dimension of the enunciated utterances listed in the *corpus* of this research? 3) Which similarities amongst the occurrences of *verbal-visual quotation marks* allow developing categories of analysis for the phenomenon at issue? The *corpus* of analysis consists on news selected from the daily papers *Folha de S.Paulo* and *O Estado de S.Paulo* and the weekly magazine *Veja* in the period from September 23, 2012, to October 20, 2012. In answering the aforementioned questions under the postulated hypotheses, this thesis articulates the formulations of Authier-Revuz on *autonomic modalization*, the notions of *concrete utterance* and *ideological sign* stemmed from Bakhtin Circle, the studies on *verbal visuality* developed by Brait and the concept of *instance of complex enunciation* formulated by Maingueneau. Besides confirming the hypothesis by means of the analysis conducted in this study, the research presents three categories of *verbal-visual quotation marks*, namely *direct relation between verbal and visual elements*, *opacification of the verbal elements in the visual dimension*, and *opacifying verbal-visual allegory*. The intended contribution to both Applied Linguistics and Language Studies in general is to circumscribe the comprehension of the enunciative-discursive phenomenon that produces meaning by articulating the verbal and visual dimensions of the utterance, postulating the concept of *verbal-visual quotation marks*, and to offer categories of analysis that can be shared by future research on the effects of meanings produced in the articulation between images and verbal texts.

**Key-words:** Quotation marks, autonomic modalization, verbal visuality, *superenonciateur*.

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1: A verbo-visualidade nas páginas da imprensa impressa</b>	<b>18</b>
1.1. A esfera jornalística	20
1.2. Breve histórico da verbo-visualidade na imprensa impressa	28
1.3. As fotos e as palavras no jornalismo impresso	49
<b>Capítulo 2: O jornal como instância de enunciação complexa: o <i>superenunciador</i></b>	<b>61</b>
2.1. O conjunto noticioso como enunciado concreto	75
<b>Capítulo 3: As aspas e suas funções: a arquiforma da modalização autonímica</b>	<b>95</b>
3.1. O conceito de modalização autonímica e as não-coincidências do dizer	97
<b>Capítulo 4: Da apropriação do conceito para o plano verbo-visual e abordagem metodológica</b>	<b>108</b>
4.1. Abordagem metodológica e apresentação do <i>corpus</i>	120
<b>Capítulo 5: As aspas verbo-visuais</b>	<b>122</b>
<b>5.1. A relação direta entre elementos verbais e visuais</b>	<b>123</b>
5.1.1. Análise 1: A “mira” de Fernando Haddad	125
5.1.2. Análise 2: A “pequenez democrática” de Hugo Chavez	130
5.1.4. Análise 3: A “boca de urna” dos candidatos	137
5.1.5. Análise 4: Cotas “dividem” destino de carro asiático importado	141
<b>5.2. A opacificação de elementos verbais no plano visual</b>	<b>146</b>
5.2.1. Análise 1: A “saída de emergência” de Nuzman	148
5.2.2. Análise 2: O “degrau” na campanha de Russomano	154
5.2.3. Análise 3: A “consolação” para usuários do metrô	159
5.2.4. Análise 4: O “new look” do PT: Haddad	164
<b>5.3. A alegoria verbo-visual opacificante</b>	<b>170</b>
5.3.1. Análise 1: A “coroa de louros” do vencedor	172
5.3.2. Análise 2: A “absolvição” de José Dirceu	177
5.3.3. Análise 3: A “condenação” de José Dirceu	182
5.3.4. Análise 4: A “condenação” de José Dirceu (2)	186
5.3.5. Análise 5: O “toque da criação” de Lula	190
<b>Considerações finais</b>	<b>198</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>206</b>

## Introdução

As aspas, no plano verbal da linguagem, são responsáveis por efeitos de sentidos já bastante estudados tanto pela Linguística quanto pelas diversas tendências da chamada Análise do Discurso. Apresentam-se no plano escrito, como sinal tipográfico; no plano oral, como na expressão “utilizo essa palavra entre aspas”; e até mesmo no plano gestual, quando os dedos indicadores e médios de cada mão contraem-se rapidamente duas vezes, simultaneamente.

Dentre as suas diversas ocorrências, como a de delimitar um discurso citado e a de enquadrar um signo verbal para ser compreendido em seu caráter autonímico (não para remeter ao seu referente, mas a ele mesmo), por exemplo, há aquela quando as aspas se tornam um “indicador interpretativo” (DAHLET, 2006, p.182), um “sinal a ser interpretado” (MAINGUENAU, 2005, p. 160) ou que marcam um “um tipo de *ausência*, de vazio a ser preenchido interpretativamente, um ‘chamado à glosa’” (AUTHIER-REVUZ, 2012, p. 139, grifos no original, tradução própria)<sup>1</sup>.

Este último tipo de ocorrência se manifesta quando as *aspas* são empregadas como marcadores de uma *modalização autonímica*, conceito formulado por Authier-Revuz que pode ser apresentado sucintamente como uma espécie de desdobramento metaenunciativo opacificante, num retorno metaenunciativo pelo qual o enunciado se enuncia e, ao mesmo tempo, comenta a si mesmo, explicitando uma *não-coincidência* que instiga e amplia as possibilidades de sua compreensão para além de sua significação literal, de sua significação *corrente* ou *standard*.

Entretanto, esta tese não é sobre as aspas ou mesmo a modalização autonímica no plano verbal. O que se quer demonstrar com este trabalho é a existência de um fenômeno enunciativo-discursivo que, considerando o plano verbo-visual da linguagem, opacifica elementos visuais e verbais que constituem um mesmo enunciado quando estabelecidos desdobramentos metaenunciativos entre eles; busca-se aqui apresentar o conceito de *aspas verbo-visuais*.

Se no plano verbal uma palavra quando está entre aspas sinaliza que deve ser objeto de uma interpretação para depreender dela um sentido para além daquele literal (quando o emprego do recurso tipográfico se dá em modalização autonímica), o que se propõe aqui é a

---

<sup>1</sup> No original: “une sorte de *manque*, de creux à combler interprétativement, un <<appel de glose>>”

ocorrência de um fenômeno semelhante que sinaliza interpretar um elemento visual para além do seu significado referencial imediato, como se este elemento visual estivesse “entre aspas”.

Dito isso, a hipótese a ser perseguida nesta tese é: *tomando o enunciado em sua dimensão verbo-visual, determinadas relações entre elementos verbais e visuais constitutivos dele podem se configurar como desdobramentos metaenunciativos opacificantes, em analogia à dinâmica da modalização autonímica que ocorre no plano verbal, e serem consideradas como aspas verbo-visuais.*

Algumas ressalvas devem ser feitas antes de prosseguir com esta introdução. A primeira é que, no plano verbal, a utilização do recurso tipográfico das *aspas* enquadra inequivocamente a palavra ou o segmento sobre o qual recai a modalização autonímica. Ou seja, no plano verbal, as aspas são uma sinalização explícita e contundente de que o que elas contêm demanda um esforço interpretativo para depreender uma significação não literal. Entretanto, por mais que esta tese propõe a nomenclatura de *aspas verbo-visuais* para o fenômeno que será abordado, elas não possuem esta característica; ou seja, as *aspas verbo-visuais* não são um sinal inequívoco, de reconhecimento imediato quando opacificam elementos visuais e verbais, mas elas se estabelecem na *relação* entres os elementos verbais e visuais de um mesmo enunciado. É por isso que, atentando a essa particularidade do conceito, não se optou pelo termo *aspas visuais*<sup>2</sup> simplesmente, pois assim ignorar-se-ia a particularidade fundamental que é a relação necessária entre elementos verbais e visuais para seu estabelecimento.

A segunda ressalva refere-se à opção do emprego do termo *aspas* para nomear o fenômeno aqui estudado. A opção por nomear o conceito por *aspas verbo-visuais* se deveu por dois fatores. O primeiro, a expressão de algo estar “entre aspas” é corrente, e seu sentido é conhecido mesmo por aqueles não estudiosos da linguística ou de outras ciências da linguagem. Portanto, criar um conceito novo utilizando-se de uma analogia com outro de conhecimento corrente facilita a sua compreensão.

O segundo fator deriva da tentativa de se apropriar das formulações sobre a *modalização autonímica* para, a partir dela, buscar identificar funcionamento análogo quando levado em consideração a dimensão verbo-visual do enunciado. Se o conceito de modalização autonímica restringe-se ao plano verbal e, mais, insere-se na tradição da linguística enunciativa na qual se filia Authier-Revuz, o que se buscará nessa tese é compreender o seu funcionamento enunciativo-discursivo para, a partir dele, construir uma analogia possível que

---

<sup>2</sup> Pode-se argumentar que todas as *aspas* são *visuais*, uma vez que é um recurso tipográfico e, portanto, gráfico, visual. Apesar de correta a afirmação, o termo *visual* empregado aqui é em contraponto ao termo *verbal*.

possa auxiliar a compreensão do fenômeno aqui abordado, que tem por base de existência o plano verbo-visual da linguagem.

Essa opção se deveu ao ponto de que os estudos e definições de Authier-Revuz oferecem uma excelente explanação do fenômeno das *aspas* no plano verbal – considerada pela autora citada como a arquiforma da modalização autonímica – e, assim, se constituem como uma base importante e incontornável para a proposição das *aspas verbo-visuais*. A noção de desdobramento metaenunciativo, como um retorno do enunciado sobre ele mesmo em forma de um comentário, e o conceito das *não-coincidências* terão um papel central na tese aqui proposta.

A postulação da hipótese aqui perseguida surgiu em pesquisa anterior, intitulada “Jornalismo, ironia e ‘informação’” (VIANNA, 2011), na qual se estudou a manifestação do fenômeno irônico no gênero jornalístico informativo como uma estratégia de valorar (positiva ou negativamente) aquilo que é informado sem romper com as prescrições do gênero. Durante as análises da referida pesquisa, em sintonia com trabalhos já realizados por Beth Brait (2008), por exemplo, percebeu-se a instauração da ironia por meio da articulação entre as fotografias e os textos de conjuntos noticiosos, nas quais os elementos visuais ganhavam uma amplitude semântica que possibilitava a inferência da ironia naquilo que era noticiado. Na conclusão da pesquisa anterior realizada, estava presente o objetivo central a ser aqui perseguido:

O recurso de ampliação de sentido de determinado elemento visual dentro de uma determinada composição (poderíamos falar de determinada construção enunciativa visual) é recorrente na história da fotografia, do fotojornalismo, na história das artes visuais como um todo. Entretanto, o que acho pertinente é a tentativa de articular a lógica fundadora do conceito de modalização autonímica oriunda do plano verbal para o plano visual e/ou verbo-visual a fim de se estabelecer categorias de análise possíveis de serem partilhadas. Não é o caso de uma transposição mecânica de conceitos, mas sim de estabelecimentos de analogias” (VIANNA, 2011, p.207-208).

Portanto, o estabelecimento dessas analogias e a construção de categorias de análises possíveis de serem partilhadas é o que se busca com a tese agora apresentada.

Para alcançar este objetivo, o *corpus* dessa pesquisa analisa conjuntos noticiosos, uma vez que neles há a articulação de fotografias e textos que constituem um mesmo enunciado concreto. Eles foram coletados de edições do jornal *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* que circularam entre os dias 29 de setembro a 20 de outubro de 2012, assim como de quatro edições da revista *Veja* compreendidas neste mesmo período, respeitando sua

periodicidade semanal.

Sobre os critérios da seleção do *corpus*, o primeiro foi o de pertencer a veículos com abrangência nacional; o segundo é o enquadramento na categoria de imprensa *de referência* (termo a ser explicado no Capítulo 2) e, enquadrados nesses dois primeiros critérios, os jornais que possuem maior tiragem. Segundo dados do Instituto de Verificação de Circulação (IVC), a tiragem média mensal do jornal *Folha de S.Paulo*, no ano de 2012, foi de 297.650 exemplares, enquanto que a do *Estado de S.Paulo* foi de 235.217. Já sobre a revista *Veja*, os dados disponíveis são do ano de 2010, e mostram uma circulação média de 1.088.191 de exemplares.

Estabelecida a hipótese e o *corpus* de análise, esta pesquisa se orienta pelas seguintes questões a serem respondidas:

- 1) Como compreender o processo de metaenunciação, constitutiva da modalização autonímica, no plano verbo-visual?
- 2) O que seriam e como se constroem os desdobramentos metaenunciativos opacificantes (modalização autonímica) entre elementos verbais e visuais a partir da dimensão verbo-visual dos enunciados pertencentes ao *corpus* dessa pesquisa?
- 3) Quais as similaridades existentes entre as ocorrências das *aspas verbo-visuais* que possibilitam construir categorias de análise do fenômeno abordado?

Para respondê-las, esta tese está dividida em cinco capítulos. No primeiro deles é apresentado um breve histórico da constituição da esfera jornalística, uma vez que é nela que os enunciados aqui analisados circulam. Também é feito um breve levantamento da história do fotojornalismo e das transformações que o uso da fotografia na imprensa impressa passou e, por fim, são apresentadas algumas considerações sobre a relação entre as palavras e as imagens, já orientando a perspectiva que a pesquisa assume nos capítulos seguintes.

O Capítulo 2 será destinado a trabalhar com a esfera de produção dos enunciados que serão analisados. Utilizando-se de formulações recentes de Dominique Maingueneau, o jornal/revista será tomado como uma instância de enunciação complexa, na qual diversos agentes enunciativos são envolvidos na produção de um mesmo enunciado. Esta tese propõe ainda que o jornal/revista seja compreendido como um *superenunciador*.

Ainda no referido capítulo, apresenta-se uma parte importante que responde à primeira questão de pesquisa. Utilizando-se das formulações de Círculo de Bakhtin, assim como estudos sobre verbo-visualidade, a segunda parte do segundo capítulo será dedicada a

demonstrar a pertinência de se compreender um conjunto noticioso como um só enunciado concreto.

É nessa postura teórico-metodológica, de tomar um conjunto noticioso com seus elementos verbais e visuais como um só enunciado concreto, que residirá a possibilidade de se construir analogias com a dinâmica da modalização autonímica. Por meio dessa orientação, as relações entre os elementos verbais e visuais de um mesmo enunciado concreto serão encaradas como sendo de ordem metaenunciativa, já que estes elementos constituem um único enunciado. E, dessa forma, será possível identificar determinados desdobramentos metaenunciativos opacificantes que, conforme postulado por esta tese, caracterizariam o que se propõe como sendo *aspas verbo-visuais*.

Na sequência do percurso da pesquisa, no Capítulo 3 é apresentado com maior profundidade o conceito de *modalização autonímica* conforme formulado em diversos escritos de Authier-Revuz, assim como as concepções de *não-coincidências* criadas por ela. A modalização autonímica não requer a obrigatoriedade da presença das *aspas* em sua realização, entretanto as *aspas* são a sua arquiforma. A apresentação mais detalhada do conceito é fundamental porque é com ele, criado a partir do estudo do plano verbal da linguagem, que se buscará construir uma analogia que possa ser empregada quando compreendida a dimensão verbo-visual do enunciado.

É esse o exercício realizado no Capítulo 4, que se refere à apropriação do conceito da modalização autonímica para o plano verbo-visual da linguagem, o que caracterizaria o conceito de *aspas verbo-visuais* como proposto pela hipótese da pesquisa. Como já dito, o que se busca não é uma transposição mecânica do conceito para o plano verbo-visual, mas sim entendê-lo e apreender dele uma lógica que, de forma análoga, possa ser articulada quando há a relação entre elementos verbais e visuais produtores de sentido num mesmo enunciado.

Não adiantando as formulações, cabe dizer que a compreensão do conjunto noticioso como sendo um só enunciado permite estabelecer os desdobramentos metaenunciativos opacificantes. As *não-coincidências* podem também serem pensadas levando em considerações os elementos visuais da fotografia e, por fim, uma discussão sobre o que seria a opacidade – segundo Authier-Revuz – e o caráter ideológico do signo – segundo o Círculo de Bakhtin – também oferecem um ponte pertinente de articulação no que toca ao fator do enunciado retornar sobre si mesmo numa forma de comentário, de glosa, marcando um posicionamento do sujeito.

Se uma parte da resposta à segunda pergunta de pesquisa já pode ser vislumbrada no

Capítulo 4, é no Capítulo 5 que ela se completa, como também é dada a resposta à terceira pergunta de pesquisa. Apresentando as análises realizadas, o capítulo mostra como se manifestam as *aspas verbo-visuais* a partir do *corpus* selecionado.

Como o objetivo desta pesquisa é também a de oferecer categorias de análises possíveis de serem partilhadas quando estudado o fenômeno em foco, para além de propor o conceito e compreender o funcionamento das *aspas verbo-visuais*, as análises serão apresentadas já enquadradas nas três categorias estabelecidas. São elas: 1) a de *relação direta entre elementos verbais e visuais*, 2) a de *opacificação de elementos verbais no plano visual* e 3) a de *alegoria verbo-visual opacificante*.

Para cada uma das duas primeiras categorias serão apresentadas quatro análises que possuem uma dinâmica semelhante que permite enquadrá-las nas respectivas categorias que fazem parte, demonstrando como se constroem os desdobramentos metaenunciativos opacificantes na dimensão verbo-visual de cada enunciado analisado. Já para a terceira categoria, cinco análises são apresentadas.

Antes de encerrar esta introdução, é necessário fazer uma ponderação. A perspectiva teórico-metodológica de assumir um conjunto noticioso como um enunciado concreto, orientado pela perspectiva do Círculo de Bakhtin, assim como entender sua constituição levando em consideração sua dimensão verbo-visual, orientado por trabalhos de Brait, é central. Essa postura afasta esta tese da linha da linguística enunciativa na qual se filia Authier-Revuz, assim como também não a insere nos quadros de outras tendências teórico-metodológicas que tratam da relação entre imagens e palavras, como as desdobradas da semiótica greimasiana, as de base pierciana ou mesmo as filiadas ao conceito de multimodalidade formulado por Kress e van Leeuwen (2001, 2006), por exemplo.

Esta tese, portanto, busca estudar um fenômeno enunciativo-discursivo que leva em consideração a dimensão verbo-visual do enunciado concreto, alinhando-se aos trabalhos da agora denominada Análise Dialógica do Discurso (ADD), buscando oferecer um conceito novo que, oriundo de articulações com exteriores teóricos que foram julgados pertinentes, pode contribuir para pesquisas futuras que se debrucem sobre os efeitos de sentidos produzidos na articulação entre imagens e textos verbais: o conceito das *aspas verbo-visuais*.

## Capítulo 1: A verbo-visualidade nas páginas da imprensa impressa

Se atualmente a presença de imagens nos jornais impressos é absolutamente corriqueira, não se pode ignorar que houve um processo de evolução da sua utilização desde o surgimento da imprensa escrita. E com essa evolução, derivada principalmente do aprimoramento tanto das técnicas fotográficas como também das possibilidades de impressão, a função desempenhada pelas imagens modificou-se consideravelmente.

O fotojornalismo já se tornou profissão e técnicas fotográficas são ensinadas em cursos superiores de formação de jornalistas. Profissionais especializam-se em fotografia jornalística, como também agências internacionais de vendas de imagens a veículos de comunicação espalham-se pelo mundo.

O presente capítulo se inicia com algumas considerações sobre a constituição da esfera jornalística, uma vez que é nela que circulam os enunciados concretos escolhidos como objeto de análise, seguidas de um breve levantamento histórico da presença de imagens na imprensa impressa, tentando mapear sua evolução e os desdobramentos de sua utilização a fim de melhor compreender o fenômeno abordado na presente tese. Como dito, não se tratará de uma abordagem exaustiva, uma vez que não se trata do foco de pesquisa proposta, mas sim de apontamentos pertinentes à análise do fenômeno do desdobramento metaenunciativo opacificante no plano verbo-visual levando em consideração as particularidades dos enunciados concretos constituintes do *corpus*.

Na sequência, será abordada a relação entre as palavras e as imagens, tendo por foco o fotojornalismo. Nessa parte, algumas formulações teóricas serão trazidas, assim como depoimentos de fotojornalistas que auxiliarão a clarificar alguns dos problemas oriundos desta relação e que, posteriormente nesta tese, serão desenvolvidos e servirão como suporte contextual do que aqui é o foco da pesquisa.

Também será abordada a produção enunciativa dentro de um jornal impresso, caracterizando-o como uma *instância de enunciação complexa*. Esse passo será importante para clarificar a abordagem metodológica realizada no estudo da verbo-visualidade e a conseqüente presença da modalização autonímica conforme a hipótese apresentada. A pertinência reside no fato de se buscar compreender como se dá a produção dos enunciados que representam o *corpus* de análise.

Encerrando o capítulo 1, serão apresentadas as bases teórico-metodológicas ao se

analisar o produto enunciativo dessa instância de enunciação complexa. Adiantando o que estará detalhado, um conjunto noticioso será tomado como um *enunciado concreto*, considerando sua dimensão verbo-visual, permitindo explorá-lo pela perspectiva da análise dialógica do discurso e, com isso, estabelecer as relações entre os elementos verbais e visuais que o constituem como desdobramentos metaenunciativos opacificantes, conforme proposto por esta tese.

## 1.1. A esfera jornalística

O surgimento da circulação periódica de notícias no Ocidente se dá já no século XIV, atrelada às atividades mercantis em franca expansão na Europa. Em Veneza, conforme afirma Donsbach, surgem os *scritori d'avvisi* responsáveis pela coleção e distribuição profissionais e comerciais de notícias para o público (DONSBACH, apud KUNCZIK, 2001). Em 1609, século XVII, é publicado o primeiro jornal com circulação regular em Bremen, na Alemanha. O segundo em Estrasburgo, no mesmo ano. No ano seguinte é a vez do surgimento na cidade de Colônia, também na Alemanha. Dez anos depois já havia jornais em Frankfurt, Basileia, Hamburgo, Amsterdã e Antuérpia. A imprensa londrina começou em 1621 e, dez anos depois, surge a imprensa em Paris (LAGE, 2010). Segundo Kunczik (2001), estima-se que as tiragens dos jornais do século XVII eram de cem a duzentos exemplares, ainda que o *Frankfurter Journal* já tivesse uma circulação de 1500 exemplares em 1680.

Nessa mesma perspectiva do incipiente surgimento da esfera jornalística no Ocidente, Brait & Rojo (2001) afirmam que a notícia constitui-se como objeto social por volta do século XVI, quando informações referentes a atividades mercantis eram trocadas entre estabelecimentos comerciais e pessoas influentes com seus correspondentes estrangeiros, buscando obter dados que contribuíssem para a realização de negócios. Brait & Rojo relatam também que o nome *gazzeta*, ou, em português, *gazeta*, deriva da moeda corrente neste período em Veneza pela qual eram comercializadas essas primeiras cartas informativas (2001, p. 16). Marcondes Filho (1984) informa que:

O aparecimento da circulação de notícias na sociedade capitalista e sua comercialização estão ligados à própria introdução do novo modo de produção, na fase mercantilista: a notícia não somente acompanha o trânsito de mercadorias, mas torna-se, também, uma delas na criação dos mercados e feiras do capitalismo iniciante. (1984, p. 13).

Ainda que se possa ver o surgimento da notícia e sua circulação como mercadoria já no século XVI, não se pode afirmar que já havia sido constituída a esfera jornalística com os traços que subsistem até os dias atuais. Nessa pré-história do jornalismo, conforme classifica Marcondes Filho esse período, os jornais se caracterizavam mais como instâncias de mediação entre aquele que vê um fato e aquele a quem interessa determinada informação, atendendo com exclusividade a alguns núcleos de poder econômico e financeiro da época mercantilista, interessados em fechar o circuito informativo sobre os fatos da vida econômica

e política (MARCONDES FILHO, 2009, p. 23).

O estabelecimento de uma esfera jornalística com contornos mais nítidos está vinculado ao estabelecimento da sociedade burguesa, que se afirma historicamente a partir da Revolução Francesa de 1789. Essa transformação, que reconfiguraria toda a organização econômica, política, social e cultural de uma época, reconfigura também a esfera da atividade humana na qual o até então jornalismo praticado se localizava, e, com isso, sua forma de produção, recepção e circulação.

Este *primeiro jornalismo*, que se estabelece entre o marco da Revolução Francesa e meados do século XIX, ainda pela classificação de Marcondes Filho (2009), é marcado pelo processo de ruptura do monopólio do saber até então exercido pelas instituições religiosas (incluindo aqui as universidades) e a aristocracia. Sob influência direta do Iluminismo, esse jornalismo se caracterizava tanto pelo “sentido de exposição do obscurantismo à luz, quanto de esclarecimento político e pedagógico” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 19):

É a época da ebulição do jornalismo “político-literário”, em que as páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância de ideias, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias. É época também que o jornal se profissionaliza: surge a redação como um setor específico, o diretor torna-se uma instância diferente da do editor, impõe-se o artigo de fundo e a autonomia redacional. Com o tempo, o jornalismo vai deixando de ser um instrumento dos políticos para ser uma força política autônoma. Mas ainda prevalecem os jornais eruditos, as revistas moralistas, em que escritores e políticos escrevem em suas páginas (2009, p. 19).

Ainda segundo o pesquisador citado, esse período é marcado também pelo fator de que os fins econômicos dos jornais estarem em segundo plano, uma vez que seus objetivos eram pedagógicos e de formação política. Não eram, portanto, empresas que se orientavam pelo lucro, mas sim uma articulação de atores políticos e sociais com a finalidade de interferência na realidade social e política, a despeito da rentabilidade.

O início do século XIX também é testemunha da articulação cada vez maior dos segmentos sociais que se encontram em desvantagem na nova ordem econômica burguesa. Como afirma Hobsbawm (2003), é entre 1830 e 1840 que as repercussões da Revolução Industrial, mola-mestra do desenvolvimento capitalista moderno, podem ser sentidas de maneira clara na Europa (o autor ressalta que na Inglaterra esse movimento foi anterior), o que implica o estabelecimento de um novo debate político e ideológico, principalmente com a crescente classe operária nos centros urbanos europeus e a propagação do ideário socialista. É assim que se pode entender a afirmação de Marcondes Filho quando estabelece esse período

como o de surgimento de uma nova configuração da esfera jornalística:

Enquanto a imprensa popular ganhava as ruas, estimulando as campanhas operárias, as lutas socialistas, as conquistas sociais, os donos das empresas jornalísticas já estavam dando o seu pulo do gato. A atividade que se iniciara com as discussões político-literárias aquecidas, emocionais, relativamente anárquicas, começava agora a se constituir como grande empresa capitalista: todo o romantismo da primeira fase será substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros com os jornais populares e sensacionalistas. O *segundo jornalismo*, o do jornal como grande empresa capitalista, surge a partir da inovação tecnológica da metade do século XIX nos processos de produção do jornal. A transformação tecnológica irá exigir da empresa jornalística a capacidade financeira de autossustentação, pesados pagamentos periódicos para amortizar a modernização de suas máquinas; irá transformar uma atividade praticamente livre de pensar e fazer política em uma operação que precisará vender muito para se auto-financiar (2009, p. 20).

A gradual implantação da imprensa como negócio, iniciada após 1830 na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, consolida-se por volta de 1875. A grande mudança que se realiza nesse tipo de atividade noticiosa é a inversão da importância e da preocupação quanto ao caráter de sua mercadoria, acredita Marcondes Filho (2009, p.21): “seu *valor de troca* [da notícia], a venda de espaços publicitários (para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica) passa a ser prioritária em relação ao seu *valor de uso*, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais.” É nesse contexto que a esfera jornalística se molda pela busca da notícia, do *furo*, pelo caráter de atualidade e pela aparência de neutralidade, ainda segundo o pesquisador citado.

Sem utilizar a distinção entre períodos conforme proposto por Marcondes Filho, Barros Filho (2001, p. 21-22) também relaciona esse período histórico ao surgimento do conceito de *objetividade jornalística* nos Estados Unidos no último quarto do século XIX. Se, como visto em Marcondes Filho, o *primeiro jornalismo* foi diretamente influenciado pelo Iluminismo, Barros Filho vê que esse jornalismo que se molda no último quartel do século XIX tem por influência o Positivismo, embora haja existência de “claros indícios de que a prática do ‘jornalismo objetivo’ antecedeu qualquer normatização nesse sentido.” (BARROS FILHO, 2001, p. 22). Na sequência, este autor diz:

Essa prática, consolidada na última década do século XIX, é consequência não só de interesses econômicos ligados à eficácia, à rentabilidade, ao menor esforço e ao menor risco, mas sobretudo por uma estratégia de legitimação de um tipo de produto dentro de um campo jornalístico em formação (2001, p. 23).

É importante frisar que a palavra campo que aparece na citação anterior advém das formulações teóricas do sociólogo francês Pierre Bourdieu, e pode ser entendida, de forma simplificada, porém não incorreta, como um sistema específico de relações que podem ser de aliança e/ou conflito, de concorrência e/ou de cooperação, entre posições diferenciadas, socialmente definidas e instituídas, claramente independentes da existência física dos agentes que as ocupam (BARROS FILHO & MARTINO, 2003, p. 36). Ressalta-se que as possibilidades de aproximações e distanciamentos entre a concepção de campo para Bourdieu e a de campo/esfera para o Círculo de Bakhtin foi desenvolvida por Grillo (2008).

É importante notar também que Barros Filho diz que essa transformação na esfera jornalística não esteve exclusivamente vinculada a interesses econômicos, mas sim por uma estratégia de legitimação dentro de um campo social em formação. Porém, se for possível compreender que a legitimação dentro de um campo se manifesta principalmente pela circulação e acumulação de *capital simbólico*, pela perspectiva de Bourdieu (2003, 2007), pode-se articular a afirmação de Marcondes Filho – a mudança da natureza mercadológica da notícia antes baseada pelo seu *valor de uso* para se caracterizar pelo seu *valor de troca* – com essa crescente necessidade de legitimação social de um campo em formação (pela perspectiva de Bourdieu) ou em transformação (pela perspectiva de Marcondes Filho). Ou seja, é maior o *valor de troca* da notícia quanto maior for sua legitimidade social. Independentemente da filiação teórica escolhida entre esses autores, é fato que a esfera/campo de produção do gênero jornalístico<sup>3</sup> informativo se modifica:

O campo jornalístico se constituiu como tal no século XIX em torno da oposição entre os jornais que ofereciam antes de tudo *nouvelles*, de preferência “sensacionalistas”, ou melhor, “de sensação”, e jornais propondo análises e comentários, preocupados em marcar sua distinção em relação aos primeiros enfatizando com rigor os valores da *objetividade*; o campo jornalístico é o lugar de uma oposição entre duas lógicas e dois princípios de legitimação: o reconhecimento pelos pares, acordado entre aqueles que reconhecem de forma mais completa os “valores” e os princípios internos, e o reconhecimento pelo maior número, materializado pelo grande número de entradas, de leitores, ouvintes ou espectadores, ou seja, o índice de venda (*best seller*) e o lucro em dinheiro, a sensação de plebiscito democrático como sendo inseparavelmente, neste caso, um veredicto de mercado (BOURDIEU, 1994, apud BARROS FILHO, 2001, p. 23).

Independentemente da localização dentro da oposição construída por Bourdieu, a grande imprensa já se caracterizava como grande empresa capitalista e o objetivo era o lucro – inclusive pela necessidade de capital para sobreviver. Assim, mesmo as empresas que

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre o que entender por *gênero jornalístico informativo*, ver VIANNA (2014).

optavam pela lógica de reconhecimento entre os pares, buscavam com isso a acumulação de *capital simbólico* que, por sua vez, também refletia na sua inserção no campo econômico mais amplo, com ganho de *capital* puro e simples, sem adjetivações. A legitimação social da empresa jornalística proveniente da acumulação de *capital simbólico*, pela perspectiva de Bourdieu, reflete na sua constituição como empresa capitalista.

Marcondes Filho, partindo de bases mais claramente marxistas, afirma que “quanto mais ele [o jornal] tende à empresa capitalista com lucros e perdas, que produz mercadorias de busca e interesse amplos, tanto mais ele desenvolve melhores técnicas de ‘aprimoramento do produto’.” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 28).

Sob esse contexto, podemos entender o que informa Barros Filho:

Surgem nessa época as técnicas do *lead*<sup>4</sup> e da “pirâmide invertida”<sup>5</sup>, que permitem ao leitor inteirar-se dos fatos com menor custo, facilitavam a redação das manchetes e agilizavam o ajuste (mesmo sem conhecer o texto, cortavam-se os últimos parágrafos com o menor prejuízo possível para a informação). A redação impessoal, a ausência de qualificativos, a atribuição das informações às fontes, a comprovação das afirmações feitas, a apresentação das partes ou das possibilidades em conflito (doutrina do equilíbrio) e o uso das aspas garantiriam a necessária imparcialidade informativa (2001, p. 24).

O termo *jornal de referência* é comumente usado para designar os grandes veículos de comunicação que são reconhecidos socialmente como relevantes no trato com a informação, em detrimento dos ditos *sensacionalistas* ou mesmo dos pertencentes à dita *imprensa marrom*: “esses adjetivos eram uma forma de designar produtos concorrentes no campo mediático da época. Designar um produto como ‘sujo’ ou ‘marrom’ é impor e legitimar uma representação do jornal ideal” (BARROS FILHO, 2001, p.24). Os jornais *Folha de S.Paulo* e *Estado de S.Paulo* que constituem o *corpus* desta pesquisa, se enquadram na caracterização de *jornal de referência*.

Para reafirmar o caráter mercadológico da notícia, texto de Otávio Frias Filho, atual (2016) *publisher* e diretor-executivo do jornal *Folha de S.Paulo* é esclarecedor:

A estratégia de mercado posta em andamento pela imprensa está firmemente ancorada na estrutura ideológica da notícia (qualquer notícia) e na relação de solidariedade objetiva entre imprensa e público. Em outras

---

<sup>4</sup> *Lead* ou lide: técnica de se concentrar as informações principais no primeiro parágrafo da notícia, respondendo as questões quem fez o quê, como, onde, quando e por que, basicamente.

<sup>5</sup> Técnica de redação jornalística pela qual as informações mais importantes estão no início do texto e as demais de forma decrescente conforme sua relevância, por isso a alusão a uma pirâmide (cuja base é maior) invertida.

palavras, [...] não é a imprensa burguesa quem instituiu um público sujeito à estratégia de mercado e às manipulações que dela decorrem, mas [...] é o caráter mercadológico da notícia quem institui, numa ponta, a imprensa burguesa, na outra o público burguês, e entre ambos uma simbiose de interesses complementares (1984, p. 3).

*Vampiros de papel* é o título do artigo, e se justifica porque, como o personagem mitológico evocado, o jornal só pode entrar na casa de sua vítima se convidado, ou seja, se merecedor da confiança do leitor que o compra. Carlos Eduardo Lins da Silva, um dos responsáveis pela reformulação do projeto editorial da *Folha de S.Paulo* realizado entre os anos de 1984 e 1987, que ficou conhecido como *Projeto Folha*, e que permanece até os dias atuais, afirma:

A mesma naturalidade com que a direção de Redação trata do problema do caráter mercadológico da notícia numa sociedade capitalista (quantos outros diretores de redação não prefeririam ocultar essa realidade sob o manto da justificativa ideológica?) é empregada também na questão da necessidade de se adotar uma postura de gerenciamento da redação como uma empresa industrial moderna [...] (SILVA, 2005, p. 57).

Porém, como contraponto à lógica da modernização gerencial, o jornalista e pesquisador Bernardo Kucinski afirma que, independentemente das modernizações gerenciais aplicadas nas empresas jornalísticas brasileiras, os jornais ainda são “geridos hedonisticamente como uma grande propriedade familiar, na qual o gozo pelo exercício de poder é tão importante quanto o lucro capitalista” (1999, p. 26). E continua:

Mantêm-se os métodos, valores e mentalidade dos mandatários iniciais da colonização brasileira. Num sistema baseado na lealdade pessoal do jornalista aos proprietários e no poder discricionário desse proprietário, o favoritismo editorial e as preferências familiares prevalecem frequentemente sobre o critério abstrato do “interesse público”, e até do interesse de classe (KUCINSKI, 1999, p. 26).

Sobre a esfera jornalística, Anderson Magalhães (2010) dirá que, concebida como uma instituição ideológica que, simultaneamente, reflete valores culturais, consolidando a hegemonia, e os refrata, alterando engrenagens do funcionamento social, a imprensa constitui uma arena de mudanças axiológicas e palco de transformações. E acrescenta:

O avanço do sistema capitalista no século XX provocou a reconfiguração da produção jornalística a partir dos moldes empresariais, trazendo para o desafio ético jornalístico o conflito da ética mercadológica. Com o declínio do Socialismo, o Capitalismo se erige sem nenhum adversário, assumindo

sua forma mais agressiva (BECK, GIDDENS, LASH; 1997). Sem uma contrapartida político-econômica, a estratificação social se acentua cada vez mais, porém articulada em eixos que não se limitam à questão estritamente econômica. Novamente conforme discute Santos (2000), o advento do computador e da organização mundial em rede favoreceu o esmaecimento de fronteiras e o esboço de uma sociedade globalizada (2010, p. 5).

O impacto na esfera jornalística da presença dos computadores e, mais, da abrangência da internet na vida das pessoas é grande e ainda não é possível identificar sua real magnitude. A informática e a era digital não transforma somente a esfera de produção das notícias, mas também a esfera de circulação e, conseqüentemente, de recepção.

Beguoci (2015) afirma que com a passagem do tempo, a oferta de mídia aumentou e, ao mesmo tempo, se fragmentou. Há mais veículos de mídia e mais plataformas para consumir essa mídia. Porém, a informação não vem mais em um pacote fechado. Quando se comprava um jornal ou uma revista, a mesma empresa controlava a produção da notícia, a impressão e a distribuição. No caso de rádio e televisão, elas controlavam a produção e a distribuição do conteúdo. Era um mundo de atenção concentrada, que produziu grandes empresas. Elas tinham oligopólios de atenção.

Atualmente, continua o pesquisador, esses tradicionais oligopólios da atenção estão sendo quebrados pela difusão das redes sociais, que acabam criando outros:

Hoje, as pessoas continuam procurando informação, mas muitas reportagens simplesmente chegam até elas por canais que não produzem conteúdo – mas que têm a atenção dos seus usuários. O Google, o Facebook, o Twitter, o YouTube não produzem conteúdo – são plataformas que servem para encontrar e distribuir conteúdo, e representam novos oligopólios de atenção (BEGUOCI, 2015, s/p.)

Esta nova dinâmica de circulação das notícias dentro da esfera jornalística traz consigo desafios a serem enfrentados, e pode caracterizar um novo período em sua história:

Apesar de algumas pesquisas apresentarem dados desencontrados, já dá para dizer que boa parte das pessoas usa plataformas digitais, incluindo as redes sociais, como primeira fonte para encontrar conteúdo. O Facebook é o rádio de John Cheever<sup>6</sup>. É o jornal lido exaustivamente no trem. É a TV na sala de uma família dos anos 50 (BEGUOCI, 2015, s/p.).

Não é objetivo desta tese discutir as implicações desse novo arranjo da esfera

---

<sup>6</sup> Referência ao escritor norte-americano John Cheever, autor do conto *The enormous radio*, que retrata a influência do rádio na vida de uma família dos Estados Unidos nos anos 50.

jornalística vivenciado presentemente, entretanto estas ponderações foram trazidas para mostrar algumas transformações estruturais pelas quais ela vem passando nos dias de hoje. O impacto da internet, a multiplicidade de meios de transmissão de informações (*smartphones*, redes sociais, canais televisivos de conteúdo direcionado e *on demand*, por exemplo) anuncia uma nova era da esfera jornalística. Somado a este fator, o avanço tecnológico também tem impacto na esfera de produção: atualmente, qualquer telefone celular tem a capacidade de tirar fotografias de qualidade razoável; qualquer computador doméstico pode abastecer uma página noticiosa ou um *blog*, que podem atingir uma audiência de dezenas ou centenas de milhares de pessoas. Na sua própria residência é possível filmar e editar um vídeo de qualidade suficiente e exibi-lo para todo o planeta.

Como dito, o impacto dessas transformações ainda não pode ser medido em sua total magnitude, mas certamente mudará a esfera jornalística tal a qual é conhecida atualmente.

Apresentadas algumas considerações sobre a constituição da esfera jornalística, o próximo passo é o de fazer um breve levantamento do histórico da presença das imagens nas páginas do jornalismo impresso, chegando mais próximo do nosso objeto de estudo. Alguns pontos já levantados nesta parte do capítulo serão retomados no Capítulo 2, que será dedicado ao estudo da produção enunciativa na esfera jornalística ao apresentar o jornal (e/ou a revista impressa) como uma instância de enunciação complexa, um *superenunciador*.

## 1.2. Breve histórico da verbo-visualidade na imprensa impressa

Se os jornais periódicos surgem no início do século XVII, as ilustrações aparecem de forma tímida no século XVIII. Não se tratava de fotografias, mas sim de xilogravuras ou outros tipos de ilustrações artesanais esparsas nas publicações. Em 26 de janeiro de 1707, o jornal *News-Letter*, da cidade de Nova Iorque, publica uma xilogravura em suas páginas, sendo a primeira aparição de uma imagem em páginas de jornais registrada na América. No ano de 1867, outro jornal nova-iorquino, o *Evening Telegram*, já publicava regularmente *cartoons*, ainda que o processo de feitura deles, por meio de xilogravuras, fosse dispendioso (MOEN, 1989).

Entre os anos de 1870 a 1880, o processo de gravuras em zinco foi aperfeiçoado, o que resultou numa melhor qualidade das imagens reproduzidas. Muitas dessas ilustrações eram feitas a partir de fotografias tiradas, “reproduzidas” por artistas para que pudessem ser impressas nos jornais (MOEN, 1989). Somente no ano de 1880 aparece a primeira fotografia totalmente reproduzida por meios mecânicos na página de um jornal, no *Daily Graphic* que circulou na cidade de Nova Iorque no dia 4 de março. E isso se deveu graças ao aprimoramento da técnica do *halftone*, que consiste na decomposição de uma fotografia em diversos pontos, criando um clichê que pode ser utilizado pela prensa ao mesmo tempo que o texto escrito. A mecanização da reprodução, o aprimoramento dos aparelhos fotográficos, das lentes e películas, assim como o aperfeiçoamento da transmissão das imagens por telégrafo e, posteriormente, do *fac-símile* no final do século XIX e início do XX abriram o caminho para a fotografia na imprensa (FREUND, 1974).

Uma particularidade interessante citada por Kenneth Krobe já anunciava qual seria o impacto da utilização das imagens na imprensa. Ele relata que Joseph Pulitzer, um dos mais importantes *publishers* dos Estados Unidos durante o século XIX e início do XX, mandou ainda nos fins do século XIX diminuir a presença de imagens nas páginas de seus jornais, afirmando que elas poderiam prejudicar a credibilidade de seu noticiário, já que elas eram mais presentes em publicações ditas *sensacionalistas* (*yellow journalism*). Seus editores obedeceram as suas ordens e o efeito se sentiu rapidamente: a circulação de seus periódicos caiu. Como resposta a esse fato, Pulitzer não só retrocedeu em sua orientação como incentivou que as imagens fossem impressas em tamanhos maiores. Quando o processo de impressão por *halftone* foi aperfeiçoado em 1886, Joseph Pulitzer foi um dos primeiros a

utilizá-lo (KROBE, 1980).

Mas não foi só Joseph Pulitzer que se equivocou quanto à potencialidade da utilização de imagens e fotografias pela imprensa. Em 1898, fotografias da guerra Hispano-Americana pela independência de Cuba foram utilizadas pela imprensa, mas, segundo Moen:

Melville Stone, um grande editor do *Chicago Daily News*, disse: “Fotografias em jornais são somente uma moda passageira, mas vamos aproveitar dela enquanto dura.” O *Daily News* deixou de circular em 1978, e a fotografia em jornais está mais forte do que nunca (MOEN, 1989, p. 9, tradução própria)<sup>7</sup>.

Mas apesar de alguns equívocos de análises sobre o impacto da utilização de fotografias pela imprensa quando do seu começo, Gisèle Freund, socióloga e fotógrafa reconhecida, é taxativa ao afirmar que “a introdução da fotografia na imprensa é um fenômeno de importância capital. Ela muda a visão das massas” (FREUND, 1974, p. 102, tradução própria)<sup>8</sup>.

A potencialidade de influência sobre a opinião pública das imagens foi sentida ainda nos primórdios do aparecimento da fotografia na mídia impressa. No final do século XIX, o dinamarquês Jacob A. Riis servirá da fotografia para ilustrar seus artigos que denunciavam as péssimas condições de vida dos imigrantes que viviam no subúrbio de Nova Iorque, sendo ele mesmo um deles. No ano de 1890 ele publica seu primeiro livro sobre o tema, *How the other Half lives* (sem tradução para o português), que tem grande impacto sobre a opinião pública.

Já entre os anos de 1908 e 1914, o sociólogo Lewis W. Hine fotografa o trabalho de crianças no campo e nas fábricas, cumprindo extenuantes jornadas de doze horas de trabalho diárias, além de expor as péssimas condições de moradia, o que levou a uma conscientização da sociedade norte-americana sobre o problema. Como consequência, uma nova legislação é aprovada com a restrição do trabalho infantil nos Estados Unidos. Segundo Freund, “é a primeira vez que a fotografia se torna uma arma de luta pela melhoria das condições de vida das camadas mais pobres da sociedade” (FREUND, 1974, p. 104, tradução própria).<sup>9</sup>

Mais recentemente, nas décadas de 60 e 70 do século XX, o impacto dos registros fotográficos da Guerra do Vietnã tiveram papel fundamental na opinião pública norte-

---

<sup>7</sup> No original: “Melville Stone, a great editor of the *Chicago Daily News*, said, “Newspaper pictures are just a temporary fad, but we’re going to get the benefit of the fad while it lasts.” The *Daily News* went out of existence in 1978, but newspaper photography is stronger than ever.”

<sup>8</sup> No original: “L’introduction de la photo dans la presse est un phénomène d’une importance capitale. Elle change la vision des masses.”

<sup>9</sup> No original: “C’est la première fois que la photographie devient une arme dans la lutte pour l’amélioration des conditions de vie des couches pauvres de la société.”

americana para que o conflito fosse encerrado. Correspondentes e fotógrafos de guerra enviavam imagens do *front* de batalha que expunham os horrores do conflito em cores vívidas, gerando grande comoção em parcela da sociedade estadunidense que via seus amigos, familiares e compatriotas morrendo em uma guerra que cada vez mais perdia o seu sentido de prolongar-se.

No que toca à aparição das fotografias em cores, em 7 de junho de 1939 a Associated Press distribuiu as primeiras fotografias coloridas para serem usadas por jornais diários, referentes à cobertura da recepção dada pelo então presidente norte-americano Franklin Roosevelt ao rei da Grã-Bretanha, Jorge VI, em sua visita a Washington. Entretanto, devido às restrições impostas pela tecnologia no que tangia à velocidade de processamento das fotografias em cores, seu uso pela imprensa diária restringia-se às ocasiões especiais ou eventos de grande magnitude, mas já apareciam nas revistas semanais que desfrutavam de mais tempo para serem preparadas e impressas. Seu uso corriqueiro iniciou-se a partir da década de 60 do século XX na imprensa diária dos Estados Unidos e da Europa (MOEN, 1989).

Como visto, o desenvolvimento tecnológico possui importância central tanto na utilização das fotografias pela imprensa como também pelas novas formas de obter resultados distintos dessa mesma utilização. Num primeiro momento, as limitações técnicas impostas pelos aparelhos fotográficos restringiam as fotografias a serem de paisagens ou aquelas nas quais personalidades e autoridades apareciam em “pose”, já que o tempo necessário de exposição e as limitações impostas pela luminosidade não permitiam que as fotografias fossem obtidas de outra maneira.

A partir do momento em que a fotografia passou a ser utilizada com maior frequência pela imprensa, surgiram também os primeiros repórteres fotográficos, mas que desde os primórdios adquiriram uma reputação deplorável. Os primeiros aparelhos fotográficos eram pesados, e os repórteres fotográficos eram escolhidos mais pelas suas capacidades físicas do que pelo seu talento (FREUND, 1974). Para se tirar fotografias no interior de estabelecimentos, era necessária a utilização de *flashes* cuja luminosidade derivava da queima do magnésio em pó, que provocava um intenso clarão, acompanhado por um nauseante cheiro e uma nuvem de fumaça. Surpreendidos pelos fotógrafos, os retratados quase sempre apareciam de olhos arregalados e bocas abertas, em poses desvantajosas:

O objetivo desses fotógrafos era antes de tudo “conseguir uma foto”, o que queria dizer à época que a imagem fosse clara e utilizável para a reprodução. O aspecto da pessoa retratada era o que menos importava para esses

fotógrafos e redatores. As pessoas do mundo e da política que foram suas primeiras vítimas rapidamente tomaram uma antipatia por eles e os desprezavam. Os jornalistas responsáveis pelos artigos tinham dificuldade em fazer com que os fotógrafos fossem admitidos. Nenhuma dessas fotos era assinada por seus autores e o estatuto de fotógrafo de imprensa foi considerado durante quase meio século como inferior, comparável àquele de um simples serviçal a quem se dá as ordens, mas nenhuma iniciativa. Seria necessária toda uma outra raça de repórteres fotográficos para dar a essa profissão algum prestígio. Mas mesmo nos nossos dias, essa profissão é ainda mal considerada por muitas pessoas e seus representantes são tratados com certo desprezo e desconfiança. Como nos primeiros dias de sua invenção, a fotografia atrai muitas pessoas sem cultura que acreditam ter encontrado nesse ofício de fácil aprendizagem um meio de ganhar a vida sem que ninguém as tenha preparado para exercê-lo (FREUND, 1974, p. 105, tradução própria).<sup>10</sup>

A má fama dos fotojornalistas ainda perduraria por bastante tempo, sobrevivendo até os dias atuais com os fotógrafos que se ocupam de perseguir celebridades e constantemente são acusados de quebra de privacidade. O renomado fotógrafo Cartier-Bresson, informa o pesquisador Atílio Avancini, “advertia aos fotojornalistas para chegarem respeitosamente em qualquer lugar e nunca ‘arrancar’ imagens (contraponto ao sensacionalismo ou estilo *paparazzi* da imprensa contemporânea)” (AVANCINI, 2011, p. 61).

No ano de 1924 iniciou-se a comercialização de um novo aparelho fotográfico que transformaria a atividade dos fotógrafos de imprensa. A máquina alemã *Ermanox* (ou *Ernox*) era pequena, compacta e possuía uma tecnologia de lentes que permitia que fotos fossem tiradas no interior de estabelecimentos sem a necessidade de *flash*. Sua descrição e qualidade de captura permitiam fotos mais espontâneas ou até mesmo sem que o fotografado a percebesse. É nesse período que surge também a máquina *Leica*. Essas possibilidades acabam por transformar o uso da fotografia pela imprensa, já que “não será mais a nitidez de uma imagem que lhe dará valor, mas seu motivo e a emoção que ele suscitará” (FREUND, 1974, p. 111, tradução própria)<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> No original “Le but de ces photographes était avant tout réussir une photo, ce que voulait dire à l’époque que l’image devait être nette et utilisable pour la reproduction. L’aspect de la personne portraiturée préoccupait beaucoup moins photographes et rédacteurs. Les gens du monde et de la politique qui furent leurs premières victimes prenaient vite en grippe ces photographes et les méprisaient. Les journalistes, chargés de faire l’article, avaient des difficultés à les faire admettre. Aucune de ces photos n’était signée par leurs auteurs et le statut du photographe de presse fut considéré pendant presque un demi-siècle comme inférieur, comparable à celui d’un simple serviteur auquel on donne des ordres, mais qui n’a aucune initiative. Il fallait une tout autre race de reporters photographes pour donner à cette profession du prestige. Mais même de nos jours, ce métier est encore mal considéré par beaucoup de gens et ses représentants traités avec un certain dédain et avec méfiance. Comme aux premiers jours de son invention, la photographie attire de nombreuses personnes sans culture qui croient avoir trouvé dans ce métier facile à apprendre, un moyen de gagner leur vie et rien n’a préparées à l’exercer.”

<sup>11</sup> No original: “Ce ne sera plus la netteté d’une image qui lui donnera de la valeur, mais son sujet et l’émotion qu’elle suscitera.”

Na Alemanha se pode situar o nascimento do fotojornalismo moderno. Segundo Souza (2004), a forma como se articulava o texto e a imagem nas revistas ilustradas alemãs da década de 20 do século XX permitiu que se falasse propriamente de “fotojornalismo”, uma vez que não seria mais a imagem isolada que interessava, mas o texto e a relação com as imagens a fim de construir a narrativa jornalística. O mesmo pesquisador destaca cinco fatores que fizeram com que o pioneirismo do fotojornalismo coubesse à Alemanha, a saber:

- 1) A aparição de novos *flashes* e comercialização das câmeras de 35mm, sobretudo da *Leica* e da *Ermanox*, equipadas com lentes mais luminosas e filmes mais sensíveis;
- 2) Emergência de uma geração de foto-repórteres bem formados e, em alguns casos, com nível social elevado;
- 3) Atitude experimental e de colaboração intensa entre fotojornalistas, editores e proprietários das revistas ilustradas, promovendo o aparecimento e difusão da *candid photography* (a fotografia não posada e não protocolar) e do foto-ensaio, sendo oferecidos bons produtos a preços módicos;
- 4) Inspiração no interesse humano. Floresce a ideia de que ao público não interessam somente as atividades e os acontecimentos em que estão envolvidas figuras públicas, mas também a vida das pessoas comuns. As revistas alemãs começam, assim, a integrar reportagens da vida quotidiana, com as quais se identificava uma larga faixa do público, ansioso por imagens; e
- 5) Ambiente cultural e suporte econômico.

Munido de uma máquina fotográfica *Ermanox* foi que surgiu o personagem que é considerado um dos patronos do fotojornalismo moderno: o alemão Erich Salomon. Nascido em Berlim no ano de 1886, sua carreira como fotógrafo acabou sendo breve, iniciando-se em 1928. Judeu, precisou deixar a Alemanha com a ascensão do nazismo em 1933, exilando-se nos Países Baixos onde seria capturado quando da sua invasão pelas tropas de Hitler, no ano de 1940. Morreu em 1944, prisioneiro em Auschwitz.

Formado em Direito, Salomon era oriundo de uma família do meio financeiro que acabou perdendo boa parte de suas posses com os eventos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a conseqüente crise que se abateu na Alemanha após seu término. Retornando à Berlim com o término da guerra (chegou a ser prisioneiro dos franceses durante alguns anos), dedica-se a negócios jurídicos da casa editorial Ullstein. Uma de suas tarefas era a de supervisionar os contratos de publicidade estabelecidos com o aluguel de muros e paredes nas quais as peças publicitárias deveriam ser expostas. Para isso, costumava utilizar uma máquina fotográfica para registrar possíveis irregularidades do acordo estabelecido entre os proprietários desses espaços e empresa para qual trabalhava, apresentando as fotografias nos tribunais como provas.

Em depoimento, Erich Salomon conta como percebeu que poderia dedicar-se profissionalmente à fotografia:

Um domingo, eu estava sentado em um terraço de um restaurante nas bordas do rio Sprée, quando começou uma forte tempestade. Alguns minutos depois, chega um vendedor de jornais que conta que o ciclone tinha derrubando árvores e que uma mulher tinha sido morta. Eu peguei então um táxi e alertei um fotógrafo. Na sequência, eu propus esses documentos exclusivos à casa editorial Ullstein. Eles me deram 100 marcos. Eu enviei 90 ao fotógrafo e disse a mim mesmo que eu poderia ter ganhado um valor melhor se eu mesmo tivesse feito as fotos. No dia seguinte eu comprei um aparelho (apud FREUND, 1974, p.110, tradução própria).<sup>12</sup>

A primeira fotografia que Salomon publica, em 19 de fevereiro de 1928 no *Berliner Illustrirte*, repercute enormemente porque foi realizada onde seria proibida. Enquanto era vedada a presença de fotógrafos dentro de tribunais na Alemanha, ele consegue disfarçar sua câmera e registra o julgamento de um jovem (que acabou absolvido) acusado de matar outros dois rapazes por ciúmes. O caso repercutia intensamente na Alemanha, e sua fotografia foi vendida para inúmeras publicações. Esse único registro fotográfico do julgamento feito por Salomon renderia a ele o equivalente a todo o salário que recebia como empregado da Ullstein, e o fez largar o emprego para dedicar-se unicamente à fotografia.

Erich Salomon especializou-se nas chamadas *candid photography*, além de conseguir registros de situações nas quais não eram permitidos fotógrafos. Em 1931, ele publica um livro com 102 fotografias sob o título de *Berühmte Zeitgenossen in unbewachten Augenblicken*, que poderia ser traduzido por *Contemporâneos famosos fotografados em momentos de descuido*. Em seu prefácio, como cita Freund (1974), ele discorre largamente sobre seu ofício e seus métodos:

A atividade de um fotógrafo de imprensa que quer ser mais do que um artesão é uma luta contínua por sua imagem. Como o caçador é obcecado pela sua paixão de caçar, também o fotógrafo é obcecado pela foto *única* que ele quer obter. É uma batalha contínua. É preciso lutar contra os preconceitos que existem por causa dos fotógrafos que ainda trabalham com flashes, lutar contra a administração, os empregados, a polícia, os guardas; contra a má luminosidade e as grandes dificuldades que existem para se fazer fotos de pessoas que estão em movimento. É preciso estar no exato momento que elas não se mexem. Ademais, é preciso lutar contra o tempo, pois cada jornal tem

---

<sup>12</sup> No original: “Un dimanche, j’étais assis à la terrasse d’un restaurant sur les bords de la Sprée, quand éclata une violente tempête. Quelques minutes plus tard arriva un vendeur de journaux qui raconta que le cyclone avait renversé des arbres et qu’une femme avait été tuée. J’ai pris alors un taxi et alertai un photographe. Ensuite je proposai ces documents exclusifs à la maison Ullstein. On m’en donna 100 marks. Je remis 90 marks au photographe et me dis alors qu’il aurait mieux valu que je fasse les photos moi-même. Le lendemain je me suis acheté un appareil.”

um *deadline* que é preciso obedecer. Antes de tudo, um repórter fotográfico deve ter uma paciência infinita, jamais se enervar; é preciso estar ciente dos acontecimentos e saber a tempo onde eles acontecem. Se necessário, é preciso se servir de todos os tipos de astúcias, mesmo se elas não funcionassem sempre (apud FREUND, 1974, p. 113, tradução própria)<sup>13</sup>.

As astúcias citadas por Salomon ao final do seu depoimento rendem um debate que persiste até os nossos dias referente aos limites éticos do exercício do fotojornalismo. O mesmo Salomon, no ano de 1929, publica uma série de imagens anunciadas como as primeiras imagens jamais feitas nas salas de jogos do Cassino de Monte Carlo. Entretanto, a direção do estabelecimento não permitiu que as fotos fossem feitas, respeitando a intimidade de seus frequentadores célebres, mas liberou os funcionários para que Salomon os fotografassem quando as salas estivessem fechadas ao público. Ele, então, realizou um ensaio fotográfico de forma que parecesse que o cassino estivesse em pleno funcionamento, não podendo o público distinguir entre o verdadeiro e o falso (FREUND, 1974).

Retomando a breve narrativa da história do verbo-visual na imprensa impressa, Sousa (2004) afirma que enquanto essas transformações se davam no fotojornalismo europeu, nos Estados Unidos o fotojornalismo afirmava-se como vetor integrante da imprensa moderna. Se na Europa, continua ele, o fotojornalismo presente nas revistas ilustradas envereda para a fotografia de autor e pelo foto-ensaio, nos Estados Unidos os jornais diários serão os protagonistas de novas e importantes transformações da atividade:

É na década de trinta do século XX que o fotojornalismo vai integrar-se, de forma completa, nos jornais diários norte-americanos, de tal modo que, no fim da década, e em comparação com o seu início, o número de fotografias nos diários tinha aumentado dois terços, atingindo a média de quase 38% da superfície em cada número (BARNHURST e NERONE, 1995). Alguns jornais, como o *New York Evening Graphic*, usavam até fotomontagens obscenas para vender nos tempos de crise (SOUSA, 2004, p. 19-20).

A fundação de agências fotográficas e a inauguração de serviços fotográficos nas agências noticiosas foram dois fatores que promoveram a o que Sousa (2004) chama de “transnacionalização da *foto-press* e o esbatimento das suas diferenças nacionais” (2004, p.

---

<sup>13</sup> No original: “L’activité d’un photographe de presse qui veut être plus qu’un artisan, est une lutte continuelle pour son image. Comme le chasseur est obsédé par sa passion de chasser, ainsi le photographe est obsédé par la photo unique qu’il veut obtenir. C’est une bataille continuelle. Il faut se battre contre les préjugés qui existent à cause des photographes qui travaillent encore avec des flashes, se battre contre l’administration, les employés, la police, les gardiens; contre la mauvaise lumière et les grandes difficultés qui existent à faire des photos des gens qui sont en mouvement. Il faut saisir au moment précis où ils ne bougent pas. Puis il faut se battre contre le temps, car chaque journal a un deadline qu’il faut devancer. Avant tout, un reporter photographe doit avoir une patience infinie, ne jamais s’enlever ; il doit être au courant des événements et savoir à temps où ils se déroulent. Si nécessaire, il faut se servir de toutes sortes d’astuces, même si elles ne réussissent pas toujours.”

22). É no período do pós Segunda Guerra Mundial que houve uma crescente industrialização e massificação da produção fotojornalística. A agência de notícias Reuters inclui o departamento de fotografia em seus serviços no ano de 1946; juntando-se a agências como a Associated Press. O fotojornalismo de autor, afirma ainda Sousa (2004), como a opção da renomada agência Magnum, protagoniza uma existência secundária.

Outro fator importante a ser mencionado nessa sucinta história da verbo-visualidade na imprensa impressa é o surgimento da revista norte-americana *Life*. Seu primeiro número circulou em novembro de 1936 e teve uma tiragem de 466 mil exemplares. Um ano mais tarde, a tiragem da revista ascendia já a um milhão e, em 1972, chegou a mais de oito milhões (FREUND, 1974):

Surgida no ambiente do *New Deal*, com a América em crise de crescimento, para ser comprada a *Life* precisava de interessar ao consumidor e dar-lhe, mesmo que ilusoriamente, a esperança num futuro melhor. O lucro era vital. Uma das facetas do sucesso da *Life*, que chegou a ter cerca de 40 milhões de leitores, foi, assim, a atenção que deu aos assuntos que afetavam diariamente as pessoas comuns, que suscitavam a sua curiosidade, espicaçavam os sonhos e faziam aspirar a uma vida melhor, tudo embrulhado num invólucro capitalista e patriótico. Todavia, a *Life* também promoveu a divulgação da ciência e da arte. Era, sobretudo, uma revista familiar, que não editava temas chocantes (SOUSA, 2000, p. 92-93).

Gisèle Freund (1974), compartilhando dessa perspectiva, afirma que “o mundo que se refletia na *Life* era repleto de luzes com poucas sombras. Em suma, era um pseudo-mundo que inspirava falsas esperanças às massas” (FREUND, 1974, p. 140, tradução própria).<sup>14</sup> A autora afirma ainda que a grande maioria das outras revistas era fabricada tomando o mesmo modelo, mas o que dava à *Life* seu aspecto de veracidade era a massiva utilização da fotografia: “para o homem não prevenido, a fotografia não pode mentir, porque ela é a reprodução exata da vida. Poucas pessoas se dão conta que se pode mudar completamente o sentido [da imagem] pela legenda que a acompanha ou pela justaposição com outra imagem.” (FREUND, 1974, p.140-141, tradução própria).<sup>15</sup>

Em seu primeiro número, a revista foi publicada trazendo uma reportagem cuja primeira página era uma grande e única fotografia, retratando o nascimento de um bebê, o qual se encontrava nos braços do obstetra, com título *Life begins* (a vida começa, em tradução

<sup>14</sup> No original: “Le monde qui se reflétait dans *Life* était plein de lumières avec peu d’ombres. En somme c’était un pseudo-monde qui inspirait de faux espoirs aux masses.”

<sup>15</sup> No original: “Pour l’homme non prévenu, la photographie ne peut mentir, puisqu’elle est la reproduction exacte de la vie. Peu gens se rendent compte en effet qu’on peut en charger complètement le sens par la légende qui l’accompagne ou par sa juxtaposition avec une autre image.”

livre), que, como já apontou Freund (1974), é um jogo de palavra com o substantivo vida (representada no nascimento do bebê) como com o nome próprio da revista.

A afirmação de Freund nos remete diretamente ao objeto estudado nessa tese, o da opacificação do sentido de elementos visuais no plano verbo-visual, o que obriga a ser retomado mais adiante com o rigor teórico-metodológico pertinente à sua abordagem. Entretanto, nessa parte da pesquisa se dará continuidade à exposição do levantamento histórico proposto.

A revista *Life* não foi a primeira revista norte-americana inteiramente composta por fotografias. Desde 1896 o *New York Times* publicava um suplemente semanal fotográfico: outros jornais seguiram seu exemplo, mas nenhum deles alcançou o sucesso da revista (FREUND, 1974):

O novo estilo de fotojornalismo introduzido pelas revistas ilustradas alemãs no começo dos anos trinta, retomado um pouco depois pela revista *Vu* na França, teve uma influência profunda nos criadores da *Life*. Eles se inspiraram para narrar uma história inteiramente por uma sequência de fotos. As fotografias do Dr. Salomon e de Felix H. Man eram conhecidas e já haviam aparecido nas revistas americanas. *Life* agarra os excelentes fotógrafos que haviam fugido do hitlerismo e faz aconselhar-se por antigos colaboradores da imprensa ilustrada alemã, como Korff e Szafranski, ambos da *Berliner Illustrirte*. O progresso da fotografia, das novas técnicas de impressão, sobretudo aquela das cores, assim como a transmissão das fotos por belinógrafos, jogaram um papel preponderante para a criação da revista fotográfica moderna. Mas um dos fatores decisivos de seu sucesso foi o papel todo poderoso da publicidade (p. 133-134, tradução própria)<sup>16</sup>.

Durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhavam para a *Life* 670 pessoas em 320 escritórios em todo o mundo e a revista dominava o mercado publicitário norte-americano. Porém, a partir dos anos sessenta não só o mercado publicitário americano foi sendo dominado pela televisão como também subiram os preços do correio (a *Life* tinha vendas significativas por assinaturas), o que levou à suspensão da publicação semanal, em 1972. Na Europa, a crise em revistas que possuíam proposta semelhante também foi sentida. A *Paris-Match*, fundada em 1949, tirava, em 1957, cerca de 1,8 milhões de exemplares; dez anos mais

---

<sup>16</sup> No original: “Le nouveau style de photojournalisme introduit par les illustrés allemands au début des années trente, repris un peu plus tard par la revue *Vu* en France, eut une influence profonde sur les créateurs de *Life*. Ils s’en inspiraient pour raconter des histoires entièrement en séquences de photos. Les photographies du Dr. Salomon et de Felix H. Man étaient connues et avaient déjà paru dans les magazines américains. *Life* s’attacha les excellents photographes qui avaient fui l’hitlerisme et se fit conseiller par d’anciens collaborateurs de la presse illustrée allemande comme Korff et Szafranski, tous deux de la *Berliner Illustrirte*. Enfin les progrès de la photographie, les nouvelles techniques d’impression, avant tout celle de la couleur, ainsi que la transmission des photos par belino, ont joué un rôle prépondérant pour la création du magazine photographique moderne. Mais un des facteurs décisifs de son succès fut le rôle tout-puissant de la publicité.”

tarde, situava-se em quase 1,4 milhões; em Abril de 1972, restringia-se a 810 722 exemplares (SOUSA, 2000).

Segundo Freund, quando do anúncio do encerramento da *Life* em 1972, houve uma grande consternação entre o meio da imprensa no mundo inteiro: “todos os jornais e todas as televisões e rádios anunciaram o desaparecimento da maior revista semanal ilustrada [...]. Com o fim da *Life*, toda uma época do fotojornalismo estava morta” (FREUND, 1974, p.144, tradução própria)<sup>17</sup>.

No ano de 1978, a *Life* volta a circular, porém com a periodicidade mensal e sem sua grande equipe. Lançava mão de fotógrafos *free-lancers* e uso de fotografias de agências.

Se nas revistas ilustradas a relação entre texto e fotografias era explorada desde a década de 1920, numa articulação entre o verbal e o visual no qual a imagem deixava de ser somente um apêndice ilustrativo ou acessório do próprio texto, nos jornais impressos o processo se deu em outro momento histórico.

Segundo Moen (1989), enquanto Henry Ford formulava sua concepção de produção industrial nos anos de 1920, as redações de jornais já funcionavam como uma linha de montagem: repórteres reportavam, redatores redigiam, editores editavam e criavam as manchetes, e os editores gráficos faziam tudo caber no papel a ser impresso. Mesmo quando a utilização das fotografias se ampliou nos jornais impressos, a relação entre a produção das notícias e as imagens que a acompanhariam continuou descontínua.

Se os estudos do design gráfico contemporâneo podem ser remontados às décadas de 1920, principalmente derivados dos trabalhos dos artistas e teóricos reunidos na Escola Bauhaus, fundada na Alemanha em 1919, a influência de suas postulações só chegaria aos jornais impressos em meados dos 1950. Mesmo a diagramação das páginas dos jornais só se tornou objeto de reflexão tardiamente. Como conta Lage (2006), o estabelecimento prévio do tamanho que cada texto ocuparia na página do jornal só se deu quando André Guevara veio trabalhar no jornal *Meio-Dia* em 1941. Segundo Loredano (1988), foi Guevara quem trouxe o cálculo, a tabela de correspondência entre lauda datilografada e a composição nos variados corpos tipográficos e larguras, introduzindo ainda a folha milimetrada que permitia a produção de espelhos das páginas. Ele trabalharia ainda no *Folha da Noite* e no *Última Hora*, fundado em 1951 por Samuel Wainer, para o qual trouxe diagramadores argentinos.

Entretanto, “ainda no final da década de 1950, a lauda padronizada era raridade e a contagem praticamente não existia” (LAGE, 2006, p.18). E segue Lage, no que toca à

---

<sup>17</sup> No original: “Tous les journaux et toutes les télévisions et radios annonçaient la disparition du plus grand hebdomadaire illustré [...]. Avec la fin de *Life*, toute une époque du photojournalisme était morte.”

utilização de fotografias pelos jornais impressos brasileiros:

Embora a fotografia tenha sido reproduzida, pela primeira vez, em jornal, há mais de cem anos, o descaso pelo processo retardou sua adoção em maior escala. O fotojornalismo começou modestamente, mais para romper com a monotonia gráfica das páginas cheias de texto do que para informar alguma coisa. O nome “ilustração” dá bem a ideia desse papel secundário atribuído à foto diante do texto. Uma situação que se manifestava, no Brasil, mesmo nas cidades principais, até a década de 1960, época em que os laboratórios fotográficos dos grandes jornais eram, quase sempre, banheiros adaptados. Em 1951, quando o *Diário Carioca* construiu, no Rio de Janeiro, um prédio para sua sede, com cuidadoso estudo de detalhes, o laboratório fotográfico foi simplesmente esquecido.

Outra consequência da pressão conservadora foi o fato de o fotojornalismo ter sido descoberto primeiro, em sua potencialidade, pela imprensa sensacionalista. A conquista de espaço para fotografias nos jornais e revistas mais prestigiados só se consumou quando o cinema se caracterizava como fenômeno de massa, nos anos de 1920 (2006, p.28).

Dentro desse contexto nacional, o grande marco estabelecido sobre a composição gráfica do jornal foi a transformação pelo qual passou o *Jornal do Brasil* entre os anos 1956-1961. Inserido dentro de uma proposta de reorganização completa do jornal, incluindo linha editorial, divisão de seções e cadernos e organização dos seus profissionais, um novo e radical projeto gráfico foi formulado, que influenciaria os demais jornais nos anos seguintes.

As maiores transformações no aspecto gráfico do *Jornal do Brasil* ocorreram entre os anos de 1957 a 1961, capitaneadas pelo artista plástico Amílcar de Castro.

Amílcar de Castro já havia trabalhado na reformulação da revista *Manchete* no ano de 1956, cujo então projeto gráfico era semelhante ao da revista francesa *Paris Match*. Dentro do *Jornal do Brasil*, coube a ele “estabelecer um método de produção e tornar a comunicação com o leitor mais direta, criando-se uma identidade visual prontamente identificável” (MANNARINO, 2006, p. 51). Para Lage, “um dos aspectos mais interessantes da reforma foi a valorização do material fotográfico, cuja retícula escura servia à intenção geral de equilíbrio” (LAGE, 2006, p. 20).

A influência das concepções do design gráfico não foi tardiamente sentida nos jornais impressos somente no Brasil. Moen (1989) afirma que o primeiro jornal norte americano a passar por uma total reformulação gráfica foi o *New York Herald Tribune*, cujo trabalho ficou a cargo de Peter Palazzo e foi realizado em 1963. “Palazzo diminui o tamanho dos textos por página e introduziu colunas mais largas, mais espaço branco, melhores proporções, melhor uso de fotografias, melhor arrumação e organização, e uma diferente

fonte-padrão” (MOEN, 1989, p. 127, tradução própria)<sup>18</sup>.

Se a reforma do *Jornal do Brasil* foi um marco no jornalismo diário brasileiro, incluindo seu aspecto gráfico, o surgimento da revista *Realidade* também marcaria a transformação da verbo-visualidade na imprensa escrita nacional, assim como a *Life* teve seu papel no cenário mundial.

Fundada em 1966 pela Editora Abril, circulou até o ano de 1976 com periodicidade mensal, e já na sua sexta edição atingiu a marca de 450 mil exemplares. Na sua primeira edição, lançada em abril de 1966, foi publicada uma sequência de fotos mostrando o desenvolvimento de um embrião, desde a fecundação até a formação completa do feto, numa reportagem cujo título era *Os dias da criação*: “*Realidade* nascia assim sob o signo da metalinguagem”, afirma Chico Homem de Melo (2008, p. 148). É interessante notar que um expediente semelhante foi utilizado no primeiro número da revista *Life*, cuja metalinguagem estabelecida também foi notada por Gisèle Freund e já mencionada neste capítulo.

A contribuição maior da revista *Realidade* à história da linguagem jornalística brasileira foi o fator de que pela primeira vez texto, fotografia e design passam a ser pensados conjuntamente, “dividindo internamente a responsabilidade pela construção do discurso.” (HOMEM DE MELO, 2008, p. 149). Marcada no plano verbal escrito pela introdução das grandes reportagens em primeira pessoa (*new journalism*), no plano visual essa postura autoral também estará presente:

Em *Realidade*, [...], o fotógrafo passa a dividir com o jornalista a responsabilidade pela construção do discurso – em outras palavras, ele passa efetivamente a ser um fotojornalista. E, como o redator, ele também fala em primeira pessoa. No caso específico da fotografia, falar em primeira pessoa significa abordar o assunto a partir de uma visão particular. Tal qual o profissional do texto, o fotógrafo mergulha no assunto da reportagem e emerge com um retrato filtrado pelo seu ponto de vista (HOMEM DE MELO, 2008, p. 150)

Sobre esse aspecto mencionado na citação, o pesquisador Chico Homem de Melo classifica como *ensaios verbo-visuais* algumas composições presentes na revista *Realidade* que se tornariam páginas memoráveis na história da imprensa brasileira. Eles seriam “ensaios visuais de caráter autoral, combinados com textos curtos, seguidos de blocos compactos de textos corrido” (HOMEM DE MELO, 2008, p. 155). Exemplificando alguns casos desses tipos de ensaios, o pesquisador afirma: “dessa forma, os designers da revista configuram dois

---

<sup>18</sup> No original: “Palazzo lowered the story count per page and introduced wider columns, more white spaces, better proportion, better use of photographs, better packing and organization, and a different type-face.”

discursos complementares – um hegemonicamente visual, outro hegemonicamente verbal –, cada um deles construído de maneira clara e afirmativa” (HOMEN DE MELO, 2008, p. 155). E, um pouco mais adiante em seu texto, diz que “a força das imagens aliada à qualidade da escritura resulta quase sempre em um conjunto de grande impacto” (HOMEN DE MELO, 2008, p. 156).

Mesmo não partindo das mesmas premissas teórico-metodológicas das quais esta pesquisa assume ao delimitar o que seria o *plano verbo-visual*, não deixam de ser pertinentes as afirmações do pesquisador citado sobre a composição de discursos verbais e visuais complementares, que resulta no que ele chamou de *ensaios verbo-visuais* presentes nas páginas da revista *Realidade*. Também são interessantes as constatações assumidas pelo pesquisador quando, analisando outros trabalhos publicados pela referida revista, avança dizendo:

Se as aberturas cedem espaços generosos para os ensaios visuais, então por que não podemos ir até o fim e abrir espaço para matérias exclusivamente visuais, estruturadas quase unicamente por imagens? É isso que ocorre na sequência mostrada nas páginas 160 a 165 – um olhar lírico sobre o torcedor de futebol. O passeio começa nas mãos sobre o alambrado e termina nas arquibancadas vazias; as imagens são acompanhadas por textos curtos, reforçando a cadência de leitura. Depois disso... mais nada, apenas o início da matéria seguinte (HOMEM DE MELO, 2008, p. 156-157).

A promulgação pelo regime militar então vigente no Brasil do Ato Institucional número 5 (AI-5), que recrudescer a censura e a perseguição política no país, teve forte impacto na revista. No mesmo mês de dezembro de 1968, início da vigência do referido ato, todo o comando do corpo editorial foi demitido. “A partir daí, a revista entrou em lento declínio. Até 1972, ainda manteve certo vigor, mas seu fim era irreversível e em 1976 ela foi finalmente extinta” (HOMEM DE MELO, 2008, p. 182). O fim da circulação da revista *Realidade* representou o declínio tanto do *new journalism* como também das experimentações visuais (como descritas por Chico Homem de Melo) nas páginas das revistas de grandes tiragens e abrangência nacional nas décadas seguintes.

Enquanto a trajetória da revista *Realidade* declinava, dentro do mesmo grupo editorial (Grupo Abril) uma outra via sua ascensão: a revista *Veja*.

Lançada em 11 de setembro de 1968, viveria grandes dificuldades ao longo da circulação de seus primeiros exemplares, excetuando o da estreia que contou com uma pesada campanha de publicidade bancada pelo grupo Abril por meio de vários outros produtos editoriais da empresa, incluindo a revista *Realidade*. Baseada nas revistas norte-americanas

*Time* e *Newsweek*, a revista de periodicidade semanal era orientada para a integração de um país com dimensões continentais por meio das notícias (VILLALTA, 2002). Somente no ano de 1976 a revista se consolidaria financeiramente e se tornaria referência nacional como forte influência na constituição da opinião pública nacional – posição que, em maior ou menor medida, ainda mantém no presente ano (2016) e que, por isso, foi incluída no *corpus* da presente pesquisa.

Em depoimento à Villalta (2002), o jornalista Mino Carta, que esteve envolvido na elaboração da revista *Veja*, diz que a dificuldade dos primeiros anos da publicação derivavam de dois fatores principais. Sobre o primeiro:

mais ameno e fácil de contornar, era o fato de que o possível público leitor da nova revista não estava acostumado com uma revista de pequeno formato, fotos pequenas, muito texto que, além de informativo, propunha uma perspectiva dos acontecimentos da vida nacional; afinal era interpretativo. O segundo, mais incisivo, dizia respeito ao fato de o mundo inteiro estar vivendo um momento de inquietações e aqui havia, além do mais, um regime ditatorial e absolutamente censório, que ao menor sinal de rebeldia de uma publicação não hesitaria em demonstrar sua força (CARTA, Mino. apud VILLALTA, 2002, s/p.).

Diferentemente da revista *Realidade*, que apostava nas grandes reportagens influenciadas pelo *newsjournalism* e nos ensaios fotográficos, a revista *Veja* abraça o jornalismo interpretativo e analítico, sem grandes experimentações estéticas. O uso da fotografia e das cores é explorado pelo seu crescente apelo junto aos leitores (apelo este identificado desde o começo do século XX, como já apontado, e também influenciado pela ascensão da televisão e sua estética correspondente).

Dando sequência, cabe mencionar nessa breve retrospectiva da verbo-visualidade na imprensa escrita o papel desempenhado pelo *Jornal da Tarde* no contexto brasileiro. Fundado em 1966, pertencia ao Grupo Estado, o mesmo que dirigia o tradicional *O Estado de S.Paulo*, criado em 1875. Vespertino, o *Jornal da Tarde* deveria ser um veículo que se diferenciasse dos jornais tradicionais tanto pelas pautas, abordagens como também pela estética. Seus idealizadores, contratados pelos controladores do Grupo Estado para tal empreitada – a família Mesquita – foram os jornalistas Mino Carta e Murilo Felisberto. Sob o comando deste último, entre os anos de 1968 e 1978, uma grande inovação estética ocorreu no jornal, que implicava capas muitas vezes fora dos “padrões” dos demais jornais, que muitas vezes significavam somente uma única e grande foto. Murilo Felisberto foi considerado um dos grandes nomes das artes gráficas no Brasil. Ao deixar o jornal, atuou como diretor de arte e

diretor de criação a agência de publicidade DPZ. Chegou a retornar a trabalhar no jornal no ano de 2000, numa tentativa de reabilitá-lo diante da crise de circulação que se encontrava.

Como a maioria das vendas do *Jornal da Tarde* se dava em bancas, e não por meio de assinaturas domiciliares, a capa da publicação era pensada para atrair o comprador. Assim, sua diagramação e seu conteúdo eram orientados tendo por perspectiva a sua exposição nas bancas, pendurado verticalmente. Enquanto as capas dos demais jornais eram pensadas em duas metades, respeitando a dobra horizontal, o *JT* (como era conhecido) frequentemente utilizava-se de todo o comprimento da primeira página nas suas composições, tornando-se praticamente um “cartaz”.

No ano de 1988 o jornal passou a ser matutino, e sua última edição circulou em 2012, não sobrevivendo à concorrência e a crise financeira que assola o setor do jornalismo impresso brasileiro.

Para encerrar esse pequeno histórico, cabe somente apontar algumas transformações técnicas no setor que possibilitaram o uso mais recorrente de fotografias pelos jornais impressos. Como já visto desde o início deste capítulo, tanto inovações no processo de captura de imagens como no de sua reprodução transformaram a presença do visual nas páginas dos jornais.

O processo de impressão *off-set*, introduzido na década de 1960, transferiu a montagem da página do jornal da oficina gráfica para os departamentos de arte dos jornais, o que aproximou um pouco mais o jornalista do tratamento final de sua produção: “em alguns jornais (como o *Jornal da Tarde*, de São Paulo), os editores eram também os responsáveis pelo desenho das páginas, fator que contribuiu para a criação de páginas diferenciadas que integravam melhor o material verbal e o não-verbal” (FREIRE, 2009, p. 300).

A impressão *off-set* é econômica, dando maior nitidez às fotografias e favorecendo a leitura, incluindo ainda a possibilidade de um maior aproveitamento das cores nas páginas dos jornais impressos por meio desse método. Outro ganho é a agilidade na preparação das páginas a serem impressas, uma vez que não são mais necessárias algumas etapas essenciais no antigo método à quente (BAHIA, 1990).

No que toca à questão das cores, Freire (2009) nos informa que ela já aparecia nos primórdios da fase de impressão litográfica, entretanto, “como uma novidade meramente ilustrativa e estética, restringindo-se à capa, à contracapa, e aos suplementos mais revistizados” (FREIRE, 2009, p. 301). O pesquisador citado concorda que a introdução do sistema de impressão *off-set* inaugura uma nova utilização das imagens nas páginas do

jornalismo impresso, dizendo que nesta nova fase há um aumento na quantidade de informação, uma melhoria na reprodução de imagens e o consequente aumento da demanda por fotografias e infográficos: “os textos passam a ser menores e mais objetivos e dividem cada vez mais o espaço com imagens e demais elementos gráficos. O design passa agora a ser uma exigência, diante de tantos componentes a coordenar” (FREIRE, 2009, p. 301).

A partir da década de 1970, a introdução da informática nas redações ampliou e muito as potencialidades de novas diagramações e projetos gráficos dos jornais impressos. Se no primeiro momento a informatização se faria presente somente nas redações, aposentando as máquinas de escrever, logo ela se espalharia por todo o processo de realização do jornal, chegando à diagramação, à montagem das páginas e à arte-finalização. Neste momento surge a figura do *editor de arte*, cujo papel é justamente prezar pela coerência estética do jornal, gerenciando a pré-impressão do jornal e evitando conflitos entre forma e conteúdo.

O computador passa a fazer parte definitivamente no processo de realização do jornal impresso a partir da década de 1990. Freire afirma que essa seria a *fase digital*, na qual o computador atinge a ubiquidade nos jornais, em todas as fases de produção da notícia, da impressão do jornal à integração do impresso com a internet, e “o *design* jornalístico se firma como um dos elementos importantes da enunciação jornalística” (FREIRE, 2009, p. 302). E segue dizendo que atualmente o fazer jornalístico se encontra fortemente vinculado ao design, estando o jornalista cercado de restrições formais ao escrever o seu texto. Se antes ele deveria atentar para as regras do manual de estilo, para saber quais termos ele podia usar ou não, “agora ele deve saber também quais os recursos gráfico-visuais dispõe no projeto gráfico do jornal em que trabalha para construir seu texto, agora composto por elementos verbais e não-verbais” (FREIRE, 2009, p. 303).

Embora o processo de impressão ainda seja o *off-set*, mesmo sendo as impressoras controladas digitalmente, continua o pesquisador, o fator mais importante não é tanto a impressão em si, mas sim “as possibilidades expressivas que o computador propiciou ao jornalismo. Seja no uso maior (e melhor) das cores, seja no tratamento de imagens, seja na agilidade da edição como um todo” (FREIRE, 2009, p. 302).

Se surgimento da televisão, a partir da década de 1950, influenciou na estética e linguagem gráfica dos jornais impressos, a internet também terá seu papel a partir dos anos de 1990. Segundo Dúnya Azevedo, a televisão, com sua linguagem e estética próprias, contribuiu para o processo de divisão dos jornais em seções, cadernos, encartes e suplementos dirigidos a públicos específicos, assim como para o aumento dos recursos visuais e para as capas das

publicações transformadas em grandes mosaicos: “o mundo fragmentado da TV passou a habitar as páginas dos jornais” (AZEVEDO, 2009, p. 95).

Eduardo Freire partilha desta posição:

Depois das revistas ilustradas e da TV é a vez da internet modificar o modo de pensar e fazer os jornais. A partir de meados da década de 1990 a Internet é percebida como uma forte concorrente dos jornais, pela sua capacidade de transmitir, ao mesmo tempo, textos e imagens (posteriormente, áudio e vídeo), também pela proximidade que passa a estabelecer com seus leitores, pelos e-mails, chats e enquetes. Toda esta nova forma de relacionamento vem a influenciar o modo como os jornais passam a construir seus textos. As matérias passam a ser ainda mais fragmentadas, com coordenadas, caixas e peças dos mais variados gêneros, distribuídas nas páginas como janelas abertas na tela de um computador. Tudo isso para buscar aproximação ao modo como o leitor de hoje acessa as notícias na nova mídia. Isso faz com que o design seja, mais do que nunca, convocado como elemento de organização e também de expressão. Com isso, diminui também a distância entre aquele que produz o texto e aquele que formata a notícia, sendo uma tendência a unificação destas tarefas (2009, p. 302-302).

No que toca especificamente à fotografia, Freire enfatiza que o fim das limitações tecnológicas, tanto na captação das imagens quanto no seu processo de impressão, traz um revigoramento no processo de sua utilização. Se no período anterior à *fase digital*, que ele denomina de *fase litográfica*, os aprimoramentos das técnicas de reprodução de fotografias acarretaram em certo exagero na sua utilização, causando certa “vertigem pela abundância” (FREIRE, 2009, p. 304), a *fase digital* traz consigo uma maior consciência na sua utilização como também na de outros recursos visuais. Neste período, afirma ele, “a fotografia efetiva-se como um elemento da enunciação, não só como complemento do texto verbal. Assume o papel de atrair o olhar do leitor, de sintetizar a informação, apresentando os fatos e de estabelecer um percurso de leitura de página” (FREIRE, 2009, p. 304).

Assim, Freire conclui que:

A enunciação do discurso jornalístico do século XXI é bem diferente das anteriores. A organização, o apelo visual e a fragmentação dos enunciados são características básicas deste novo modelo de estruturação enunciativa. Se no início o texto verbal predominava e seu fluxo era contínuo e linear, na atualidade o texto é composto pela mescla de matérias verbais e não verbais, o fluxo da informação é descontínuo e a não-linearidade ganhou mais espaço. O design entra como elemento de organização desta leitura não-linear, com a missão de fragmentar o texto e fazer aflorar os enunciados antes amalgamados no texto compacto (2009, p. 305).

A questão atualmente colocada é a abrangência da influência da internet na imprensa escrita, e por quais outras transformações a esfera jornalística estará sujeita frente a esse

fenômeno de certa forma ainda recente. Como visto, sempre inovações tecnológicas acabam tanto por alterar a esfera de produção quanto a de circulação e recepção dos enunciados jornalísticos impressos, transformando-as.

Entretanto, a presente pesquisa não discorrerá sobre essas implicações, já que fugiria de seu escopo. E também não adentrará com maior profundidade em aspectos técnicos de design de jornais impressos. A breve reconstituição da trajetória da presença da verbo-visualidade nas páginas da imprensa impressa teve por objeto somente o de situar historicamente uma faceta do objeto de pesquisa. Para encerrar essa parte do capítulo, será apresentado como o Manual de Redação do jornal *Folha De S. Paulo* entende a relação entre elementos verbais e não verbais em suas páginas. Não serão analisadas as prescrições dos outros veículos que constituem o *corpus* porque eles nada discorrem sobre esse aspecto. Porém, como poderá ser visto, o que está contido no Manual de Redação não se restringe a nenhuma particularidade do veículo ao qual ele pertence, sendo perspectivas gerais que podem ser ampliadas na análise da constituição verbo-visual dos demais.

No referido manual, há um capítulo intitulado *procedimentos* no qual há uma parte destinada à rubrica *fotografia*. Nela, podemos ler:

O recurso visual do jornalismo impresso moderno deve ser entendido como uma possibilidade complementar e suplementar à informação textual. Não serve apenas para “arejar a página” ou “valorizar a notícia”, tampouco para preencher eventuais vazios que a falta de planejamento tenha criado (FOLHA DE S. PAULO, 2010, p. 32).

Interessante notar que mesmo neste manual, datado de 2010, ainda há prescrições que buscam uma melhor integração entre o trabalho dos fotojornalistas e os demais membros da Redação. Como já exposto neste capítulo, os profissionais da fotografia não eram bem vistos tanto pelos seus retratados quanto pelos seus colegas encarregados dos textos escritos. E, a julgar pelo que ainda pode ser encontrado no Manual de Redação da *Folha de S. Paulo*, a tensão entre esses dois tipos de profissionais e seus respectivos ofícios persiste a despeito da maior integração entre os elementos verbais e não verbais constitutivos das páginas dos jornais impressos:

O fotojornalismo moderno exige de seus profissionais conhecimento técnico muito apurado e uma predisposição efetiva para buscar a integração com a Redação como um todo. Sempre existiu nas Redações algum tipo de resistência a um entendimento maior da fotografia, em geral escudada nas especificidades técnicas – o que acabou redundando num desconhecimento relativo da linguagem fotográfica.

Isso pede um esforço redobrado da parte do repórter-fotográfico contra um isolamento que, apesar de considerado “natural” por muitos, está na origem de inúmeros empecilhos à criatividade.

No outro lado da questão encontra-se a atuação dos que, ao longo do processo de feitura do jornal, manipulam as fotos sem que disponham de um manancial informativo adequado em relação ao universo fotográfico.

O entendimento mínimo das técnicas fotográficas e de suas possibilidades estéticas é uma necessidade em todos os patamares da hierarquia de uma Redação, não apenas de fotógrafos e editores.

A elaboração da pauta já com uma perspectiva visual e plástica dos eventos que ela abrange traz, usualmente, acréscimos positivos ao resultado final.

O repórter de texto que tem uma visão abrangente de sua atividade sabe que a “dobradinha” com o fotojornalista só enriquece o resultado final de seu próprio trabalho. É fundamental, nesse caso, a sintonia entre ambos e de cada um deles com os demais setores do processamento da informação.

Isso significa dizer que o jornalista de imagem não pode se ater ao seu universo particular de atuação, que é sempre tecnicamente específico e pode propiciar um isolamento involuntário. Ele deve estar sempre pronto a se inteirar de todo o processo de produção e criação do qual faz parte (FOLHA DE S. PAULO, 2010, p. 32-33).

Se na década de 1950 os laboratórios fotográficos eram negligenciados ou mesmo esquecidos quando da construção de novos prédios para abrigar as redações jornais impressos brasileiros, como visto em Lage (2006), certamente a conjuntura atual é mais favorável aos fotojornalistas; e as inovações tecnológicas aliadas às novas estéticas advindas da popularização da televisão, em um primeiro momento, e da internet, atualmente, faz da composição verbo-visual do jornalismo impresso uma realidade cujas potencialidades são exploradas num crescendo. Entretanto, ao notar as prescrições contidas no *Manual de Redação* do jornal *Folha de S. Paulo*, ficam claras as tensões ainda existentes entre aqueles que se dedicam ao plano verbal e aqueles que se dedicam à materialidade não-verbal da linguagem.

Ainda no já referido capítulo do manual de redação, porém sob a rubrica de *Acabamento*, encontram-se outras formulações pertinentes à dimensão verbo-visual constitutiva das páginas do jornal impresso. É informado que toda a edição do jornal obedece a um padrão de design formulado no projeto gráfico do jornal, havendo regras para a titulação de textos e respectivas disposições, para a disposição de fotografias e infográficos assim como para a formatação dos demais elementos que compõem o produto final: “com isso, o jornal como um todo ganha personalidade” (FOLHA DE S.PAULO, 2010, p. 35).

E continua o Manual:

Dentro dos limites dessa formatação gráfica, compete à edição buscar as soluções mais criativas para expor os assuntos, seja na elaboração dos

títulos, seja na produção das imagens fotográficas e desenhos ou na composição visual do conjunto.

Do mesmo modo, como ocorre com as reportagens, a edição está sujeita ao olhar crítico do leitor, que desenvolveu mecanismos de interpretação da forma como as notícias estão organizadas no espaço do jornal.

Essa semiótica do espaço jornalístico está ao alcance dos consumidores da cultura visual e não deve ser julgada um privilégio de jornalistas e profissionais que lidam com elementos imagéticos, como os publicitários. A edição deve levar em conta esse fato, para amadurecer seu trabalho, sofisticar permanentemente seus recursos e encontrar soluções que sejam mais adequadas e vibrantes ao leitor. Além disso, o editor precisa refletir sobre o conteúdo informativo das imagens e dos recursos de descrição (como legendas), bem como seus efeitos estéticos (2010, p. 35).

Para encerrar esta parte do capítulo, cabe apresentar algumas breves considerações sobre o plano verbo-visual das páginas dos jornais impressos formuladas por Brait (2008). Suas considerações mais aprofundadas serão retomadas ainda nesta pesquisa quando se exporá as bases conceituais da perspectiva linguístico-enunciativa-discursiva do referido plano.

Segundo ela, o jornal impresso apresenta um plano de expressão com características particulares, diferenciadas tanto do discurso oral, quanto do escrito ou do puramente visual. Assim, tanto a linguagem verbal quanto a visual são acionadas de forma a provocar a interpenetração e conseqüentemente a atuação conjunta: “isso pode ser constatado na organização dos cadernos e das páginas, na diversidade de tipos e tamanhos das letras utilizadas, nas mais diferentes combinatórias envolvendo texto-foto, foto-legenda, texto-ilustração” (BRAIT, 2008, p. 84). É a isso que podemos denominar de dimensão verbo-visual da página de um jornal, uma vez que a produção de sentido não se ancora somente na seqüência textual, ou somente em uma fotografia ou imagem: é na articulação desses elementos que o sentido é produzido. “Esses elementos, somados a vários outros, caracterizam estratégias discursivas e textuais que, construídas e constituídas ao longo da história do jornal impresso, obrigam o analista a pensar em determinadas questões de significação também a partir dessas particularidades” (BRAIT, 2008, p. 84).

Desde o princípio, a expansão da utilização das imagens na imprensa acompanhou o desenvolvimento de novas tecnologias que facilitavam tanto a captura da imagem como sua reprodução em massa. E como transformações significativas da esfera de produção, circulação e recepção de determinado enunciado influi no gênero no qual ele se insere, a utilização cada vez mais corriqueira das fotografias abriu novas perspectivas na produção dos enunciados jornalísticos, explorando novas fronteiras e, conseqüentemente, produzindo novos sentidos

dentro da esfera discursiva na qual circulam.

Para dar sequência a este trabalho e se aproximar da análise do fenômeno à luz da hipótese de pesquisa formulada, a parte seguinte tratará dos efeitos enunciativos e discursivos da relação entre o verbal e o visual presente nas páginas da imprensa impressa.

### 1.3. As fotos e as palavras no jornalismo impresso

Como visto na parte precedente deste capítulo, as evoluções técnicas tanto na captura quanto na reprodução das imagens e fotografias nas páginas da imprensa impressa modificaram também as funções discursivas das imagens nessa transformação do plano verbo-visual. Agora, será dado relevo à relação entre as imagens e as palavras no jornalismo impresso, para continuar avançando rumo ao objetivo geral desta pesquisa.

Em artigo intitulado *A retórica da imagem*, publicado em 1964 e considerado o precursor dos estudos da semiologia visual de linha francesa<sup>19</sup>, Roland Barthes traz algumas considerações importantes sobre a relação entre as palavras e as imagens.

Barthes trabalha seus conceitos a partir da análise de uma peça publicitária (da empresa Panzini de produtos alimentícios), e busca construir respostas para questões que considera as mais importantes à uma semiologia das imagens, a saber:

A representação analógica (a “cópia”) pode produzir um verdadeiro sistema de signos e não somente uma simples aglutinação de símbolos? Um “código” analógico – e não digital – é concebível? Sabe-se que os linguistas consideram fora da linguagem toda a comunicação por analogia, da “linguagem” das abelhas à “linguagem” por gestos, no momento que essas comunicações não são duplamente articuladas, isto é, fundadas em definitivo sobre uma combinatória de unidades digitais, como o são os fonemas. [...]: uns pensam que a imagem é um sistema muito rudimentar em relação à língua, e outros que a significação não pode esgotar a riqueza inefável da imagem. Assim, mesmo e sobretudo se a imagem é de uma certa maneira *limite* do sentido, é a uma verdadeira ontologia da significação que ela permite voltar. Como o sentido vem à imagem? Onde o sentido termina? E, se ele termina, o que há *além*? (1964, p. 40, grifos no original, tradução própria).<sup>20</sup>

As preocupações de Barthes deixam claras as suas filiações teóricas e sua concepção

---

<sup>19</sup> O número 4 da revista *Communication*, no qual foi publicado esse artigo, é considerado por François Dosse como um “Manifesto Semiológico” (DOSSE, 2007, p.273). Nele encontra-se o primeiro artigo em francês publicado por Tzvetan Todorov (*La description de la signification en littérature*), um de Claude Bremond (*Le message narratif*), um de Christian Metz (*Le cinéma : langue ou langage ?*), e outro de Roland Barthes, *Les éléments de sémiologie*, fruto de um seminário realizado e que “oferece uma exposição didática que apresenta os ensinamentos saussurianos e hjelmslevianos em vista da construção dessa ciência nova” (DOSSE, 2007, p. 275).

<sup>20</sup> No original: “Le représentation analogique (la << copie >>) peut-elle produire de véritable système de signes et non plus seulement de simples agglutinations de symboles ? Un << code >> analogique et non plus digital – est-il concevable ? On sait que les linguistes renvoient hors du langage toute communications par analogie, du << langage >> des abeilles au << langage >> par gestes, du moment que ces communications ne sont pas doublement articulées, c’est-à-dire fondées en définitive sur une combinatoire d’unités digitales, comme le sont les phonèmes. [...]: les uns pensent que l’image est un système très rudimentaires par rapport à la langue, et les autres que la signification ne peut épuiser la richesses de l’image. Or, même et surtout si l’image est d’une certaine façon *limite* du sens, c’est à une véritable ontologie de la signification qu’elle permet de revenir. Comment le sens vient-il à l’image ? Où le sens finit-il ? et s’il finit, qu’y a-t-il *au-delà* ?”

de linguagem no momento em que escreveu o artigo: inseria-se no paradigma do estruturalismo, cujas bases teóricas recaíam sobre Saussure, primeiramente, e Algirdas-Julien Greimas, fundador da semiótica estrutural, com quem tinha estrito vínculo afetivo e teórico a partir dos anos de 1950.

Entretanto, como está presente no título do artigo, sua preocupação era a de buscar a construção de uma retórica das imagens. Joly (2009) afirma que nos anos de 1960, com a renovação da teoria literária, a descoberta na França do formalismo russo, o estruturalismo e os empréstimos tomados pela linguística de diferentes ciências humanas (como a etnologia ou a psicanálise) permitiram a Barthes pensar em mecanismos de funcionamento da imagem em termos da retórica.

Martine Joly afirma também que Barthes usa o termo retórica em duas acepções: de uma parte como um modo de persuasão e argumentação (como *inventio*, da retórica clássica), e de outra parte como em termos de figuras (estilo ou *elocutio*). No que toca à retórica como *inventio*, como modo de persuasão, Barthes reconhece na imagem a especificidade da conotação: “uma retórica da conotação, isto é, a faculdade de provocar uma significação segunda a partir de uma significação primeira” (JOLY, 2009, p. 68, tradução própria)<sup>21</sup>.

O objetivo aqui não é o de analisar a retórica da imagem. Sobre este ponto, a obra do Grupo  $\mu$  de título *Traité du signe visuel : Pour une rhétorique de l’image*, publicada em 1992, é, certamente, incontornável, assim como os trabalhos que seguem sendo desenvolvidos por alguns de seus componentes. Outra contribuição interessante sobre a questão é a feita por Béguin-Verbrugge (2006), que afirma que os *quadros* (na acepção de moldura, daquilo que delimita, que enquadra – *cadre*, em francês) são os organizadores de enunciados. “Esta polivalência cognitiva faz dos quadros os operadores sintáticos privilegiados dos enunciados pluricódicos, mesmo que eles mesmos não pertençam nem à linguagem, nem à imagem” (2006, p. 291, tradução própria)<sup>22</sup>.

No que toca à relação ente os elementos verbais e não-verbais, Roland Barthes (1964) classifica como “mensagens linguísticas” estes primeiros, e os demais elementos podem ser configurar como “mensagens icônicas codificadas” e “mensagens icônicas não-codificadas”. Para se ater ao foco da presente pesquisa, serão apresentadas as formulações do teórico francês referentes especificamente à sua análise dos elementos verbais, ou a

---

<sup>21</sup> No original: “Une rhétorique de la connotation, c’est-à-dire la faculté de provoquer une signification seconde à partir d’une signification première, d’un signe plein.”

<sup>22</sup> No original: “Cette polyvalence cognitive fait des cadres les opérateurs syntaxiques privilégiés des énoncés pluricodiques, alors qu’eux-même n’appartiennent ni au langage, ni à l’image.”

“mensagem linguística”.

Barthes afirma nesse artigo que todas as imagens são polissêmicas, já que existe, subjacentemente aos seus significantes, uma “cadeia flutuante” de significados, da qual o leitor pode escolher alguns e ignorar outros. Ele dirá ainda que “se desenvolvem em todas as sociedades técnicas diversas destinadas a *fixar* a cadeia flutuante de significados, de maneira a combater o terror dos signos incertos: a mensagem linguística é uma dessas técnicas” (BARTHES, 1964, p. 44, grifo no original, tradução própria)<sup>23</sup>.

Barthes distingue duas funções do que ele denomina de mensagem linguística: a de *ancoragem* e a de *relé*<sup>24</sup>.

Sobre a *ancoragem*, Barthes diz que:

A função denotativa corresponde bem a uma *ancoragem* de todos os sentidos possíveis (denotados) do objeto, por meio do recurso da nomenclatura; diante de um prato (publicidade *Amieux*), eu posso hesitar em identificar as formas e os volumes; a legenda (“*arroz e atum ao champignon*”) me ajuda a escolher *o bom nível da percepção*; ela me permite de acomodar não somente o meu olhar, mas também minha inteligência. Ao nível da mensagem “simbólica”, a mensagem linguística guia não somente a identificação, mas a interpretação, ela constitui uma espécie de torno que impede os sentidos conotados de se proliferarem para as regiões demais individuais (isto é, que ela limita o poder projetivo da imagem). [...] a ancoragem pode ser ideológica, e é mesmo, sem dúvida, sua função principal; o texto *dirige* o leitor entre os significados da imagem; por meio de um *dispatching* frequentemente sutil, ela o teleguia rumo a um sentido escolhido de antemão. Dentre todos esses casos de ancoragem, a linguagem tem evidentemente uma função de elucidação, mas essa elucidação é seletiva; trata-se de uma metalinguagem aplicada não à totalidade da mensagem icônica, mas somente a alguns de seus signos [...] (1964, p.44, grifos no original, tradução própria)<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> No original: “Se développent dans toute société des techniques diverses destinées à *fixer* la chaîne flottante des signifiés, de façon à combattre la terreur des signes incertains : le message linguistique est l’une de ces techniques.”

<sup>24</sup> Ancoragem, no francês: *ancrage*. Relé, no francês: *relais*. Segundo o dicionário Houaiss, relé em português é um aparelho graças ao qual uma energia relativamente pequena controla uma maior. Entretanto, é na etimologia da palavra que encontramos pistas sobre o uso feito por Barthes: *relais* (sXIII) ‘cães deixados de reserva para substituir os que atuam em uma caçada’; ‘cavalos deixados no percurso de viajantes e caçadores para substituir os que vêm cansados’; ‘o lugar onde estas mudas ocorrem’; ‘equipe de substituição em uma corrida’; (1877) ‘aparelho em um circuito elétrico’, de *relayer* ‘render, revezar, substituir’ com infl. do fr. ant. *relais* ‘demora’. Devido a isso, preferimos manter a tradução para a palavra portuguesa derivada da francesa, ou seja, *relé*.

<sup>25</sup> No original: “La fonction dénotative correspond bien à un *ancrage* de tous les sens possibles (dénotés) de l’objet, par le recours à une nomenclature ; devant un plat (publicité *Amieux*), je puis hésiter à identifier les formes et les volumes ; la légende (<< *riz et thon aux champignons*>>) m’aide à choisir *le bon niveau de perception* ; elle me permet d’accommoder non seulement mon regard, mais encore mon intelligence. Au niveau du message <<symbolique>>, le message linguistique guide non plus l’identification, mais l’interprétation, il constitue une sorte d’étai qui empêche les sens connotés de proliférer soit vers des régions trop individuelles (c’est-à-dire qu’il limite le pouvoir projectif de l’image). [...], l’ancrage peut être idéologique, et c’est même, sans doute, sa fonction principale ; le texte *dirige* le lecteur entre les signifiés de l’image, lui en fait éviter certains et en recevoir d’autres ; à travers un *dispatching* souvent subtil, il le téléguie vers un sens choisi à l’avance. Dans tous ces cas d’ancrage, le langage a évidemment une fonction d’élucidation, mais cette

A ancoragem é a função mais frequente da mensagem linguística, e é encontrada habitualmente na fotografia de imprensa e na publicidade, continua Barthes. Já a função de *relé* é mais rara, ao menos no que se refere à imagem fixa, não em movimento. Encontra-se sobretudo nos desenhos animados e nos quadrinhos. Nesta função, a palavra (e mais frequentemente um pedaço de diálogo) e a imagem estão em uma relação complementar.

A função de *relé* para Barthes, explica Joly (2009), se manifesta quando a mensagem linguística vem suprir as carências expressivas da imagem. Em efeito, apesar da riqueza expressiva e comunicativa de uma mensagem puramente visual, existem coisas que não podem ser ditas sem o recurso do verbal, como, por exemplo, indicações precisas de locais ou de tempo, indicações de duração, os pensamentos ou as palavras de personagens.

As duas funções, a de *ancoragem* e a de *relé*, podem coexistir num mesmo *conjunto icônico*, nas palavras de Barthes, mas, ele pondera, a dominância de uma ou de outra não é certamente indiferente à economia geral da obra. Enquanto a palavra tem um valor diegético de *relé*, a informação é mais dispendiosa, porque ela necessita da apreensão de um código digital (a língua – *langue*). Enquanto ela tem um valor substitutivo (de ancoragem, de controle), é a imagem que detém a carga informativa, e, como a imagem é analógica (por semelhança), a informação (verbal) é, de certa forma, mais “preguiçosa”. (BARTHES, 1964, p.45).

As formulações de Barthes sobre as funções do que ele denominou de *mensagem linguística* são interessantes, entretanto logo se pode perceber que nem sempre é possível fazer uma separação clara do efeito discursivo da relação entre os elementos verbais e não-verbais entre estas duas funções. Considerar que a função de *ancoragem* é derivada da função denotativa, de estabilização de um sentido frente à cadeia flutuante de sentidos que existe em uma imagem, é talvez pouco flexível para análise de diversas implicações discursivas que a relação entre as palavras e as imagens proporciona. Os elementos verbais, em determinados casos, antes de estabilizar o sentido de elementos não-verbais, acabam por o *desestabilizar*. Este é um dos pontos centrais desta tese e será desenvolvida adiante.

Se Barthes (1964) e Joly (2009) partem de suas formulações a partir do estudo de peças publicitárias, o foco da presente pesquisa recai na produção jornalística. E em seu ajuste serão apresentadas outras formulações específicas a este campo aqui estudado.

José Pedro de Sousa é categórico ao afirmar “não existe fotojornalismo sem texto” (SOUSA, 2004, p. 76), e o pesquisador destaca algumas das funções principais que, para ele,

---

élucidation est sélective ; il s’agit d’un méta-langage appliqué non à la totalité du message iconique, mais seulement à certains de ses signes [...].”

os elementos verbais assumem frente às imagens numa composição fotojornalística, a saber:

- . **Chamar a atenção** para a fotografia ou para alguns dos seus elementos (o texto pode, em certas circunstâncias, ser redundante em relação à imagem);
- . **Complementar** informativamente a fotografia, inclusivamente devido à incapacidade que a imagem possui de mostrar conceitos abstratos;
- . **Ancorar** o significado da fotografia (**denotar** a foto), direcionando o leitor para aquilo que a fotografia representa;
- . **Conotar** a fotografia, abrindo o leque de significações possíveis; orientar o leitor para os significados que se pretendem atribuir à fotografia;
- . **Analisar, Interpretar e/ou comentar** a fotografia e/ou seu conteúdo (SOUSA, 2004, pp. 76-77, grifos no original).

No verbete *legenda* do Manual de Redação do jornal *Folha de S. Paulo* existe a seguinte definição:

Recurso essencial de edição. A legenda não é colocada sob a foto apenas para descrevê-la, embora não possa deixar de cumprir essa função. Por ser um dos primeiros elementos da página que atraem o leitor, merece tanto cuidado quanto os títulos. Deve ser atraente e conquistar a atenção. A boa legenda também esclarece qualquer dúvida que a foto possa suscitar. Deve salientar todo aspecto relevante e dar informação adicional sobre o contexto em que a foto foi tirada. Não deve simplesmente descrever aquilo que qualquer leitor pode ver por si só. A legenda fotográfica deve atender à curiosidade do leitor, que deseja saber o que ou quem aparece na foto, o que está fazendo, onde está. Sempre que for cabível, deve usar o verbo no presente (o presente do momento em que a foto foi tirada) (FOLHA DE S.PAULO, 2010, p. 78).

Tanto as principais funções elencadas por Sousa quanto a definição de “legenda” dada pelo manual de redação parecem estar em consonância. Desde a necessidade de chamar a atenção do leitor, a possibilidade de complementar informações não presentes na fotografia (a função de relé para Barthes), até mesmo a ancoragem dos elementos visuais e sua contextualização são prescrições presentes no referido manual. Também a função descrita por Sousa de *analisar, interpretar e/ou comentar* está contida no verbete quando este orienta que uma legenda deve “salientar todo aspecto relevante e dar informação adicional sobre o contexto que a foto foi tirada”.

Entretanto, por mais que a função de um manual de redação seja a de dar orientações gerais sobre a prática jornalística àquele que o consulta, a relação entre elementos verbais e não-verbais presentes nas páginas de um jornal impresso produzem efeitos discursivos diversos, uma vez tomando sua composição verbo-visual.

Uma primeira característica que cabe ao elemento verbal na relação com os demais elementos não-verbais, principalmente com as fotografias na imprensa impressa, é a de

contextualizar as imagens. Entretanto, a contextualização pode acarretar, por sua vez, alterações de sentido do enunciado não-verbal. Assim, as orientações e prescrições contidas tanto no Manual de Redação quanto aquelas elencadas por Sousa (2004) são um tanto quanto redutoras e limitantes do processo de compreensão de toda a potencialidade de produção de sentidos existente na relação entre textos e fotografias.

Gisèle Freund (1974) relata alguns casos bastante emblemáticos dessa relação entre elementos verbais e não-verbais muitas vezes conflitantes e até mesmo contraditórias. E afirma, contundentemente: “a objetividade de uma imagem não é mais do que uma ilusão. As legendas que a comentam podem mudar-lhe a significação completamente” (FREUND, 1974, p. 155, tradução própria)<sup>26</sup>.

O primeiro relato da referida autora é sobre uma série de fotografias que ela mesma fez durante um dia na Bolsa de Valores de Paris, ainda nos anos anteriores à Segunda Guerra Mundial, tendo como personagem um agente de negociação que fora ora fotografado sorridente, ora com um semblante mais agoniado, além de diversas poses gesticulando. Essa série foi distribuída para revistas e jornais sob o título anódino dado por ela de “Instantes da Bolsa de Paris”. Algum tempo depois, a fotógrafa recebeu uma edição de um jornal belga que havia utilizado algumas de suas fotografias para ilustrar uma reportagem cuja manchete era “Alta na Bolsa de Paris, as ações atingem preços fabulosos”. Gisèle Freund assim escreve sua reação “graças aos subtítulos engenhosos, minha inocente pequena reportagem ganhou o sentido de um acontecimento financeiro” (FREUND, 1974, p. 154, tradução própria)<sup>27</sup>.

Entretanto, continua ela, alguns dias mais tarde ela encontra suas mesmas fotos em um jornal alemão sob o título, desta vez, de: “Pânico na Bolsa de Paris, fortunas dilapidadas e milhares de pessoas arruinadas”. E suas fotos ilustravam perfeitamente o desespero do vendedor de ações e a angústia do especulador que estava prestes a se arruinar. E conclui ela: “estava evidente que cada publicação havia dado às minhas fotos um sentido diametralmente oposto, correspondente às suas intenções políticas” (FREUND, 1974, p. 155, tradução própria)<sup>28</sup>.

Outro relato trazido por Freund (1974, 1983) diz respeito à publicação de dezembro de 1956 do jornal semanário *L'Express*, que trazia em suas páginas uma série duplicada de

---

<sup>26</sup> No original: “L’objectivité de l’image n’est pas qu’une illusion. Les légendes qui la commentent peuvent en changer la signification du tout au tout.”

<sup>27</sup> No original: “Grâce aux sous-titres ingénieux, mon innocent petit reportage prenait le sens d’un événement financier.”

<sup>28</sup> No original: “Il était évident que chaque publication avait donné à mes photos un sens diamétralement opposé, correspondant à ses intentions politiques.”

fotografias tiradas durante o levante que acontecera na Hungria entre outubro e novembro daquele ano.

Sob o título de “Informação ou propaganda”, a redação trabalhou sobre os mesmos documentos fotográficos de forma a mudar os comentários que os acompanhavam. Tratava-se de mostrar como as diversas televisões governamentais poderiam ter utilizado as mesmas imagens para dar aos acontecimentos registrados fotograficamente as versões contraditórias, mas aparentemente verídicas.

Sob uma foto de um tanque russo em uma rua, a primeira legenda: “Desprezando o direito dos povos de disporem de si mesmos, o governo soviético enviou divisões blindadas à Budapeste para reprimir o levante” A segunda legenda sob a mesma foto: “O povo húngaro pediu ajuda ao povo soviético. Blindados russos foram enviados para proteger os trabalhadores e reestabelecer a ordem”.

Já sob uma foto de Janos Kadar, político húngaro que foi colocado no poder pelos soviéticos após o levante, a primeira legenda dizia: “Sob a proteção dos tanques russos, o estalinista Janos Kadar formou um novo governo e instaurou um regime de terror policial”. Já a segunda legenda, sob a mesma foto: “Mas graças às medidas enérgicas tomadas pelo novo governo formado por Janos Kadar, sustentado pela população unânime, a revolta foi sufocada”.

Numa outra foto apareciam dois jovens húngaros, e na primeira legenda lia-se “apesar da repressão sangrenta das tropas soviéticas, a juventude húngara continua a luta aos gritos de: ‘antes a morte que a escravidão’”. Já na segunda: “apesar dos apelos do governo, os contra-revolucionários fanáticos recusaram depor armas e perseguiram uma luta sem esperança.”

Embora estes relatos sejam uma ficção produzida por um jornal para mostrar a possibilidade de descontextualização das imagens fotográficas (dando a elas sentidos até mesmo antagônicos) como forma de alertar seu público leitor sobre essa capacidade manipulatória que a relação entre o verbal e o não-verbal permite, casos reais presentes na história da imprensa mundial desse tipo de ocorrência não são raridade.

Em setembro 1967, o jornal *Stern* da então Alemanha Ocidental, publicou uma matéria sob o título de “Os mercenários e seu paraíso” ilustrado com fotografias tiradas em sua maioria pelo fotógrafo Paul Ribeu na região da cidade de Bukavu, atual República Democrática do Congo. Algumas semanas mais tarde, o semanário *Jeune Afrique*, editado em Paris, reproduziu alguns extratos dessa primeira matéria, assim como uma fotografia na qual

se via dois africanos presos e suspensos em uma árvore pelos braços. Entretanto, para a mesma foto, os leitores do jornal alemão leram a legenda “os soldados do exército nacional congolês fizeram prisioneiros esses combatentes katangueses e os penduraram na árvore: eles deveriam morrer de fome. Os mercenários brancos de Schramme salvaram suas vidas”. Já os leitores do *Jeune Afrique*, leram: “soldados do exército nacional congolês prisioneiros dos mercenários”.

Porém, no mês de outubro daquele ano de 1967, o jornal francês *Le Monde* publica uma carta assinada por Paul Ribeau, fotógrafo daquelas fotos, intitulado “A verdade sobre uma foto controversa”. Nela, o autor da fotografia explica que os homens pendurados na árvore não eram nem soldados congolezes, nem combatentes katangueses. Tratava-se de dois civis que foram acusados de serem colaboradores de mercenários e que foram presos e torturados pelo exército nacional congolês, depois soltos pelo retorno imprevisto dos mercenários. E afirma ainda que ele não era o autor das legendas e dos textos que acompanhavam suas próprias fotos (FREUND, 1974).

Até mesmo o renomado fotógrafo francês Robert Doisneau também se viu em uma situação na qual uma fotografia sua acabou por ter seu sentido completamente transformado. Quando estava em um bistrô parisiense, viu uma jovem moça no balcão tomando um copo de vinho sendo olhada por um senhor ao seu lado. Pedindo a autorização deles, os fotografa e entrega sua fotografia para a agência que então trabalhava. Duas semanas depois, ele recebe um telefonema daquele senhor – que era professor de desenho – questionando o aparecimento de sua foto publicada em um jornal contra o alcoolismo. Como se fosse pouco, a mesma foto apareceria tempos depois em outro jornal sensacionalista com o subtítulo de “prostituição no Champs-Élysées”<sup>29</sup>.

Situações como as relatadas continuam sendo frequentes. O fotógrafo contemporâneo alemão Michael Ende, em depoimento dado em evento realizado em São Paulo no ano de 2007 e presente na brochura organizada por Palma (2013), relata que:

Eu trabalho sob pressão das editoras, das agências, e não tenho influência sobre o que acontece com minhas imagens. Por exemplo, fui a Sinop lá no Mato Grosso e fiz uma matéria sobre extração de madeira na região e, mais tarde, outra sobre o garimpo de Peixoto de Azevedo. Descobri um voluntário, sobrevivente da II Guerra Mundial. Ele me contou a história da vila, pegou uma sanfona, contou a história da amante perdida na guerra.

---

<sup>29</sup> O referido senhor processou e ganhou a ação contra esse segundo jornal, uma vez que a foto havia sido retirada ilegalmente de um livro publicado por Doisneau sobre os bistrôs parisienses. Ao relatar esse caso, Freund (1983) faz uma discussão sobre os limites éticos do uso da imagem assim como sobre a questão dos direitos autorais dos fotógrafos e respectivas responsabilidades legais.

Uma foto realmente emocionante. Eu mandei estas duas matérias para a revista *Experience* e a foto do combatente saiu com a legenda: “Garimpeiro empobrecido em Peixoto de Azevedo” (2013, p. 38-39).

E sob esta perspectiva que podemos entender a afirmação de Freund quando diz que: “eu queria assim dizer que os fotógrafos fazem as fotos, eles têm alguma coisa em sua mente, eles não são autômatos, e cada fotógrafo vê as coisas diferentemente. Mas nós dependemos da grande imprensa” (1983, p. 174, tradução própria)<sup>30</sup>.

Mas esse problema tampouco é novo. Quando foi fundada a agência de fotografia *Magnum*, em 1947, por Cartier-Bresson, David Chim Seymour, George Rodger e Robert Capa, seus criadores estipularam como premissas para a veiculação de suas fotografias que elas fossem acompanhadas por legendas produzidas pelos próprios fotógrafos, assim como a proibição de cortes ou outras alterações nas imagens produzidas por eles (AVANCINI, 2011). Entretanto, o prestígio da referida agência permitia essas imposições, o que as configuram mais como uma exceção do que uma regra na realização cotidiana do fotojornalismo.

O intuito de trazer esses relatos não é o de fomentar o necessário e pertinente debate ético sobre a utilização de imagens e a transformação de seu sentido, proposital ou não, quando publicadas em determinados contextos editoriais; mas sim o de apontar as flutuações de sentidos existente na relação entre elementos verbais e não-verbais.

A teoria da objetividade da imagem fotográfica pressupõe que a imagem fotográfica deve funcionar, ao menos dentro de certas práticas, como uma prova irrefutável daquilo que está sendo informado pelo jornalista. Entretanto, como afirma Maria Giulia Dondero ao também citar os relatos de Gisèle Freund, “esta afirmação é contradita por inúmeros exemplos” (DONDERO, 2011, p.88, tradução própria)<sup>31</sup>, e continua afirmando que “as diferentes interpretações das quais é passível a imagem são devidas não somente à atividade de juízo do intérprete, mas também à inserção de didascálias” (DONDERO, 2011, p.88-89, tradução própria)<sup>32</sup>.

A palavra *didascália* é sinônimo de rubrica teatral, ou seja, é o conjunto de instruções que o autor de uma peça de teatro coloca em seu texto como forma de orientação dos atores em cena, assim como contextualizações do que está sendo encenado e demais informações

---

<sup>30</sup> No original: “Je voudrais aussi dire que les photographes font des photos, ils ont aussi quelque chose dans leur tête, ils ne sont pas des automates, et chaque photographe voit les choses différemment. Mais nous dépendons de la grande presse.”

<sup>31</sup> No original: “Cette affirmation est contredite par de nombreux exemples.”

<sup>32</sup> No original: “Les différentes interprétations dont est passible l’image sont dues non seulement à l’activité judicatrice de l’interprète, mais aussi à l’insertion de didascalies.”

não presentes no texto da peça mas que são necessárias para sua compreensão em consonância com o desejo de seu autor.

Dondero, portanto, deixa claro que a relação entre o verbal e o não-verbal orienta as possibilidades de interpretações de uma fotografia e vice-versa. Uma imagem, por sua vez, também possui a capacidade de orientar a interpretação de um texto. É por isso que, ao se analisar o plano verbo-visual da enunciação, há de se ter certa precaução sobre a criação de qualquer tipo de hierarquia, ou seja, a de classificar um dos elementos (o verbal ou o visual) como acessório, pois isso implica conferir determinada preponderância de sentido a um deles. O que é acessório não é o principal.

Entretanto, por mais que pareça óbvia a interferência de sentidos entre o verbal e o não-verbal, existe ainda no fotojornalismo (menos na sua esfera de produção e mais na de recepção) uma tradição de compreender a fotografia como o registro do real:

A crença do leitor na adequação entre a referência realizada pela narrativa jornalística e a retomada indiciária da imagem não é apenas devida a uma boa estratégia retórica do relato, mas a uma norma constitutiva do testemunho que deseja que se identifique o dito com o mostrado: a veracidade intrínseca do dito é postulado pelo acompanhamento da imagem fotográfica. É como se o discurso jornalístico delegasse ao estatuto indiciário da imagem fotográfica e ao saber do dispositivo toda a responsabilidade ética. Mas, reciprocamente, uma fotografia se torna uma testemunha unicamente se ela está inserida dentro de uma estratégia comunicacional precisa: uma imagem amputada de sua narrativa verbal se torna altamente precária e pode, assim, por exemplo, ser valorizada por outras qualidades entre as quais as formais se ela assumir um estatuto artístico (DONDERO, 2011, p. 89, tradução própria)<sup>33</sup>.

Se para os estudos que se inserem na tradição da Análise do Discurso a compreensão de que a linguagem verbal seria transparente já foi superada há pelo menos 60 anos (se considerados os estudos do denominado Círculo de Bakhtin essa desmistificação já beira praticamente um século), o caráter de objetividade da fotografia foi colocado em cheque somente em debates mais recentes. A expressão “uma imagem vale mais do que mil palavras” ainda ecoa com certa recorrência, e o caráter de “objetividade” da fotografia, como apreensão

---

<sup>33</sup> No original: “La croyance du lecteur en l’adéquation entre référence réalisée par le récit journalistique et renvoi indiciel de l’image n’est pas seulement due à une bonne stratégie rhétorique du récit, mais à une norme constitutive du témoignage qui veut qu’on identifie le dit avec le montré: la véridicité intrinsèque du dit est postulée par l’accompagnement de l’image photographique. C’est comme si le discours journalistique délèguait au statut indiciel de l’image photographique et au savoir du dispositif toute responsabilité éthique. Mais, réciproquement, une photographie devient un témoignage uniquement si elle est insérée dans une stratégie communicationnelle précise : une image amputée de son récit verbal redevient hautement précaire et peut alors par exemple être valorisée pour d’autres qualités entre autres formelles si elle assume un statut artistique.”

do real, continua possuindo peso significativo e presta-se a estratégias argumentativas específicas na produção discursiva contemporânea.

Mesmo que dentro estudos da Análise do Discurso a impossibilidade da objetividade da linguagem verbal é uma discussão superada, na esfera jornalística a busca pela objetividade no relato na notícia ainda se encontra como prescrição da prática do profissional da área. Em pesquisa anterior, já foi possível demonstrar como que o *gênero jornalístico informativo* (VIANNA, 2014) ainda se orienta na sua constituição pela busca da objetividade, mesmo que incorrendo em uma determinada simulação discursiva, ou em uma *objetividade aparente*, para usar o conceito de Barros Filho (2001).

Retomando o foco da presente parte deste capítulo, se os exemplos relatados por Freund e por Ende mostram como a relação entre o verbal e o não-verbal pode alterar completamente os sentidos destes últimos, é importante frisar que as influências entre estes dois elementos produzem sentidos além do de negação ou conflito, que poderiam ser interpretados como uma simples descontextualização ou uma mera manipulação. Se assim fosse, seria necessário acreditar na existência de um sentido primeiro e verdadeiro da fotografia, o que, para estudiosos do discurso, soa como ingenuidade. Se a fotografia for tomada como parte de um único enunciado concreto – abordagem teórico-metodológica aqui empregada e que será explicada no capítulo 2.1 – seu sentido estará sendo produzido pelas relações dialógicas que estabelece, dentro de sua esfera de produção, circulação e recepção, incluindo aí também as relações com as demais partes (verbais) deste mesmo enunciado, que serão entendidas como desdobramentos metaenunciativos.

Como desfecho deste breve levantamento sobre a relação entre as imagens e as palavras, uma citação de Michel Foucault apresenta um instigante questionamento que aponta para toda a complexidade existente nessas relações. Comentando sobre os títulos das telas do pintor René Magritte, Foucault dirá:

Magritte nomeia seus quadros (um pouco ao modo da mão anônima que designou o cachimbo através do enunciado “Isto não é um cachimbo”) para impor respeito às denominações. E, entretanto, nesse espaço quebrado e à deriva, estranhas relações se tecem, intrusões se produzem, bruscas invasões destrutoras, quedas de imagens em meio às palavras, fulgores verbais que atravessam os desenhos e fazem-no voar em pedaços (2008, p. 47-48).

As relações entre elementos verbais e não-verbais podem, portanto, estabilizar ou desestabilizar, clarificar ou opacificar, construir ou desconstruir sentidos. É nessa potencialidade de significação que esta pesquisa se insere a fim de identificar uma forma

particular deste tipo de relação que pode ser compreendida como sendo a manifestação das *aspas verbo-visuais*.

Para dar sequência à trajetória analítica aqui desenvolvida, o capítulo seguinte da tese será destinado à compreensão do jornal como uma *instância de enunciação complexa*, entendimento pertinente para apontar o funcionamento da produção enunciativo-discursiva da qual derivam os enunciados concretos que serão analisados perseguindo a hipótese postulada. Assim, por um momento, há um afastamento da construção da trajetória histórica da presença das imagens no jornalismo impresso para focar na análise da produção discursiva dessa esfera, e assim poder se aproximar do objeto aqui estudado.

## Capítulo 2: O jornal como instância de enunciação complexa: o *superenunciador*

Este momento da tese busca analisar o funcionamento da produção enunciativo-discursiva dos jornais impressos (por jornais impressos também podem ser entendidas as revistas impressas que têm por foco a produção do gênero jornalístico informativo), a fim de delimitar a esfera de produção na qual se manifesta o fenômeno enunciativo-discursivo foco de análise deste trabalho.

Como base para tal delimitação, a noção de *instâncias de enunciação complexas* desenvolvida por Dominique Maingueneau (2008) será pertinente, uma vez que, por meio desta, poderá ser compreendida a dinâmica de produção de enunciados dentro da esfera do jornalismo impresso por meio da articulação de diversos agentes enunciativos que, isoladamente, não podem ser considerados o enunciador do enunciado produzido. O que aqui buscará se demonstrar é o entendimento do jornal (ou da revista) como um *superenunciador*.

Até o momento, entretanto, não há uma formulação exaustiva sobre a presente noção desenvolvida, e Maingueneau alerta para seu caráter embrionário ao dizer:

Essa problemática do hiperenunciador se inscreve numa perspectiva mais ampla, que ainda não foi objeto de um tratamento de conjunto na análise do discurso, a das instâncias de enunciação que, na ausência de melhor, poder-se-ia dizer por simples comodidade “complexas” (2008, p. 109).

A necessidade de se formular sobre as instâncias de enunciação complexas deriva, como afirma, da existência de textos que são objeto de uma elaboração coletiva e da relação que se estabelece entre os sujeitos que cooperam e a maneira pela qual o produto final pensa sua própria produção. Ele cita como exemplo o texto publicitário, cuja responsabilidade recai sobre um locutor individuado, a marca; porém, sabe-se que esse texto foi produzido por uma agência de publicidade cuja assinatura é extremamente discreta ou até mesmo inexistente.

O mesmo autor cita como exemplo também diversas produções discursivas que emanam de aparelhos (como a ONU, os sindicatos, as associações esportivas, etc.) nas quais “o texto, atribuído a um enunciador institucional, resulta de uma negociação entre diferentes atores cujo nome figura no documento” (MAINGUENEAU, 2008, p.110).

No que se refere à imprensa impressa, que é o foco que interessa a esta tese, Maingueneau lembra que o regime de autoridade presente nela está longe de ser simples:

“cada artigo tem um autor singular, mas a instância que é o jornal transcende essa multiplicidade que encontra o meio de se encarnar no comitê de redação e em seu diretor.” (2008, p.110-111). É por isso, continua ele, que é possível identificar um tom específico em jornais que pode refletir um determinado posicionamento político, mais progressista ou mais conservador etc.

Maingueneau aponta a dificuldade de se classificarem essas instâncias de enunciação complexa. Ele chega a mencionar algumas possíveis classificações, como a de *metaenunciador* (o jornal em relação a cada artigo, assinado, que ele contém, segundo ele) em oposição a um *interenunciador* (resultante de uma negociação de diversos pontos de vista, etc.). Levanta a questão ainda sobre as particularidades de uma negociação entre pontos de vista convergentes e entre a negociação que origina um compromisso entre pontos de vista divergentes (como exemplo se refere às moções políticas redigidas por representantes de correntes políticas distintas) aponta para a necessidade de se compreender se se trata de um grupo com fins ideológicos, que deve marcar uma posição em um campo, ou de um grupo com fins práticos, que busca apenas fazer funcionar um aparelho, etc. E completa:

Podem-se sempre multiplicar os rótulos para distinguir esses variados casos de figura (metaenunciador, multienunciador, pluri-enunciador, superenunciador etc.), mas de pronto seria necessário resolver o problema de saber se é possível ou não selecionar categorias de base que, combinando-se, permitiriam explicar a diversidade dos gêneros de discurso atestados. Se tais categorias não existissem, seria necessário renunciar a toda terminologia de alcance global (2008, p.111).

Não se assume nesta pesquisa o projeto de resolver o problema levantado por Maingueneau, o de selecionar as categorias de base que sustentariam o alcance global da terminologia proposta. O objetivo aqui é o de buscar compreender o jornal impresso como uma instância de enunciação complexa que, devido ao funcionamento da produção de seus enunciados e da cenografia<sup>34</sup> construída, possibilita o surgimento de um *superenunciador*. Superenunciador que é individualizado discursivamente mas que, por sua vez, é resultado de uma negociação – não horizontal, já que hierarquizada – entre diversos agentes enunciativos.

---

<sup>34</sup> Como afirmam Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 96), a cenografia não é imposta pelo tipo ou pelo gênero do discurso, mas instituída pelo próprio discurso. Um discurso impõe sua cenografia de imediato: mas, por outro lado, a enunciação, em seu desenvolvimento, esforça-se para justificar seu próprio dispositivo de fala. Tem-se, portanto, um processo em *espiral*: na sua emergência, a fala implica uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por meio da própria enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual vem a fala é, precisamente, a cenografia necessária para contar uma história, denunciar uma injustiça, apresentar sua candidatura em uma eleição etc.

A opção por caracterizar o jornal como *superenunciador* deriva, como será mostrado na sequência, pela razão de que por meio da construção do gênero jornalístico informativo e da cenografia construída pelo jornal há o apagamento das marcas enunciativas que remetem aos sujeitos enunciadores (e, portanto, marcariam também sua subjetividade) para dar possibilidade de surgimento do sujeito institucional que enuncia – o *jornal* – que é discursivamente o fiador e o responsável pelo enunciado, legitimando-o socialmente.

De forma sintética, é possível buscar uma compreensão abrangente de *instância de enunciação complexa* como sendo uma instância de produção de enunciado cujo funcionamento depende da negociação<sup>35</sup> ou intervenção de diversos agentes enunciativos e cujo enunciado produzido não é atribuído a esses agentes isoladamente mais sim a uma instância enunciativa transcendente, corporificada discursivamente, que se torna sua fiadora e o legitima socialmente.

Como já mencionado, Maingueneau chega a denominar de *metaenunciador* o jornal impresso em relação aos artigos assinados que contêm, pois esses artigos continuam tendo suas respectivas autorias marcadas, e caberia somente ao jornal se apresentar, discursivamente, como um enunciador desses enunciados de outros – por isso a designação de *metaenunciador*. Por esta perspectiva, o jornal é considerado como um suporte no qual diversos enunciados de autorias marcadas e distintas são postos em circulação, porém não se vincula a eles como autor.

Entretanto, o que se procura analisar aqui não é exatamente essa dinâmica como explicitada pelo pesquisador francês, mas sim a construção de um único enunciador que se torna responsável pelo conjunto de enunciados noticiosos do jornal impresso, conjunto esse

---

<sup>35</sup> No verbete escrito por Catherine Kerbrat-Orecchioni para o dicionário de análise do discurso organizado por Maingueneau e Charaudeau (2008, p. 345-346), lê-se na descrição do verbete “negociação”: fala-se de negociações conversacionais para designar qualquer processo interacional mais ou menos local, suscetível de aparecer, desde o instante em que uma discordância surge entre os interactantes, concernindo esse ou aquele aspecto do funcionamento da interação, e tendo por finalidade suprimir esta discordância. Essas negociações podem ser encontradas em todos os tipos de contextos e dizem respeito a todos os tipos de objetos – entre eles os ingredientes que compõem o próprio tema da conversação e que são todos, de alguma forma, negociáveis: o “script” geral da troca, a alternância dos turnos de fala, os temas tratados, os signos manipulados, o valor semântico e pragmático dos enunciados trocados, as opiniões expressas, o momento do fechamento, as identidades mútuas, a relação interpessoal, etc. A noção de negociação é central para a análise das conversações, consideradas como construções coletivas, que supõem o estabelecimento, entre os participantes, de um certo número de acordos sobre as regras do “jogo de linguagem” em que eles se encontram. Entretanto, esses acordos não são sempre dados de uma só vez, e é somente ao preço de uma bricolagem interativa incessante que os interactantes chegam a construir juntos um “texto” um tanto quanto coerente, pois o funcionamento das conversações repousa sobre regras imprecisas e normas flutuantes. Essa imprecisão das regras torna as negociações necessárias, mas poder-se-ia dizer também: “esta imprecisão é necessária para permitir as negociações, isto é, a adaptação tateante ao outro e às particularidades de seu universo cognitivo e afetivo – para permitir, em uma palavra, a *intersubjetividade*” (KERBRAT-ORECCHIONI, apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 346).

que é resultado da intervenção de diversos agentes enunciativos cuja autoria não se mostra e não se explicita. E é a esse enunciador que aqui está sendo denominado de *superenunciador*, e é a ele que – como se pretende demonstrar – recai a autoria. Não se trata do jornal como um todo – incluindo os artigos assinados, as charges de autoria marcada, etc. (tomado como esse todo, seria o *metaenunciador* pela definição já dada por Maingueneau) – mas sim de todo o produto enunciativo de responsabilidade da Redação do jornal (jornalistas, editores, diagramadores, fotógrafos, redatores, etc.), dos enunciados produzidos por ela.

A Redação de um grande jornal impresso é formada por diversos profissionais organizados conforme clara divisão de trabalho e também com postos hierarquizados e distribuição de tarefas. Para além de uma questão meramente gerencial, é dessa complexa organização que se origina o produto final de um jornal, a saber, a notícia, da forma como é apresentada aos seus consumidores.

Clóvis Rossi (1988), jornalista brasileiro, apresenta alguns desses mecanismos na produção da notícia, aos quais chama de “filtros”. Como exemplos desses filtros, ele menciona o *copidesque* como sendo o primeiro (antiga designação para o trabalho que hoje se assemelha ao do *redator*) que tem por função redigir o texto final de uma notícia a partir de informações de repórteres ou de agência de notícias, guiado pela padronização estilística de cada jornal.

Ao *editor* de uma seção cabe a responsabilidade por outras intervenções, ainda segundo o jornalista citado, que correspondem ao enfoque de determinada matéria e/ou notícia, o tamanho que ela terá na composição da página do jornal – sua relevância, a sugestão ou mesmo a feitura do título ou de outros destaques textuais que compõem o projeto gráfico de determinado jornal. O manual da *Folha de S.Paulo* afirma que “título, subtítulos e lides<sup>36</sup> atraentes e fortes são preocupações permanentes do editor” (FOLHA DE S.PAULO, 2010, p. 36).

Clóvis Rossi (1988) menciona também o papel de filtragem que se origina da instância superior, a do editor:

Acima dos editores há a cúpula da Redação, que influi decisivamente em todo o processo, desde a pauta até a edição final. O homem-chave, na cúpula, é o secretário de Redação, espécie de alma e coração de um jornal, que, mais recentemente, ganhou uma designação mais sofisticada: Editor-

---

<sup>36</sup> *Lead* ou *lide*: concentração das informações principais no primeiro parágrafo da notícia, respondendo às questões quem fez o quê, como, onde, quando e por quê, basicamente.

Chefe. Além da supervisão geral de todo o noticiário, o secretário decide a “cara” do jornal, ou seja, a primeira página (1988, p. 44).

É fundamental ainda ser mencionado o papel tanto do *fotógrafo* e do *diagramador*, quanto o do *editor de fotografia* ou mesmo o do *editor de arte*. Como lembra Brait (2008), o jornal impresso apresenta um plano de expressão com características particulares, diferenciadas tanto do discurso oral, quanto do escrito ou do puramente visual. Segundo a pesquisadora, tanto a linguagem verbal quanto a visual são acionadas de forma a provocar a interpenetração e conseqüentemente a atuação conjunta: “isso pode ser constatado na organização dos cadernos e das páginas, na diversidade de tipos e tamanhos das letras utilizadas, nas mais diferentes combinações envolvendo texto-foto, foto-legenda, texto-ilustração” (BRAIT, 2008, p. 84).

É a isso que se pode denominar de dimensão verbo-visual da página de um jornal, uma vez que a produção de sentido não se ancora somente na sequência textual, ou somente em uma fotografia ou imagem: é na articulação desses elementos que o sentido é produzido. “Esses elementos, somados a vários outros, caracterizam estratégias discursivas e textuais que, construídas e constituídas ao longo da história do jornal impresso, obrigam o analista a pensar em determinadas questões de significação também a partir dessas particularidades” (BRAIT, 2008, p. 84).

A dimensão verbo-visual do jornal será retomada na parte seguinte do presente capítulo, quando será demonstrada a pertinência de se tomar um conjunto noticioso como sendo um enunciado concreto, conceito este advindo das formulações do Círculo de Bakhtin.

O conjunto noticioso, portanto, é fruto da intervenção enunciativo-discursiva de diversos agentes, que se apresenta como um conjunto coeso discursivamente, incluindo a sua dimensão verbo-visual. Dessa forma, atribuir a autoria de uma notícia a um determinado jornalista que a assina – lembramos que falamos do gênero notícia impressa – torna-se uma simplificação, pois não leva em consideração todo o real processo de sua elaboração textual-discursiva e sua dimensão verbo-visual de enunciado concreto.

Maingueneau, em nova edição revista e ampliada de sua obra *Analyser les textes de communication* (2012), afirma que “[...] já se faz necessário atentar à distinção que foi feita entre o/os *produtor(es)* de um texto, isto é, os indivíduos que o elaboraram, e o **autor**, isto é, a instância que se apresenta como seu responsável” (MAINGUENEAU, 2012, p. 150, grifos no original, tradução própria)<sup>37</sup>. Com isso, ele aponta a necessidade de compreender melhor a

---

<sup>37</sup> No original: “[...] Il faut déjà donner tout son poids à la distinction qui a été faite entre le ou les *producteur(s)* d’un texte, c’est-à-dire les individus qui l’ont élaboré, et l’**auteur**, c’est-à-dire l’instance qui est présenté comme

questão da autoria quando estudado o tipo de gênero do discurso presente na imprensa, uma vez que há a intervenção de diversos agentes enunciativos como já apontado aqui.

Ainda nesta nova versão da referida obra, na parte *O responsável do texto*, o pesquisador francês avança na definição de *metaenunciador*, *interenunciador* e *arquienunciador*, porém afirma que apenas introduz alguns termos dentro de uma pluralidade de casos possíveis em se tratando de autoralidade.

Sobre o *metaenunciador*, ele diz que se estabelece, por exemplo, pela relação entre o autor de um artigo de jornal e o jornal como instância de nível superior. O jornal é o metaenunciador pois possibilita a reunião, a conjunção desses artigos que são complementares para formar um todo. E, afirma ainda, que é a esse metaenunciador que se pode atribuir um *ethos*<sup>38</sup> específico, lembrando que este *ethos* não é repartido igualmente entre os diferentes artigos que compõem o jornal: as palavras cruzadas e a meteorologia são muito menos marcadas que o editorial, cita como exemplo. Ademais, lembra que o *ethos* não se trata somente de um caso de linguagem verbal: ele se manifesta também pela diagramação, as escolhas de fotos, de cores, etc. (MAINGUENEAU, 2012).

Se o *metaenunciador* se estabelece na relação de diversos textos de diversos autores com a instância superior que é o jornal, sendo seu *ethos* forjado também por essa relação; o *superenunciador*, como aqui está sendo proposto, se constrói no apagamento das interferências dos agentes enunciativos em favor de uma instância enunciativa mais ampla e mais influente na esfera discursiva a que pertence. O *superenunciador*, portanto, não se estabelece pela *relação*, mas emerge constitutivamente do enunciado notícia impressa, da cenografia que ele engendra, e, mais, é compreendido como o fiador, como o responsável discursivamente dos enunciados produzido por diversos agentes enunciativos e, ainda, possui uma circulação privilegiada na esfera social a qual se insere, a saber, a esfera jornalística.

Se o conceito de *metaenunciador* é satisfatório para entender o jornal como uma espécie de suporte para diversos enunciados de diversos autores, mesmo que esse suporte adquira algum grau de coesão discursiva que se manifesta em seu *ethos* próprio, ele não abrange uma particularidade nuclear da imprensa que é o processo enunciativo dos enunciados de responsabilidade do próprio jornal, ou, simplificada, do produto enunciativo derivado da Redação. É aqui que reside a pertinência da designação dessa

---

son responsable”.

<sup>38</sup> “Termo emprestado da retórica antiga, o *ethos* [...] designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso, em que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 220)

instância de enunciação complexa que é a Redação do jornal como um *superenunciador*, não somente um *metaenunciador*.

Uma das características do gênero jornalístico informativo é o de orientar-se pela *objetividade aparente*: mesmo assumindo a impossibilidade da objetividade ideal, uma vez que a linguagem não é transparente e toda a produção jornalística passa por filtros subjetivos, o gênero jornalístico informativo baseia-se no efeito de objetividade que o legitima socialmente.

Essa tensão entre a impossibilidade da objetividade e a pretensão de ser objetivo pode ser bem apreendida pela descrição que o manual de redação do jornal *Folha de S.Paulo* faz do verbete *objetividade*:

Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. Para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a forma, as circunstâncias e as repercussões, o jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse. Consultar outros jornalistas e pesquisar fatos análogos ocorridos no passado são procedimentos que ampliam a objetividade possível (FOLHA DE S.PAULO, 2010, p.46-47).

O pesquisador Barros Filho (2001) afirma que, apesar de a objetividade ser impossível, existe a construção de uma aparência de objetividade cujo efeito tem consequências em todo o sistema informativo. Esse é o núcleo do estilo do gênero jornalístico informativo, o de criar *a objetividade aparente*: “a objetividade aparente é característica do texto informativo, por sua estrutura, seu léxico, seus limites e também sua posição entre os demais produtos da mídia” (BARROS FILHO, 2001, p. 69).

No mesmo manual de redação, em que se fala da impossibilidade da objetividade, lê-se também que “a busca da objetividade jornalística e o distanciamento crítico são fundamentais para garantir a lucidez quanto ao fato e seus desdobramentos concretos” (FOLHA DE S.PAULO, 2010, p.22). Isso só demonstra que a objetividade jornalística, mesmo que impossível, é um valor a ser perseguido na busca de uma boa prática profissional e que ela está presente nas prescrições da atividade jornalística.

Mas como se dá a construção da *objetividade aparente*? Segundo Grillo (2004), que analisou também o manual da *Folha de S.Paulo*, esse estilo objetivo do jornalismo se constrói privilegiadamente sobre a proibição dos seguintes aspectos linguísticos: a primeira pessoa do

singular, determinados adjetivos e advérbios e a escolha de determinados verbos para introduzir declarações [...]” (2004, p. 87). No manual da *Folha de S.Paulo*, a parte denominada *padronização e estilo* trata justamente de padronização de grafias e, no que toca ao que se denomina de estilo, de inúmeras restrições, principalmente a aspectos linguísticos vinculados a marcas apreciativas, pois comprometeriam a objetividade pretendida.

O apagamento das marcas subjetivas que denunciariam explicitamente determinado posicionamento discursivo valorativo por parte do jornalista/jornal faz parte da estratégia do gênero jornalístico informativo de se mostrar objetivo, imparcial, apartidário etc. Isso também constrói o *efeito de transparência*, pelo qual “os fatos são colocados diante do leitor, de forma a camuflar a instância de produção jornalística que se legitima por sua transparência em relação aos fatos” (GRILLO, 2004, p. 235).

Nos enunciados de responsabilidade da Redação de determinado jornal, e que se enquadram no gênero jornalístico informativo, há o apagamento das marcas dos agentes enunciativos envolvidos (que, como visto anteriormente, são vários) por meio de uma padronização lexical, prescrições sintáticas e composição verbo-visual (projeto gráfico de determinado veículo, por exemplo). Nesses casos, mesmo quando há a assinatura do jornalista responsável pelo texto da notícia ou os créditos do fotógrafo, essas informações não transformam esses sujeitos em *autores* (com sua respectiva responsabilidade discursiva) do enunciado notícia, tomado em seu conjunto verbo-visual.

Nessas situações, e seguindo a perspectiva de Maingueneau apresentada no começo desta seção do capítulo, essas assinaturas estariam mais próximas de apresentar os *produtores* de determinado texto/foto (e mesmo assim, no caso do jornal, isso não é completamente verdadeiro, devido às edições) do que os *autores*, pois esses não se apresentam e nem são apreendidos pelos leitores como a instância responsável pelo enunciado. Esse enunciado é tomado como sendo da instância de enunciação complexa jornal, é tomado como de sua responsabilidade, e por isso o sintoma manifestado nas expressões corriqueiras como “A Folha de S. Paulo disse que...”, “O Globo denunciou ontem...”, “A revista Veja afirma...”. E nisso reside o aspecto no qual deve se estar atento para compreender o jornal como sendo um *superenunciador* e não somente um *metaenunciador*, como aponta Maingueneau.

Para avançar na caracterização proposta, primeiramente é necessário distinguir os enunciados que compõem o jornal impresso entre dois tipos: os que são produzidos pela instância de enunciação complexa que é o jornal e os que são produzidos por agentes enunciativos externos a essa instância; em outras palavras, enunciados que são produzidos

pela Redação e enunciados que não são produzidos pela Redação.

Essa distinção não se atém somente aos aspectos do produtor de determinado enunciado. No caso do jornal impresso, essa distinção também implica a distinção de responsabilidade discursiva frente ao enunciado produzido. Um artigo de opinião assinado, uma charge, uma crônica, críticas, uma coluna etc., têm sua autoralidade marcada e, conseqüentemente, sua responsabilidade atribuída a quem os assina – têm *autor*, pela perspectiva de Maingueneau. Já os enunciados pertencentes ao gênero jornalístico informativo (como as notícias, reportagens, notas, matérias, etc.) são produtos da intervenção de inúmeros agentes enunciativos e, mesmo quando o texto é assinado por um jornalista ou a foto tem o crédito do fotógrafo, sua responsabilidade discursiva recai sobre o jornal, uma vez é assim que o enunciado se apresenta e circula dentro da esfera jornalística.

Maingueneau afirma que “a autoralidade, com efeito, não está ligada de maneira definitiva a um texto, ela depende amplamente da maneira pela qual o texto circula e é reempregado” (MAINGUENEAU, 2012, p.118, tradução própria)<sup>39</sup>, e é justamente na diferença de percepção da responsabilidade enunciativa que recai a postulação do jornal como *superenunciador*: enquanto um artigo assinado por algum colunista tem sua responsabilidade e credibilidade junto à esfera discursiva que circula atribuídas a este colunista (por exemplo: o fulano de tal disse na sua coluna no jornal tal que...), os enunciados pertencentes ao gênero informativo jornalístico, diferentemente, têm sua responsabilidade e credibilidade atribuídas ao jornal pela esfera de recepção, independentemente de serem assinados ou não (o jornal tal disse que...). A assinatura, neste caso, não passa de mera vaidade de ofício do jornalista<sup>40</sup>.

É importante frisar que o apagamento das marcas dos diversos agentes enunciativos que produzem um enunciado pertencente ao gênero jornalístico informativo tem como função, para além de produzir a *objetividade aparente* ou o *efeito de transparência* característicos deste gênero, o de construir um enunciador que transcende a todos esses enunciadorees individualizados, transcendência esta que, conjuntamente com uma cenografia específica e detentora de um *ethos* específico, se instaura a posição de enunciador. Não é mais o jornalista X que assina a matéria, ou o diagramador Y que construiu a disposição verbo-visual da página, ou o editor Z que fez a manchete ou mesmo destacou determinados trechos verbais quem enuncia, mas quem passa a enunciar é *o jornal*, que também assume a responsabilidade

---

<sup>39</sup> No original: “L’auctorialité, en effet, n’est pas attachée de manière définitive à un texte, elle dépend largement de la manière dont le texte circule et est réemployé.”

<sup>40</sup> Não está em debate as implicações jurídicas sobre a assinatura do jornalista ou não, o que está em foco é a forma pela qual os enunciados são compreendidos discursivamente pela esfera de recepção na qual circulam.

discursiva, se tornando “a instância que é apresentada como seu responsável”<sup>41</sup>. (MAINGUENEAU, 2012, p.117). Eis aí a caracterização da instância de enunciação complexa que é o jornal como um *superenunciador*.

Mas por que *super*?

O jornal, dentro dessa dinâmica, ganha o estatuto de superenunciador porque o enunciado produzido por essa instância de enunciação complexa, cuja autorialidade recai sobre o jornal, ganha uma credibilidade junto à esfera que circula que não poderia ser obtida pelos agentes enunciativos que produziram esse mesmo enunciado caso enunciassem isoladamente, caso não pertencessem a essa instância.

É claro que esta credibilidade não é prerrogativa de qualquer jornal impresso, uma característica intrínseca dele. A credibilidade está vinculada ao estatuto que determinado jornal possui junto à sociedade; os que a possuem são denominados jornais *de referência*.

O termo *jornal de referência* é comumente usado para designar os grandes veículos de comunicação que são reconhecidos socialmente como relevantes no trato com a informação, em detrimento dos ditos *sensacionalistas*, popularescos ou mesmo dos pertencentes à dita *imprensa marrom*: “esses adjetivos eram uma forma de designar produtos concorrentes no campo mediático da época. Designar um produto como ‘sujo’ ou ‘marrom’ é impor e legitimar uma representação do jornal ideal” (BARROS FILHO, 2001, p.24). A época a que se refere o pesquisador remonta ao final do século XIX, quando o campo jornalístico se consolidava e nele se apresentava o conflito entre esses dois polos de produtores de enunciados jornalísticos. É importante ressaltar que a consolidação de um determinado jornal como *de referência* passa pela adequação dos enunciados, cuja produção é de sua responsabilidade, ao gênero jornalístico informativo, gênero que se orienta pela busca da objetividade, da imparcialidade e da relevância de suas pautas:

Surgem nessa época as técnicas do *lead* e da “pirâmide invertida”<sup>42</sup>, que permitem ao leitor inteirar-se dos fatos com menor custo, facilitavam a redação das manchetes e agilizavam o ajuste (mesmo sem conhecer o texto, cortavam-se os últimos parágrafos com o menor prejuízo possível para a informação). A redação impessoal, a ausência de qualificativos, a atribuição das informações às fontes, a comprovação das afirmações feitas, a apresentação das partes ou das possibilidades em conflito (doutrina do equilíbrio) e o uso das aspas garantiriam a necessária imparcialidade informativa (BARROS FILHO, 2001, p. 24).

---

<sup>41</sup>No original: “[...] l’instance qui est présentée comme son responsable.”

<sup>42</sup>Técnica de redação jornalística pela qual as informações mais importantes estão no início do texto e as demais de forma decrescente conforme sua relevância, por isso a alusão a uma pirâmide (cuja base é maior) invertida.

Outro aspecto relevante é a própria *cenografia* que esses jornais *de referência*, incluindo a *Folha de S. Paulo*, constroem para si. Em um jornal *de referência*, e dentro das prescrições a que ele se submete, não pode haver uma confusão entre o que é *opinativo* e o que é *informativo*; entre o que é *subjetivo* e o que é mostrado como *objetivo*. Assim, os jornais tentam construir uma segmentação formal entre esses dois polos, reservando espaços tipograficamente marcados para o que é subjetivo (editoriais, colunas assinadas, artigos de opinião etc.) e o que não é (enunciados pertencentes ao gênero jornalístico informativo). Menos do que um detalhe organizacional, essa divisão existe justamente para reforçar o caráter objetivo, imparcial, apartidário, etc., dos enunciados produzidos pela Redação do jornal, e com esse caráter, por consequência, sua legitimidade informativa. Isso também é constituinte do jornal como um *superenunciador*, pois a ele é atribuído o lugar enunciativo de dizer *o fato*, de ser o produtor do discurso *da informação*, do discurso da *objetividade*. E, como afirma Maingueneau:

A escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir da *sua* cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que ele impõe (2008, p. 117, grifos no original).

O *superenunciador jornal* também é constituído pela sua cenografia: apagam-se algumas marcas de subjetividade dos agentes enunciativos envolvidos na produção dos enunciados noticiosos; utiliza-se uma padronização léxica e vocabular comum a todo o jornal, possibilitando a percepção de um todo orgânico; empregam-se estratégias enunciativo-discursivas que constroem o efeito de objetividade, imparcialidade, equilíbrio e apartidarismo; apresentam-se os enunciados opinativos/subjetivos de forma apartada e claramente marcada, o que cria o atributo de informativos/objetivos por oposição; instaura, desse modo e por esses meios, a posição enunciativa daquele que enuncia a *verdade*<sup>43</sup>, pois se arroga e se apresenta como isento<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Os jornalistas sabem que não enunciam *a verdade* e atualmente muito se questiona até mesmo se ela existe; entretanto é construído um *efeito de verdade* que é um dos pilares da credibilidade jornalística e a origem da força discursiva do *superenunciador*. Uma discussão mais aprofundada sobre isso pode ser vista em pesquisa anterior (VIANNA, 2011).

<sup>44</sup> Uma visão divergente a esta pode ser encontrada em Magalhães (2010, 2014), para quem a tensão não reside entre a objetividade/subjetividade no fazer jornalístico, mas sim no processo de objetivação e de subjetivação envolvidos na prática jornalística. Para ele, “A demonstração de um conceito de objetivação que se define não pela oposição à subjetivação, mas pela coadunação de ambos os processos, a partir da própria prática jornalística, aponta para a produtividade operacional desse pilar ético profissional. Isso porque, se a noção de objetivação como apagamento de subjetivação se vale de uma ingenuidade diante do fenômeno da linguagem e instaura

E é nisso que reside a força do superenunciador: basta ver o desnível que existe entre um dito dessa instância e um contradito de outro enunciador que não pertence a ela. E uma das razões para isso se relaciona a cenografia e ao *ethos* que esse superenunciador jornal constrói para si. Lembrando que a cenografia, para Maingueneau (2005), é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; que legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência, ou para promover certa mercadoria.

O enunciado do superenunciador busca apresentar-se discursivamente junto à sua esfera de circulação, por meio das estratégias enunciativo-discursivas apontadas, como travestido de imparcialidade e imbuído da “missão jornalística” da busca pelo “bem comum”, enquanto que o discurso de qualquer outro agente enunciativo (seja o *outro lado*<sup>45</sup> oferecido a um acusado, a uma posição de um governo, de um partido, de um grupo social/cultural/econômico, etc.) é compreendido e trazido como um *discurso interessado* (pois, em última instância, reflete o interesse particular deste agente enunciativo). E todo discurso interessado é passível de desconfiança.

Compreender a instância de enunciação complexa que é o jornal como um *superenunciador* é importante ao analista do discurso que tem os produtos da mídia impressa como objeto de estudo, uma vez que sua constituição como tal é parte integrante da forma como seus enunciados são produzidos e, tão relevante quanto, como são recepcionados na esfera discursiva em que se inserem.

O veículo de comunicação jornal não pode, como foi tentado demonstrar, ser tomado como um simples *metaenunciador*, que se constituiria na *relação* entre os diversos enunciados dos agentes enunciativos que desse jornal fazem parte. Apresentar diversos artigos de opinião, charges, editorial – quem têm a autoria marcada – assim como enunciados pertencentes ao gênero jornalístico informativo implicaria compreender o jornal como um mero *suporte*, mesmo que dessa relação seja constituída uma imagem discursiva do veículo, um *ethos* específico; o que é insuficiente para compreender e analisar o posicionamento discursivo de um veículo de comunicação dentro da esfera discursiva na qual existe.

É absolutamente necessário, para efeito de análise, fazer uma primeira distinção entre

---

dilemas e conflitos na tarefa jornalística, a noção de objetivação como um modo de articulação intersubjetiva abre um leque de possibilidades para ação responsável nessas mesmas tarefas. (MAGALHÃES, 2014, p. 114).

<sup>45</sup> Rubrica utilizada pelo jornal *Folha de S.Paulo* como espaço destinado à presença do contraditório (a palavra de algum acusado, por exemplo) num enunciado noticioso.

os enunciados contidos em um jornal impresso: 1) os que são produzidos pela Redação do jornal; e 2) os que são produzidos por outros agentes externos à Redação do jornal e/ou se marcam enunciativamente como distintos.

Dentre os contidos no primeiro caso, por sua vez, é preciso distinguir entre 1.1) os que se inserem no gênero jornalístico informativo; e 1.2) os de outros gêneros (editorial, por ser opinativo, obituário, críticas, etc.).

Se o objetivo for a análise do jornal em um primeiro plano, tomando seu conjunto como um todo, sem qualquer tipo de distinção como a que recai sobre a produção de cada enunciado, pode-se encará-lo como um *metaenunciador* da forma como delimitada por Maingueneau. Porém essa abordagem é pouco produtiva para efeito de análise de posicionamentos discursivos, até porque é recorrente a prática de, por exemplo, ter entre sua equipe de colunistas aqueles de posicionamentos contrários, justamente para reforçar a imagem do veículo como apartidário, isento, etc. Entretanto, se o objetivo de análise for os enunciados de responsabilidade da Redação do jornal e que se enquadram no gênero jornalístico informativo (que é o gênero nuclear do jornalismo contemporâneo), a compreensão do jornal como *metaenunciador* se mostra insuficiente, uma vez que não aprofunda a influência do gênero no próprio processo de realização do enunciado analisado, assim como ignora os efeitos de sentido produzidos pelas estratégias enunciativas e as do próprio gênero. Estratégias essas que, por um lado, são oriundas de intervenções de diversos agentes enunciativos pertencentes à instância de enunciação complexa que é o jornal e, por outro, apagam as marcas destas intervenções e constroem uma nova figura enunciativa, que assume a responsabilidade discursiva pelo dito e, orientando-se pelas prescrições genéricas, atribui-se uma cenografia e um *ethos* orientados pela objetividade aparente, assumindo uma posição enunciativa privilegiada na esfera de circulação de seu enunciado. Posição privilegiada que não poderia ser assumida por nenhum dos agentes enunciativos envolvidos se enunciassem isoladamente, mas que é garantida pela personificação discursiva desta instância superior, pela construção do *superenunciador* jornal.

Essas diferentes percepções de responsabilidades enunciativas são o que torna insuficiente a denominação do jornal como um *metaenunciador*: não se trata simplesmente de *graus de autoralidade* (MAINGUENEAU, 2007), mas sim de diferentes construções de posições enunciativo-discursivas que se originam da própria produção do enunciado pertencente ao gênero jornalístico informativo, acarretando, conseqüentemente, uma distinta forma de circulação deste enunciado na esfera discursiva a que pertence.

Portanto, é fundamental ao analista do discurso buscar compreender o funcionamento do processo enunciativo de um jornal e a conseqüente circulação desses enunciados nas esferas discursivas pertinentes. E, para isso, há de se ter em vista que a instância de enunciação complexa que é o jornal não se reduz a um espaço enunciativo complexo onde há uma relação entre diversos enunciados pertencentes a autores distintos, como leva a crer a noção de *metaenunciador*. O próprio jornal, como empresa contemporânea que é, com quadro de funcionários, uma hierarquia extremamente rígida e, como não poderia ser diferente, detentor de pontos de vista e interesses próprios, também funciona (por meio da sua Redação) como uma instância de enunciação complexa que produz seus próprios enunciados (esfera de produção), enunciados esses que assumem uma circulação privilegiada na sociedade (esfera de circulação) e, conseqüentemente, uma posição privilegiada na formação da opinião pública (esfera de recepção).

É nesse privilégio discursivo, por assim dizer, que reside a força da influência do jornal, e esse privilégio é produto, por sua vez, de práticas enunciativo-discursivas específicas que constituem o gênero jornalístico informativo, que constroem sua cenografia e seu *ethos*.

O jornal não se reduz a um *mediador* de diversos pontos de vista, um enunciador de enunciadores (*meta*), entretanto, sua cenografia e seu *ethos* propositadamente o fazem ser compreendido como tal – até porque faz parte da estratégia discursiva inerente ao jornal *de referência* mostrar-se plural, imparcial, apertidário e objetivo. O jornal é uma instância de enunciação complexa que visa informar e influenciar, mostrar e esconder, elogiar e criticar, e para tanto também constrói estratégias enunciativo-discursivas para ser exitoso em seu projeto, mostrando-se discursivamente como uma instância enunciativa “isenta” e guiada pela “busca da verdade”. Assim, constrói para si mesmo uma posição enunciativo-discursiva privilegiada, se arroga detentor de credibilidade social, instaurando-se como um *superenunciador* – pois não somente apresenta enunciados diversos, mas também enuncia de forma privilegiada na esfera de circulação desses enunciados que é a opinião pública.

E é a essa forma particular de enunciar que merece a atenção do analista do discurso quando estudada a imprensa ou o discurso midiático, o que garante a pertinência de compreender essa forma particular de enunciar como produto de uma instância de enunciação complexa construtora de um *superenunciador*.

## 2.1. O conjunto noticioso como enunciado concreto

Mas como compreender o enunciado produzido pela instância de enunciação complexa que é o jornal?

A perspectiva adotada na compreensão de o que seria um enunciado obrigatoriamente influencia na metodologia a ser seguida em sua análise. A depender das correntes teóricas às quais se filia, determinados aspectos tornam-se centrais, assim como outros acessórios, quando o pesquisador debruça-se a compreender a produção enunciativa que ele elege como foco de sua atenção. Na parte anterior deste capítulo, foi exposto como esta pesquisa compreende a instância de produção dos enunciados que aqui serão analisados, cabendo agora apresentar sob qual recorte teórico-metodológico o enunciado será abordado.

Compreender determinada produção enunciativa como *enunciado concreto* implica alinhar-se a certas formulações teóricas dentro das correntes dos estudos linguísticos, enunciativos e discursivos, que brevemente serão expostas na sequência.

A base fundamental reside nas formulações do denominado Círculo de Bakhtin. Utiliza-se essa expressão porque, para além do pensador citado, as formulações e as obras são produtos da reflexão de diversos outros intelectuais. Como lembram Brait e Campos:

A questão das assinaturas e da *composição* do Círculo tem variado do extremo da negação intelectual de V. N. Volochínov (1895-1936), P. Medvedev (1892-1938), I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1934), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov (1899-1934), I. Sollertinski (1902-1944), B. Zubakin (1894-1937) às dúvidas em torno da autenticidade de determinadas ideias e conceitos considerados genuinamente bakhitinianos (BRAIT & CAMPOS, 2009, p.17).

Não é pertinente a este trabalho aprofundar a discussão sobre a autoria das obras, e as que aqui forem citadas respeitarão a autoria expressa nas edições utilizadas. Aos que se interessarem, é possível conhecer as três grandes vertentes deste debate consultando CLARK e HOLQUIST (2008), para quem Bakhtin é o autor das principais obras; MORSON e EMERSON (1990), que creditam cada obra ao autor impresso nas primeiras edições, defendendo um profundo diálogo teórico entre os autores e, por fim, BRONCKART e BOTA (2011), que advogam um papel secundário, ou mesmo desprezível, a Bakhtin no que toca às principais formulações teóricas do denominado Círculo.

Ainda nesse preâmbulo, é importante ressaltar que aqui será centrada a apresentação

do entendimento de *enunciado concreto* visando contribuir para a metodologia utilizada nesta pesquisa, ou seja, sendo já um recorte específico, o que não esgota todas as contribuições às ciências da linguagem e a demais ciências humanas que as formulações do Círculo proporcionam. Dentre uma vasta bibliografia, cabe citar as obras dos pesquisadores brasileiros FARACO (2009), SOUZA (2002), e as organizadas por FARACO; TEZZA; CASTRO (2007) e BRAIT (2008b, 2008c, 2008d, 2009, 2009b) que permitem ter uma visão da amplitude e desdobramentos do pensamento do Círculo.

Retomando o propósito desta parte do capítulo, uma colocação inicial ajuda a compreender o que é o *enunciado concreto*: o enunciado é *concreto* porque ele não é *abstrato*. O que parece ser uma tautologia esconde, na verdade, premissas epistêmicas e metodológicas de como compreender a linguagem e, conseqüentemente, estudá-la.

No texto *A palavra na vida e a palavra na poesia*: para uma poética sociológica, publicado em 1926 por Valentin Volochínov, uma passagem auxilia no percurso do entendimento do *enunciado concreto*:

Uma enunciação concreta (e não abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação. Quando nós cortamos o enunciado do solo real que o nutre, nós perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo - tudo que nos resta é um invólucro linguístico abstrato ou um esquema semântico igualmente abstrato (a banal “ideia da obra”, com a qual lidaram os primeiros teóricos e historiadores da literatura) - duas abstrações que são inconciliáveis entre si porque não há base concreta para sua síntese viva (VOLOSHINOV/BAJTIN, 1997, p. 122-123).<sup>46</sup>

Na citação acima, Volochínov delimita o que seriam as bases concretas do enunciado, sem as quais ele não passaria de mera “abstração linguística”: a forma e o caráter da interação social na qual o enunciado está presente. A *interação verbal* constitui, para o Círculo, a realidade fundamental da língua, uma vez que a linguagem só existe justamente no processo de interação entre sujeitos:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato

---

46 No original: “Una enunciaci3n concreta (y no una abstracci3n lingüística) nace, vive y muere em el proceso de interacci3n social de los participantes del enunciado. Su significaci3n y su forma en general se definen por la forma y el carácter de esta interacci3n. Al arrancar la enunciaci3n de este suelo real que la alimenta, perdemos la llave de su forma, así como su sentido, y en nuestras manos quedan o una envoltura lingüística abstracta, o bien un esquema asimismo abstracto del sentido (la consabida “idea de la obra” de los antiguos teóricos o historiadores de la literatura): dos abstracciones que son irreconciliables entre sí, puesto que no existe una base concreta para su síntese viva.”

de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psico-fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 127, grifos no original).

Essas mesmas interações não ocorrem suspensas no *tempo* ou no *espaço*: essas interações sociais/verbais ocorrem circunscritas sócio-historicamente, e mais, possuem uma finalidade e se realizam entre *sujeitos sócio-historicamente situados*.

É a isso que podemos compreender por “fala viva” ou “enunciado vivo”, como presente na citação, ou por *enunciado concreto*, como aparece em outros textos do Círculo. Sendo a realidade fundamental da língua a interação verbal, ela se realiza *na e pela* comunicação e, portanto, qualquer estudo sobre a linguagem há de se debruçar sobre sua manifestação real e objetiva, e não sobre manifestações abstratas ou hipotéticas.

Como apontado, os enunciados sempre se dão no processo de interação social entre sujeitos, e sua forma e significado são determinados pela forma e caráter dessa interação. A partir dessa afirmação, fica nítida a importância da *forma* e *caráter* da interação, uma vez que ela reflete na *forma* e no *significado* do enunciado nela contido. É por isso que, obrigatoriamente, qualquer análise por essa perspectiva teórica deve levar em consideração o *gênero discursivo* a que pertence determinado enunciado, pois o gênero discursivo é estritamente vinculado à forma e ao caráter da interação social na qual o enunciado foi produzido e, portanto, parte inerente do seu significado.

Um texto do Círculo sobre gênero discursivo, que se tornou referência e é o dos mais citados, é aquele escrito por Bakhtin entre os anos de 1951 e 1953, chamado de *Os gêneros do discurso*, e publicado postumamente na coletânea *Estética da criação verbal*, cuja primeira edição russa é de 1979. Entretanto, se nesse referido texto a apresentação do conceito se dá de forma mais sistemática e acabada, seu princípio pode ser encontrado em diversas outras produções do Círculo escritas anteriormente, como demonstrado na citação do texto de Volochínov (publicado em 1926) e também na obra de Medviédev, publicada em 1928, sob o título de *O método formal nos estudos literários – Uma introdução crítica a uma poética sociológica* (MEDVIÉDEV, 2012), entre outros textos<sup>47</sup>.

No texto *Os gêneros do discurso*, Bakhtin afirma logo no início:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da

---

<sup>47</sup> Para um mapeamento sobre a presença do conceito de gênero nas obras do Círculo de Bakhtin, consultar Brait e Pistori (2012).

linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo<sup>48</sup> da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (2006, p. 261).

Basicamente, gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, cuja estabilidade se manifesta – relativamente – no conteúdo temático, no estilo e na construção composicional que, por sua vez, vinculam-se à finalidade comunicativa estabelecida por certo campo/esfera da atividade humana.

Bakhtin afirma ainda que “os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 283). E, ainda segundo o autor, nós falamos por gêneros diversos sem suspeitar da sua existência, já que eles se encontram desde numa conversa banal cotidiana até uma obra científica, poética, acadêmica etc.

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, lê-se que “para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 98). Essa mesma compreensão será retomada por Bakhtin para apontar que a apreensão dos gêneros do discurso também se sujeita a esse procedimento:

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à

---

<sup>48</sup> A palavra *campo*, como foi traduzida por Paulo Bezerra, também aparece como *esfera* nas traduções para o espanhol de Tatiana Bubnova.

nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas (2006, p. 283).

A partir dessa compreensão, o autor russo distingue dois tipos de gêneros do discurso: os *gêneros primários* e os *gêneros secundários*. Os primários, ou simples, “se formam nas condições da comunicação discursiva imediata” e os secundários, ou complexos, “surtem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc.” (BAKHTIN, 2006, p. 263). Na formação dos gêneros secundários ou complexos, há uma incorporação e reelaboração dos gêneros primários ou simples que passam a adquirir um caráter especial: ao perderem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios, por meio de um processo de incorporação e reelaboração, tornam a integrar essa mesma realidade concreta apenas por meio desse novo gênero: por isso este último é complexo ou secundário. Pode-se entender que é essa relação entre gêneros primários e secundários que possibilitam as transformações históricas desses últimos, à luz das transformações das esferas de atividade humana.

Portanto, analisar um enunciado apartado de seu gênero não permite, seguindo as premissas epistêmicas aqui apresentadas, alcançar o seu significado *vivo*, seu significado *concreto*.

Uma mesma oração pode ter sentidos distintos se presente em gêneros discursivos diferentes. Por exemplo, uma despedida formal, como “Cordialmente e grato pela sua atenção”, tem um significado numa carta ou email destinado ao seu superior no trabalho ou à direção de departamento de uma Universidade; entretanto, a mesma oração presente numa correspondência pessoal a um grande e próximo amigo ou entre namorados possui um significado distinto, já que estaria em conflito com as expectativas de uma correspondência íntima.

Em Brait (2012), há a apresentação de uma análise pela qual fica demonstrada a flutuação de sentido por de um determinado enunciado quando há um deslizamento entre gêneros discursivos. A pesquisadora apresenta uma página publicada no jornal *Folha de S.Paulo* de 20/01/1994, mais especificamente a página 2 do primeiro caderno que, tradicionalmente pela então organização do referido jornal, é reservada aos textos de opinião de seus articulistas. Entretanto, na parte destinada ao articulista Marcos Augusto Gonçalves, encontra-se um texto com o título de *coluna social*. E, como aponta a pesquisadora, não só o título causa estranheza como também o seu lugar de apresentação dentro da organização do jornal: “para o leitor acostumado a ler o jornal diário, [...], o que se denomina *coluna social* é

um *texto* que não ocupa os primeiros cadernos, destinados à economia, à política e a outros assuntos de interesse geral. Se quiser lê-la, ele sabe que vai encontrá-la em outro lugar” (2012, p. 92). Para além desse primeiro deslocamento, sua forma apresenta-se também de uma maneira a romper com as prescrições genéricas esperadas em um artigo de opinião, já que se apresenta como notas curtas separadas por asteriscos, típicos de colunas sociais, porém não condizentes ao gênero de artigo de opinião: “onde o texto pretende chegar com esse jogo que subverte gêneros, embaralha espaços jornalísticos, provoca o leitor e prende sua atenção, mais do que a coluna social ou o texto de opinião colocados em seus devidos lugares?” (BRAIT, 2012, p. 95).

As notas presentes, utilizando-se de jargões característicos das colunas sociais que tem por objeto a vida e costumes de pessoas famosas e ricas, apresentam aspectos da vida cotidiana de pessoas que, usualmente, não seriam personagens de tais colunas. E, mais, abordam, em um tom irônico, os perrengues e mazelas pelos quais essas pessoas estariam passando. E conclui Brait:

O jogo irônico, percebido no final, foi sendo montado paulatinamente, dependente de muitos fatores. O que se percebe, mesmo a distância, é que o texto, inovando do ponto de vista do gênero, do deslocamento de formas de organizar informações, desestabiliza o leitor, arranca-o de sua condição confortável, chamando a atenção para acontecimentos naturalizados pela leitura diária do jornal e pela banalização do sofrimento humano. O título, ao final da leitura, refere-se não a uma seção intitulada *coluna social*, que serviu de pretexto ao autor do texto, mas a uma fatia significativa da sociedade, exposta pela aparente via da superficialidade (BRAIT, 2012, p. 96, grifos no original)

Assim, nesse jogo enunciativo-discursivo, no qual o deslocamento entre gêneros discursivos é fundamental, há toda uma nova perspectiva de entendimento do significado do referido enunciado. Há também uma possibilidade de ressignificação da própria rubrica jornalística *coluna social*. Afinal, a quem se refere o termo *social* da rubrica? Aos ricos e famosos ou àqueles que, de fato, compõe a maior parcela da população brasileira, a saber, o menos favorecidos? A *coluna social* refere-se aos mesmos cidadãos que são beneficiários de *programas sociais* ou, ainda, são aqueles cujas demandas por uma vida melhor se tornam *questões sociais* que, como já dizia Washington Luís (1869-1957), são caso de polícia?

Como explicita a autora da análise exposta, essa possibilidade de compreensão do significado desse enunciado só se torna possível analisando diversos fatores que caracterizam sua *concretude*, e que aqui só foram mencionadas, centrando-se especificamente na questão

do *gênero* como forma de ilustrar sua relação intrínseca com o enunciado e, conseqüentemente, seu sentido. Uma análise apartada das sequências verbais simplesmente, tomando-as como formas abstratas, não permitiriam avançar muito na compreensão do sentido deste enunciado.

Retomando, a questão a ser respondida agora é como, metodologicamente, deve ser compreendido o enunciado para que, em sua análise, seja compreendida sua *concretude*? O que delimitar como enunciado concreto, já que somente sua composição linguística-textual é insuficiente na abordagem de seu sentido e nos efeitos enunciativo-discursivos por ele produzidos? As respostas serão construídas na sequência para, por fim, apontar sob quais premissas um conjunto noticioso será tomado como enunciado concreto e, assim, como se estabelecem os desdobramentos metaenunciativos opacificantes entre os elementos verbais e visuais, foco da tese aqui apresentada.

Para avançar, primeiramente é preciso entender quais seriam os limites do enunciado concreto e, assim, poder analisá-lo. Em Bakhtin (2006) lê-se:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância de sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (2006, p.275).

Pela citação acima, compreende-se que o limite de um enunciado concreto é a sua possibilidade de, por um lado, apresentar-se como fruto de um posicionamento daquele que o enuncia e, por outro, possuir um mínimo acabamento para que, uma vez enunciado, abrir-se à resposta de outro sujeito posicionado. Diferentemente da *oração* que, como afirma Bakhtin (2006) é uma unidade de significação linguística, o *enunciado concreto* só assim se torna quando o posicionamento daquele que o enuncia pode dele ser apreendido, e, conseqüentemente, abrir-se à responsividade por parte de outro sujeito também posicionado.

Para ficar mais claro, é importante retomar a afirmação de que a interação verbal é a realidade fundamental da língua, pois é a partir dessa premissa que é possível compreender o que seria o posicionamento e, portando, compreender como delimitar um enunciado concreto.

O enunciado concreto é a “real unidade da comunicação discursiva”, porque “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes,

sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito discurso, e fora dessa forma não pode existir.” (BAKHTIN, 2006, p. 274). Portanto, um enunciado concreto sempre possui um sujeito e, mais, um sujeito que busca, por meio de sua enunciação, dirigir-se a um outro: toda enunciação “serve de expressão a *um* em relação ao *outro*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.117, grifos no original). Ou seja, a comunicação, por esse entendimento, não é a expressão de algo (pré-existente, interior) por alguém a alguém por meio de palavras – o que a caracterizaria como um mero instrumento. A interação por meio da comunicação verbal, tomada como realidade fundamental da língua, é justamente o processo de expressar-se *em relação* ao outro, e não simplesmente para o outro. É esse *em relação*, pelo qual o eu só existe em relação ao outro, e só assim pode se expressar, que configura a dinâmica da interação verbal/discursiva.

Não cabe aqui compreender esta chave eu/outro, pela qual o eu só existe em relação ao outro, com os conceitos de *eu* e o *tu* estabelecidos pela teoria da enunciação desde Benveniste. Não se trata de instauração de lugar de fala da enunciação, mas sim da construção social da consciência e da linguagem pela intersubjetividade, derivada do posicionamento sócio-histórico dos sujeitos autores dos enunciados: “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo, *pela situação social mais imediata*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 116, grifos no original).

E prossegue:

Com efeito, a enunciação é produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que nos engloba.

[...]

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação verbal do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o

território comum do locutor e do interlocutor (2009, p. 117, grifos no original).

Quando Bakhtin/Volochínov diz que vemos a cidade e o mundo pelo prisma do meio social concreto que nos engloba sinaliza o que pode ser compreendido como *posicionamento* do sujeito que enuncia. E a tese de que este posicionamento emprenha o enunciado é uma das formulações centrais do Círculo, ressaltando de que ele não é fruto de uma individualidade adâmica do sujeito, mas sim de uma perspectiva singular frente a um sujeito organizado socialmente e que, por meio da linguagem, se constrói em relação aos demais sujeitos organizados socialmente dentro de um meio social concreto que os engloba, dentro das condições reais (concretas) da enunciação<sup>49</sup>.

Utilizando-se da metáfora da ponte presente na citação, e relacionando com o que Bakhtin (2006) afirma ser os limites do enunciado concreto, é possível entender que, compreendendo o enunciado concreto como a ponte, seu primeiro pilar de sustentação, em uma margem, são os enunciados anteriores através dos quais ele próprio pode passar a existir; e, orientando-se ao seu interlocutor, o pilar de sustentação na outra margem é justamente o que permite que, a partir dele, outros enunciados possam se sustentar e se lançarem rumo a outros pontos do universo discursivo (suscitar resposta).

Por enunciado concreto, portanto, compreende-se tanto uma fala verbalizada entre sujeitos reais como também um discurso construído sobre a forma de um romance, um artigo científico, um poema, uma notícia de jornal etc. E é assim que se lê a célebre afirmação de que:

A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras-enunciados: com aquelas às quais responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2006, p. 279).

Mas se suscitar resposta é o que torna um enunciado em *enunciado concreto*, o que é fundamental a ele para que ele possa gerar uma atitude responsiva de outrem? A resposta se divide em duas partes: a primeira pode ser encontrada nos textos escritos pelos pensadores do Círculo; já a segunda deriva de formulações teóricas posteriores que visaram aprofundar uma metodologia de análise que desse conta dessa natureza do enunciado.

Bakhtin (2006) distingue *oração de enunciado concreto* porque a primeira, por mais

---

<sup>49</sup> Uma aproximação dessa compreensão sobre a linguagem e as formulações de Marx e Engels sobre as bases materiais e concretas da ideologia pode ser encontrada em VIANNA (2010).

que seja um pensamento relativamente acabado, imediatamente correlacionado com outros pensamentos do mesmo falante no conjunto de seu enunciado, não se correlaciona de imediato e nem pessoalmente com o contexto extraverbal da realidade (a situação, o ambiente, a história que a antecede) nem com as enunciações dos outros falantes; “mas tão somente através de todo o contexto que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto” (BAKHTIN, 2006, p. 277).

A oração enquanto unidade da língua, continua o pensador russo, carece de todas essas propriedades: não é delimitada de ambos os lados pela alternância dos sujeitos do discurso, não tem contato imediato com a realidade (com a situação extraverbal) nem relação imediata com enunciados alheios, “não dispõe de plenitude semântica nem capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do *outro* falante, isto é, de suscitar resposta” (BAKHTIN, 2006, p. 278, grifos no original):

A oração enquanto unidade da língua tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade. (Examinada em um enunciado pleno e do ponto de vista desse todo, ela adquire propriedades estilísticas). Onde a oração figura como um enunciado pleno ela aparece colocada em uma moldura de material de natureza diversa (2006, p. 278).

Como já visto, é a alternância de sujeitos do discurso que emoldura o enunciado, sendo esta a primeira particularidade constitutiva do mesmo. A segunda, e “intimamente vinculada à primeira” (BAKHTIN, 2006, p. 280), é a *conclusibilidade* específica do enunciado. “A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (2006, p. 280, grifos no original).

Alguma conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado. Para tal, afirma o teórico russo, não basta que o enunciado seja compreendido no sentido de *língua*, aqui se utilizando da terminologia saussuriana. Uma oração absolutamente compreensível e acabada, se é somente oração e não enunciado constituído por uma oração, não pode suscitar atitude responsiva; isso é compreensível mas ainda não é tudo: “esse *tudo* – indício da *inteireza* do enunciado – não se presta a uma definição nem gramática nem abstrato-semântica” (BAKHTIN, 2006, p.280, grifos no original):

Essa inteireza acabada do enunciado, que assegura a possibilidade de resposta (ou de compreensão responsiva), é determinada por três elementos

(ou fatores) intimamente ligados no todo orgânico do enunciado: 1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento (2006, p. 281).

O primeiro ponto levantado por Bakhtin, o da *exauribilidade do objeto e do sentido* é, como ele mesmo já adianta, diverso nos diferentes campos da comunicação discursiva: pode variar desde sua quase plenitude (nos campos das questões de natureza puramente factual, bem como as respostas factuais a elas, os pedidos, as ordens etc.) até mesmo à sua mínima conclusibilidade que pode levar a uma resposta (como nos campos da criação e, particularmente, no científico), e prossegue:

O objeto é objetivamente inexaurível, mas ao se tornar *tema*<sup>50</sup> do enunciado (por exemplo, de um trabalho científico) ele ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em determinados objetivos colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia *definida pelo autor* (2006, p. 281, grifos no original).

O segundo ponto, *projeto de discurso ou vontade de discurso do falante*, Bakhtin define como o que imaginamos que o autor do enunciado quis dizer em sua ideia verbalizada (como a entendemos, ressalta) e que permite medir a conclusibilidade do enunciado. “Essa ideia determina tanto a própria escolha do objeto (em certas condições de comunicação discursiva, na relação necessária com os enunciados antecedentes) quanto os seus limites e sua exauribilidade semântico-objetal” (BAKHTIN, 2006, p.281). E ela determina, também, a escolha da forma do gênero na qual será construído o enunciado.

Importante frisar que não se trata de buscar a “intenção do autor” por detrás de um texto; afinal, no limite, essa intenção é insondável e pouco ajuda na análise de um enunciado: “a intenção vale sempre menos do que a realização (mesmo falha)” lê-se na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 59). O objeto, portanto, há de ser a sua “ideia verbalizada”, ou seja, como ela pode ser depreendida do enunciado não se restringindo à análise meramente linguística (como já explicitado), mas levando em conta a natureza concreta do enunciado e, portanto, todas as particularidades aqui citadas. Nas palavras de Bakhtin:

Essa ideia – momento subjetivo do enunciado – se combina em uma unidade

---

<sup>50</sup> Sobre a questão do *tema*, ver o capítulo 7 da segunda parte de *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009).

indissolúvel com o seu aspecto semântico-objetivo, restringindo este último, vinculando-se a uma situação concreta (singular) de comunicação discursiva, com todas as suas circunstâncias individuais, com seus participantes pessoais, com as suas intervenções – enunciados antecedentes. Por isso os participantes imediatos da comunicação, que se orientam na situação e nos enunciados antecedentes, abrangem fácil e rapidamente a intenção discursiva, a vontade discursiva do falante, e desde o início do discurso percebem o *todo* do enunciado em desdobramento (2006, p. 280-281).

O terceiro ponto levantado por Bakhtin refere-se aos gêneros discursivos e, não sendo pertinente retomar formulações já expostas nessa pesquisa sobre o que eles seriam, cabe ressaltar somente que não existe enunciado sem gênero e que, portanto, uma apreensão de seu significado implica compreendê-lo dentro de qual gênero ele está englobado.

Apresentadas de forma sucinta quais seriam as particularidades do enunciado concreto que permitem buscar seus limites e, assim, desenvolver uma metodologia para analisá-los, cabe agora avançar em formulações posteriores que, a partir das expostas acima, clarificam um percurso analítico frutífero para os estudos dos fenômenos da linguagem.

A pesquisadora Beth Brait postula, através das formulações provenientes dos trabalhos dos diversos pensadores que compuseram o posteriormente denominado *Círculo de Bakhtin*, uma *análise/teoria dialógica do discurso*:

Ninguém, em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto *formalmente* uma teoria e/ou análise do discurso, no sentido em que usamos a expressão para fazer referência, por exemplo, à Análise do Discurso Francesa. Entretanto, também não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para o estudo da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que Bakhtin, Voloshinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se denomina de *Círculo de Bakhtin* jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada, esse ensaio arrisca-se a sustentar que o conjunto das obras do *Círculo* motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral (BRAIT, 2008e, pp.9-10).

Para tanto, Brait resgata o que Bakhtin denomina de *Metalinguística* presente no livro *Problemas da poética de Dostoievski* (BAKHTIN, 2008), que seria uma nova disciplina para o estudo da linguagem verbal pela qual seu objeto seria as relações dialógicas presentes no enunciado, relações estas que podem ser compreendidas como sendo aquilo que permite a uma oração tornar-se enunciado concreto. Assim, Brait compreende que:

O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá – como se pode observar nessa proposta de criação de uma nova disciplina, ou conjunto de disciplinas –, herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (2008e, p.13-14).

E, por fim, a pesquisadora conclui que as contribuições advindas das formulações do Círculo, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam “a *postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador” (BRAIT, 2008e, p. 29); e, mais, prossegue dizendo que a pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do “compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico” (2008e, p.29).

São essas últimas duas citações que trazem um elemento importante com o qual se dará continuidade na resposta à pergunta sobre os limites do enunciado concreto como desenvolvida nessa parte no capítulo. *A postura dialógica*.

Se, por um lado, um dos limites do enunciado concreto é certa conclusibilidade que lhe permite ser objeto de uma postura responsiva de outrem, por outro lado, a postura do pesquisador ao construir seu objeto de análise também é um recorte metodológico por meio do qual um limite ao enunciado também se levanta. Ou seja, a *postura dialógica* assumida pelo pesquisador, compreendendo a natureza do enunciado da forma como já exposta, também lhe confere a capacidade de delimitar aquilo a que ele quer responder<sup>51</sup>.

A partir dessas considerações, a parte seguinte deste capítulo buscará desenvolver a delimitação do que se tomará por enunciado concreto dentro do *corpus* aqui selecionado e, com isso, avançar na apresentação da pesquisa.

Desde o primeiro capítulo foi explicitada a importância da dimensão verbo-visual

---

<sup>51</sup> Para maiores detalhes, ver AMORIM (2004, 2007).

dos enunciados pertencentes à esfera jornalística. Assim, a relação entre os elementos verbais e visuais de uma notícia é constitutiva do seu significado e, portanto, essas duas dimensões semióticas devem ser compreendidas conjuntamente quando realizada a análise.

Seguindo as formulações de BRAIT (2010), a linguagem verbo-visual será tomada como uma enunciação, um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, a linguagem verbal e a linguagem visual. E, continua a pesquisadora, essa unidade significativa estará constituída a partir de determinada esfera ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção:

Esse é o caso, por exemplo, de uma foto que, pertencendo à esfera do jornalismo impresso, vem, necessariamente, acompanhada de uma legenda, a qual atua na produção de sentidos, sinalizando caminhos para sua compreensão do conjunto: “foto e legenda formam um todo indissociável: o lugar ocupado na página, a forma de composição que as associa e a relação de proximidade – geralmente a legenda vem sob a foto, ocupando toda a sua largura – as torna um enunciado, uma totalidade textual<sup>52</sup>” (BRAIT, 2010, p. 194).

Sob essa perspectiva, Brait também menciona o exemplo da mudança de sentido provocada pelo deslocamento de uma mesma foto entre distintas esferas discursivas. O projeto discursivo verbo-visual característico da esfera jornalística possibilita compreender que “uma mesma foto deslocada dessa esfera e apresentada numa exposição ou em um livro de arte [...] torna-se outro enunciado concreto, outra enunciação, transferida da condição de documento, de *testemunha do real*, para a condição mais ampla de objeto de arte” (2010, p. 194, grifos no original):

Ainda com relação à esfera jornalística, compõe o projeto discursivo verbo-visual desenhos, ilustrações, gráficos e infográficos, sempre articulados a textos verbais com os quais estão constitutivamente sintonizados a partir da disposição das matérias numa dada página, da organização das páginas em cadernos, do forte diálogo mantido entre os cadernos e as formas diferenciadas de organizar verbal e visualmente os assuntos. Um mesmo assunto poderá fazer parte de diferentes cadernos e, como consequência, produzir diferentes sentidos e efeitos de sentidos. E o leitor do jornal, incluído no projeto jornalístico, alfabetizado, por assim dizer, nessa maneira de organizar a linguagem, participa ativamente a produção de sentidos.

---

<sup>52</sup> Brait afirma que “a concepção de texto aqui assumida, que pode ser designada semiótico-ideológica, ultrapassa a dimensão exclusivamente verbal (oral e escrita) e reconhece visual, verbo-visual, projeto gráfico e/ou projeto cênico como participantes da constituição de um *enunciado concreto*, de sua arquitetura, de sua inerente propriedade discursiva de oferecer-se como resposta que engendra sempre novas perguntas.” (BRAIT, 2010, p. 195, grifos no original).

Considerando essa e outras esferas, fazem parte das produções de caráter verbo-visual charges, propagandas, capas e páginas de veículos informativos, as formas de apresentação dos jornais televisivos (apresentadores, textos orais, vídeos), poemas articulados a desenhos, comunicação pela internet, textos ficcionais ilustrados, livros didáticos, *outdoors*, placas de trânsito etc. (2010, pp. 194-195).

A parte precedente deste capítulo da tese foi dedicada à compreensão do jornal impresso como uma *instância de enunciação complexa*, como um *superenunciador*. Seguindo as orientações lá formuladas, é pertinente lembrar a distinção a ser feita entre os enunciados produzidos e de responsabilidade da Redação dentre aqueles outros que também compõem o jornal, mas que, por se enquadrarem no gênero opinativo ou outros, encontram no jornal não a sua produção, mas somente sua circulação (por mais que também respeitam as prescrições genéricas da imprensa impressa, porém não as do gênero jornalístico informativo).

Assim, a primeira distinção entre *gênero opinativo* e *gênero informativo* se faz necessária. Dentro deste último, os enunciados que aqui serão analisados pertencem ao gênero jornalístico informativo, como também já apontado.

O que será tomado por um enunciado concreto será um conjunto noticioso, a saber, os elementos verbais e visuais que constituem uma matéria jornalística. O critério para esta delimitação reside na compreensão de que há uma mínima conclusibilidade temática – que pode ser considerada aqui como o assunto noticiado.

Para título de exemplo, abaixo está reproduzida uma página do jornal O Estado de S.Paulo do dia 28 de setembro de 2012, do caderno Esportes (página E4):

Escândalo em Londres

# Nuzman exime cúpula do Rio 2016

Presidente do COB diz que funcionários envolvidos no furto de dados se reportaram diretamente ao comitê londrino

Silvio Barsotti  
Tiago Rogério / RFI

Pressionado por suposições e algumas declarações, de que a cúpula do Rio 2016 estaria envolvida diretamente no escândalo dos arquivos copiados do comitê londrino, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) do Rio 2016, Carlos Arthur Nuzman, finalmente veio a público para tentar explicar o incidente que ganhou destaque na imprensa europeia e afetou a organização dos próximos Jogos. Em entrevista coletiva, ontem, ele reiterou que os nove funcionários demitidos do Rio 2016 agiram por iniciativa própria.

Inicialmente, os punidos se amedrontaram. Mas um dos casos foi revisto, segundo Nuzman, após apuração mais minuciosa do caso, o que diminuiu o número de demissões. Esses funcionários, então a serviço do Rio 2016, copiaram sem autorização os arquivos do Locog (comitê de Londres) durante a última olimpíada. Nuzman estava ao lado do diretor geral do Rio 2016, Leonar-



Desculpa. Nuzman garante que os ingleses apenas pediram que os arquivos furtados fossem devolvidos ou então destruídos

### PUNIÇÃO

**9 funcionários foram demitidos por causa do escândalo de espionagem. Uma das demissões acabou revista**

do Grynier, na sede do COB. O contranunciamento da dupla é possível. Por vários dias, o assunto foi tratado pelos organizadores dos Jogos do Rio apenas por meio de comunicados oficiais.

Mas, depois de uma repunção pública do ministro do Esporte, Aldo Rebelo, que considerou o fato "lamentável", e de afirmações de uma das demitidas, Renata Santiago, de que diretores do Rio 2016 sabiam dos procedimentos dos funcionários, Nuz-

man decidiu convocar a imprensa e dar explicações. Além da atualização da lista numérica dos demitidos — os nomes não foram revelados —, o Rio 2016 informou que 24 funcionários estavam encarregados de trabalhar com o Locog, em Londres. Os dirigentes também esclareceram que esses funcionários tinham de se reportar aos chefes, temporários, do Locog, e não a seus superiores na hierarquia do Rio 2016.

No primeiro dia de setembro, segundo informou Nuzman, diretores do Locog informaram o ocorrido ao Rio 2016. "Eles, os proprietários das informações coletadas, não usaram o termo furto ou roubo", disse Nuzman. "Apenas pediram que os arquivos fossem devolvidos ou destruídos, o que foi feito, com a presença do pessoal do Locog", declarou.

As demissões ocorreram no dia 18. De acordo com Nuzman, o ministro do Esporte, e autoridades do governo do Estado e da prefeitura do Rio foram comunicados do incidente tão logo o caso chegou ao conhecimento da cúpula do Rio 2016.

### Demitida afirma ter se sentido 'humilhada'

Única das pessoas demitidas a se manifestar, Renata Santiago, que trabalhou por mais de 12 anos com Carlos Arthur Nuzman, revelou ter se sentido humilhada no processo de demissão. "Fui 'escoteada' por uma pessoa do RH para entregar o computador na hora. Foi humilhante", disse. Renata contou ter sido abordada, primeiro, por seu chefe direto, o diretor de relação com os Comitês Olímpicos Nacionais, Mario Clienti. "Ele me disse que a ordem tinha vindo de cima e não havia nada que eu pudesse fazer", afirmou Renata, que pretende entrar na Justiça, com um por-danos morais e do trabalho, contra o Rio 2016.

A ex-funcionária ainda tentou contato com Nuzman, por acreditar que ele talvez não soubesse o que estava acontecendo. "Agradeço a carta e envio a ele por e-mail, mas não obtive resposta." / S.A. e T.R.

autorizada de arquivos "não resulta em nenhuma violação de segurança grave nem no comprometimento de quaisquer dados pessoais".

"Estava tudo claro na cláusula assinada pelos funcionários. Não poderiam ter feito o que fizeram", disse Leonardo Grynier.

**Integração.** Ontem, o Rio 2016 divulgou mensagem do diretor-geral do Locog, Paul Deighton, em qual ele diz que a cópia não

### Judô

## Após trauma olímpico, Rafaela estreia em novo peso

Judoca disputa amanhã o Brasileiro Sênior na categoria meio-médio após superar a saída precoce em Londres

Amenda Romanelli

A judoca Rafaela Silva não deu a Olimpíada de Londres a maneira que gostaria. Desclassificada na segunda rodada da categoria leve (até 57 kg) ao executar um golpe proibido, a atleta enfrentou pesadas críticas no Twitter, incluindo ofensas racistas. Mas, após um curto período em que não teve vontade alguma de pisar novamente, a carioca de apenas 20 anos retornou aos treinos e agora encara novo desafio no Rio Olímpico de 2016, no Rio Amanhã, em Natal. Rafaela estreia única atleta da equipe olímpica a participar do Brasileiro Sênior. Será, também, sua estreia nacional em nova categoria, o meio-médio (até 63 kg).

Amadurecida após um período em que Rafaela viu o judô quase como um inimigo. "Eu colocava o quimonos, mas não tinha vontade de treinar. Não queria fazer nada, não dava", lembra a atleta sobre os momentos pós-Londres, em que ficou por uma semana na casa do amigo Felipe Mendel, bronze entre os ligeiros.

Na volta ao Rio, quando enfrentou a aversão inicial ao rati-



Depois de Londres. 'Colocava o quimonos, mas não dava'

me, surgiu o desafio da nova categoria. Aos poucos, a motivação também retornou. "Veio naturalmente. Quando pensava em fazer outra coisa, vi que era o judô que eu gosto, que vivi para isso. E não queria abrir mão de, daqui a quatro anos, lutar uma olimpíada em casa."

Avontade de superar as tristezas lembranças está marcada em uma tatuagem que fez no braço direito. Ao redor dos aros olímpicos, Rafaela escreveu a seguinte frase: "Só Deus sabe o quanto eu sofri e o que eu fiz pra chegar até aqui".

A mudança de peso foi decidida em conjunto com a atleta, o técnico de Rafaela, Geraldo Bernardes, e a Confederação Brasileira (CBJ). "Por enquanto, é uma coisa mais experimental, pa-

ra ver se ela se adapta. Mas achamos que ela tem todas as condições de se destacar", afirma Bernardes. Por seu vigor físico, Rafaela deve ser bem sucedida.

Após o Brasileiro, que servirá como classificatório para a seletiva que definirá a seleção de 2016, Rafaela disputará a Copa do Mundo de Abu Dhabi e o Mundial de Equipes — a equipe será anunciada hoje. A mudança também dará chances para que Katelyn Quadros, bronze em Pequim 2008, volte a figurar como titular da seleção. Mas a medalhista terá uma forte adversária a jovem Flávia Gomes, de 18 anos, campeã mundial juvenil e vice dos Jogos Olímpicos da Juventude.

### Fórmula 1

## Hamilton deve renovar com a McLaren. Já Massa e Schumi...

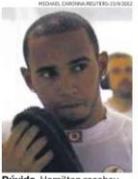
Inglês está bem perto de continuar na equipe brasileira torce muito por novo contrato e alemão pode anunciar despedida

Lívio Orlicchio

O destino de Lewis Hamilton tem mais espaço na imprensa esportiva internacional nas últimas semanas que qualquer outra notícia de Fórmula 1. O campeão de 2008 vai prosseguir na McLaren ou aceitar o convite feito pela Mercedes? O caminho profissional de Felipe Massa, hoje na Ferrari, e Michael Schumacher, Mercedes, da mesma forma, mereceu grande destaque.

Pois o desfecho de todas essas histórias está próximo. Parece provável que antes do GP do Japão, dia 7, a 15ª etapa a McLaren anuncie sua decisão. Nos últimos dias circulou o rumor, fundamentado, de que Ron Dennis, sócio da McLaren, elevou o valor do contrato oferecido a Hamilton. A redução exigida por Dennis para o novo compromisso é a razão de o talentoso piloto inglês acenar com a possibilidade de se transferir para a Mercedes.

Como agora há um clima de distensão entre as duas partes, e Hamilton sabe que as chances de dispor de um carro competitivo são bem maiores na McLaren, ganhou força na Inglaterra, on-



Divida. Hamilton recebeu um convite da Mercedes



Renovação. Massa espera continuar na Ferrari em 2013

tem, a informação de que se chegou a um acordo. E a divulgação seria uma questão de dias.

Na Ferrari, as boas quatro últimas corridas de Massa, somando sempre pontos, correspondem ao que a escuderia deseja dele. É o que Stefano Domenicali está avaliando para renovar seu contrato ou o substituir. "Não estamos longe de uma definição", disse Massa. "Espero que favoreça para mim."

Ross Brawn, diretor técnico da Mercedes, afirma sempre: "Espero que Michael continue conosco. Ele ainda não se definiu se permanece na Fórmula 1. A verdade, porém, é outra, ao menos em relação ao que seria melhor para o time da montadora alemã. Schumacher é o piloto das melhores estatísticas de to-

dos os tempos, mas hoje, aos 43 anos, dá sinais evidentes de ter entrado na curva descendente de desempenho.

Brawn gostaria muito de contar com um piloto no auge da forma, como Hamilton, no lugar do alemão, ao contrário do que diria a imprensa. Schumacher tem 43 pontos e o companheiro, Nico Rosberg, 33. "Vou anunciar o que farei (renova ou não) no início de outubro", diz sempre. A imprensa generalizada é a de que Schumacher não vai continuar na F1. Se Hamilton, de fato, permanecer na McLaren, o piloto mais provável para substituí-lo é o promissor ex-copa Paul Di Resta, da Force India, já pertencente ao grupo de jovens pilotos administrados pela Mercedes.

### Jogo Rápido

#### SÉRIE B

### Três times tentam se consolidar no G-4

Hoje, São Caetano, Criciúma e Goiás tentam se firmar no G-4 da Série B. O São Caetano encara o Paraná, às 19h30, em Curitiba. As ilhas de Goiás visitam o Guaratinguetá no mesmo horário em Maricá, o CRB recebe o Criciúma.

#### RACISMO

### John Terry é suspenso por quatro partidas

John Terry, do Chelsea, foi suspenso por quatro jogos pela Associação de Futebol da Inglaterra por ofensas racistas ao jogador Anton Ferdinand, do Queens Park Rangers. Também foi multado em US\$ 25 mil.

#### FUTEBOL EUROPEU

### Francês, Português e Alemão têm jogos hoje

Fortuna Dusseldorf x Schalke 04 é a única partida da rodada do Campeonato Alemão hoje. O francês terá o encontro Rennes x Lille. O português tem dois jogos: Guimarães x Benfica e Vitória de Guimarães x Braga.

#### ITALIANO

### 1 a 0 foi o placar da vitória do Siena sobre o Bologna. O Siena soma 2 pontos, pois começou com 4 negativos por punição no escândalo de manipulação de resultados.

#### TÊNIS

### Federer veste a camisa da seleção brasileira

Para promover um evento no qual participará no Brasil no fim do ano, o tenista suíço Roger Federer posou com duas versões de uniformes da seleção brasileira, a de vôlei e a de futebol.



Pela abordagem metodológica utilizada aqui, a página contém quatro enunciados concretos, ou quatro conjuntos noticiosos. O primeiro conjunto domina a metade superior da página, e três conjuntos menores na metade inferior, sendo que dois estão paralelos e o terceiro cobrindo o pé da página sob a rubrica de *Jogo Rápido*:

## Conjunto 1:

Escândalo em Londres

# Nuzman exime cúpula do Rio 2016

Presidente do COB diz que funcionários envolvidos no furto de dados se reportavam diretamente ao comitê londrino

Silvia Baruffi  
Tíago Rogério / RSC

Pressionado por suposições, calúnias e declarações, de que a cúpula do Rio 2016 estaria envolvida diretamente no escândalo dos arquivos copiados do comitê londrino, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) do Rio 2016, Carlos Arthur Nuzman, finalmente veio a público para tentar explicar o incidente que ganhou destaque na imprensa europeia e afetou a organização dos próximos Jogos. Em entrevista coletiva, ontem, ele relatou que os nove funcionários demitidos do Rio 2016 agiram por iniciativa própria.

Inicialmente, os punidos seriam dez. Mas um dos casos foi revisto, segundo Nuzman, após apuração mais minuciosa do caso, o que diminuiu o número de demissões. Esses funcionários, emitiu a serviço do Rio 2016, copiaram em uma máquina arquivos do Locog (comitê de Londres) durante a última olimpíada.

Nuzman estava ao lado do diretor geral do Rio 2016, Leonar-

## PUNIÇÃO

**9** funcionários foram demitidos por causa do escândalo de espionagem. Uma das demissões acabou revista



Desculpa. Nuzman garante que os ingleses apenas pediram que os arquivos furtados fossem devolvidos ou então destruídos

do Gryner, na sede do COB. O constrangimento da cúpula era visível. Por vários dias, o assunto foi tratado pelos organizadores dos Jogos do Rio apenas por meio de comunicados oficiais.

Mas, depois de uma reportagem pública do ministro do Exército, Aldo Rebelo, que considerou o fato "lamentável", e de afirmações de uma das demitidas, Renata Santiago, de que diretores do Rio 2016 sabiam dos procedimentos dos funcionários, Nuz-

man decidiu convocar a imprensa a dar explicações. Além da atualização da lista numérica dos demitidos — os nomes não foram revelados — o Rio 2016 informou que 24 funcionários estavam encarregados de trabalhar com o Locog, em Londres. Os dirigentes também esclareceram que esses funcionários tinham de se reportar aos chefes, temporários, do Locog, e não a seus superiores na hierarquia do Rio 2016.

No primeiro dia de setembro, segundo informou Nuzman, diretores do Locog informaram o ocorrido ao Rio 2016. "Eles, os proprietários das informações coletadas, não usaram o termo furto ou roubo", disse Nuzman. "Apenas pediram que os arquivos fossem devolvidos ou destruídos, o que foi feito, com a presença do pessoal do Locog", declarou.

As demissões ocorreram no dia 18. De acordo com Nuzman, o ministro do Esporte, e autori-

dades do governo do Estado e da prefeitura do Rio foram comunicados do incidente logo após o caso chegar ao conhecimento da cúpula do Rio 2016.

"Estava tudo claro na cláusula assinada pelos funcionários. Não poderiam ter feito o que fizeram", disse Leonardo Gryner.

**Integração.** Ontem, o Rio 2016 divulgou mensagem do diretor geral do Locog, Paul Deighton, na qual ele diz que a cópia não

## Demitida afirma ter se sentido 'humilhada'

Única das pessoas demitidas a se manifestar, Renata Santiago, que trabalhou por mais de 12 anos com Carlos Arthur Nuzman, revelou ter se sentido humilhada no processo de demissão. "Fui 'escoteada' por uma pessoa do RH para entregar o computador na hora. Foi humilhante", disse. Renata contou ter sido abordada, primeiro, por seu chefe direto, o diretor de relação com os Comitês Olímpicos Nacionais, Mario Cileni. "Ele me disse que a ordem tinha vindo de cima e não havia nada que eu pudesse fazer", afirmou Renata, que pretende entrar na Justiça, comum (por danos morais) e do trabalho, contra o Rio 2016.

A ex-funcionária ainda tentou contato com Nuzman, por acreditar que ele talvez não soubesse o que estava acontecendo. "Agora, escrevi a carta e enviei a ele por e-mail, mas não obtive resposta." / S.A. e T.R.

autorizada de arquivos "não resultou em nenhuma violação de segurança grave nem no comprometimento de quaisquer dados pessoais".

"O caso envolveu somente um pequeno número de pessoas e foi resolvido de forma eficiente e eficaz pela diretoria do Rio 2016", registra a nota, em que Deighton afirma que continuará compartilhando "qualquer informação solicitada pelos colegas do Rio".

## Conjunto 2:

## Judô

# Após trauma olímpico, Rafaela estreia em novo peso

Judoca disputa amanhã o Brasileiro Sênior na categoria meio-médio após superar a saída precoce em Londres

Amanda Romanelli

A judoca Rafaela Silva não deixou a Olimpíada de Londres da maneira que gostaria. Desclassificada na segunda rodada da categoria leve (até 57 kg) ao executar um golpe proibido, a atleta enfrentou pesadas críticas no Twitter, incluindo ofensas racistas. Mas, após um curto período em que não teve vontade alguma de pisar no tatame, a carioca de apenas 20 anos retornou aos treinos e agora encara novo desafio rumo a Olimpíada de 2016, no Rio.

Amanhã, em Natal, Rafaela será a única atleta da equipe olímpica a participar do Brasileiro Sênior. Será, também, sua estreia nacional em nova categoria, o meio-médio (até 63 kg).

Mudança veio após um período em que Rafaela viu o judô quase como um inimigo. "Eu colocava o quimonos, mas não tinha vontade de treinar. Não queria fazer nada, não dava", lembra a atleta sobre os momentos pós-Londres, em que ficou por uma semana na casa do amigo Felipe Kitadaí, bronze entre os ligeiros.

Na volta ao Rio, quando enfrentou a aversão inicial ao tata-



Depois de Londres. 'Colocava o quimonos, mas não dava'

me, surgiu o desafio da nova categoria. Aos poucos, a motivação também retornou. "Vejo naturalmente. Quando pensava em fazer outra coisa, vi que era do judô que eu gosto, que vivi para isso. E não queria abrir mão de, daqui a quatro anos, lutar uma olimpíada em casa."

A vontade de superar as tristes lembranças está marcada em uma tatuagem que fez no braço direito. Ao redor dos aros olímpicos, Rafaela escolheu estampar a seguinte frase: "Só Deus sabe o quanto eu sofri e o que eu fiz pra chegar até aqui".

A mudança de peso foi decidida em conjunto com a atleta, o técnico de Rafaela, Geraldo Bernardes, e a Confederação Brasileira (CBJ). "Por enquanto, é uma coisa mais experimental, pa-

ra ver se ela se adapta. Mas achamos que ela tem todas as condições de se destacar", afirma Bernardes. Por seu vigor físico, Rafaela deve ser bem sucedida.

Após Brasileiro, que servirá como classificatório para a seletiva que definirá a seleção de 2016, Rafaela disputará a Copa do Mundo de Abu Dabi e o Mundial de Equipes — a equipe será anunciada hoje.

A mudança também dará chances para que Ketleyn Quadros, bronze em Pequim 2008, volte a figurar como titular da seleção. Mas a medalhista terá uma forte adversária: a jovem Flávia Gomes, de 18 anos, campeã mundial juvenil e vice dos Jogos Olímpicos da Juventude.

## Conjunto 3:

**Fórmula 1**

### Hamilton deve renovar com a McLaren. Já Massa e Schumi...

Inglês está bem perto de continuar na equipe, brasileiro torce muito por novo contrato e alemão pode anunciar despedida

**Lívio Oricchio**

O destino de Lewis Hamilton teve mais espaço na imprensa esportiva internacional nas últimas semanas que qualquer outra notícia de Fórmula 1. O campeão de 2008 vai prosseguir na McLaren ou aceitar o convite feito pela Mercedes? O caminho profissional de Felipe Massa, hoje na Ferrari, e Michael Schumacher, Mercedes, da mesma forma, mereceu grande destaque.

Pois o desfecho de todas essas histórias está próximo. Parece provável que antes do GP do Japão, dia 7, a 15ª etapa, a McLaren anuncie sua decisão. Nos últimos dias circulou o rumor, fundamentado, de que Ron Dennis, sócio da McLaren, elevou o valor do contrato oferecido a Hamilton. A redução exigida por Dennis para o novo compromisso é a razão de o talentoso piloto inglês acenar com a possibilidade de se transferir para a Mercedes.

Como agora há um clima de distensão entre as duas partes, Hamilton sabe que as chances de dispor de um carro competitivo são bem maiores na McLaren, ganhou força na Inglaterra, on-

tem, a informação de que se chegou a um acordo. E a divulgação seria uma questão de dias.

Na Ferrari, as boas quatro últimas corridas de Massa, somando sempre pontos, corresponde ao que a escuderia deseja dele. E é o que Stefano Domenicali está avaliando para renovar seu contrato ou o substituir. "Não estamos longe de uma definição", disse Massa. "Espero que favoreça para mim."

Ross Brawn, diretor técnico da Mercedes, afirma sempre: "Espero que Michael continue conosco. Ele ainda não se definiu se permanece na Fórmula 1".

A verdade, porém, é outra, ao menos em relação ao que seria melhor para o time da montadora alemã. Schumacher é o piloto das melhores estatísticas de todos os tempos, mas hoje, aos 43 anos, dá sinais evidentes de ter entrado na curva descendente de desempenho.

Brawn gostaria muito de contar com um piloto no auge da forma, como Hamilton, no lugar do alemão, ao contrário do que diz à imprensa. Schumacher tem 43 pontos e o companheiro, Nico Rosberg, 93. "Vou anunciar o que farei (renovo com a Mercedes ou para de correr) no início de outubro", diz sempre. A impressão generalizada é de que Schumacher não vai continuar na F-1.

Se Hamilton, de fato, permanecer na McLaren, o piloto mais provável para substituí-lo é o promissor escocês Paul Di Resta, da Force India, já pertencente ao grupo de jovens pilotos administrados pela Mercedes.

**Dúvida.** Hamilton recebeu um convite da Mercedes

**Renovação.** Massa espera continuar na Ferrari em 2013



## Conjunto 4:

**Jogo Rápido**

**SÉRIE B**  
**Três times tentam se consolidar no G-4**  
Hoje, São Caetano, Criciúma e Goiás tentam se firmar no G-4 da Série B. O São Caetano encara o Paraná, às 19h30, em Curitiba. Às 21h, o Goiás visita o Guaratinguetá e no mesmo horário em Macaé, o CRB recebe o Criciúma.

**RACISMO**  
**John Terry é suspenso por quatro partidas**  
John Terry, do Chelsea, foi suspenso por quatro jogos pela Associação de Futebol da Inglaterra por ofensas racistas ao jogador Anton Ferdinand, do Queens Park Rangers. Também foi multado em US\$ 356 mil.

**FUTEBOL EUROPEU**  
**Francês, Português e Alemão têm jogos hoje**  
Fortuna Dusseldort x Schalke 04 é a única partida da rodada do Campeonato Alemão hoje. O Francês terá o encontro Rennes x Lille. O Português tem dois jogos: Paços Ferreira x Benfica e Vitória de Guimarães x Braga

**ITALIANO**  
**1 a 0** foi o placar da vitória do Siena sobre o Bologna. O Siena soma 2 pontos, pois começou com 4 negativos por punição no escândalo de manipulação de resultados.

**TÊNIS**  
**Federer veste a camisa da seleção brasileira**  
Para promover um evento no qual participará no Brasil no fim do ano, o tenista suíço Roger Federer posou com duas versões de uniformes da seleção brasileira, a de vôlei e a de futebol.



Nos conjuntos 1, 2 e 3 podemos destacar alguns elementos verbais e visuais constitutivos do gênero jornalístico informativo, tais como a manchete, a linha fina (pequeno texto secundário à manchete e que introduz informações presentes no corpo principal da notícia), as fotografias e suas respectivas legendas, assim como as assinaturas dos jornalistas e os créditos das fotografias. Entretanto, como já explicitado no capítulo precedente, independentemente de haver as assinaturas dos jornalistas e/ou os créditos dos fotógrafos, esse conjunto noticioso é fruto da intervenção de diversos agentes enunciativos, incluindo editores (de texto e de imagem), diagramadores, possíveis revisores, etc.

Já o conjunto noticioso 4 tem uma composição diferente. Ele é constituído por cinco pequenas notas, uma das quais acompanha uma fotografia, sem a presença de assinatura de

jornalistas (mas a foto leva o crédito). O motivo de tomar essas cinco pequenas notas como parte de um mesmo conjunto noticioso não deriva do fator de referirem-se a uma mesma temática, como nos conjuntos 1,2 e 3, mas sim porque todas fazem parte de uma mesma seção do jornal, que se constitui justamente de pequenas notas sobre os mais diferentes temas relacionados ao esporte, e apresentada ao leitor sob a rubrica de *Jogo rápido*. Isolar cada uma das notas como sendo um enunciado concreto acarretaria a perda de um aspecto importante de conclusibilidade, uma vez que a dimensão do gênero utilizado (pode-se dizer, de forma simplificada, *nota*) perde-se nesse processo de isolamento.

Compreender um conjunto noticioso como um enunciado concreto tem sua pertinência metodológico-analítica pois: 1) respeita a perspectiva de *conclusibilidade*; uma vez que há um acabamento mínimo que permite identificar o posicionamento enunciativo<sup>53</sup> daquele que enuncia; 2) permite, a partir do ponto 1, instaurar uma postura responsiva por parte do leitor/interlocutor/enunciatário; 3) respeita a dimensão verbo-visual constitutiva do enunciado, já que seus elementos verbais e visuais são tomados em consideração conjuntamente na apreensão dos efeitos de sentido produzidos e; 4) recorre à compreensão do gênero discursivo no qual o enunciado está inserido, tanto suas prescrições quanto a análise da sua esfera de produção, circulação e recepção.

A compreensão do conjunto noticioso como um enunciado concreto é central na tese aqui apresentada, e o que possibilita avançar na análise do fenômeno e no postulado do conceito das *aspas verbo-visuais* conforme a hipótese aqui apresentada.

No capítulo seguinte serão expostas as bases do conceito de *modalização autonímica*, formulado por Jacqueline Authier-Revuz (2012), que se caracterizaria como desdobramentos metaenunciativos opacificantes, num retorno do enunciado sobre o enunciado, e para quem as *aspas* seriam sua *arqui-forma*. Ainda no próximo capítulo, será trabalhada a pertinência da analogia do conceito de modalização autonímica e suas características, formulado a partir do plano estritamente verbal, quando analisada a dimensão verbo-visual do enunciado. Nesse ponto, serão debatidas as pertinências e impertinências de tal aproximação.

Por fim, encerrando este capítulo e já apontando o caminho da investigação que se prosseguirá, é importante reter a compreensão de que o conjunto noticioso será tomado como um só enunciado concreto e, portanto, as relações existentes entre os elementos verbais e visuais constitutivos desse único enunciado serão compreendidas como relações

---

<sup>53</sup> Não confundir posicionamento enunciativo, pela perspectiva do Círculo de Bakhtin, com a *posição enunciativa* da tradição da Teoria da Enunciação desde Benveniste.

metaenunciativas, uma vez que se manifestam e produzem efeitos de sentido dentro de um mesmo e único enunciado.

O que pode parecer trivial corresponde a um salto analítico e metodológico fundamental nas formulações seguintes acerca do fenômeno analisado na presente tese, e pode ser resumido da seguinte maneira: 1) se um enunciado só se constitui concretamente dentro do seu relativo acabamento e conclusibilidade semântico-formal e 2) os elementos verbais e visuais devem obrigatoriamente ser compreendidos como elementos constitutivos deste acabamento e desta conclusibilidade; 3) logo, as relações e efeitos de sentidos produzidos nesta relação entre elementos verbais e visuais são de natureza metaenunciativa, já que se estabelecem entre elementos constitutivos de um mesmo e único enunciado.

Tendo isto em mente, há a possibilidade de se prosseguir com passos mais firmes na trajetória proposta nesta pesquisa, onde essa postulação será retomada e aprofundada.

### Capítulo 3: As aspas e suas funções: a arqui-forma da modalização autonímica

Exposto um breve histórico da presença da verbo-visualidade na imprensa escrita, discorrido sobre a compreensão de assumir o jornal (ou uma revista) como uma instância de enunciação complexa e delimitado o entendimento de um conjunto noticioso como um só enunciado concreto, o presente capítulo buscará apresentar as funções que as “aspas” assumem quando empregadas no plano verbal; para assim ser possível uma delimitação mais clara do conceito proposto nesta tese, a saber, o das “aspas verbo-visuais”.

Uma maior atenção será dada às formulações da pesquisadora Authier-Revuz sobre o conceito criado por ela de “modalização autonímica”. Apesar de ele não se restringir exclusivamente quando da utilização das aspas, a pesquisadora afirma que estas são, assim como o emprego do itálico, uma “‘arqui-forma’ da modalização autonímica” (AUTHIER-REVUZ, 2012, p. 140, tradução própria)<sup>54</sup>.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008), as aspas possuem dois empregos na tradição dos estudos da Análise do discurso: o *autonímico* e o *em modalização autononímica*:

O *emprego autonímico* das aspas permite indicar que uma sequência é **tomada em menção** e não **em uso**, isto é, que o escrevente refere-se ao *signo*, em vez de, como no emprego padrão, indicar o referente por meio do signo. Os dois regimes principais de emprego autonímico são o *discurso direto*, no qual as aspas enquadram o conjunto de um enunciado, e a *palavra (ou série de palavras) entre aspas* no fio do texto: “ ‘Cavalo’ é um nome masculino.”

O *emprego em modalização autonímica* é particularmente interessante para os analistas do discurso. Enquanto a maior parte dos modalizadores autonímicos (“hum”, “de alguma forma”, “se me permitem a expressão”...) insere-se no fio do discurso e não indicam claramente sobre quais elementos incidem, as aspas, sem romper o fio da sintaxe, *enquadram tipograficamente* os elementos sobre os quais incidem. O que as aspas indicam “é um tipo de *ausência*, de vazio a ser preenchido interpretativamente” (AUTHIER-REVUZ, 1995, v.1, p. 136). Colocando palavras entre aspas, o enunciador contenta-se, com efeito, em *atrair a atenção* do receptor sobre o fato de ele empregar precisamente essas palavras que coloca entre aspas; ele as sublinha, deixando ao receptor o cuidado de compreender porque chama sua atenção, porque abre assim uma falha no seu próprio discurso. Em contexto, as aspas podem, portanto, tomar significações muito variadas (p. 65-66, grifos no original).

---

<sup>54</sup> No original: “une << archi-forme>> de la modalité autonimique”.

Para Authier-Revuz, a modalização autonímica é uma configuração da reflexividade enunciativa, uma enunciação “atravessada por sua auto-representação opacificante”, detentora de um “desdobramento metaenunciativo próprio”, que surge quando a enunciação “desdobra-se como um comentário de si mesma” (AUTHIER-REVUZ, 1998b, p. 14).

Essa auto-representação opacificante do dizer, por meio de um desdobramento metaenunciativo próprio, comentando a si mesma, é possível devido às *não coincidências do dizer* (AUTHIER-REVUZ, 1995, 1998, 1998b, 2012), que foram classificadas pela autora em quatro: *não coincidência interlocutiva entre os dois co-enunciadores*; *não coincidência do discurso consigo mesmo*; *não coincidência entre as palavras e as coisas* e *não-coincidência das palavras consigo mesmas*.

Na sequência deste capítulo o conceito de modalização autonímica será apresentado de forma mais detalhada, a fim de explicitá-lo de maneira satisfatória e, assim, tentar construir pontes entre o que foi formulado visando estritamente o plano verbal da linguagem e uma perspectiva de compreendê-lo tomando de análise o plano verbo-visual. A compreensão das *não-coincidências* será importante nessa tentativa aproximativa que se busca desenvolver nessa pesquisa.

Com os desenvolvimentos construídos desde o Capítulo 1 até o final deste será possível ter clareza da fundamentação teórico-metodológica sob a qual se orientarão as análises apresentadas no Capítulo 5, e também do percurso estabelecido rumo à confirmação ou refutação da hipótese postulada na presente tese.

### 3.1. O conceito de modalização autonímica e as não-coincidências do dizer

Para iniciar esta parte do capítulo, serão apontadas quais foram as balizagens teóricas construídas pela pesquisadora Authier-Revuz para o desenvolvimento do seu conceito de *modalização autonímica*. A pesquisadora situa o seu conceito, enquanto auto-representação do dizer, entre dois campos a que ele concerne: o da *metalinguagem* e o da *enunciação*.

Sobre a metalinguagem, a configuração por ela visada (AUTHIER-REVUZ, 1995, 1998b, 2012) é especificada como tendo relação com a *metalinguagem natural*, observável no discurso, estudada por Josette Rey-Debove (1978, 1979), que seria a capacidade de reflexividade das línguas naturais, “que é ao mesmo tempo ‘restrição’ – se se coloca que ‘não há metalinguagem’, ou seja, uma exterioridade de onde seria possível tomá-la como objeto” (AUTHIER-REVUZ, 1998b, p. 15).

Em Authier-Revuz (2011) pode-se ler que a propriedade fundamental da linguagem humana é sua reflexividade, a saber, sua capacidade de se tomar a si mesma por objeto – o fato autonímico – assegurando em todo sistema de signos da língua natural a possibilidade de se referir a esses signos mesmos.

Entretanto, segunda a pesquisadora, é possível (de uma maneira bastante esquemática) opor dois pontos de vista sobre a reflexividade da metalinguagem natural. De um lado, uma aproximação advinda da tradição da Lógica pela qual – desde Aristóteles – a reflexividade é tratada como um defeito das línguas naturais, proveniente das confusões entre uso e menção, perturbando a mecânica lógica do cálculo da verdade por meio dos paradoxos produzidos. “Diante deste perigo, a questão é de antes de tudo minimizar os danos com uma certa fetichização para dispositivos de classificação desambiguizante como a aspa<sup>55</sup>” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 67, tradução própria)<sup>56</sup>.

De outro lado, há aqueles que colocam a reflexividade – e, com ela, a autonomia – como uma “*propriedade específica* das línguas naturais, vista, positivamente, como função, poder e também restrição da linguagem humana” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 67, grifos no original, tradução própria)<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> Importante salientar que a utilização das aspas na linguagem lógica não possui relação com a utilização deste mesmo recurso no plano enunciativo-discursivo.

<sup>56</sup> No original: “Devant ce danger, la question est avant tout d’en limiter au maximum les dégâts, avec une certaine fétichisation pour les dispositifs de notation désambiguïsatrice comme le guillemet.”

<sup>57</sup> No original: “*propriété spécifique* des langues naturelles, saisie, positivement, comme fonction, pouvoir et aussi contrainte du langage humain.”

E prossegue:

O nome de Jakobson evidentemente vem à mente, com as múltiplas passagens, apenas nos Ensaio de linguística geral<sup>58</sup>, que testemunham, associados aos termos de “faculdade” ou de “função metalinguística”, a preocupação constante de retirar a metalinguagem da esfera científica da Lógica ou da esfera da Linguística para trazê-la ao mesmo nível das “nossas atividades linguísticas usuais”.

Nota-se menos frequentemente quanto essa dimensão reflexiva da linguagem humana é um fio que atravessa a obra de Benveniste: a caracterizando como um “poder maior” e um “privilégio” da língua natural, entre todos os sistemas de signos da esfera humana<sup>59</sup>” (2011, p.67-68, tradução própria)<sup>60</sup>.

Poder das línguas naturais, a reflexividade é também uma restrição que pode ser entendida pela constatação de que “não somente há a metalinguagem na língua, mas ela não existe em nenhum outro lugar” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 68, tradução própria)<sup>61</sup>. Nessa parte, a pesquisadora lança mão de algumas formulações do psicanalista francês Jacques Lacan, que afirmou que não existe a metalinguagem em um de seus aforismos, uma vez que a linguagem se reproduz no interior de si mesma, e, assim, para o sujeito humano – o *parlêtre* – não existe uma exterioridade à linguagem de onde se pode tomar a si mesmo por um objeto. O aforismo lacaniano pode ser resumido em uma citação que a autora faz de J.-A. Miller:

Se uma língua U pode ser falada é porque ela pode falar dela mesma. Ela é a ela mesma metalinguagem e linguagem objeto. É por isso que eu repito agora: não existe metalinguagem. [...] Ninguém que fala ou escreve a transcende. A língua U não possui exterior. [...] e nela se abraçam e se entrelaçam linguagem-objeto e meta-linguagem, uso e menção (MILLER, 1976, p. 70 apud. AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 69, tradução própria).<sup>62</sup>

---

<sup>58</sup> No Brasil, os textos que compõem a edição francesa que leva o nome de *Essais de linguistique générale* foram publicados sob o título *Linguística e comunicação* (JAKOBSON, 1969). Da edição brasileira consta também o ensaio *Em busca da essência da linguagem*, que não consta da edição francesa, conforme é informado no prefácio escrito por Isidoro Blikstein.

<sup>59</sup> Nota na citação original: << [...] pouvoir majeur, celui de créer un deuxième niveau d'énonciation, où il devient possible de tenir des propos signifiants sur la signifiante. C'est dans cette faculté métalinguistique que nous trouvons l'origine de la relation d'interprétance par laquelle la langue englobe les autres systèmes.>> (BENVENISTE, 1974, p.97).

<sup>60</sup> No original: “Le nom de Jakobson vient évidemment aussitôt à l'esprit, avec les multiples passages, dans les seuls Essais de Linguistique générale, qui témoignent, associés aux termes de <<facultés>> ou de <<fonction métalinguistiques>>, du souci constant de sortir le métalangage de la sphère scientifique de la logique ou de la linguistique pour le faire entrer de plain-pieds dans <<nos activités linguistiques usuelles>>.”

On relève moins souvent combien cette dimension réflexive du langage humain est un fil qui traverse l'oeuvre de Benveniste : la caractérisant comme un "pouvoir majeur" et un "privilège" de la langue naturelle, parmi tous les autres systèmes de signes de la sphère humaine.”

<sup>61</sup> No original: “ non seulement il y a de métalangage dans la langue, mais il n'y en a nulle part ailleurs.”

<sup>62</sup> No original: “Si la langue U peut être parlée c'est qu'elle peut parler d'elle-même. Elle est à elle-même métalangage et langage objet. C'est en quoi je redis maintenant : il n'y a pas de métalangage. [...] Personne qui parle ou écrit ne la transcende. La langue U n'as pas d'extérieur. [...] en elle s'enlacent et s'enchevêtrent langage-

Ainda sobre a metalinguagem, Authier-Revuz clarifica o que seria a negação da metalinguagem, como pode ser conferido na passagem abaixo:

A negação da metalinguagem não implica – ao contrário, como visto – a negação de um funcionamento metalinguístico *interno* à linguagem, a caracterização como “imaginário” da “diferença entre a menção e o uso” (MILNER, 1983, p. 28) não pode ser entendida como negação do fato observável – não somente no plano tipográfico, frequentemente “fetichizado” pelos lógicos, mas àquele da sintaxe – da autonomia: se o equívoco que a *lalangue* provoca na língua, graça a qual “alguma coisa se diz sempre a mais, que não foi perguntado” retirando do sujeito falante a pretensão “de possuir o controle dos múltiplos ecos do seu dizer” (MILNER, 1983, p.40), é um fato geral, a autonomia, fato da metalinguagem na língua, constitutivamente – quer dizer, “regularmente” e inevitavelmente geradora da homonímia – aparece, na “desestratificação” da língua àquele que ela se presta, como uma forma exemplar desse real de um equívoco “efeito [...] das homofonias que existem e da metalinguagem que não existe” e que “somente um fora-língua poderia dissipar” (MILNER, 1983, p. 40 e 52) (AUTHIER-REVUZ, 2012, p.40, grifos no original, tradução própria).<sup>63</sup>

Authier-Revuz afirma que sua compreensão de metalinguagem tem relação também, para além da detalhada anteriormente, com: 1) a metalinguística comum, ou epilinguística, “que dá acesso às representações de sujeitos ao sujeito da linguagem (da língua, do sentido, da comunicação...)” (1998b, p. 15); 2) com o ato metaenunciativo, “auto-representação do dizer se fazendo (vs. discurso sobre a linguagem em geral, sobre um outro dizer...)”, em que o discurso sobre a prática da linguagem, “emergindo desta em pontos do dizer que requerem ‘mais dela’ do que um comentário, conjuga os dois planos da prática e da representação – como parte dessa prática” (1998b, p. 15); 3) com a opacificação (vs. transparência) do fragmento auto-representado do dizer (ex.: *para empregar uma palavra especializada, X...*) e não apenas o seu conteúdo (ex.: *para nada vos ocultar, P*). Esta distinção se apoia de um modo geral na descrição sintático-semiótica da autonomia desenvolvida por Rey-Debove e na estrutura de “acúmulo semiótico” – que denota a coisa e conota a palavra – da conotação

---

objet et méta-langage, usage et mention.”

<sup>63</sup> No original: “Pas plus que la négation du métalangage n’implique - au contraire, on l’a vu - la négation d’un fonctionnement métalinguistique *interne* au langage, la caractérisation comme <<imaginaire>> de <<la différence de la mention et de l’usage>> (MILNER, 1983, p. 28) ne peut s’entendre comme négation du fait observable - non seulement au plan de la typographie, souvent <<fétichisée>> par les logiciens, mais à celui de la syntaxe - de l’autonymie : si l’équivoque que *lalangue* fait jouer dans la langue, grâce à quoi <<quelque chose se dit toujours en plus, qui n’était pas demandé>>, déboutant le sujet parlant de la prétention <<d’avoir la maîtrise des échos multiples de son dire>> (MILNER, 1983, p. 40), est un fait général, l’autonymie, fait de métalangage dans la langue, constitutivement - c’est-à-dire <<régulièrement>> et inévitablement génératrice d’homonymie - apparaît, dans la <<déstratification>> de la langue à laquelle elle se prête, comme une forme exemplaire de ce réel d’une équivoque <<effet [...] des homophonies qu’il y a et du métalangage qu’il n’y a pas>> et que <<seul un hors-langue pourrait [...] dissiper>> (Milner, 1983, p. 40 e 52).”

autonímica, de onde provém a noção de modalização autonímica via uma redefinição (que opera, entre outros, um deslocamento para um ponto de vista enunciativo) como modo de dizer (opondo ao modo de dizer “simples” de um elemento X, que remete a um referente *x*, o modo complexo de uma reflexividade opacificante, de forma que a nomeação do referente *x* se efetue fazendo intervir, de alguma forma, o autônimo X’, homônimo de X) (1998b, p. 15); e 4) com uma modalidade reflexiva particular, “caracterizável diferencialmente como tal, manifestada por um conjunto de formas observáveis na cadeia (vs. as teorias pragmáticas da enunciação como reflexividade)” (1998b, p. 15).

Sendo estas as balizas teóricas sobre o campo da metalinguagem dentro das quais se orienta a sua pesquisa, sobre o campo da *enunciação*, Authier-Revuz afirma:

Na oposição traçada por C. Fuchs no seio das abordagens da enunciação, entre uma corrente pragmática, que parte de “conceitos lógico-linguísticos” ou de categorias relativas à “linguagem em atos” ou à interação, e uma corrente “enunciativa no sentido estrito”, “neo-estruturalista”, **que parte** – nesse campo heterogêneo onde se encontram a língua e seus exteriores – **das formas de língua** (marcada pelos nomes de Bally, Benveniste, Culliolli); é a esta última que se correlaciona meu trabalho (1998b, p. 16, grifos no original).

Continuando a delimitação do campo da enunciação no qual seu trabalho está inserido, a pesquisadora afirma que seu ponto de vista ao fazer sua abordagem linguística dos fatos enunciativos obrigatoriamente está afetado por uma heterogeneidade teórica, impondo a explicitação dos exteriores teóricos da linguística propriamente dita nos quais sua pesquisa visa apoiar-se. Com isso, ela busca afastar-se do que ela denomina de duas concepções opostas: de um lado, com as concepções que negam ou diluem o objeto língua como “ordem própria” em proveito de um objeto outro que concerne a outros campos – como reduzir a língua ao social, ou tomar a língua como objeto total interdisciplinar, dentro de certas perspectivas comunicacionais; e, de outro lado, “com a concepção explicitada por Ducrot em sua teoria intralinguística da enunciação e do sentido, de uma autonomia do linguístico, aí compreendido o campo enunciativo” (AUTHIER-REVUZ, 1998b, p.16).

A consideração dos fatos metaenunciativos, com o que eles implicam na auto-representação do dizer e, portanto, no distanciamento interno em uma enunciação desdobrada por seu próprio reflexo como, para a pesquisadora, a centralidade da escolha dos exteriores teóricos a serem buscados no que toca à questão do *sujeito* e da sua relação com a linguagem, nos quais se apoia a descrição: “a linha de fratura fundamental entre o sujeito-**origem** – o da

psicologia e das suas variantes “neurais” ou sociais – e o sujeito-**efeito** – aquele assujeitado ao inconsciente, da psicanálise, ou o das teorias do discurso que postulam a determinação histórica em um sentido não individual – é aqui crucial” (AUTHIER-REVUZ, 1998b, p.16).

E continua:

Se, com efeito, apoiamo-nos, explícita ou implicitamente, em um sujeito fonte intencional do sentido que ele exprime através de uma língua instrumento de comunicação – o que é o caso de forma geral nas abordagens pragmático-comunicacionais –, é então coerente considerar que o enunciador está em condição de (se) representar sua enunciação e o sentido que ela aí “produz”, e que talvez lhe seja transparente: nesse caso, é possível considerar que as formas de representação que os enunciadores dão de seu próprio dizer sejam um reflexo direto do real do processo enunciativo.

Se, ao contrário, como aqui, apoiamo-nos em exteriores teóricos que destituem o sujeito do domínio de seu dizer – assim a teoria do discurso e do interdiscurso como lugar de constituição de um sentido que escapa à intencionalidade do sujeito, desenvolvida por M. Pêcheux; e, de modo central, a teoria elaborada por Lacan, de um sujeito produzido pela linguagem como estruturalmente clivado pelo inconsciente –, consideramos que o dizer não poderia ser transparente ao enunciador, ao qual ele escapa, irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso: nesse caso, impor-se-á a necessidade de representar – de modo diferente do que um simples reflexo – o estatuto dos fatos, observáveis, da auto-representação.

É aqui a categoria lacaniana do *imaginário* que é colocada em jogo, e a “função de desconhecimento” assegurada estruturalmente no sujeito por um “ego” [“*moi*”] ocupado em anular, no imaginário, a divisão que afeta o “eu” [“*je*”]; essa categoria permite ultrapassar a alternativa “bloqueada” que apresentam (reduzindo igualmente o sujeito e sua enunciação ao que é o seu imaginário, para tirar disso consequências opostas) as abordagens pragmáticas, de um lado, encerrando a enunciação em um espaço de intenção, de interações, de representações (estratégicas, relações com o outro, desdobramentos, imagens...), ignorando decididamente o que na enunciação poderia escapar desse registro, e de outro lado, durante um tempo, a análise do discurso (M. Pêcheux), desinteressando-se – em proveito do estudo dos “processos discursivos”, verdadeiros “sujeito-causa” do dizer – pelas formas concretas da enunciação tidas como puras manifestações superficiais da “ilusão subjetiva” (AUTHIER-REVUZ, 1998b, p.16-17, grifos no original).

Estabelecidas as balizas teóricas das quais se orienta tanto no campo da *metalinguagem* quanto no campo da *enunciação*, Authier-Revuz conclui dizendo que é neste quadro assim balizado que se situa o estudo da reflexividade opacificante da modalização autonímica. Ela é considerada, primeiro, no plano da língua, sob o ângulo dos tipos de formas pelas quais se realiza, na linearidade do fio de um dizer sobre as coisas, “esse ‘retorno’ metaenunciativo que se volta sobre as palavras desse dizer” (1998b, p.17). Em seguida, sob o ângulo dos tipos de representações de interlocuções, do discurso, da língua, da nomeação, do

sentido etc., “cuja enunciação esse retorno acompanha, representação cuja função na economia enunciativa em geral – e tal como se manifesta nos discurso particulares – é considerada, em sua dimensão imaginária, em relação com o real, irrepresentável por si mesmo, da enunciação” (1998b, p. 18).

É importante frisar que a apropriação do conceito de modalização autonímica possui suas limitações teórico-metodológicas quando analisado o plano verbo-visual da linguagem. A principal limitação deriva, como está explicitado nessa breve exposição das balizas teóricas assumidas por Authier-Revuz, do fator de que a dimensão verbo-visual do enunciado não estava dentro das suas preocupações analíticas, e a compreensão do enunciado como *enunciado concreto* também não era partilhada pela pesquisadora. Este ponto será retomado no capítulo seguinte, direcionado a estas problemáticas da apropriação de um conceito derivado de formulações que levaram em consideração o plano estritamente verbal no momento que se busca articulá-lo levando em consideração o plano verbo-visual da linguagem.

Sobre o conceito de *opacificação*, base da formulação das *não-coincidências*, Authier-Revuz cita a apresentação dessa reflexão feita por Récanati (1979), autor que distingue a concepção saussuriana de signo daquela que o compreende como uma coisa que representa outra coisa. Articulando com a proposição dos planos semiótico e semântico feitas por Benveniste, ele crê no duplo destino dos signos, a saber, a *transparência* e a *opacidade*. Sobre esta questão, Flores e Teixeira (2008) sintetizam:

O signo é como um vidro transparente que permite ver outra coisa além dele próprio e essa transparência vem do fato de representar a coisa significada sem ele mesmo se refletir nessa representação. No entanto, o signo pode também não remeter a outra coisa a não ser ele mesmo, perdendo a transparência que permitia ver a coisa através dele, sendo aí que se torna opaco. Em outras palavras, quando o locutor se serve do signo, fazendo *uso* dele, é transparente, pois, nesse caso, o que o signo é ele próprio como signo não aparece: o que aparece é a coisa significada. Inversamente, pode-se tratar o signo como coisa, *mencioná-lo*, colocá-lo entre aspas, opacificando-o.

A partir da reflexão trazida por Récanati e das indicações presentes em Rey-Debove, Authier-Revuz diz que o signo comum é transparente porque, ao mesmo tempo em que se apaga diante da coisa nomeada, tolera a substituição sinonímica de um termo pelo outro. Já o signo autonímico é opaco, opacidade que resulta de uma *interposição*, no “trajeto” que leva à coisa designada, de uma consideração sobre o próprio signo. A autora restringe o uso do termo *opacificação* a esse fenômeno de *interposição*, que suspende a sinonímia, como na *menção* – emprego dito “opaco” do signo – mas não suspende a designação do objeto por intermédio do signo (2008, p. 81-82).

Assim, um signo *transparente*, grosso modo, é aquele que coincide com ele mesmo, desaparecendo em sua transparência. Já um signo *opaco* é aquele que *não coincide* plenamente com ele mesmo, marcando-se na sua opacidade. É por isso que Authier-Revuz constrói o campo das *não-coincidências do dizer* como fundamental para o entendimento dos desdobramentos metaenunciativos opacificantes<sup>64</sup>.

Authier-Revuz classifica como sendo quatro as *não-coincidências do dizer*, que seriam comentários metaenunciativos não mais no plano da sintaxe, “mas no **do que eles dizem** ao sujeito do dizer” (1998b, p.20, grifos no original). Seriam elas: a não-coincidência interlocutiva entre os dois co-enunciadores; a não-coincidência do discurso consigo mesmo, afetado pela presença de si de outros discursos; não-coincidência entre as palavras e as coisas; e a não coincidência das palavras consigo mesmas, afetadas por outros sentidos, por outras palavras, pelo jogo de polissemia da homonímia etc.

Em Authier-Revuz (1998b), há uma explicação esquemática desses quatro campos de não-coincidências, que será apresentada na sequência, respeitando os grifos no original:

**A não-coincidência interlocutiva** é colocada, com apoio em uma concepção pós-freudiana do sujeito, não-coincidente consigo mesmo pelo fato do inconsciente, como fundamental e irreduzível entre dois sujeitos “não-simetrizáveis”, remetendo a um artifício – tão sofisticado quanto sejam as suas teorizações –, a “comunicação” concebida como produção de “um” entre os enunciadores.

As figuras que, pontualmente, assim tomam lugar no dizer inscrevem-se em duas versões: (1) **conjurar o fato** de que uma maneira de dizer ou um sentido não inteiramente, ou absolutamente, “partilhados”, por estratégias diversas (injunção a dizer em uma só voz: *digamos X*; apelo à boa vontade do outro: *X, permita-me dizer...*; suspensão do dizer ao querer do outro: *X, se quiser, se entende o que eu quero dizer*), ou seja, tentar restaurar um UM de co-enunciação lá onde ele parece ameaçado. Ou, ao contrário, (2) **tomar em conta**, nesse ponto, **o não-um**, marcando que “as palavras que eu digo não são as suas” (*X, como você(s) diz(em)*; *X, eu sei bem que você(s) não gosta(m) da palavra*) ou que “as palavras que digo são as suas, não as minhas” (*X, como você(s) acaba(m) de dizer, como você(s) gosta(m) de dizer* etc.).

Diversos diálogos, um texto polêmico, o gênero de divulgação científica são, entre outros, analisados como realização específica deste conjunto de figuras.

---

<sup>64</sup> Na parte seguinte do capítulo será feita uma discussão sobre a transparência e a opacidade do signo com o conceito de *signo ideológico* formulado pelo Círculo de Bakhtin.

**A não-coincidência do discurso consigo mesmo** é colocada como constitutiva, em referência ao dialogismo bakhtiniano – considerando que é **toda palavra** que, por se produzir no “meio” do já-dito dos outros discursos, é habitada pelo discurso do outro – e à teorização do interdiscurso, em análise de discurso, que remete ao “eu falo” aqui e agora ao “algo fala em outro lugar, antes e independentemente” (M. Pêcheux), e atinge, no plano do sujeito, o que M. Schneider (1985) chama de “a não-propriedade fundamental da linguagem”.

Assinalando entre suas palavras a presença estranha de palavras marcadas como pertencimento a outro discurso, um discurso esboça em si o traçado – assinalando uma “interdiscursividade representada” – de uma fronteira interior/exterior. Certo número de oposições é destacado no conjunto dessas formas, permitindo especificar **tipos de fronteira** entre si e o outro, pelas quais um discurso produz em si mesmo, por diferença, uma imagem de si: assim, entre outros, (1) **balizagem ou incerteza** do traçado (desde o elemento “citado” com todas as precisões, até a retomada não marcada); 2) exterior “**apropriado**” ao objeto do dizer (isto é, em que uma palavra “não de si” se impõe como palavra “disto do qual se fala”; por exemplo: palavra de um outro lugar, de uma outra época, de uma outra teoria, de uma outra pessoa, da qual se fala, e que se impõe como apropriada a esse objeto) *vs.* **associado** ao discurso (isto é, que se impõe em apoio, conflito, associação de ideias... ao discurso, a partir do campo de força do interdiscurso); 3) maneira de dizer outra tomada como “**roupagem**” outra para um mesmo conteúdo; *vs.* como **ponto de vista** outro sobre o real; (4) exterioridade de **uma palavra** ou do **sentido de uma palavra** (*X, no sentido cristão, no sentido de Bourdieu*); (5) **tipo de outro**: outra língua, religião, época, registro, “socioleto”, discurso teórico, posição política...; (6) o exterior do **repetido** no singular (imagens da relação com a estereotipia).

Cada uma dessas posições, e sua combinação, são ilustradas pelo estudo do discurso que as coloca em cena diferencialmente; discurso diverso sobre o passado, romances regionalistas, textos teóricos, textos políticos.

**A não-coincidência entre as palavras e as coisas** é colocada como constitutiva, na dupla perspectiva, de um lado, da oposição, reconhecida pela linguística entre o “quadriculado de distinções” da língua – sistema acabado de unidades discretas – e o contínuo, as infinitas singularidades do real a nomear, que inscreve um “jogo” inevitável na nomeação; e, de outro lado, em termos lacanianos, do real como radicalmente heterogêneo à ordem simbólica, isto é, da falta (constitutiva do sujeito como falho) de “captura do objeto pela letra”, que desemboca na “perda” inerente à linguagem, à que respondem, sob modos opostos, a escritura – que

habita essa separação – e a produção de mitos consoladores – línguas “perfeitas” diversas, que recusam a separação.

Authier-Revuz alerta que, se os dois desvios precedentemente evocados – inscritos respectivamente na relação com o outro (inter)locutor e com o outro discurso – são examináveis no quadro do “dialogismo” bakhtiniano, o mesmo não ocorre com os desvios das não-coincidências entre as palavras e as coisas e das não-coincidências das palavras consigo mesmas, que concernem ao real da **língua** – como forma, de um lado, como espaço do equívoco, do outro –, aos quais a perspectiva dialógica dá espaço em sua abordagem da enunciação.

As figuras que, pontualmente, dão lugar a essa separação no dizer se apresentam em três tipos: (1) figuras do **UM realizado** na nomeação, considerado sob o ângulo da coincidência do enunciador com o seu dizer (fazendo jogar intencionalmente, desejo pessoal, normas coletivas...: *X e eu digo bem X'*; *ousa dizer X, o que se pode, o que é preciso chamar X'*) ou da coincidência da palavra com a coisa (*X, é a palavra, exata, justa, que convém; X no sentido estrito; X propriamente dito*); (2) figuras da **adequação visada**, representando uma enunciação “entre o dizer e o não dizer” (*o que se poderia chamar de X'*; *eu não digo X' mas quase; direi X?*), ou uma nomeação “entre duas palavras” (*X, eu falho dizendo Y; X, eu deveria dizer Y?*; *X, ou antes Y; X, não Y; X ou Y*); (3) figuras da **falta** da nomeação, considerada seja no plano do modo de dizer ausente para ele mesmo (nas modalidades “suspensivas”: *se se pode dizer*; ou “anuladoras”: *o eu não direi X que...*) ou que apresentam uma imperfeição (*X, eu emprego X' na falta de algo melhor, por comodidade, provisoriamente; X, por assim dizer*), seja no plano da distância descrita entre a palavra e a coisa (distância especificada: *X, é um eufemismo*;... ou distância fluida: *X, entre aspas*).

Neste percurso aparecem, de forma notável, por um lado, no plano dos fenômenos “tratados”, reflexivamente, pelos enunciadores, entre outros, a metáfora, o neologismo, o eufemismo e a hipérbole, e um conjunto de oposições gramaticais (finitude, número, tempo, modo) muito raramente em causa nos outros campos de não-coincidência e, por um lado, no plano das formas de glosa, a importância particular da modalização explícita que apresenta uma encenação complexa de recursos modais da língua (modalidade de enunciação, polaridade afirmativa/negativa, auxiliares modais, modos e tempos com valor modal, advérbios, subordinadas, etc.).

Diversos discursos são considerados a partir do tipo de representação que eles oferecem desta distância palavra/coisa: discursos tendencialmente virgens deste tipo de

formas (matemática, poesia...), discursos com representação moderada dessa distância, discurso com forte presença de formas (1), de coincidência, discursos diversos fortemente marcados pelas formas (2) e (3) desse tipo de não-coincidência.

A **não coincidência das palavras consigo mesmas** é colocada – contra as abordagens “monossemeisantes”, que reduzem a fenômenos lúdicos, ou acidentais, do lado da recepção, a dimensão do equívoco do dizer – como consubstancial ao jogo que Lacan chama de *Lalangue*, na língua, consagrando fundamentalmente o sistema linguístico de unidades distintas, e os enunciados, ao equívoco de uma homonímia generalizada, aquela em que se ancoram a poesia, a prática psicanalista, e que Saussure havia encontrado com temor nos anagramas.

As figuras que pontualmente testemunham o encontro dos enunciadores com o equívoco que joga em suas palavras, mostrando-se de quatro tipos: (1) respostas de fixação de **um** sentido (*X, no sentido de p; X, não no sentido de q; X, sem jogo de palavras*); (2) figuras do dizer alterado pelo encontro com o não-um: desculpas, reservas, modalidades irrealizantes do dizer, ligadas ao jogo de um “sentido a mais” (*eu falhei dizendo X’; X, se eu ousar dizer...*); (3) o sentido estendido no não-um (*X, também no sentido de q, no sentido de p e no sentido de q, nos dois sentidos, em todos os sentidos da palavra*); (4) o dizer reafirmado pelo não-um, frequentemente imprevisto, do sentido (*X, é o caso de dizer; X, é a palavra!; X, para dizê-lo em uma outra palavra preciosamente ambígua;...*).

Dentre as questões que, entre outras, encontram-se colocadas nesse percurso: (a) a do modo – diferente ou não – pelo qual os enunciadores apreendem reflexivamente a diversidade dos não-um inscritos nesse campo, da polissemia da mais fina no quadro do signo à homonímias mais “selvagens” com relação às unidades de língua, (b) a da interpretação a dar, em discurso, à glosa *em todos os sentidos da palavra*.

Encerrada a explanação das quatro não-coincidências do dizer conforme estabelecidas por Authier-Revuz, faz-se necessário apontar algumas considerações que ela tece sobre as palavras e o processo de produção de seus sentidos:

Essas palavras **porosas**, carregadas de discursos que elas têm incorporado e pelos quais elas restituem, no coração do sentido do discurso se fazendo, a carga nutriente e destituente, essas palavras caleidoscópicas nas quais o sentido, multiplicado em suas facetas imprevisíveis, afasta-se, ao mesmo tempo, e pode, na vertigem, perder-se, essas palavras **que faltam**, faltam para dizer, faltam por dizer – defeituosas ou ausentes – aquilo mesmo que lhes permite nomear, essas palavras **que separam** aquilo mesmo entre o que elas estabelecem o elo de uma comunicação, é no real das não-coincidências

fundamentais, irreduzíveis, permanentes, com que elas afetam o dizer, que se produz o sentido (AUTHIER-REVUZ, 1998b, p. 26, grifos no original).

No capítulo seguinte desta tese, quando se buscará apontar a pertinência e as limitações da apropriação do conceito de modalização autonímica para o plano verbo-visual, serão feitos comentários a respeito das formulações acima, apontando proximidades e diferenças com a concepção de *signo ideológico* estabelecida pelo Círculo de Bakhtin, assim como também as diferenças sobre a concepção de *sujeito* entre os pensadores do Círculo e aquela assumida pela pesquisadora citada.

Dadas estas informações, faz-se possível compreender a modalização autonímica como uma configuração enunciativa pertencente ao campo da reflexividade linguageira, “apresentando-se como um modo complexo de dizer, desdobrado por uma auto-representação opacificante – i.e., fazendo intervir nessa ‘imagem do dizer’, por meio da autonímia, a materialidade dos signos concernentes, significado e significante” (AUTHIER-REVUZ, 1999, p.7-8).

Na presença da modalização autonímica, o dizer, em um ponto do seu desenrolar, usando as palavras da pesquisadora, se representa como não sendo evidente por si mesmo:

[...] o signo, em lugar de neles [nos enunciados] preencher, transparente, no apagamento de si, sua função mediadora, interpõe-se como real, presença, corpo – objeto encontrado no trajeto do dizer e se impondo a ele como objeto deste –; a enunciação deste signo, ao invés de “simplesmente” se cumprir, no esquecimento que acompanha as evidências inquestionadas, se duplica com um comentário sobre si mesma (AUTHIER-REVUZ, 1999, p.8).

A opacificação do signo, assim, orienta-se pelas suas não-coincidências do dizer, e insere-se no processo de desdobramento metaenunciativo, no retorno que o enunciado faz sobre si mesmo, retorno este no qual o dito é dito e também comentado pelo seu próprio dizer.

É esse processo de desdobramento metaenunciativo opacificante (núcleo da formulação da modalização autonímica) que é o perseguido nessa tese, porém realizado entre os elementos verbais e visuais constitutivos de um mesmo enunciado concreto.

## Capítulo 4: Da apropriação do conceito para o plano verbo-visual e abordagem metodológica

Da mesma forma que Authier-Revuz inicia as suas formulações sobre a modalização autonímica explicando quais são suas balizas teóricas, o mesmo processo será aqui apresentado no esforço de apropriação do referido conceito para o plano verbo-visual.

A primeira baliza, já exposta, recai sobre a compreensão de *enunciado*. Se Authier-Revuz se apresenta na tradição neoestruturalista, incorporando a noção de *sujeito* por uma perspectiva pós-freudiana, mais especificamente na tradição lacaniana de sujeito constituído na e pela linguagem, sendo ele e, conseqüentemente, sua linguagem, crivados pelo inconsciente, a pesquisa aqui apresentada compreende o enunciado como um *enunciado concreto* dentro das formulações oriundas das pesquisas do Círculo de Bakhtin, conforme já apresentado no Capítulo 2.1 (O conjunto noticioso como enunciado concreto).

Assim, é pela compreensão do enunciado como *enunciado concreto* que será possível estabelecer o que seriam os desdobramentos metaenunciativos. A questão do que seria a metalinguagem aqui também se faz pertinente. Authier-Revuz, como visto, orienta-se pela perspectiva da *metalinguagem natural* desenvolvida por Rey-Debove, e o conceito de autonímia. Para a presente tese, uma questão teórica se coloca aqui: o que considerar como metalinguagem quando abordado um plano no qual elementos de dois sistemas diferentes de significação são tomados em seu conjunto, como no plano verbo-visual? Haveria autonímia no plano verbo-visual?

Um signo autonímico é aquele que, dentro de um enunciado, é tomado como menção, e não em uso. Como diz Ferrater Mora, dentro da tradição dos estudos filosóficos, “um signo usado é um nome da entidade designada pelo signo. Um signo mencionado é um nome de si mesmo” (2009, p.2359, tradução própria)<sup>65</sup>.

A capacidade de um signo ser usado e mencionado é exclusiva do sistema linguístico, que tem a capacidade de tomar a si mesmo como objeto, ou seja, discorrer sobre si mesmo dentro do mesmo sistema de signo. Benveniste (1974) acredita que essa capacidade presente na linguagem verbal (escrita ou oral) o faz superior aos demais sistemas de significação, pois seria o único sistema de significação que poderia interpretar-se a si próprio

---

<sup>65</sup> No original: “Un signo usado es un nombre de la entidad designada por el signo. Un signo mencionado es un nombre de sí mismo.”

sem a necessidade de outro sistema significação, conjugando a capacidade de ser, ao mesmo tempo, um “sistema interpretante” e um “sistema interpretado”.

Nesse ponto, percebe-se a capacidade de se poder falar sobre *palavras* utilizando-se *palavras*. E, do mesmo modo, a incapacidade de se discorrer sobre uma *cor*, por exemplo, utilizando *cores*. Ou ainda, falar sobre um notas musicais utilizando notas musicais – o que não quer dizer que *cores* e *sons* não possuem a capacidade de significar. Benveniste assim afirma:

Uma coisa ao menos é certa: nenhuma semiologia do som, da cor, da imagem se formulará em sons, cores, imagens. Toda semiologia de um sistema não-linguístico deve se dar por intermédio da língua, não pode existir que pela e na semiologia da língua. Que a língua seja aqui um instrumento e não seu objeto de análise não muda em nada essa situação, que comanda todas as relações semióticas; a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos (1974, p. 60, tradução própria)<sup>66</sup>.

O sistema linguístico é o único sistema no qual a significação se articula sobre duas dimensões: a semiótica e a semântica. O modo semiótico designa o modo de significação que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade, que o faz ser reconhecido. O modo semântico designa o modo específico pelo qual a significação é constituída pelo discurso, o que a faz ser compreendida: “a diferença entre reconhecer e compreender remonta a duas faculdades distintas do espírito: aquela de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e aquela de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra” (BENVENISTE, 1974, p. 65, tradução própria)<sup>67</sup>.

Os outros sistemas, ainda segundo Benveniste, possuem uma significação unidimensional: ou semiótica, sem semântica; ou semântica, sem semiótica. O privilégio da língua é de comportar ao mesmo tempo a significação dos signos e a significação da enunciação: disso provém sua maior potência, aquela de criar um segundo nível de enunciação, de onde se faz possível possuir termos significantes sobre a significação. “É nessa faculdade metalinguística que nós achamos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas” (BENVENISTE, 1974, p. 65, tradução própria)<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> No original: “Une chose au moins est sûre : aucune sémiologie du son, de la couleur, de l’image ne se formulera en sons, en couleurs, en images. Toute sémiologie d’un système non-linguistique doit emprunter le truchement de la langue, ne peut donc exister que par et dans la sémiologie de la langue.

<sup>67</sup> No original: “La différence entre reconnaître et comprendre renvoie à deux facultés distinctes de l’esprit : celle de percevoir l’identité entre l’antérieur et l’actuel, d’une part, et celle de percevoir la signification d’une énonciation nouvelle, de l’autre.”

<sup>68</sup> No original: “C’est dans cette faculté métalinguistique que nous trouvons l’origine de la relation

Por mais que as postulações de supremacia do sistema linguístico frente aos demais sistemas semióticos formuladas por Benveniste tenham sido objeto de contestações, citando alguns levantamentos sobre elas presentes nos trabalhos de Basso Fossalli (2011), o qual se orienta por uma perspectiva da semiótica pierciana, e de Caliandro (2008), que traz a discussão feita por Lotman e Uspenskij (1975), esta pesquisa não questionará essa concepção, cabendo somente a prudência de afirmar que essa capacidade do sistema linguístico é antes de tudo exclusiva, o que não necessariamente o faz superior. Um panorama sucinto sobre o tópico da hierarquização das linguagens pode ser encontrado Ferrater Mora (2009, p.2394-2396).

Sendo assim, assumindo como sendo exclusivos do sistema linguístico os dois níveis de significação (o semiótico e o semântico) conforme proposto por Benveniste, se torna impossível acreditar que haja a autonomia no plano visual. Jamais um elemento visual poderá ser tomado como objeto pelo próprio sistema do qual ele faz parte: um sistema visual jamais poderá ser interpretante de si mesmo, o que inviabiliza qualquer possibilidade de seus elementos mínimos constitutivos serem mencionados (tornarem-se termos significantes).

Entretanto, a não existência de autonomia no plano visual não inviabiliza a postulação aqui perseguida: a da existência de desdobramentos metaenunciativos opacificantes no plano verbo-visual.

O conceito de autonomia, em seu sentido linguístico estrito, já teria sua aplicação comprometida no momento que se dispõe a analisar a produção de sentido envolvendo dois sistemas de significação distintos, o sistema verbal e o sistema visual, que juntos constituem o plano verbo-visual da linguagem. Porém, como já anunciado, buscar-se-á realizar a apropriação das formulações de Authier-Revuz tomando por núcleo da analogia a ser estabelecida o processo de desdobramentos metaenunciativos opacificantes entre os elementos dos sistemas de significação distintos que constituem o plano verbo-visual da linguagem e, com isso, fazer a delimitação do conceito de *aspas verbo-visuais* e fornecer categorias de análise. Assim, convém já explicitar, a proposta desta tese não é a de delimitar o que seriam as *aspas visuais*, ou seja, aquelas cuja manifestação estaria contida única e exclusivamente no sistema de significação visual; e nem tampouco discorrer sobre as *aspas verbais*. As *aspas verbo-visuais*, portanto, só podem se manifestar no plano verbo-visual da linguagem, por meio da relação entre elementos visuais e verbais de um mesmo enunciado.

Para tanto, cabe apresentar outra baliza teórica e assim avançar na apropriação do

conceito de modalização autonímica: a da compreensão de *metaenunciação*.

Se num primeiro momento nesta parte do capítulo discorreu-se sobre a metalinguagem e a metalinguística (pela perspectiva de Jakobson) para clarificar como compreendê-lo nesta pesquisa, o mesmo se faz necessário sobre o conceito de metaenunciação e, conseqüentemente, sobre os desdobramentos metaenunciativos.

Considerado como o pai da linguística da enunciação, Benveniste diz que “a enunciação é esse colocar em funcionamento a língua por meio de um ato individual de utilização” (1974, p. 74, tradução própria)<sup>69</sup>. A enunciação, para ele, é o que transforma a *língua*, enquanto sistema, em *fala* dos sujeitos, construindo assim o *discurso*.

Diz Benveniste:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias à enunciação. Antes da enunciação, a língua não é mais do que possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância do discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita outra enunciação de retorno (1974, p. 82, tradução própria)<sup>70</sup>.

A enunciação para ele seria, portanto, esse ato do sujeito individual que produz o enunciado a partir da utilização do aparato formal da enunciação. E este sujeito acaba por inscrever-se no enunciado que produz.

Segundo Flores e Teixeira (2008), com essa afirmação de Benveniste separa-se ao mesmo tempo o ato, que seria o objeto de estudo da linguística da enunciação, do produto, isto é, o discurso. “Esse ato é o próprio fato de o locutor relacionar-se com a língua com base em determinadas formas linguísticas da enunciação que marcam essa relação. Enunciar é transformar individualmente a língua – mera virtualidade, em discurso” (2008, p. 35).

Como lembra Claudine Normand (1996), foi Benveniste que, apesar de filiado à linha estruturalista fundada por Ferdinand de Saussure dentro dos estudos linguísticos<sup>71</sup>, introduziu a problemática do *sujeito*. Entretanto, como alerta a mesma pesquisadora, o

---

<sup>69</sup> No original: “L’énunciation est cette mise en fonctionnement de la langue par une acte individuel d’utilisation”

<sup>70</sup> No original: “L’acte individuel par lequel on utilise la langue introduit d’abord le locuteur comme paramètre dans les conditions nécessaires à l’énunciation. Avant l’énunciation, la langue n’est que la possibilité de la langue. Après l’énunciation, la langue est effectuée en une instance de discours, qui émane d’un locuteur, forme sonore qui atteint un auditeur et qui suscite une autre énonciation en retour.”

<sup>71</sup> “O objeto da linguística foi concebido, na perspectiva estruturalista, como um sistema de relações internas do qual se deveria reter as leis de organização. Disso resultou o objetivo geral de investigar as regularidades do sistema, abstraindo, para tanto, toda referência a elementos externos ao método” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 29).

sintagma *sujeito da enunciação* não aparece em nenhum momento na obra de Benveniste. É importante frisar ainda que, como afirmam Flores e Teixeira, “não subjaz à linguística de Benveniste uma concepção idealista de sujeito porque a sua teoria da enunciação não fala do sujeito em si, mas da representação linguística que a enunciação oferece dele” (2008, p.35).

A tradição dos estudos sobre a *enunciação* inaugurada por Benveniste se prolonga dentro dos estudos linguísticos, sendo inclusive Authier-Revuz inserida nela, apesar de orientar-se por uma perspectiva de *sujeito* bastante distinta, já que ela assume a constituição de um sujeito pós-freudiano, mais especificamente inspirada no sujeito lacaniano, como visto anteriormente.

Assim, para Authier-Revuz, o retorno metaenunciativo seria aquele pelo qual o dizer se dobra sobre si mesmo, ou seja, quando a enunciação desdobra-se em um comentário sobre si mesma. No enunciado, produto da enunciação, haveria um retorno metaenunciativo que, no fio do seu dizer, ou no *em se dizendo*, recai sobre este mesmo *dizer*, opacificando-o.

Porém, como compreender um retorno metaenunciativo no plano verbo-visual, no qual dois sistemas de significação estão presentes e, como sistemas distintos, possuem distintas formas de enunciação? A resposta passa, como construída no capítulo 2 da presente tese, pela postura teórico-metodológica de se assumir tantos os elementos verbais quanto os elementos visuais como sendo constitutivos de um só enunciado concreto, fruto de uma mesma enunciação, enunciação aqui entendida não como um ato individual de colocar em funcionamento a língua enquanto sistema linguístico, mas sim como o *concretizar* de um enunciado, garantindo-lhe uma mínima *conclusibilidade*, um *acabamento* e instaurando um sujeito que, diferentemente da perspectiva de Benveniste e integrado à perspectiva do Círculo de Bakhtin, é sócio-historicamente situado e detentor de apreciações valorativas.

Como lembram Brait e Melo:

Nessa perspectiva [a do Círculo de Bakhtin], o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante (2008, p. 67).

Brait e Melo afirmam ainda que na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* o estudo da enunciação ocorre especialmente nos momentos em que trata de questões relativas à palavra e ao signo, às duas orientações do pensamento filosófico linguístico, às formas marcadas de incorporação da enunciação de outrem e à interação. Assim, continuam, uma

perspectiva de enunciação vai sendo tecida, sempre numa dimensão discursiva, implicada num caráter interativo, social, histórico e cultural:

Um dos méritos dessa obra é justamente ter difundido a ideia de enunciação, de presença de sujeito e de história na existência do enunciado concreto, apontando para a enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos (2008, p. 68).

Por essa postura, diferentemente daquela pregada pela linguística da enunciação de Benveniste, não é possível separar o ato da enunciação do seu produto, o enunciado. Como lembram Brait e Melo:

Se o enunciado concreto, visto dessa perspectiva teórica poderá, ao longo de outras obras (e em diferentes traduções), ser substituído ou fundido na ideia de palavra, de texto, de discurso (e até mesmo de enunciação concreta), o que não causa nenhum problema à sua compreensão, a enunciação, por sua vez, aparece nessa obra (e nessa tradução) [Voloshinov, s.d., p. 10] compreendida como estando situada justamente “na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação de vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único” Dessa maneira, o conceito de enunciação está diretamente ligado a enunciado concreto e à interação em que ele se dá: “O enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significação são determinadas basicamente pela forma e pelo caráter desta interação” (2008, p.67-68).

Feitas as balizagens teóricas, cabe sistematizar o que será compreendido por desdobramentos metaenunciativos opacificantes no plano verbo-visual nesta pesquisa.

O conjunto noticioso será tomado com um enunciado concreto; como explicado no capítulo 2.1; A análise parte do enunciado concreto, não do processo de sua realização, uma vez que, pela perspectiva teórico-metodológica assumida nesta pesquisa, “enunciação” e “enunciado” devem ser compreendidos conjuntamente; este enunciado concreto é constituído pela relação intersemiótica do verbal e do visual, sendo fruto da intervenção de diversos agentes enunciativos, tal como redatores, fotógrafos, editores, diagramadores etc.; o que leva a entender que o sujeito desse enunciado concreto é a instância de enunciação complexa “jornal”, conforme exposto no capítulo 2, no qual esta instância foi caracterizada como superenunciador.

Assim, cabe retomar a afirmação feita ao final do capítulo 2.1: 1) se um enunciado só se constitui concretamente dentro do seu relativo acabamento e conclusibilidade semântico-formal e 2) os elementos verbais e visuais devem obrigatoriamente ser compreendidos como elementos constitutivos deste acabamento e desta conclusibilidade; 3) logo, as relações e efeitos de sentidos produzidos nesta relação entre elementos verbais e visuais são de natureza metaenunciativa, já que se estabelecem entre elementos constitutivos de um mesmo e único enunciado.

A metaenunciação será tratada como a relação estabelecida entre os elementos (verbais e/ou visuais) que constituem um mesmo enunciado, que acaba por possibilitar produções e efeitos de sentidos diversos, opacificando os elementos assim inter-relacionados no plano intersemiótico, marcando a presença do sujeito que, a partir desse desdobramento metaenunciativo, enuncia e comenta o seu próprio enunciado.

A partir do estabelecimento das relações entre determinados elementos verbais e visuais pertencentes a um mesmo enunciado, entendidas como desdobramentos metaenunciativos opacificantes, uma analogia com as categorias de *não-coincidências* criadas por Authier-Revuz poderá ser estabelecida por meio dos efeitos de sentido produzidos.

As aspas verbo-visuais são, portanto, estabelecidas pelos desdobramentos metaenunciativos entre elementos verbais e visuais constituintes de um mesmo enunciado concreto, que opacificam um ou mais destes elementos, marcando discursivamente um comentário do enunciador sobre o seu próprio enunciado, indicando interpretações possíveis a partir de novos efeitos de sentidos produzidos.

Encerrando esta parte sobre a apropriação do conceito de modalização autonímica para o plano verbo-visual, se faz pertinente apontar algumas considerações sobre o conceito de *opacificação* e como ele pode se articular com o proposto nesta tese.

A opacidade em Authier-Revuz, como visto, contrapõe-se à transparência. Um signo transparente seria aquele que permite ver outra coisa além dele próprio, numa transparência que vem do fato de representar a coisa significada sem ele mesmo se refletir nessa representação. Assim, quando o signo está em *uso*, ele é transparente, pois o que aparece é a coisa significada, e ele próprio como signo não aparece. É por isso que um signo transparente comporta a substituição sinonímica.

Já o signo torna-se *opaco* quando a sua presença enquanto signo se marca no enunciado, perdendo a transparência que permitia ver a coisa através dele, sendo ele próprio, o signo, tratado como coisa, no processo de *menção*. O signo opaco barra a sua substituição

sinonímica, já que o signo ele mesmo também entra na cadeia de significação do enunciado, e não somente o seu significado (que poderia ser substituído por um sinônimo). Todo signo autonímico é opaco.

O processo de opacificação, conforme sugere Authier-Revuz, é resultante de uma interposição de uma consideração (comentário) sobre o próprio signo sem que ele perca sua capacidade de designação da coisa, ou seja, é o fenômeno que suspende a sinonímia, como na *menção* (que seria um emprego “opaco” do signo), mas não suspende a designação do objeto por intermédio do signo (FLORES; TEIXEIRA, 2008).

É por isso que o desdobramento metaenunciativo opacificante é um comentário (modalização) que recai sobre si mesmo (autonímica), num retorno reflexivo.

Entretanto, quando Authier-Revuz diz existir os campos da transparência e o da opacidade na linguagem, ela de maneira alguma comunga com o ideário de que a linguagem pode ser transparente e neutra, ou, ainda, que ela seja um instrumento a ser utilizado por um sujeito pleno de si. O conceito de transparência, para ela, está vinculado ao emprego *standard* das palavras, dentro do território da *coincidência*.

Como lembram Flores e Teixeira (2008), a singularidade da abordagem realizada por Authier-Revuz reside na sua concepção psicanalítica de sujeito que, assim, “supõe recusar tanto a ideia de um sujeito pleno, fonte intencional do sentido que ele exprime por meio de uma língua-instrumento, quanto à concepção de um sujeito reduzido ao imaginário” (p. 84), ou um *sujeito assujeitado*.

Em que pese as distinções entre a concepção de sujeito em Authier-Revuz daquela assumida pelos estudiosos do Círculo de Bakhtin, aqui se buscará realizar algumas aproximações que serão pertinentes ao proposto por esta tese, aproximações entre a concepção de *signo opaco* com o conceito de *signo ideológico*.

A enunciação concreta, para os pensadores do Círculo de Bakhtin, nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. E esses participantes não são abstratos, são reais (ou presumidos), são sujeitos sócio-historicamente situados. E é por essa constatação, de que os interlocutores da enunciação concreta são reais e sócio-historicamente situados, que se pode compreender o caráter *ideológico* do *signo*. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* pode-se ler:

A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos.

Preliminarmente, portanto, separando os fenômenos ideológicos da consciência individual nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 36).

Cabe ressaltar da afirmação acima que não é a consciência individual o arquiteto da superestrutura ideológica, tampouco seu proprietário, mas apenas seu inquilino, pois, sendo a materialização da comunicação o que dá existência ao signo, e sendo essa comunicação realizada entre sujeitos sócio-historicamente situados, é da natureza do signo, portanto, constituir-se sócio-historicamente, refletindo e refratando a realidade. *Grosso modo*, esse é o núcleo da concepção do signo como *signo ideológico*.

Mas natureza sócio-histórica do signo, por si só, não o caracteriza como *signo ideológico*. A sua propriedade de refletir e refratar a realidade é central. O signo reflete a realidade, por meio da sua propriedade de referenciar-se, de adquirir sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Mas, como alerta Bakhtin/Volochínov, um signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata outra: “ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la do ponto de vista específico etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (2009, p. 32). Logo, a propriedade de refração do signo é fundamental para caracterizá-lo como *ideológico*.

Podemos compreender por *critérios de avaliação ideológica* o que, ainda em *Marxismo e filosofia da linguagem*, aparecerá como *orientação apreciativa*: “toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009, p.140). Ou seja, o sentido e a apreciação, intrinsecamente articulados, constituem cada elemento da enunciação viva, do enunciado concreto.

Os valores apreciativos, por sua vez, são sócio-históricos, circunscritos na esfera ideológica. Ainda na obra citada, lê-se que:

Em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.47).

Os valores apreciativos são intrínsecos ao enunciado concreto porque os

participantes da comunicação viva não possuem uma postura passiva frente à linguagem. Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (concordar, discordar, aceitar, refutar, ponderar, ignorar etc.), todo o ouvinte se torna falante, e esta atividade responsiva é permeada, por sua vez, de uma visão de mundo, de uma atitude frente à própria vida real, vivida, concreta.

Como visto, o sujeito para o Círculo de Bakhtin é antes de tudo um sujeito socialmente organizado e sócio-historicamente situado, o que difere da concepção de sujeito psicanalítico (de orientação lacaniana) assumida por Authier-Revuz. Por mais que aponte a influência do dialogismo bakhtiniano em suas obras, no que toca aos seus conceitos de *heterogeneidade mostrada* e *heterogeneidade constitutiva*, ela tece críticas ao que considera como limites da abordagem dialógica: a não consideração da língua em sua ordem própria e a ausência da perspectiva do inconsciente no sujeito (cf. AUTHIER-REVUZ, 2012, pp. 102-104).

Sobre estas críticas, Flores e Teixeira pontuam:

A ideia de que Bakhtin negue lugar à matéria linguística na constituição do sentido<sup>72</sup> pode ser reavaliada [...]. Já a psicanálise está mesmo ausente do horizonte de Bakhtin. Por mais longe que o reconhecimento da dimensão do “outro no um” possa assumir nas formulações desse autor, a clivagem do sujeito pelo inconsciente e sua heterogeneidade radical continuam estranhas à perspectiva dialógica. Bakhtin desconhece o inconsciente em suas considerações sobre o sujeito e o sentido. Se a palavra *inconsciente* aparece às vezes em seu texto “em nada lembra o conceito psicanalítico”<sup>73</sup> (2008, p. 77)

A opacidade do signo para Authier-Revuz deriva da concepção lacaniana de sujeito crivado pelo inconsciente e pela linguagem, cindido, e que é movido pela ilusão de ser o centro de sua enunciação, mas que, impossibilitado de escapar da heterogeneidade que o constitui, abre em seu discurso espaço para o *não-um*, por um processo que procura mostrar como homogêneo o que é heterogêneo em sua constituição.

Já o caráter ideológico do signo pela perspectiva bakhtiniana deriva das apreciações avaliativas e critérios de avaliação dos sujeitos enunciadorees (que são socialmente organizados e sócio-historicamente situados). E todos os critérios de avaliação são

---

<sup>72</sup> Na opinião de Brait (2001), os comentários de Authier-Revuz relativos ao trabalho do Círculo nem sempre são justos. A própria Authier-Revuz desculpa-se de antemão pelos eventuais tropeços de leitura, acentuando o fato de não ser uma especialista (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 86)

<sup>73</sup> (AMORIM, 2004, p. 159). No entender de Amorim, o estatuto do sujeito presente nas ideias bakhtinianas, diferentemente daquele da psicanálise, não autoriza que se pense a relação constitutivo/representado como da ordem da negociação e das formas discursivas da ilusão subjetiva (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p.86).

ideológicos, *i.e.*, compartilhados por determinados grupos na realidade material objetiva e concreta.

A ideologia jamais é a ideologia de um indivíduo isolado. A ideologia, tomada aqui como sistema de valores, atribuição de sentido e compreensão do mundo, só pode existir quando compartilhada por um grupo social (ou *classe social*).

Assim, o que faz o signo refletir mas também refratar a realidade é justamente o conflito entre critérios de avaliação ideológica distintos, e é por isso que ele se torna uma arena da luta de classes, como presente na citação de *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Mas se as concepções de sujeito são tão radicalmente distintas entre Authier-Revuz e a o Círculo de Bakhtin, como poderá haver uma tentativa de articulação do conceito de *opacidade* com o de *signo ideológico*?

Antes de iniciar a tentativa, uma ponderação de Flores e Teixeira sobre a teoria de Authier-Revuz oferece uma segurança teórica para o que a tese se propõe realizar. Os autores dizem que se Authier-Revuz não se detém propriamente em verificar as repercussões não linguísticas da constituição do sujeito e do discurso pelo “outro”, a convocação que ela faz a Bakhtin, Pêcheux e a psicanálise freudo-laciana para promover o estudo da modalização autonímica acaba operando na fronteira da linguística com outros saberes: “sua teoria enunciativa oferece uma descrição linguística que permite surpreender, no fio do discurso, a construção dos objetos discursivos, dos acontecimentos e dos lugares enunciativos, razão pela qual vem atraindo a atenção de estudiosos do discurso” (2008, p. 84).

Esta proficuidade do conceito de modalização autonímica desenvolvido por Authier-Revuz foi que instigou a tentativa de articulá-lo com a análise verbo-visual do enunciado, com o objetivo de construir o conceito de aspas verbo-visuais.

Uma primeira aproximação entre a *opacidade* do signo e seu *caráter ideológico* pode ser feita utilizando a própria terminologia empregada em suas respectivas definições. Quando Authier-Revuz se utiliza da distinção entre o campo da *transparência* e o da *opacidade* dos signos, sendo o primeiro vinculado à *coincidência* e o segundo à *não-coincidência*, não é impertinente relacioná-los à natureza ideológica do signo que, por sua definição, *reflete* mas também *refrata* a realidade. Ou seja, o signo *transparente* é o que *reflete*, já o signo *opaco* é o que *refrata*.

Como visto, os motivos da *refração* são distintos entre a perspectiva da pesquisadora francesa e a dos pensadores russos: para a primeira é fruto de uma tensão entre o *eu* cindido, e no limite, não coincidente consigo mesmo e a linguagem pela qual é crivada pelo inconsciente

(perspectiva do sujeito psicanalítico), e, para os segundos, é resultado da tensão entre diferentes posicionamentos apreciativos de sujeitos socialmente organizados que se utilizam do mesmo sistema semiótico, da mesma linguagem (perspectiva do sujeito sócio-histórico).

Em que pese as distintas motivações, a *refração/opacificação* do signo é um ponto em comum entre ambas as abordagens.

Uma segunda aproximação parte da constatação de que a modalização autonímica é um desdobramento metaenunciativo opacificante. Já exposto o que é aqui tratado por metaenunciação e, portanto, estando claro o que seriam os desdobramentos metaenunciativos quando se tem por objeto o enunciado concreto e sua dimensão verbo-visual, cabe discorrer sobre o que seria o processo de opacificação.

A opacificação, na modalização autonímica, se dá pelo comentário que é realizado no momento mesmo de enunciar e que recai sobre a mesma enunciação, no retorno metaenunciativo. Este retorno e sua consequente opacificação acabam por marcar o sujeito em seu enunciado, um determinado posicionamento enunciativo. O conceito de posicionamento é, por sua vez, central na perspectiva bakhtiniana, uma vez que para ela toda enunciação implica um posicionamento e, conseqüentemente, este posicionamento se marca no enunciado, entrando na dinâmica da tensão ideológica de cada signo.

Assim, se a opacificação resultante da modalização autonímica é fruto da presença do sujeito que enuncia no fio do seu discurso, a refração presente no signo ideológico também é uma marca do posicionamento do sujeito que se faz em seu enunciado concreto. O resultado no produto enunciativo é o mesmo – a marca – independentemente da concepção de sujeito que se assuma (a psicanalítica ou a de sujeito sócio-historicamente posicionado). Assumir uma ou outra concepção de sujeito depende do ponto de vista teórico a se filiar e, certamente, implica distintas análises ou interpretações destas marcas.

Como a proposta desta tese é a de identificar justamente estas marcas do desdobramento metaenunciativo no plano verbo-visual (as *aspas verbo-visuais*) e não a de realizar interpretações das mesmas por uma perspectiva enunciativo-discursiva, essa aproximação entre a *opacidade* e o caráter *ideológico* do signo se faz também pertinente.

Antes de apresentar as análises realizadas para esta pesquisa, será exposta a abordagem metodológica realizada frente ao objeto aqui delimitado. A partir dela e com as análises que seguem, espera-se que o que foi até aqui exposto teoricamente possa clarificar-se e sustentar a criação do conceito de *aspas verbo-visuais*, entendido como a articulação do conceito de *modalização autonímica* com a *dimensão verbo-visual* do enunciado.

#### 4.1. Abordagem metodológica e apresentação do *corpus*

Nos capítulos precedentes, primeiramente fez-se uma breve delimitação do que seria esfera jornalística, esfera na qual circulam os enunciados que são objetos de análise na presente tese. Apresentou-se também uma sucinta história do fotojornalismo e também alguns estudos sobre a relação entre as fotografias e as palavras.

Na sequência, tratou-se de abordar a esfera de produção dos enunciados dentro da esfera jornalística, apresentando o *superenunciador jornal* como sendo o enunciador dos conjuntos noticiosos e como estes são tomados como *enunciado concreto*, o que permite estabelecer a relações metaenunciativas entre os planos verbal e o visual que os compõe.

Por fim, coube apresentar o conceito de modalização autonímica criado por Authier-Revuz e mostrar sob quais aspectos ele será apropriado para a análise da dimensão verbo-visual dos enunciados concretos para assim construir o conceito de *aspas verbo-visuais* como postulado nesta pesquisa.

O percurso estabelecido pelos capítulos precedentes, que constituem a fundamentação teórica, guiará os procedimentos realizados nas análises propostas e, a partir delas, serão apresentadas categorias de análise para o fenômeno das *aspas verbo-visuais*.

Os conjuntos noticiosos analisados, e que serão tomados cada um como sendo um enunciado concreto, foram retirados do *corpus* estabelecido para esta pesquisa, que é constituído por edições do jornal *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* coletadas entre os dias 29 de setembro a 20 de outubro de 2012, assim como quatro edições da revista *Veja* compreendidas neste mesmo período, respeitando sua periodicidade semanal.

Sobre os critérios da seleção do *corpus*, o primeiro foi o pertencer a veículos com abrangência nacional; o segundo é o enquadramento na categoria de imprensa *de referência* (termo já explicitado no Capítulo 2) e, enquadrados nesses dois primeiros critérios, os jornais que possuem maior tiragem. Segundo dados do Instituto de Verificação de Circulação (IVC), a tiragem média mensal do jornal *Folha de S.Paulo*, no ano de 2012, foi de 297.650 exemplares, enquanto que a do *Estado de S.Paulo* foi de 235.217. Já sobre a revista *Veja*, os dados disponíveis são do ano de 2010, e mostram uma circulação média de 1.088.191 de exemplares.

Sobre o recorte temporal, o critério foi arbitrário: uma vez que não se buscou analisar o fenômeno à luz de uma temática específica, o recorte temporal se deveu somente ao fato de

possibilitar uma quantidade significativa de edições (quatro semanas, totalizando 28 exemplares de cada jornal e quatro edições da revista semanal) para realizar as análises. O ano de 2012, um pouco já distante do ano de apresentação da tese, justifica-se por ter sido aquele quando o projeto de pesquisa foi elaborado e apresentado junto ao Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Dentro do recorte temporal feito para a coleta, mais de 30 conjuntos noticiosos apresentaram algum tipo de ocorrência de *aspas verbo-visuais* conforme postulado por esta pesquisa. Feita uma primeira análise, foi possível compreender determinadas recorrências que possibilitaram criar três categorias diferentes do fenômeno aqui perseguido: a de *relação direta entre elemento verbal e visual*; a de *opacificação de elemento verbal no plano visual* e, por fim, a de *alegoria verbo-visual opacificante*. Para cada uma das duas primeiras categorias, o capítulo seguinte trará a análise de quatro enunciados concretos. Já para a categoria da *alegoria verbo-visual opacificante*, cinco conjuntos noticiosos serão analisados para clarificar o funcionamento do fenômeno aqui estudado.

Tendo clara esta compreensão, no próximo capítulo serão apresentadas as análises realizadas sobre o *corpus* desta pesquisa pelas quais foi possível depreender o conceito aqui proposto nesta tese, assim como também as categorias de suas manifestações já identificadas.

## Capítulo 5: As *aspas verbo-visuais*

Neste capítulo as análises serão apresentadas agrupadas na categoria de *aspas verbo-visuais* a que pertencem. No início de cada seção, será feita uma explicação de cada categoria, seguida das respectivas análises.

As *aspas* no plano verbal, como já dito, é um sinal tipográfico inequívoco: sua presença é marcada no enunciado, cabendo compreendê-las ou na sua função autonímica (marcação de discurso citado, marcação de autonomia de um signo, etc.) ou na sua função de modalização autonímica, na qual ela se caracteriza como um sinal a ser interpretado.

Entretanto, as *aspas verbo-visuais* não gozam dessa mesma característica. Elas não são representadas por nenhum sinal inequívoco nem no plano verbal e nem no visual. O que aqui se denomina de *aspas verbo-visuais* é o desdobramento metaenunciativo opacificante estabelecido entre elementos verbais e visuais que constituem um mesmo enunciado.

Sendo assim, o fenômeno das *aspas verbo-visuais* pode ser flagrado na relação entre os elementos verbais e visuais constitutivos de um mesmo enunciado concreto. É nessa dinâmica entre os elementos dos diferentes planos que um ou vários deles são opacificados, assumindo um sentido outro para além daquele literal ou *standard*, utilizando o termo mencionado por Authier-Revuz.

Sendo assim, o foco analítico recai justamente sobre a *relação* entre os elementos verbais e visuais, pois é a partir dela que se pode identificar o que seriam as marcas do desdobramento metaenunciativo opacificante. E será por meio das diferentes formas que esta relação se dá que as categorias de análise serão construídas.

A marca de presença das *aspas verbo-visuais* é, portanto, o tipo particular de relação entre elementos verbais e visuais de um mesmo enunciado concreto, relação esta que, configurando-se como um desdobramento metaenunciativo, opacificando um ou vários destes elementos e, assim, marca-se como um retorno reflexivo.

As categorias de *aspas verbo-visuais* identificadas nesta pesquisa são três, que serão abordadas na sequência: a de *relação direta entre elemento verbal e visual*; a de *opacificação de elemento verbal no plano visual* e, por último, a *alegoria verbo-visual opacificante*.

### 5.1. A relação direta entre elementos verbais e visuais

A primeira categoria de aspas verbo-visuais aqui apresentada é a do tipo de *relação direta entre elementos verbais e visuais*. Como já exposto anteriormente, as diferentes categorias de aspas verbo-visuais foram construídas a partir das diferentes formas como a *relação* entre os elementos verbais e visuais se estabelece.

Autoexplicativo, este tipo de aspas verbo-visuais tem por marca de sua presença a relação direta entre um mesmo elemento presente no plano verbal e a sua aparição no plano visual, estabelecendo, assim, um desdobramento metaenunciativo opacificante.

É justamente essa copresença de um mesmo elemento (X) no plano verbal e no visual que se torna a marca deste tipo de aspas verbo-visuais, o que possibilita o chamado à interpretação do sentido que esta relação, ou comentário metaenunciativo, proporciona.

De forma esquemática, o funcionamento desta categoria pode ser assim apresentado:

<b>Aspas verbo-visuais de tipo de <i>relação direta entre elementos verbais e visuais</i></b>	
<b>Plano verbal</b>	<b>Plano visual</b>
<b>X(verbal)</b>	<b>X(visual)</b>
<b>Plano verbo-visual</b>	
<b>X(visual), mas no sentido de X(verbal)</b> ou <b>X(verbal), mas no sentido de X(visual)</b>	

Utilizando-se das formulações de Authier-Revuz sobre modalização autonímica, para quem a estrutura enunciativa (X, *mas no sentido de p*) é um exemplo canônico do conceito, o que se buscou aqui apresentar é a substituição dos elementos estritamente verbais (tanto X quanto *p* são signos verbais nos estudos da linguista francesa) para a representação de um mesmo elemento (X) nos diferentes planos semióticos (X<sub>verbal</sub> / X<sub>visual</sub>). Por ser um mesmo elemento (X) é que se faz possível estabelecer a relação entre eles, e, mais, uma relação direta: X<sub>verbal</sub> → X<sub>visual</sub>, o que representa a *marca* da presença das aspas verbo-visuais, ou

vice-versa, já que não há uma hierarquia dos diferentes planos semióticos quando analisado a constituição verbo-visual do enunciado, conforme já apontado.

Neste tipo de categoria de *aspas verbo-visuais*, é possível estabelecer uma forma de recorrência de uma *não-coincidência* que se apresenta em todas as manifestações do fenômeno que se enquadram nela. Se Authier-Revuz, dentre os quatro tipos de não-coincidências que ela formula, postula aquela da *não-coincidência das palavras consigo mesmas*, o que ocorre aqui pode ser compreendido, estabelecida uma analogia e não uma aplicação mecânica do conceito de modalização autonímia para o plano verbo-visual, como sendo uma *não-coincidência do elemento visual consigo mesmo*.

Estabelecida a relação direta entre os elementos verbais e visuais, realizado o desdobramento metaenunciativo, o elemento visual opacifica-se e, assim, deixa de coincidir consigo mesmo, uma vez que, como mostrado, abre-se à compreensão no sentido que o elemento verbal lhe oferece, compreendido como um comentário:  $X_{visual}$ , mas no sentido de  $X_{verbal}$ , ou vice-versa.

Na sequência, serão apresentadas quatro análises de conjuntos noticiosos nos quais pôde ser flagrada esta categoria de *aspas verbo-visuais*, e, assim, buscar apresentar com maior clareza o que aqui está se propondo.



Com a manchete de “Haddad diz que é ‘fácil’ ganhar votos e que vai vencer a eleição”, o conjunto noticioso encontra-se ocupando a metade superior da página e três colunas verticais, sendo que duas destas são as centrais e uma à esquerda. Para além da manchete, ele é composto por uma grande fotografia cuja autoria é de Avenir Prado, da Folha Press, conforme consta nos créditos no canto superior direito da mesma. Abaixo da fotografia encontra-se sua legenda, na qual está escrito que: “O candidato Fernando Haddad (PT) faz carreata pela zona sul no último dia de campanha”. Abaixo da manchete, há uma linha fina que informa que “Petista mira indecisos e pede empenho à militância do partido”.

O texto principal do conjunto noticioso possui uma assinatura indefinida: “De São Paulo”. Ao final do texto, entre parênteses e em negrito, encontra-se o nome de Luiza Bandeira. Entretanto, como já apontado nos capítulos precedentes, as menções feitas aos autores dos textos e fotografias restringem-se somente à descrição do conjunto analisado, uma vez que, como abordagem teórico-metodológica, o conjunto noticioso é compreendido como sendo um só enunciado concreto, cujo enunciador é o *superenunciador* jornal, ou seja, a instância de enunciação complexa constituída por diversos agentes enunciativos. Estes diversos agentes enunciativos podem ter sua participação explicitada, como neste caso (o nome do fotógrafo e da jornalista ao final do texto principal), ou não, como o nome dos redatores, editores, diagramadores, revisores, diretores de arte etc.

Abaixo, encontra-se a transcrição do texto principal do conjunto noticioso, respeitando as divisões de parágrafos e grifos originais:

No último dia de campanha, o candidato do PT à Prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad, tentou encorajar a militância do partido e disse que era fácil ganhar votos.

“Posso dizer para o nosso militante: é fácil ganhar votos, muito fácil. Porque nós temos as melhores propostas. Então aborda [o eleitor indeciso] com carinho que você traz o voto para nossa chapa”, disse, durante visita a uma feira na zona leste.

Haddad afirmou pela manhã que mirava os indecisos e chegaria ao segundo turno. Após divulgação da pesquisa Datafolha em que apareceu na situação de empate técnico com os adversários José Serra (PSDB) e Celso Russomano (PRB), ele afirmou que irá ganhar as eleições.

O petista criticou Serra ao ser questionado sobre um panfleto do PSDB que liga PT ao mensalão.

“O estilo de campanha tem a ver com a personalidade dele [Serra], a maneira de ele ver a política. Ele trata como inimigo os adversários”, disse.

Ele também criticou promessas de Russomano.

O candidato se surpreendeu com a ausência do ex-presidente Lula na penúltima agenda de sua campanha, uma visita às obras do Itaquerão. A **Folha** antecipou ontem que Lula não iria ao compromisso.

Ele ainda encerrou abruptamente seu último compromisso, uma carreata na zona sul, e não falou com eleitores ao final. **(LUIZA BANDEIRA)**

Na sequência, está reproduzido o conjunto noticioso em detalhe:



O candidato Fernando Haddad (PT) faz carreata pela zona sul no último dia de campanha

## Haddad diz que 'é fácil' ganhar votos e que vai vencer a eleição

Petista mira indecisos e pede empenho à militância do partido

DE SÃO PAULO

No último dia de campanha, o candidato do PT à Prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad, tentou encorajar a militância do partido e disse que era fácil ganhar votos.

"Posso dizer para o nosso militante: é fácil ganhar voto, muito fácil. Porque nós temos as melhores propostas. Então aborda [o eleitor indeciso] com carinho que você traz o voto para nossa chapa", disse, durante visita a uma feira na zona leste.

Haddad afirmou pela manhã que mirava os indecisos e chegaria ao segundo turno. Após a divulgação da pesquisa Datafolha em que apareceu em situação de empate técnico com os adversários José Serra (PSDB) e Celso Russomanno (PRB), ele afirmou que irá ganhar as eleições.

O petista criticou Serra ao ser questionado sobre um panfleto do PSDB que liga o PT ao mensalão.

"O estilo de campanha tem a ver com a personalidade dele [Serra], a maneira de ele ver

a política. Ele trata como inimigos os adversários", disse.

Ele também criticou promessas de Russomanno.

O candidato se surpreendeu com a ausência do ex-presidente Lula na penúltima agenda de sua campanha, uma visita às obras do Itaquerão. A **Folha** antecipou ontem que Lula não iria ao compromisso.

Ele ainda encerrou abruptamente seu último compromisso, uma carreata na zona sul, e não falou com eleitores ao final. (LUIZA BANDEIRA)

Na fotografia, o candidato Fernando Haddad ocupa a posição central do primeiro plano, estando em cima de um carro ladeado por colaboradores. A legenda informa se tratar de uma carreata, seu último compromisso de campanha durante aquele primeiro turno das

eleições municipais de 2012. Com os braços erguidos na altura dos ombros, orienta-se para a direita da fotografia apontando para algo que foge do enquadramento. Os indicadores e os polegares de ambas as mãos estão estendidos, enquanto que os outros dedos estão retraídos. O gesto das mãos do candidato Fernando Haddad simula uma arma apontada.

No plano visual que corresponde à fotografia, o candidato Fernando Haddad aparece em cima de um carro participando de uma carreata na zona sul da cidade de São Paulo, cumprimentando eleitores e buscando apoio. O gesto flagrado na fotografia escolhida para compor o enunciado concreto apresentado no jornal é aquele no qual aparece com as mãos simulando um revólver, apontando em determinada direção, possivelmente cumprimentando alguém que acompanhava sua carreata.

No plano verbal, tanto na linha fina do conjunto noticioso quanto no terceiro parágrafo do texto principal encontramos o verbo *mirar*, no contexto de explicitar a estratégia do candidato de focar seus esforços no convencimento dos eleitores indecisos e angariar seus votos para assim conseguir chegar ao segundo turno daquelas eleições.

Dessa forma, estabelecida a *relação direta entre elementos verbais e visuais*, é possível construir o esquema abaixo:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
verbo <i>mirar</i>	gesto <i>mirar</i>
ter como objetivo a conquista voto dos indecisos, buscar apoio dos eleitores indecisos.	cumprimentar colaboradores, indicar, acenar, demonstrar percepção da presença de alguém etc.

Nesta relação direta entre elemento verbal e o visual se opera o desdobramento metaenunciativo opacificante. Um mesmo elemento aparece nos dois sistemas de significação distintos, o verbal e o visual, e é essa presença que instaura o desdobramento metaenunciativo, um comentário sobre o dito neste enunciado concreto. O sentido do gesto *mirar* é opacificado pelo discurso do qual o elemento verbal *mirar* é parte. Dentre os diversos significados que o gesto do candidato pode assumir na fotografia, um é ressaltado por meio desse desdobramento: o de mirar eleitores indecisos.

Assim, o esquema se transforma em:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
verbo <i>mirar</i>	gesto <i>mirar</i>
ter como objetivo a conquista voto dos indecisos, buscar apoio dos eleitores indecisos.	cumprimentar colaboradores, indicar, acenar, demonstrar percepção da presença de alguém etc.
<b>plano verbo-visual</b>	
o gesto do candidato de cumprimentar, indicar, acenar flagrado na fotografia reflete a estratégia adotada de ter como objetivo a conquista do voto dos indecisos.	

Como sustenta esta tese, é a partir desse desdobramento ocorrido pela *relação direta entre elementos visuais e verbais* que temos a opacificação. O gesto do candidato Haddad, nesse enunciado concreto, é comentado: é como se ele estivesse *aspeado*: deixa de significar um cumprimento ou um aceno, mas passa a significar sua estratégia política. Para utilizarmos as categorias de não-coincidências estabelecidas por Authier-Revuz, há aqui uma *não-coincidência do elemento visual consigo mesmo* (ao invés da *palavra consigo mesma*).

Por fim, é importante frisar que esse fenômeno só ocorre no plano verbo-visual do enunciado concreto analisado. Caso a fotografia fosse publicada isoladamente, como um só enunciado concreto, a opacificação do gesto do candidato não ocorreria. Mesmo se estivesse acompanhada somente de sua legenda, “O candidato Fernando Haddad (PT) faz carreata pela zona sul no último dia de campanha” o efeito tampouco seria produzido. É por isso que o gesto do candidato nesse enunciado concreto pode ser compreendido como estando *verbo-visualmente aspeado*.

É este motivo pelo qual no subtítulo deste capítulo que apresenta a análise foram propositalmente utilizadas *aspas*: “A ‘mira’ de Fernando Haddad”, porque explicita a analogia que quer ser estabelecida nesse trabalho: o que significa o gesto do candidato de mirar registrado na fotografia? Ou, utilizando-se de uma modalização autonímica para descrever, pode-se dizer: o candidato mira em transeuntes, *no sentido de buscar apoio dos indecisos*, durante carreata na zona sul da cidade. O itálico na frase precedente é uma modalização autonímica, que comenta o próprio enunciado orientando o entendimento do verbo *mirar* (X, *no sentido de X*’).

## 5.1.2. Análise 2: A “pequenez democrática” de Hugo Chávez

O conjunto noticioso analisado nesta segunda análise da presença de aspas verbais do tipo de relação direta entre elementos verbais e visuais foi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 14 de outubro de 2012, na página J6, no caderno *Aliás*. Ocupando a página toda do jornal, traz uma entrevista realizada por Juliana Sayuri com sociólogo e filósofo venezuelano Leonardo Vivas, sobre a reeleição do então presidente venezuelano Hugo Chávez, falecido em 2013.

36 aliás DOMINGO 14 DE OUTUBRO DE 2012 ESTADO DE S. PAULO

### Que futuro bolivariano?

DOMINGO, 7 DE OUTUBRO



Há 14 anos no poder, Hugo Chávez é reeleito na Venezuela, vencendo Henrique Capriles após uma disputa eletrônica acirrada. “Foi uma batalha perfeita”, declarou o presidente, que agora poderá permanecer no Palácio de Miraflores até 2019.



Pequenez democrática. Campanhas eleitorais vibrantes, sim, mas acompanhadas por mecanismos de controle social de caráter autoritário

## O placar da era Chávez

Aspectos negativos superam os positivos, calcula sociólogo venezuelano, ao analisar a ‘vitória perfeita’

JULIANA SAYURI

**D**uro duro, apontas altas e adereços foram marcaram as eleições presidenciais na Venezuela, no domingo passado, mas é o momento de silêncio para mostrar quem dá as cartas no poder desde 1999. Hugo Chávez derrotou Henrique Capriles, conquistou o quarto mandato físico e bandeira bolivariana no Palácio de Miraflores até 2019. Não foi um jogo de cartas marcadas, mas o presidente gozou de certa vantagem na rodada final. O terreno venezuelano se move como um campo de futebol, inclinando-se para si e para lá a favor do presidente, que tem 22 jogos e o árbitro ao seu lado”, analisa o sociólogo venezuelano Leonardo Vivas, de 64 anos, coordenador do Latin American Institute do Car Center for Human Rights da Universidade Harvard.

**■ Hugo Chávez se referiu à vitória como o grande ícone de uma ‘batalha perfeita’. Como se as análises as eleições?**  
Chávez teve uma vitória muito importante, mas é interessante destacar a “perfeição” a que se refere, pois isso indica justamente o controle dos mecanismos que o presidente teve a sua disposição durante as eleições. Reflete-me ao controle do Conselho Nacional Eleitoral, que, durante toda a campanha, lhe conseguiu uma vantagem sem permissões e proibições aos candidatos. O presidente teve uma intensa vantagem não só a oposição mas na mesma direção. Um exemplo: todos os veículos da imprensa e a PPSA foram utilizados para levar eleições às manifestações de apoio ao presidente. Em certos momentos, usaram até aviões Hercules, do Exército, para transportar esses veículos. Ao mesmo tempo, con-

vocaram soldados para participar das manifestações. Não quero dizer que o presidente não recebeu esses votos. De todos está ali, o presidente foi eleito. A questão é a maneira de eleger, pois, para muitos, a campanha pressionou muitos eleitores diretamente dependentes dos diversos programas assistenciais e sociais do governo. Programas que certamente alavancaram o bem-estar social do povo venezuelano. É foi crucial a ideia de que, se Capriles vence, esses programas seriam eliminados. O triunfo foi legítimo, mas esses detalhes estão por trás da vitória “perfeita”.

**■ No balanço o sr. faz da era Chávez?**

Nos primeiros dez anos, tivemos um conjunto de dados positivos. O presidente deu muitos recursos para resolver diversos problemas sociais. Esse é um dos pontos emblemáticos da era Chávez. Muitos venezuelanos se encontraram a margem dos direitos básicos da sociedade. Ao chegar ao poder, o presidente disseminou as chamadas missões para atender essas pessoas. Entre 2002 e 2009, tivemos o momento de ouro das missões. Mas, nos últimos anos, esses programas começaram a ter um rendimento menor, pois não se mantiveram os níveis de investimento e infraestrutura. A questão é que esses dados positivos atropelaram outros aspectos importantes da democracia venezuelana, como os questionamentos dos direitos humanos e da liberdade de imprensa. Há pontos positivos, como o fechamento do Congresso, mas há pontos negativos e negativos na era Chávez. Na minha opinião, o placar dá 7 a 3.

**■ Mas a democracia**

Mas democracia não diz respeito só a eleições. Também tem a ver com o sistema de Justiça, que atualmente é determinado pelo presidente. Temos como exemplo o caso da juíza María de Lourdes Afiuni, presa a mando do presidente em 2009 como uma “huldrá”. Há eleições, como uma democracia eleitoral venezuelana e muito vibrante. Mas democracia não diz respeito só a eleições. Também tem a ver com o sistema de Justiça, que atualmente é determinado pelo presidente. Temos como exemplo o caso da juíza María de Lourdes Afiuni, presa a mando do presidente em 2009 como uma “huldrá”. Ficou dois anos presa e submetida às piores pressões. Lembro desse caso,

pois eu estava envolvido com movimento de direitos humanos buscando mecanismos para a libertação da juíza. Quer dizer, além dos altos índices de corrupção e impunidade no país, os juízes perderam a independência e não se atrevem a tomar decisões que possam contrariar o governo. Sobre a liberdade de imprensa: nos últimos tempos, o governo fechou uma emissora de TV e 27 estações de rádio, o que deu muito poder e controle estatal sobre a mídia. Sobre os direitos humanos: o país pediu para sair da comissão da Corte Interamericana de Direitos Humanos. O que isso acarretou? Impede que um cidadão recorra a instâncias internacionais no caso de violações do Estado. Por esses motivos, a Venezuela é uma democracia eleitoral semiautoritária. Há eleições, mas há mecanismos clássicos de controle social de um regime autoritário. Quer dizer, Capriles pôde se lançar candidato, mas topou com tantos obstáculos fincados pelo Estado que lhe seria muito difícil chegar ao poder. O terreno venezuelano se move como um campo de futebol, inclinando-se para si e para lá a favor do presidente, que tem 22 jogos e o árbitro ao seu lado. O campo está desenhado para ser favorável a ele.

**■ O presidente poderá ficar 20 anos no poder. Quais os consequências disso?**

Depende de quais rumos escolher o presidente. Em pontos positivos: o alargamento dos direitos humanos e da liberdade de imprensa, como disse, relacionados à democracia. Há pontos negativos, como o fechamento do Congresso, mas há pontos positivos e negativos na era Chávez. Na minha opinião, o placar dá 7 a 3.

**■ Cavalos de Bolívar olhava para a direita no brasão. Chávez fez olhar para a esquerda**

Depende de quais rumos escolher o presidente. Em pontos positivos: o alargamento dos direitos humanos e da liberdade de imprensa, como disse, relacionados à democracia. Há pontos negativos, como o fechamento do Congresso, mas há pontos positivos e negativos na era Chávez. Na minha opinião, o placar dá 7 a 3.

**■ O socialismo do século 21 é uma utopia?**

Um pequeno problema para muitos, o socialismo é um conceito suficientemente flexível, capaz de abarcar a Coréia do Norte e a Suécia, a antiga China comunista e os países da zona da Europa que têm economia mista com presença muito importante do Estado. Não compreendo desse critério. Tenho uma visão clássica do socialismo como um regime em que os meios de produção estão nas mãos do Estado. Acertou

que, nesse terreno, o governo do presidente Chávez quer chegar ao socialismo. O que aconteceu? Tradicionalmente, há dois modelos para fazer o socialismo: o que aconteceu na União Soviética, na China e em Cuba, onde a economia passou às mãos do Estado em um tempo muito breve; e o que aconteceu no Chile e na França, isto é, países democráticos onde a ideia de transição ao socialismo se quis fazer junto à preservação da democracia. Bem, sabemos o que aconteceu. No Chile, o golpe acabou com o processo. Na França, o processo foi diferente. Mas a mania para chegar ao socialismo foi a nacionalização de uma parte importante e substancial da economia. Na Venezuela, Chávez não fez nem um modelo nem outro. Foi uma mania muito mais ou menos, com determinações não só econômicas, mas sobretudo no conjunto político. Mas a economia só sobrevive porque o país tem petróleo. O que não está muito claro são as prioridades. O que dita as prioridades das expropriações e nacionalizações? E quais os rumos econômicos para o modelo socialista? É muito problemático. No fim, penso que o socialismo do século 21 fracassará na Venezuela, quando o petróleo não mais lhe permita sobreviver. E até quando durará o petróleo?

**■ É possível um chavismo sem Chávez?**

O presidente tem herdeiros políticos? Sim. Porque o chavismo é ingênuo e controlado sobre Chávez, mas não é só ele. Assim como a era Chávez é importante não só para a Venezuela, mas para a América Latina. São esforços complementares, mas não idênticos. O partido terá de buscar outras alternativas para um dia sobreviver sem o presidente. Apesar de todas as críticas que fito no início, o chavismo é muito forte no país, de gente que acredita e apoia esse projeto político. No entanto, Hugué sabe se o presidente tem um herdeiro ou um sucessor claro. Na minha leitura, há várias linhas no chavismo, como uma coalizão, uma coalizão muito fácil em torno do presidente, que segue como cão e dinamo da política nacional. Do ponto de vista prático do manejo do poder, há o forte setor militar. Do ponto de vista de liderança política e retórica na esquerda se destaca o ator civil, como o chanceler Nicolás Maduro, escolhido novo vice-presidente. O vice anterior, Elias Jaua, também era civil. Isso dá muito sobre o perfil das pessoas de confiança do presidente, para quem poderá passar o bastão.

**■ O que pensa da esquerda na América Latina contemporânea?**

A esquerda política não é a mesma, isso é importante. E a esquerda se viu obrigada, nos diferentes países, a assumir responsabilidades econômicas e sociais. Nesse campo, muitos países latino-americanos, como o Brasil, estão cambiando de forma muito pragmática e menos ideológica, promovendo as melhores reformas sociais possíveis sem rupturas. Talvez por isso o chavismo começou a declinar — não só por esgotamento político, mas por esgotamento financeiro, pois a produção petrolífera está encalhada. Além disso, a Venezuela está encalhando batalhas que nem todo mundo quer enfrentar, por exemplo, o apoio do presidente ao regime de Bashar Assad na Síria, considerando o legítimo. Não sei que jornada ainda tenha o presidente.

**■ Chávez ainda é relevante na América Latina?**

Sim, mas menos. Atualmente, ele se destaca em três pontos principais. Primeiro, o discurso antineoliberal e anti-imperialista — apesar de isso ter mudado um pouco com Barack Obama. Segundo, o antipresidencialismo chavista, impulsionado por países como Bolívia e Equador. Assim como Cuba exportou a ideia de guerrilha nos outros tempos, a Venezuela exportou o antipresidencialismo. Em muitos países latino-americanos se firmou a seguinte lógica: o único que realmente importa é o presidente eleito. É a única fonte de legitimidade. Não é a ideia da democracia em si, mas a presença presidencial. A América Latina viveu um clube de presidentes. Terceira, a oposição contra os direitos humanos na América Latina, o que certamente não é motivo de orgulho. Talvez isso seja o mais importante sempre esteve à esquerda. Entretanto, no entanto, há um ponto muito importante preservar tanto a justiça social quanto a liberdade individual — é o centro a questão da democracia e dos direitos humanos. Uma questão não pode passar por cima da outra: a liberdade individual não pode ser aceita sem justiça social, as alternativas para resolver a injustiça social não podem engessar as liberdades. Dito isso, sou otimista. Apesar da realidade sombria na Venezuela, sei que novos tempos virão.



Entrevista Leonardo Vivas

SOCIOLOGO E FILÓSOFO VENEZUELANO. COORDENADOR DO LATIN AMERICAN INSTITUTE DO CAR CENTER FOR HUMAN RIGHTS DE HARVARD

Na parte superior da página, abaixo do cabeçalho padrão do jornal, encontra-se o chapéu no qual se lê a indagação “qual o futuro bolivariano?”. Ao lado, a reprodução em miniatura da página do caderno internacional do mesmo jornal do dia 2 de outubro de 2012, que trazia a notícia da vitória de Hugo Chávez, acompanhada do texto, à direita, “Há 14 anos no poder, Hugo Chávez é reeleito na Venezuela, vencendo Henrique Capriles após uma disputa eleitoral acirrada. ‘Foi uma batalha perfeita’, declarou o presidente, que agora poderá permanecer no Palácio de Miraflores até 2018.”

Logo abaixo, de autoria do fotógrafo Rodrigo ABD, da AP, uma grande fotografia ocupando praticamente 1/3 da página, deslocada à esquerda, na qual está o então presidente reeleito Hugo Chávez falando em um microfone e segurando um exemplar de bolso da Constituição da Venezuela. Abaixo da foto, a legenda: “**Pequenez democrática.** Campanhas eleitorais vibrantes, sim, mas acompanhadas por mecanismos de controle social de caráter autoritário” (grifo no original).

Como manchete, “O placar da era Chávez” e a linha fina informa: “Aspectos negativos superam os positivos, calcula o sociólogo venezuelano, ao analisar a ‘vitória perfeita’.”

Abaixo, a transcrição da entrevista:

Páreo duro, apostas altas e adversários fortes marcaram as eleições presidenciais na Venezuela, no domingo passado, mas *el comandante* voltou a mostrar quem dá as cartas: no poder desde 1999, Hugo Chávez derrotou Henrique Capriles, conquistou o quarto mandato e fincou bandeira bolivariana no Palácio de Miraflores até 2019. Não foi um jogo de cartas marcadas, mas o presidente gozou de certa vantagem na rodada inteira. “O terreno venezuelano se move como um campo de futebol, inclinando-se para cá e para lá a favor do presidente, que tem 22 jogadores e o árbitro ao seu lado”, analisa o sociólogo venezuelano Leonardo Vivas, de 64 anos, coordenador do Latin American Initiative do Carr Center for Human Rights da Universidade de Harvard.

Radicado em Boston, Vivas estudou em Caracas, Sussex e Paris, lecionou política latino-americana na UMass-Lowell, na Universidade Tufts e em Harvard. “A era Chávez é marcada por pontos positivos e negativos. Na minha conta, o placar dá 7 a 3. Uns 7 pontos desfavoráveis e 3 favoráveis. Há saldos positivos, sobretudo no desenvolvimento das *misiones*, mas a altos custos, como as questões da liberdade de imprensa e dos direitos humanos”, pondera o autor de *The Battle of Ideas in the Chávez Revolution* (2010) e *Chávez, la Última Revolución del Siglo* (2000), entre outros. A seguir, a entrevista concedida ao *Aliás*.

**. Hugo Chávez se referiu à vitória como o *grand finale* de uma ‘batalha perfeita’. Como o sr. analisa as eleições?**

Chávez teve uma vitória muito importante, mas é interessante destacar a “perfeição” a que ele se refere, pois isso indica justamente o controle dos mecanismos que o presidente teve a sua disposição durante as eleições. Refiro-me ao controle do Conselho Nacional Eleitoral, que, durante toda a campanha, lhe consagrou uma vantagem nas permissões e proibições aos candidatos. O presidente

teve uma imensa vantagem nisso – e a oposição sabia as regras desse jogo. Um exemplo: todos os veículos da petroleira PDVSA foram utilizados para levar eleitores às manifestações de apoio ao presidente. Em certos momentos, usaram até aviões Hércules, do Exército, para transportar esses cidadãos. Ao mesmo tempo, convocaram soldados para participar das manifestações. Não quero dizer que o presidente não recebeu esses votos. Os votos estão ali, o presidente foi eleito. A questão é a maneira de obtê-los, pois, para muitos, a campanha pressionou muitos eleitores diretamente dependentes dos diversos programas assistenciais e sociais do governo. Programas que certamente alavancaram o bem-estar social do povo venezuelano. E foi crucial a ideia de que, se Capriles vencesse, esses programas seriam abandonados. O triunfo foi legítimo, mas esses detalhes estão por trás da vitória “perfeita”.

#### **. Que balanço o sr. faz da era Chávez?**

Nos primeiros dez anos, tivemos um conjunto de saldos positivos. O presidente dedicou muitos recursos para resolver descontentamentos sociais. Esse é um dos pontos emblemáticos da era Chávez. Muitos venezuelanos se encontravam à margem dos direitos básicos da sociedade. Ao chegar ao poder, o presidente desenvolveu as chamadas *misiones* para atender essas pessoas. Entre 2004 e 2009, tivemos o momento de ouro das missões. Mas, nos últimos anos, esses programas começaram a ter um rendimento menor, pois não se mantiveram os níveis de investimento e infraestrutura. A questão é que esses saldos positivos atropelaram outros aspectos importantes da democracia venezuelana, como as questões dos direitos humanos e da liberdade de imprensa. Há pontos positivos e negativos na era Chávez. Na minha conta, o placar dá 7 a 3. Uns 7 pontos desfavoráveis e 3 favoráveis.

#### **. Mas a democracia está comprometida?**

Não é uma ditadura, uma ditadura “clássica”. O tempo das ditaduras clássicas latino-americanas terminou no século passado, e talvez a última tentativa tenha sido com Alberto Fujimori, no Peru, com o apoio direto dos militares e fechamento do Congresso. Não é assim na Venezuela contemporânea. É um sistema “híbrido”. Há eleições, como uma democracia plebiscitária. E, em linhas gerais, o sistema eleitoral venezuelano é muito vibrante. Mas democracia não diz respeito só a eleições. Também tem a ver com o sistema de Justiça, que atualmente é determinado pelo presidente. Tome como exemplo o caso da juíza María de Lourdes Afiuni, presa a mando do presidente em 2009 como uma “bandida”. Ficou dois anos presa e submetida às piores pressões. Lembro desse caso, pois eu estava envolvido com movimentos de direitos humanos buscando mecanismos para a libertação da juíza. Quer dizer, além dos altos índices de corrupção e impunidade no país, os juízes perderam a independência e não se atrevem a tomar decisões que possam contrariar o governo. Sobre a liberdade de imprensa: nos últimos tempos, o governo fechou uma emissora de TV e 47 estações de rádio, o que deu muito poder e controle estatal sobre a mídia. Sobre os direitos humanos: o país pediu para sair da comissão da Corte Interamericana de Direitos Humanos. O que isso acarreta? Impede que um cidadão recorra a instâncias internacionais no caso de violações do Estado. Por essas razões, a Venezuela é uma democracia eleitoral semiautoritária. Há eleições, mas há mecanismos clássicos de controle social de um regime autoritário. Quer dizer, Capriles pôde se lançar candidato, mas topou com tantos obstáculos fincados pelo Estado que lhe seria muito difícil chegar ao poder. O terreno venezuelano se move como um campo de futebol, inclinando-se para cá e para lá a favor do presidente, que tem 22 jogadores e o árbitro a seu lado. O campo está desenhado para ser favorável a ele.

#### **. O presidente poderá ficar 20 anos no poder. Quais as consequências disso?**

Depende de quais rumos escolherá o presidente. Se os pontos positivos ultrapassarem os negativos, como disse, relacionados à questão democrática. Isso sem contar com os caprichos chavistas, como a história: o escudo da Venezuela tinha um cavalo, virado para o lado direito. “Impossível que a pátria bolivariana tenha um cavalo virado para a direita!”, disse Chávez. No dia seguinte, o Congresso aprovou a medida para mudar o escudo nacional, para que o cavaleiro branco de Simon Bolívar virasse para a esquerda. Quero dizer, esse senhor maneja o país como se fosse sua *hacienda*.

#### **. O socialismo do século 21 é uma utopia?**

Um pequeno preâmbulo: para muitos, o socialismo é um conceito suficientemente flexível, capaz de

abarcar a Coreia do Norte e a Suécia, a antiga China comunista e até países do norte da Europa que têm economia mista com presença muito importante do Estado. Não compartilho desse critério. Tenho uma visão clássica do socialismo como um regime em que os meios de produção estão nas mãos do Estado. Acredito que, nesse terreno, o governo do presidente Chávez quer chegar ao socialismo. O que acontece? Tradicionalmente, há dois modelos para fazer o socialismo: o que aconteceu na União Soviética, na China e em Cuba, onde a economia passou às mãos do Estado em um tempo muito breve; e o que aconteceu no Chile e na França, isto é, países democráticos onde a ideia de transição ao socialismo se quis fazer junto à preservação da democracia. Bom, sabemos o que aconteceu. No Chile, o golpe acabou com o processo. Na França, o processo foi diferente. Mas a maneira para chegar ao socialismo foi a nacionalização de uma parte importante e substancial da economia. Na Venezuela, Chávez não fez nem um modelo nem outro. Foi uma maneira muito mais ousada, mas sobretudo no conjunto político. Mas a economia só sobrevive porque o país tem petróleo. O que não está muito claro são as prioridades. O que dita as prioridades são as exportações e nacionalizações? E quais os rumos econômicos para o modelo socialista? É muito problemático. No fim, penso que o socialismo do século 21 fracassará na Venezuela, quando o petróleo não mais lhe permita sobreviver. E até quando durará o petróleo?

#### **. É possível um chavismo sem Chávez? O presidente tem herdeiros políticos?**

Sim, porque o chavismo é inspirado e construído sobre Chávez, mas não é só ele. Assim como a era Chávez é importante não só para a Venezuela, mas para a América Latina. São esferas complementares, mas não idênticas. O partido terá de buscar rotas alternativas para um dia sobreviver sem o presidente. Apesar de todas as críticas que fiz no início, o chavismo é muito forte no país, de gente que acredita e apoia esse projeto político. No entanto, ninguém sabe se o presidente tem um herdeiro ou um sucessor claro. Na minha leitura, há várias linhas no chavismo, como uma coalizão, uma coalizão muito fácil em torno do presidente, que segue como eixo e dínamo da política nacional. Do ponto de vista prático e do manejo do poder, há o forte setor militar. Do ponto de vista de liderança política e retórica na esquerda se destaca o setor civil, como o chanceler Nicolás Maduro, escolhido novo vice-presidente. O vice anterior, Elías Jaua, também era civil. Isso diz muito sobre o perfil das pessoas de confiança do presidente, para quem poderá passar o bastão.

#### **. O que pensa da esquerda na América Latina contemporânea?**

A esquerda pôs os pés no chão. Isso é o importante. E a esquerda se viu obrigada, nos diferentes países, a assumir responsabilmente o manejo da economia. Nesse campo, uma grande diferença é o petróleo. Atualmente, não há nenhum país latino-americano que possa dar o luxo de fazer o que faz a Venezuela. Talvez apenas a Bolívia, mas numa dimensão muito menor. Países como o México, por exemplo, jamais poderiam fazer isso. Do ponto de vista econômico, muitos países latino-americanos, como o Brasil, estão caminhando de forma muito pragmática e menos ideológica, promovendo as melhores reformas sociais possíveis sem rupturas. Talvez por isso o chavismo começou a declinar – não só por esgotamento político, mas por esgotamento financeiro, pois a produção petroleira está estancada. Além disso, a Venezuela está escolhendo batalhas que nem todo mundo quer enfrentar, por exemplo, o apoio do regime de Bashar Assad na Síria, considerando-o legítimo. Não sei que jornais anda lendo o presidente...

#### **. Chávez ainda é relevante na América Latina?**

Sim, ao menos. Atualmente, ele se destaca em três pontos principais. Primeiro, o discurso antiamericano e anti-imperialista – apesar de isso ter mudado um pouco com Barack Obama. Segundo, o ultrapresidencialismo chavista, importado por países como Bolívia e Equador. Assim como Cuba exportou a ideia de guerrilha noutros tempos, a Venezuela exportou o ultrapresidencialismo. Em muitos países latino-americanos se firmou a seguinte lógica: o único que realmente importa é o presidente eleito. É a única fonte de legitimidade. Não é a essência da democracia em si, mas a presença presidencial. A América Latina virou um clube de presidentes. Terceiro, a ofensiva contra os direitos na América Latina, o que certamente não é motivo de orgulho. Olha, devo dizer que meu coração sempre esteve à esquerda. Entretanto, na minha perspectiva, é muito importante preservar tanto a justiça social quanto a liberdade individual – e aí entra a questão da democracia e dos direitos

humanos. Uma questão não pode passar por cima da outra: a liberdade individual não pode atropelar a justiça social; as alternativas para resolver a injustiça social não podem congelar as liberdades. Dito isso, sou otimista. Apesar da realidade sombria na Venezuela, sei que novos tempos virão.

Ainda neste conjunto noticioso, dividindo a terceira da quarta coluna, há uma pequena fotografia do entrevistado, creditada como arquivo pessoal, e sua descrição: “Entrevista Leonardo Vivas. Sociólogo e filósofo venezuelano. Coordenador do Latin American Initiative do Carr Center for Human Rights de Harvard”. Entre a segunda e a terceira colunas há um olho, no qual está escrito: “Cavalo de Bolívar olhava para a direita no brasão. Chávez fez olhar para a esquerda”, que é um destaque a uma parte da resposta do entrevistado.

Por se tratar de uma entrevista, não se adequada ao gênero jornalístico informativo. Entretanto, não há nenhum comprometimento em tomar este conjunto noticioso como um só enunciado concreto conforme a perspectiva aqui adotada.

As aspas verbo-visuais a serem analisadas encontram-se na fotografia principal do conjunto e na relação com o discurso da entrevista e, de forma mais explícita, com sua legenda. Segue em detalhe a reprodução:



**Pequenez democrática.** Campanhas eleitorais vibrantes, sim, mas acompanhadas por mecanismos de controle social de caráter autoritário

Ao longo da entrevista, é possível afirmar que o sociólogo entrevistado acredita que a democracia venezuelana tem suas particularidades que, segundo ele, proporciona um poder de controle por parte do Estado que visa favorecer aqueles que apoiam o então presidente Hugo Chavez. Ao responder se a democracia venezuelana estaria comprometida, o entrevistado afirma que “por essas razões, a Venezuela é uma democracia eleitoral semiautoritária”. Na grande fotografia do conjunto noticioso, Hugo Chávez é retratado falando ao microfone e, entre os dedos da mão esquerda, segura uma edição de bolso da Carta Magna venezuelana. Na legenda, um primeiro segmento aparece negrito, “**pequenez democrática**”, acompanhado da frase “campanhas eleitorais vibrantes, sim, mas acompanhadas por mecanismos de controle social de caráter autoritário”. Dessa forma, estabelecida a relação direta entre elementos verbais e visuais, forma-se o esquema:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
<i>pequenez democrática</i>	<i>pequena Constituição de bolso</i>
apesar de ser uma democracia eleitoral, com campanhas vibrantes, há coerções autoritárias e mecanismos de controle estatal.	exemplar da Constituição do país em pequeno formato.

Importante frisar que o termo “pequenez democrática” em nenhum momento foi dito pelo entrevistado, conforme pode ser conferido pela leitura da entrevista reproduzida. Entretanto, devido ao teor das críticas e pela opinião proferida, ele se torna uma síntese do exposto ao longo de suas respostas e, assim, ganha destaque na legenda que acompanha a foto como uma introdução. Dessa forma, por si só já caracteriza um comentário do superrenunciador jornal.

O substantivo “pequenez”, segundo o dicionário de língua portuguesa Houaiss<sup>74</sup>, tem cinco acepções: 1) qualidade de pequeno; 2) pequena altura, estatura reduzida; 3) (figurado) período da infância; meninice; 4) (figurado) qualidade de insignificante, de mesquinho; 5 (figurado) falta de elevação, de estatura moral ou intelectual.

Estabelecida a relação direta conforme o esquema apresentado, o desdobramento metaenunciativo estabelecido entre os elementos opacificava o elemento visual: o que retratava o pequeno formato da edição da Constituição venezuelana passa a simbolizar as críticas feitas à Hugo Chávez quanto da sua condução do governo daquele país: pequena não é a Carta

<sup>74</sup> Versão eletrônica, disponível em [www.uol.com.br/houaiss](http://www.uol.com.br/houaiss)

Magna em sua edição de bolso, mas sim a atitude insignificante, mesquinha, do então presidente venezuelano em não respeitar a democracia, segundo as críticas expressas pelo entrevistado<sup>75</sup>. Assim, têm-se o esquema:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
<i>pequenez democrática</i>	<i>pequena Constituição de bolso</i>
apesar de ser uma democracia eleitoral, com campanhas vibrantes, há coerções autoritárias e mecanismos de controle estatal.	exemplar da Constituição do país em pequeno formato.
<b>Plano verbo-visual</b>	
a pequena constituição nas mãos de Hugo Chávez reflete a sua pequenez democrática ao estabelecer mecanismos de controle estatal e coerções autoritárias na Venezuela	

Estabelecido o desdobramento metaenunciativo opacificante, construindo um comentário sobre o elemento visual, explora-se uma não-coincidência. A pequena constituição de bolso passa não coincidir com ela mesma, pois, opaca, passa a representar a postura tida como pouco democrática do então presidente venezuelano Hugo Chávez, assumindo o sentido figurado do substantivo “pequenez”. Assim, *verbo-visualmente aspeado*, o elemento visual adquire nova conotação dentro do enunciado a que pertence.

Antes do fim desta análise, cabe uma ressalva. Se não houvesse o termo explícito “pequenez”, que possibilita a relação direta entre este elemento verbal e a pequena constituição nas mãos de Hugo Chávez, o desdobramento opacificante não mais seria da ordem da *relação direta entre elementos verbais e visuais*, já que a *relação direta* não existiria. A opacificação se manteria, porém o desdobramento deveria ser categorizado como sendo uma *alegoria verbo-visual opacificante*, já que a sobreposição de sentidos se daria de forma indireta, por meio de uma relação interdiscursiva entre o plano verbal e visual; e haveria o deslocamento das *aspas verbo-visuais*, que não recairiam sobre a imagem da constituição de bolso, mas sim sobre o conjunto da fotografia ao transforma-la, toda ela, em uma espécie de alegoria<sup>76</sup>.

<sup>75</sup> Assim também seria possível inferir o posicionamento discursivo e ideológico do superenunciador jornal, uma vez que foi ele quem criou o desdobramento metaenunciativo. Porém, não é intuito da presente pesquisa discorrer sobre os posicionamentos, mas isso demonstra a potencialidade do conceito de *aspas verbo-visuais*.

<sup>76</sup> Vide classificação de *alegorias verbo-visuais opacificantes* na seção 4.3. deste capítulo e respectivas análises.

### 5.1.3. Análise 4: A “boca de urna” dos candidatos

O conjunto noticioso por ora analisado foi publicado na primeira página do jornal O Estado de S.Paulo do dia 28 de setembro de 2012. Ele é composto por três fotografias dos candidatos à prefeitura de São Paulo, em sequência vertical, com uma legenda comum às três com a chamada para a página na qual a matéria foi publicada. Abaixo, a reprodução da primeira página:

**O ESTADO DE S. PAULO**

28 DE SETEMBRO DE 2012 R\$ 3,00 ANO LXX Nº 43445 EDIÇÃO DE 23430 estado.com.br

**SEXTA-FEIRA**

**Caderno 2**  
Feist  
Cantora canadense  
fala do CD *Metals* e do  
show que fará em SP

**The Darkness.**  
O glam rock  
da banda que  
acompanha  
Lady Gaga. Pág. 05

**Cidades**  
Inauguração  
Nova Praça Roosevelt  
vai ser aberta  
amanhã. Pág. C5

**Classificados**  
Para anunciar  
no Estado ligue:  
**(11) 3855.2001**

**STF condena delator do mensalão e vê compra de voto**

Roberto Jefferson foi condenado pelo fato de ele e o PTB terem se beneficiado; tese do caixa 2 foi rejeitada

Sete anos após ter revelado a existência de pagamentos a parlamentares da base do governo Lula, o ex-deputado Roberto Jefferson foi condenado pela maioria do STF pelo fato de ele e o PTB terem sido beneficiados. Ontem, Jefferson pediu licença da presidência do partido. O deputado Valdemar Costa Neto (PR-SP, ex-PT) e os ex-deputados José Borbi (ex-PMDB, hoje no PP), Pedro Corbá (PP-PE), Romcio Quatros (PTB-MG) e Rispo Rodrigues (PL-RJ) também foram condenados. Com 29 sessões do julgamento do mensalão, seis dos 11 ministros rechaçaram, em

**CÁRMEN LÚCIA**  
60/12/1960 (RJ)  
"Eu não gostaria que a 10 dias da eleição o governo descredencia a polícia por causa de erro de um ou de outro?"

seus votos ou em partes, a tese da defesa segundo a qual os pagamentos foram caixa-dois de campanha. Eles apontaram compra de votos no Congresso. O deputado Pedro Henry (PP-MT) recebeu até ontem cinco votos pela condenação. **NACIONAL / PÁG. A4-A6**

**BC prevê PIB de 1,6% e indica que juro não vai subir**

Relatório do Banco Central divulgado ontem prevê menos crescimento e mais inflação, além de sinalizar que a taxa básica de juros não deve aumentar em 2013. A previsão de crescimento da economia em 2012 caiu de 4,0% para 1,6%, índice classificado como "pisada" pelo ministro Guido Mantega (Fazenda) há três meses. O BC prevê também

**2,20% é a queda na taxa de investimento prevista pelo Banco Central**

que a inflação deve fechar o ano em 5,4%, acima do centro da meta, fixada em 4,5%. **ECONOMIA / PÁG. B1**

**Esportes**  
Copa terá jogos no início da tarde

Cidades como Fortaleza, Natal, Rio, Salvador, Brasília e São Paulo receberão jogos às 18h. **PÁG. B2**

**Ele voltou**  
Sem jogar pela seleção desde a Copa de 2010, Kaká foi chamado por Mano. **PÁG. B1**

**Boca de urna**

De cima para baixo, os candidatos à Prefeitura de São Paulo: José Serra (PSDB), Fernando Haddad (PT) e Gabriel Chalita (PMDB) ganham beijos de eleitores. Celso Russomanno (PRB) visitou uma cooperativa de transporte público. **NACIONAL / PÁG. A8**

**Russomanno cai 5 pontos, Serra tem 22% e Haddad, 18%**

O candidato Celso Russomanno (PRB) caiu cinco pontos percentuais em uma semana (15% para 10%), segundo pesquisa Datafolha sobre a eleição em SP divulgada ontem. Fernando Haddad (PT) subiu de 15% para 18% e José Serra (PSDB) oscilou de 21% para 21%. Serra e Haddad voltaram a situação de empate técnico – na pesquisa anterior, o tucano tinha seis pontos de vantagem. No segundo turno, Russomanno venceria Serra (50% a 44%) e Haddad (49% a 34%). A margem de erro é de dois pontos. **NACIONAL / PÁG. A10**

**PRB busca chefe de fato para plano**

● A campanha de Celso Russomanno (PRB) começou a procurar um coordenador para o programa de governo do candidato, depois que o Estado revelou ontem que Carlos Baltazar tem outro nome e não exerce a função. Russomanno negou que o funcionário fosse "laranja". **PÁG. A8**

**Cabo Bruno é morto e polícia aponta vingança**

O ex-PM Flávio de Oliveira, o Cabo Bruno, foi assassinado antecorrem em Pindamonhangaba (SP), 34 dias após ter deixado o cargo, onde cumpria 27 anos de pena pela morte de pelo menos 50 pessoas nos anos 1980. Ele foi morto por vingança, segundo a polícia. **CRIMES / PÁG. C1**

**Israel pede na ONU limite a plano do Irã**

**INTERNACIONAL / PÁG. A10**

**Estudo diz que 8% das crianças têm enxaqueca**

**VEJA PÁG. A12**

**Tempo na capital**  
20° Máx.  
8° Mín.  
Dia nublado e frio. Sol fraco

**NOTÍCIAS & INFORMAÇÕES**  
O humor negro do BC  
Relatório tende para o humorismo ao analisar desempenho da economia e tendência dos juros. **PÁG. A3**

**ANTONIO GRECO**  
Vai entender...  
Uma pirata de corcoba faz bem. Que Kaká tem conduta irrepreensível, quem segue futebol sabe. A questão é o que foi Mano mudar de ideia? **ESPORTES / PÁG. B2**

**FERNANDO GABEIRA**  
A hora do lobo  
O PT tenta, mais uma vez, contestar evidências. Mas as do mensalão, mostradas na TV e julgadas pelo STF, estão cobradas de fato. **ESPAÇO ABERTO / PÁG. A2**

**EDWARD BLUM E PAUL HARVEY**  
A imagem de Deus  
Americanos que criticam indignação dos muçulmanos diante da blasfêmia tiveram reações parecidas quando artistas representaram Cristo. **VISÃO GLOBAL / PÁG. A10**

**carro hoje**  
**Tucson**  
1º LUGAR  
O MELHOR NEGÓCIO DO MERCADO. A REVISTA CARRO AVALIOU 588 CARROS VENDIDOS NO BRASIL.  
VEJA NA PÁGINA 5

Faça revisões em seu veículo regularmente.

Para efeito de descrição do conjunto noticioso, a primeira fotografia retrata o candidato José Serra (PSDB) sendo beijado na boca por uma eleitora, e foi tirada por Paulo Liebert, da Agência Estado. A segunda fotografia, abaixo da primeira, é de autoria de Epitácio Pessoa, também da Agência Estado, e flagra o candidato Fernando Haddad (PT) cumprimentando um eleitora também com um beijo no rosto, porém, devido ao enquadramento da imagem, a sobreposição dos rostos faz com quem haja a ilusão de um outro possível beijo na boca. Já a terceira foto, de Carlos Pessuto, da Futura Press, traz o candidato do PMDB Gabriel Chalita recebendo um beijo na bochecha de um(a) eleitor(a), já que não é possível identificar o gênero do(a) fotografado(a). O texto da legenda está transcrito abaixo:

**BOCA DE URNA** De cima para baixo, os candidatos à Prefeitura de São Paulo José Serra (PSDB), Fernando Haddad (PT) e Gabriel Chalita (PMDB) ganham beijos de eleitores. Celso Russomano (PRB) visitou uma cooperativa de transporte público. **NACIONAL / PÁG. A8**

O conjunto noticioso em detalhe:



As três fotografias flagram os candidatos dando e recebendo beijos durante suas respectivas campanhas à prefeitura de São Paulo, com destaque à boca de cada um deles. Como texto introdutório do texto-legenda que acompanha a sequência, há a expressão “boca de urna”. Em sua acepção original, o termo “boca de urna” refere-se à campanha eleitoral realizada no dia da eleição, o que é proibido por lei e configura crime eleitoral. Já o termo “pesquisa boca de urna” refere-se à pesquisa de intenção de votos realizada no dia mesmo da eleição. Assim, o sentido de “boca” é o de proximidade temporal ou mesmo física, como presente em outra expressão, a de que jogador estava “na boca do gol”, ou seja, muito próximo ao gol numa partida de futebol. Com essas informações, é possível montar o esquema:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
<i>boca</i> de urna	<i>bocas</i> beijando
campanha eleitoral ou pesquisa realizada no dia da eleição.	cumprimento dos candidatos a eleitores e/ou apoiadores durante a campanha eleitoral

Com o desdobramento metaenunciativo estabelecido pela relação direta ente os elementos “boca”, tanto no plano verbal quando no visual, ocorre a opacificação. Entretanto, neste enunciado, a opacificação é recíproca entre os dois elementos, tanto o verbal quanto o visual.

O primeiro turno das eleições municipais do ano de 2012 ocorreu no dia sete de outubro daquele ano. O conjunto noticioso foi publicado no dia 28 de setembro. Assim, a expressão “boca de urna” não corresponde à campanha realizada no dia da eleição. O termo é empregado na finalidade de possibilitar o desdobramento metaenunciativo com as fotografias constitutivas do mesmo enunciado, nas quais as “bocas” retratadas estão em destaque. Nessa concomitante opacificação, tanto as “bocas”, como parte do corpo, retratadas no plano visual opacificam-se, ganhando o sentido de campanha eleitoral, de busca de votos, com sendo “bocas de urnas”, ou seja, “bocas coletoras de votos”; como também ocorre com a palavra “boca” no plano verbal, compondo a expressão “boca de urna”, pois deixa de significar proximidade temporal ou física e passa a significar “boca” enquanto parte do corpo humano.

Com o esse desdobramento metaenunciativo, o esquema passa a ser:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
<i>boca de urna</i>	<i>bocas beijando</i>
campanha eleitoral ou pesquisa realizada no dia da eleição.	cumprimento dos candidatos a eleitores e/ou apoiadores durante a campanha eleitoral
<b>Plano verbo-visual</b>	
bocas de candidatos saem em campanha coletando beijos e votos	

Como já apontado, a opacificação ocorre tanto nos elementos verbais quanto nos visuais, e isso diferencia esta análise das outras feitas nesta parte do capítulo. O desdobramento metaenunciativo só ocorre no plano verbo-visual, como postulado e mostrado das análises anteriores. Entretanto, no caso do enunciado aqui analisado, uma hipotética separação de planos, como se fossem enunciados isolados, comprometeria o plano verbal, já que ele traria uma inverdade factual e a presença da expressão “boca de urna” não seria coerente discursivamente.

E assim que, nesse caso analisado, tanto as aspas verbo-visuais estão presentes nas bocas fotografadas, representando uma *não-coincidência das imagens consigo mesmas*, da mesma forma que as aspas verbais também poderiam estar presentes na expressão “boca de urna”, pois por si só a expressão verbal está opacificada: há também uma *não coincidência das palavras consigo mesmas*, já que a expressão “boca de urna” tem seu sentido ampliado. Desta forma, construindo uma modalização autonímica que descreve esse desdobramento metaenunciativo visual, poder-se-ia ter: *candidatos distribuem beijos durante a campanha, dando um outro sentido ao termo “boca de urna”, por assim dizer.*

## 5.1.4. Análise 5: Cotas “dividem” destino de carro asiático importado

O último conjunto noticioso a ser analisado dentro da categoria da relação direta entre elementos verbais e visuais foi publicado no jornal Folha de S.Paulo do dia sete de outubro de 2012, no página B4, do caderno Mercado. Refere-se à política de implementação de cotas de importação de carros asiáticos pelo Brasil. Na sequência, pode ser conferida a página completa na qual o conjunto foi publicado:

B4 mercado ★ ★ ★ DOMINGO, 7 DE OUTUBRO DE 2012 FOLHA DE SP/ULO

### O circo da eleição está vazio

VINICIUS TORRES FREIRE

**AS ELEIÇÕES** cada vez mais vazias do debate político ainda influenciam aquelas poucas pessoas que muito se interessam por política. Não se trata de dizer que eleições, seus resultados e suas consequências midiáticas, sejam desprezadas de conteúdo. Mas o conflito ideológico que ensaia dizer seu nome se restringe a margens setárias. Por exemplo, aos partidos extrínsecos intervencionistas, a “nova direita”, aos “blogueiros de esquerda”, essas coisas. Mas quem, que interesse social organizada, faz coisas representam?

Onze estão os “conflitos reais”? Ainda é enganoso ouvir “blogueiros de esquerda” e dizer que “a grande mídia, lucramos etc.” são amigos do grande capital. Muito “bilguinto de esquerda” e peritos ou simpáticos. Mas desde quando os governos petistas são “inimigos do grande capital”?

Os governos do PT, assim como os do PSDB, trataram de reorganizar a atividade, a propriedade e os meios de aumentar ou preservar a rentabilidade do grande capital. O povo mais miserável jamais teve partido, formal ou informal, afim de lutar como o MST limitista, que ninguém devido a benefícios sociais e à economia melhorzinha. O PT foi um dia outra coisa, uma breve aliança entre os últimos crenças intelectuais da grande política de esquerda com uma certa elite operária e missões católicas, os “monumentos sociais”. Não se trata de repetir a velha e ingenua crítica da “falta de base so-

**Cresce a velha e conhecida disparidade entre decisões de governo e o “mundo da vida”, política ou social**

do lugar. Um exemplo simples é o debate amplo sobre o aumento do Estado na eleição americana. Outro embate ora mais evidente é aquele entre economistas paulistas, “ortodoxos”, e parte dos governos petistas. Mas esses “partidos” representam quem? Considere-se a massa de pessoas algo acima da miséria e bem abaixo da elite. Essas que vêm sendo chamadas de eleitores consumidores, em especial a parcela de opiniões mais autoritárias. É um prato cheio para um partido direitista. Mesmo políticos “de direita” não a cultivam. Fazem apenas bôicats na temporada eleitoral. Não parece haver um interesse organizado de enquadrar essa massa de bancas fortes “de direita” num movimento conservador. Mas conservador de quê? Para quem? Não somos enfim sistematicamente conservadores, fazendo rememoras até a coroa estourar? No entanto mudamos um pouco, com FHC ou com Lula. Trata-se do paradoxo de Zeno da política brasileira (é sarcástico). Parece que não temos como avançar, que os movimentos sociais ou da sociedade não se movimentam. Porém, burocratas e intelectuais no Estado levam as coisas para lá ou para cá, de acordo com modas e acidentes do tempo e com quem tem cadêira no parlamento do governo. Mas isso tem muito pouco a ver com partidos, grupos ou movimentos sociais organizados num conflito ideológico.

Fachada de concessionária da Kia na região central de SP

## Cotas dividem destino de carro asiático importado

Novo regime limita a Kia, da Coreia, e favorece as chinesas Jac e Chery

**Em um mês, coreana já estoura teto anual; rivais da China têm folga maior porque anunciam abrir fábricas no Brasil**

**GABRIEL BALDOCCI**  
DE SÃO PAULO

Em um mês de vendas, a sul-coreana Kia já estoura o limite anual estabelecido pelo governo para importação de veículos sem o adicional de 30 pontos percentuais no IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados).

O novo regime automatizado, divulgado na quinta, estipula uma cota lenta da tributação maior para marcas sem fábrica no país e sem intenção de produzir localmente. O cálculo é feito com base nas importações de 2009 a 2011, mas está limitado a 4.800 unidades por ano.

A coreana é a importadora de maior volume em atuação no país, responsável por 32% das vendas de veículos de menor porte de tributação.

Em 2011, antes da adoção do adicional tributário para os importados, essa fatia era de 38,7% e o volume mensal de emplacamentos ficava próximo de 6.600 unidades.

A alta do IPI pesou sobre as vendas deste ano, que ca-

iram quase pela metade. A expectativa é que o governo crie as cotas para dar confiança aos importadores, mas os limites anunciados pelo governo desmontam uma parte deles.

O horizonte de vigência da restrição — o regime vale até 2017 — complica as operações da Kia no país.

Com faturamento aproximado de R\$ 3 bilhões, a coreana tem hoje 172 concessionárias e cerca de 4.000 funcionários no Brasil.

Ajá agora, diferente de outros importadores, a empresa ainda não falou em produzir no país. Procuraria, a Kia não quis comentar.

**CHINESAS**

Em seguida na ordem de volume de vendas de importados, Jac e Chery vivem outro momento. Com mais de 20 mil unidades emplacadas em 2011, elas comemoraram o novo regime.

As duas já haviam anunciado a produção no Brasil, de 100 mil e até 150 mil unidades, respectivamente.

As marcas de alto luxo, como Ferrari e Maserati, pouco devem ser afetadas pelas cotas. Há também um grupo intermediário (Volvo, Audi etc.), para o qual a restrição terá impacto, mas parcial.

47" LED Full HD Net

LEVE 4 OCULOS 3D

Sua vida se completa com

452 LITROS FROST FREE

RS 399,90

10x sem juros

pontofrio.com

4002-3050

### ANÁLISE

#### Com ciclo de juros baixos perto do fim, inflação deve seguir alta, e o PIB, dobrar

**GILBERTO BRAGA**  
ESPECIAL PARA A FOLHA

A última reunião do Comitê de Política Monetária do Banco Central, de setembro, que, ao analisar o cenário de risco, mudou qualitativamente a sua classificação.

Antes, o cenário que, apesar de a trajetória de alta da inflação, o cenário principal da economia era “favorável” (podendo convergir para o centro da meta, de 4,5%) e agora passou para “neutro”, indicando que o IPCA não cairá no curto prazo).

As autoridades passaram a trabalhar, implicitamente, com a mesma visão dos especialistas, de que as reduções da taxa básica terminaram e que na reunião da Copom, nesta semana, será mantida em 7,5% ao ano.

Utilizando o conceito de “taxa neutra de juros”, que seria uma taxa resultante da expectativa de juros descontada da expectativa de inflação para os próximos 12 meses, pode-se fazer algumas conjecturas sobre o que esperar da economia brasileira.

Nos últimos anos, essa taxa neutra recuou em velocidade mais rápida do que a taxa de juros real. Quando isso acontece, há uma pressão de

consumo na sociedade, ante o baixo rendimento das aplicações financeiras e o PIB médio. Por isso, não é possível estimular mais a demanda por redução de juros e desonerações tributárias.

Para reequilibrar esse cenário, é razoável esperar que o governo aumente a Selic a partir do 2º trimestre de 2013, em altas de 0,5 ponto, podendo fazer até quatro aumentos e levá-la a taxa, no 2º semestre, para até 9,5% ao ano.

A realidade é que o consumo aquecido, turbado por juros menores, crédito barato, aumento de renda e desemprego baixo, não leve contrapartida. No outro ponto de balança, o investimento ficou

abaixo das expectativas, assim como a produção industrial. No quadro da inflação, que deve fechar o ano próximo de 5,2%, ainda pesa o aumento dos alimentos, devido à elevação dos preços das commodities agrícolas, razão não recorrente, que não deve se repetir em 2013. Entretanto, jogam pesado na inflação a disparada dos preços dos serviços e os preços administrados, que já devem se repetir em 2013.

Entretanto, jogam pesado na inflação a disparada dos preços dos serviços e os preços administrados, que já devem se repetir em 2013. Entretanto, jogam pesado na inflação a disparada dos preços dos serviços e os preços administrados, que já devem se repetir em 2013.

Alinda, assim, espera-se um ano de 2013 melhor, com inflação ainda alta, acima do centro da meta, mas com um PIB maior, o dobro de 2012.

**GILBERTO BRAGA** é professor de Finanças da FGV.

O conjunto ocupa as duas colunas da esquerda da página, compreendendo a altura dos três quartos inferiores da página. Numa leitura vertical, de cima para baixo, primeiramente encontra-se uma fotografia creditada a Eduardo Anizelli, da Folhapress, seguida da legenda “Fachada de concessionária da Kia na região central de SP”. Logo abaixo há a manchete: “Cotas dividem destino de carro asiático importado”, seguida da linha fina: “Novo regime limita a Kia, da Coreia, e favorece as chinesas Jac e Chery”. Há ainda uma segunda linha fina antes do texto principal, negritada: “Em um mês, coreana já estoura teto anual; rivais da China têm folga maior porque anunciaram abrir fábricas no Brasil”. O texto principal, assinado por Gabriel Baldocchi, de São Paulo, está transcrito na sequência:

Em um mês de vendas, a sul-coreana Kia já estoura o limite anual estabelecido pelo governo para importações de veículos sem adicional de 30 pontos percentuais no IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados).

O novo regime automotivo, divulgado na quinta, estipulou uma cota isenta de tributação maior para marcas sem fábricas no país e sem intenção de produzir localmente.

O cálculo é feito com base nas importações de 2009 a 2011, mas está limitado a 4.800 unidades por ano.

A coreana é importadora de maior volume em atuação no país, responsável por 32% dos veículos trazidos do exterior, sem considerar os modelos vindos do Mercosul e do México, com regras diferentes de tributação.

Em 2011, antes da adoção do adicional tributário para os importados, essa fatia era de 38,7% e o volume mensal de emplacamento ficava próximo de 6.400 unidades.

A alta do IPI pesou sobre as vendas deste ano, que caíram quase pela metade.

A expectativa de que o governo criasse as cotas dava confiança aos importadores, mas os limites anunciados pelo governo desanimou uma parte deles.

O horizontes de vigência da restrição – o regime vale até 2017 – complica as operações da Kia no país.

Com faturamento aproximado de R\$ 5 bilhões, a coreana tem hoje 172 concessionárias e cerca de 8.000 funcionários no Brasil.

Até agora, diferente de outros importadores, a empresa ainda não falou em produzir no país. Procurada, a Kia não quis comentar.

#### **CHINESAS**

Em seguida, na ordem de volume de vendas de importados, JAC e Chery vivem outro momento. Com mais de 20 mil unidades emplacadas em 2011, elas comemoraram o novo regime.

As duas já haviam anunciado fábricas e, portando, poderão usar uma cota extra, incluída no regime, equivalente a 50% da capacidade de produção futura no Brasil, de 100 mil e até 150 mil unidades, respectivamente.

As marcas de alto luxo, como Ferrari e Maserati, pouco devem ser afetadas pelas cotas. Há também um grupo intermediário (Volvo, Audi etc.), para qual a restrição terá impacto, mas parcial.

O conjunto noticioso em destaque:



Fachada de concessionária da Kia na região central de SP

## Cotas dividem destino de carro asiático importado

Novo regime limita a Kia, da Coreia, e favorece as chinesas Jac e Chery

**Em um mês, coreana já estoura teto anual; rivais da China têm folga maior porque anunciaram abrir fábricas no Brasil**

GABRIEL BALDOCCHI  
DE SÃO PAULO

Em um mês de vendas, a sul-coreana Kia já estourou o limite anual estabelecido pelo governo para importação de veículos sem o adicional de 30 pontos percentuais no IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados).

O novo regime automotivo, divulgado na quinta, estipulou uma cota isenta da tributação maior para marcas sem fábrica no país e sem intenção de produzir localmente.

O cálculo é feito com base nas importações de 2009 a 2011, mas está limitado a 4.800 unidades por ano. A coreana é a importadora de maior volume em atuação no país, responsável por 32% dos veículos trazidos do exterior, sem considerar os modelos vindos do Mercosul e do México, com regras diferentes de tributação.

Em 2011, antes da adoção do adicional tributário para os importados, essa fatia era de 38,7% e o volume mensal de emplacamentos ficava próximo de 6.400 unidades.

A alta do IPI pesou sobre as vendas deste ano, que ca-

iram quase pela metade.

A expectativa de que o governo criasse as cotas dava confiança aos importadores, mas os limites anunciados pelo governo desanimou uma parte deles.

O horizonte de vigência da restrição —o regime vale até 2017— complica as operações da Kia no país.

Com faturamento aproximado de R\$ 5 bilhões, a coreana tem hoje 172 concessionárias e cerca de 8.000 funcionários no Brasil.

Até agora, diferente de outros importadores, a empresa ainda não falou em produzir no país. Procurada, a Kia não quis comentar.

### CHINESAS

Em seguida na ordem de volume de vendas de importados, Jac e Chery vivem outro momento. Com mais de 20 mil unidades emplacadas em 2011, elas comemoraram o novo regime.

As duas já haviam anunciado fábricas e, portanto, poderão usar uma cota extra, incluída no regime, equivalente a 50% da capacidade de produção futura no Brasil, de 100 mil e até 150 mil unidades, respectivamente.

As marcas de alto luxo, como Ferrari e Maserati, pouco devem ser afetadas pelas cotas. Há também um grupo intermediário (Volvo, Audi etc.), para o qual a restrição terá impacto, mas parcial.

Como informa a legenda, a fotografia é de uma concessionária da Kia na cidade de São Paulo. Nela, podemos ver, à esquerda, a dianteira de quatro carros enfileirados e, à direita,

seus reflexos produzidos pelo vidro da fachada, que, pelo enquadramento da foto, praticamente divide a fotografia ao meio, verticalmente.

Béguin-Verbrugge (2006) já apontou a função dos *quadros*, no tocante ao *enquadramento*, como “operadores sintáticos privilegiados dos enunciados pluricódicos” (2006, p. 291, tradução própria)<sup>77</sup>. No caso aqui analisado, é o enquadramento que permite estabelecer o desdobramento metaenunciativo opacificante.

A divisão estabelecida pelo enquadramento da fotografia é clara, tendo o vidro da vitrine como uma divisória, com carros em ambos os lados, mesmo que, no plano à esquerda sejam os carros reais e, à direita, o reflexo dos mesmos no vidro. O enquadramento, portanto, constrói a divisão da foto. Vale ressaltar que o que cumpre a função de divisão na fotografia é a vitrine da loja, que tem por função dividir a área interna do estabelecimento da sua área externa, além de possibilitar a exposição de seus produtos.

Já na manchete do conjunto noticioso, portanto, no plano verbal, há a presença do verbo *dividir*: “cotas dividem destino de carro asiático importado”. Esta divisão, como se compreende pela leitura do texto, refere-se sobre as consequências de um novo regime de tributação estabelecido pelo governo: enquanto que a sul-coreana Kia fica prejudicada pela ação, as chinesas JAC e Chery saem favorecidas.

A relação direta a ser estabelecida e que propicia o desdobramento metaenunciativo opacificante é entre esses dois elementos:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
Verbo <i>dividir</i>	Enquadramento de <i>dividir</i>
Dividir o futuro de importadoras de carros: duas favorecidas e uma prejudicada com novo regime de tributação	Construir uma separação de planos, ter dois planos opostos

Como apontado, o resultado de um enquadramento pode possibilitar o estabelecimento de uma relação direta com um elemento verbal e assim ser opacificado. Não é a imagem da vitrine que é opacificada nesta relação, por mais que ela também *divida* o interno com o externo da loja, mas é a forma como ela é apresentada na composição da fotografia que a transforma em uma *divisória* do plano visual, criando dois planos opostos conforme se pode constatar:

<sup>77</sup> No original: les opérateurs syntaxiques privilégiés des énoncés pluricodiques

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
Verbo <i>dividir</i>	Enquadramento de <i>dividir</i>
dividir o futuro de importadoras de carros: duas favorecidas e uma prejudicada com novo regime de tributação	construir uma separação de planos, ter dois planos opostos
<b>plano verbo-visual</b>	
a fotografia dividida em dois planos, tendo os carros nos planos opostos confrontando-se, mostra a divisão do futuro das importadoras de veículos	

Construído o desdobramento, por meio da relação direta entre o verbo *dividir* e o enquadramento que divide e a fotografia em dois planos opostos, a divisória flagrada e centrada na fotografia não mais representa o registro da vitrine de uma concessionária, como informa a legenda, mas sim a divisão do destino dos carros importados, como destaca a manchete do conjunto noticioso.

Resolveu-se enquadrar esse tipo de desdobramento metaenunciativo como sendo de *relação direta entre elementos verbais e visuais* porque o enquadramento foi tomado como um elemento visual e, assim, como há uma clara *divisão* da fotografia e a presença do verbo *dividir*, a relação *direta* entre eles pôde ser estabelecida. Tanto Béguin-Verbrugge (2006), quanto o Grupo  $\mu$  (1992) já apontaram os efeitos sintáticos e retóricos do enquadramento e da composição do plano visual, o que poderia abrir outra discussão sobre o tipo de relação estabelecida entre eles.

Entretanto, dentro do *corpus* da presente pesquisa, o único conjunto noticioso no qual esse desdobramento foi flagrado foi o analisado, o que não permitiu identificar por ora algum mínimo funcionamento comum entre ele e algum outro do qual poderia ser extraída uma nova dinâmica recorrente que possibilitasse a construção de outra categoria de análise das aspas *verbo-visuais*.

Isso não implica que ela não poderá ser formulada em pesquisas posteriores, por meio de análises que centrem na relação entre elementos verbais, composições e formas visuais, dentro da orientação de uma retórica do visual (como, à guisa de exemplo, a construída pelo Grupo  $\mu$ ), criando-se uma nova categoria de análise como, talvez, a de aspas verbo-visuais de tipo *relação direta entre elemento verbal e forma visual*. Os caligramas, por exemplo, poderiam ser classificados dentro dessa categoria.

## 5.2. A opacificação de elementos verbais no plano visual

Nesta segunda categoria, o que é flagrado é a opacificação de elementos verbais presentes no plano visual (como placas de avisos, letreiros, anúncios etc.), tendo a ampliação de sentido proporcionada pelo comentário metaenunciativo estabelecido com o contexto oferecido pelo plano verbal do mesmo enunciado.

Diferentemente da primeira categoria, não existe uma relação direta entre elementos verbais e visuais que permite inferir o desdobramento metaenunciativo opacificante. O que pode ser considerada como a marca desta segunda categoria de aspas verbo-visuais é a presença de um elemento verbal no enquadramento da fotografia. Assim, no enquadramento constitutivo do plano visual, a presença de uma placa, letreiro, anúncio etc. – que poderia ser excluída por um recorte ou pela escolha de outro plano para o registro da imagem – sinaliza que os dizeres neles contidos (elementos verbais) abrem-se à interpretação de um sentido outro para além daquele original.

Dessa forma, o que está informado pelos elementos verbais contidos no plano visual (a sinalização de uma saída de emergência, o alerta para um obstáculo, o nome de um estabelecimento etc., conforme poderá ser visto nas análises) perde sua função original (a de sinalizar, informar, nomear etc.) e passa a ganhar outro sentido dentro da relação estabelecida com o plano verbal do enunciado do qual faz parte, opacificando-se.

De forma esquemática, essa segunda categoria pode assim ser compreendida:

<b>Aspas verbo-visuais de tipo de opacificação de elementos verbais no plano visual</b>	
<b>Plano verbal</b>	<b>Plano visual</b>
<b>X(verbal)</b>	<b>Y(verbal)</b>
<b>Plano verbo-visual</b>	
<b>Y(verbal), mas no sentido de X(verbal)</b>	

Como já dito, é a presença do elemento verbal no plano visual que serve como marca que sinaliza a possibilidade do desdobramento metaenunciativo. E, como as análises que

seguem irão demonstrar, a opacificação dos elementos verbais presentes no plano visual se dá pela relação destes com o que está contido no plano verbal do enunciado, e não numa relação direta entre um elemento verbal específico (como na primeira categoria). Assim, os dizeres flagrados no plano visual tornam-se aspeados verbo-visualmente e, estabelecida a relação com o discurso presente no plano verbal do enunciado, têm seu sentido opacificado.

Nesta categoria, há uma *não-coincidência das palavras consigo mesmas*. As palavras que não coincidem, entretanto, são aquelas que se encontram no plano visual (que compõe uma placa, um anúncio, um aviso etc.), que, não coincidindo com a função inicial que esses dizeres possuem (de sinalizar, informar etc.), passam a se relacionar com o contexto trazido pelo plano verbal do enunciado e serem passíveis de outra interpretação, já opacos pela relação estabelecida.

## 5.2.1. Análise 1: A “saída de emergência” de Nuzman

O conjunto noticioso apresentado foi publicado no jornal *O Estado de S.Paulo* no dia 28 de setembro de 2012, na página E4, do caderno *Esportes*. Refere-se à denúncia de envolvimento de membros do grupo Rio 2016, vinculado ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e participante da organização dos Jogos Olímpicos que serão realizados na cidade do Rio de Janeiro em 2016, no roubo de documentos sigilosos do Comitê Olímpico de Londres (Locog). A matéria informa ainda que o presidente do Rio 2016 e também do COB, Carlos Arthur Nuzman, demitiu nove funcionários que estariam envolvidos no caso relatado e afirmou que eles agiram isoladamente e por conta própria. Entretanto, há a suspeita da participação de outros funcionários, inclusive membros da cúpula do grupo Rio 2016.

Na sequência, consta a reprodução integral da página na qual o conjunto noticioso foi publicado:

**Esportes** | 28 de setembro de 2012 | O ESTADO DE S. PAULO

### Escândalo em Londres

## Nuzman exime cúpula do Rio 2016

Presidente do COB diz que funcionários envolvidos no furto de dados se reportaram diretamente ao comitê londrino

**Silvia Ruyter**  
**Tigre Ramos** (10)

Presidência por quatro anos e o grande desfecho de que o cargo do Rio 2016 estaria em risco de desaparecer no caso de um escândalo que se abateu sobre o comitê londrino, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e do Rio 2016, Carlos Arthur Nuzman, finalmente veio a público para tentar explicar o incidente que envolveu funcionários e empresas que afetou a organização por quatro meses. Em entrevista coletiva, antes de retornar que os nove funcionários demitidos do Rio 2016 agiram por iniciativa própria.

Finalmente, os detalhes surgiram. Mas não de uma forma simples, segundo Nuzman, após algumas más interpretações de um texto que detalha o sistema de demissões. Essas funcionários, trabalhando para o comitê de Londres (Locog), foram demitidos em setembro de 2012.

Nuzman afirma ao lado do diretor geral do Rio 2016, London 2016, que os funcionários demitidos foram demitidos por iniciativa própria.

**9** **Humildades** foram demitidos por causa de incidentes de espionagem. Logo após o anúncio de demissão, os funcionários foram demitidos por iniciativa própria.

**Judô**

### Após trauma olímpico, Rafaela estreia em novo peso

Judoca disputará amanhã o Brasileiro Sênior na categoria meio-médio recém criado e se sairá precoce em Londres

**Annelise Brunetti**

A judoca Rafaela não só do Brasil na Olimpíada de Londres da semana que vem, mas também de sua carreira. Ela se sairá precoce em Londres, onde se sairá precoce em Londres.

**Depois de Londres, Colômbia o próximo, mas não deve**

Após o sucesso em Londres, a judoca Rafaela não se sairá precoce em Londres, onde se sairá precoce em Londres.

**Fórmula 1**

### Hamilton deve renovar com a McLaren. Já Massa e Schumi...

Trinidade está bem perto de continuar na equipe. Brasileiro torce muito por novo contrato e demissão pode anunciar despedida

**Luís Otávio**

O brasileiro Lewis Hamilton vai se sairá precoce em Londres, onde se sairá precoce em Londres.

**Renovação. Massa espera contrato com a Ferrari em 2013**

Após o sucesso em Londres, a judoca Rafaela não se sairá precoce em Londres, onde se sairá precoce em Londres.

**Jogo Rápido**

- SOB**  
Três times tentam se consolidar no G-4
- SOB**  
John Terry é suspenso por quatro partidas
- FRANÇÊS**  
França, Portugal e Alemanha têm jogos hoje
- ITALIANO**  
A Fiorentina vai ao placar
- TÊNIS**  
Federer veste a camisa da seleção brasileira

1

O conjunto noticioso ocupa praticamente a metade superior da página, e traz como manchete “Nuzman exime cúpula do Rio 2016”. Logo acima, encontra-se no canto esquerdo e escrito em vermelho a rubrica (ou o chapéu, no jargão jornalístico) “Escândalo em Londres”. Abaixo, ocupando quase que completamente as quatro colunas verticais destinadas ao enunciado concreto há uma grande fotografia, de autoria de Wilton Junior, da Agência Estado. Na legenda, lê-se: “Desculpa. Nuzman garante que os ingleses apenas pediram que os arquivos furtados fossem devolvidos ou apenas destruídos”. Ao lado esquerdo da fotografia, a linha fina diz que “Presidente do COB diz que funcionários envolvidos no furto de dados se reportavam diretamente ao comitê londrino”, e, logo abaixo, o nome de dois jornalistas: Sílvio Barsetti e Tiago Rogero, seguido de “Rio”, que indica a localidade geográfica, a cidade do Rio de Janeiro.

O conjunto noticioso ainda é composto por mais dois elementos: ao lado esquerdo da fotografia, apresenta-se uma *retranca* (jargão jornalístico para indicar um texto complementar ao principal) e, abaixo da primeira coluna do texto principal, um *olho* (jargão jornalístico para ressaltar alguma parte ou informação do texto principal) informando que, sob o *chapéu* de “Punição”, “9 funcionários foram demitidos por causa do escândalo de espionagem. Uma das demissões foi revista”, sendo que “9” está em destaque e colorido de laranja enquanto que “funcionários” está grafado em vermelho.

Abaixo, encontra-se a transcrição do texto principal do conjunto noticioso, respeitando as divisões de parágrafos e grifos originais:

Pressionado por suposições, e algumas declarações, de que a cúpula do Rio 2016 estaria envolvida diretamente no escândalo dos arquivos copiados do comitê londrino, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e do Rio 2016, Carlos Arthur Nuzman, finalmente veio a público para tentar explicar o incidente que ganhou destaque na imprensa europeia e afetou a organização dos próximos Jogos. Em entrevista coletiva, ontem, ele reiterou que os nove funcionários demitidos do Rio 2016 agiram por iniciativa própria.

Inicialmente, os punidos seriam dez. Mas um dos casos foi revisto, segundo Nuzman, após apuração mais minuciosa do caso, o que diminuiu o número de demissões. Esses funcionários, então a serviço do Rio 2016, copiaram sem autorização arquivos do Locog (comitê de Londres) durante a última olimpíada.

Nuzman estava ao lado do diretor geral do Rio 2016, Leonardo Gryner, na sede do COB. O constrangimento da dupla era visível. Por vários dias, o assunto foi tratado pelos organizadores dos Jogos do Rio apenas por meio de comunicados oficiais.

Mas, depois de uma reprimenda pública do ministro do Esporte, Aldo Rebelo, que considerou o fato “lamentável”, e de afirmações de uma das demitidas, Renata Santiago, de que diretores do Rio 2016 sabiam dos procedimentos dos funcionários, Nuzman decidiu convocar a imprensa e dar explicações.

Além da atualização da lista numérica dos demitidos – os nomes não foram revelados –, o Rio 2016 informou que 24 funcionários estavam encarregados de trabalhar com o Locog, em Londres.

Os dirigentes também ‘esclareceram’ que esses funcionários tinham de se reportar aos chefes, temporários, do Locog, e não aos seus superiores na hierarquia do Rio 2016.

No primeiro dia de setembro, segundo informou Nuzman, diretores do Locog informaram o ocorrido ao Rio 2016. “Eles, os proprietários das informações coletadas, não usaram o termo furto ou roubo”, disse Nuzman. “Apenas pediram que os arquivos fossem devolvidos ou destruídos, o que foi feito, com a presença do pessoal do Locog”, declarou.

As demissões ocorreram no dia 18. De acordo com Nuzman, o ministro do Esporte, e autoridades do Estado e da prefeitura do Rio foram comunicados do incidente tão logo o caso chegou ao conhecimento da cúpula do Rio 2016.

“Estava tudo claro na cláusula assinada pelos funcionários. Não poderiam ter feito o que fizeram”, disse Leonardo Gryner.

**Integração.** Ontem, o Rio 2016 divulgou mensagem do diretor-geral do Locog, Paul Deighton, na qual ele diz que a cópia não autorizada de arquivos “não resultou em nenhuma violação de segurança grave nem no comprometimento de quaisquer dados pessoais”.

“O caso envolveu somente um pequeno número de pessoas e foi resolvido de forma eficiente e eficaz pela diretoria do Rio 2016”, registra a nota, em que Deighton afirma que continuará compartilhando “qualquer informação solicitada pelos colegas do Rio”.

Segue também a transcrição da *retranca*:

#### **Demitida afirma ter se sentido ‘humilhada’**

. Única das pessoas demitidas a se manifestar, Renata Santiago, que trabalhou por mais de 12 anos com Carlos Arthur Nuzman, revelou ter se sentido humilhada no processo de demissão. “Fui ‘escortada’ por uma pessoa do RH para entregar o computador na hora. Foi humilhante”, disse.

Renata contou ter sido abordada, primeiro, por seu chefe direto, o diretor de relação com os Comitês Olímpicos Nacionais, Mario Cilenti. “Ele me disse que a ordem tinha vindo de cima e não havia nada que pudesse fazer”, afirmou Renata, que pretende entrar na Justiça, comum (por danos morais) e do trabalho, contra o Rio 2016.

A ex-funcionária anda tentou contato com Nuzman, por acreditar que ele talvez não soubesse o que estava acontecendo. “Agoniada, escrevi a carta e enviei a ele por e-mail, mas não obtive resposta.” /S.B e T.R.

O conjunto noticioso analisado em destaque:

## Escândalo em Londres

## Nuzman exime cúpula do Rio 2016

Presidente do COB diz que funcionários envolvidos no furto de dados se reportavam diretamente ao comitê londrino

Silvio Barsetti  
Tiago Rogério / RIO

Pressionado por suposições, e algumas declarações, de que a cúpula do Rio 2016 estaria envolvida diretamente no escândalo dos arquivos copiados do comitê londrino, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e do Rio 2016, Carlos Arthur Nuzman, finalmente veio a público para tentar explicar o incidente que ganhou destaque na imprensa europeia e afetou a organização dos próximos Jogos. Em entrevista coletiva, ontem, ele reiterou que os nove funcionários demitidos do Rio 2016 agiram por iniciativa própria.

Inicialmente, os punidos seriam dez. Mas um dos casos foi revisto, segundo Nuzman, após apuração mais minuciosa do caso, o que diminuiu o número de demissões. Esses funcionários, então a serviço do Rio 2016, copiaram sem autorização arquivos do Locog (comitê de Londres) durante a última olimpíada.

Nuzman estava ao lado do diretor geral do Rio 2016, Leonar-



Desculpa. Nuzman garante que os ingleses apenas pediram que os arquivos furtados fossem devolvidos ou então destruídos

do Gryner, na sede do COB. O constrangimento da dupla era visível. Por vários dias, o assunto foi tratado pelos organizadores dos Jogos do Rio apenas por meio de comunicados oficiais.

Mas, depois de uma repreensão pública do ministro do Esporte, Aldo Rebelo, que considerou o fato "lamentável", e de afirmações de uma das demitidas, Renata Santiago, de que diretores do Rio 2016 sabiam dos procedimentos dos funcionários, Nuz-

man decidiu convocar a imprensa e dar explicações.

Além da atualização da lista numérica dos demitidos – os nomes não foram revelados –, o Rio 2016 informou que 24 funcionários estavam encarregados de trabalhar com o Locog, em Londres. Os dirigentes também esclareceram que esses funcionários tinham de se reportar aos chefes, temporários, do Locog, e não a seus superiores na hierarquia do Rio 2016.

No primeiro dia de setembro, segundo informou Nuzman, diretores do Locog informaram o ocorrido ao Rio 2016. "Eles, os proprietários das informações coletadas, não usaram o termo furto ou roubo", disse Nuzman. "Apenas pediram que os arquivos fossem devolvidos ou destruídos, o que foi feito, com a presença do pessoal do Locog", declarou.

As demissões ocorreram no dia 18. De acordo com Nuzman, o ministro do Esporte, e autori-

dades do governo do Estado e da prefeitura do Rio foram comunicados do incidente tão logo o caso chegou ao conhecimento da cúpula do Rio 2016.

"Estava tudo claro na cláusula assinada pelos funcionários. Não poderiam ter feito o que fizeram", disse Leonardo Gryner.

**Integração.** Ontem, o Rio 2016 divulgou mensagem do diretor-geral do Locog, Paul Deighton, na qual ele diz que a cópia não

### Demitida afirma ter se sentido 'humilhada'

● Única das pessoas demitidas a se manifestar, Renata Santiago, que trabalhou por mais de 12 anos com Carlos Arthur Nuzman, revelou ter se sentido humilhada no processo de demissão. "Fui 'escotada' por uma pessoa do RH para entregar o computador na hora. Foi humilhante", disse.

Renata contou ter sido abordada, primeiro, por seu chefe direto, o diretor de relação com os Comitês Olímpicos Nacionais, Mario Clent. "Ele me disse que a ordem tinha vindo de cima e não havia nada que pudesse fazer", afirmou Renata, que pretende entrar na Justiça, comum (por danos morais) e do trabalho, contra o Rio 2016.

A ex-funcionária ainda tentou contato com Nuzman, por acreditar que ele talvez não soubesse o que estava acontecendo. "Agonia, escrevi a carta e enviei a ele por e-mail, mas não obtive resposta." / S.B. e T.R.

autorizada de arquivos "não resultou em nenhuma violação de segurança grave nem no comprometimento de quaisquer dados pessoais".

"O caso envolveu somente um pequeno número de pessoas e foi resolvido de forma eficiente e eficaz pela diretoria do Rio 2016", registra a nota, em que Deighton afirma que continuará compartilhando "qualquer informação solicitada pelos colegas do Rio".

### PUNIÇÃO

**9 funcionários** foram demitidos por causa do escândalo de espionagem. Uma das demissões acabou revista

Sobre a foto que compõe o enunciado concreto, o enquadramento permite praticamente dividi-la pela metade: à esquerda, encontra-se Carlos Arthur Nuzman em pé, segurando alguns papéis e com um ligeiro sorriso no rosto porém cabisbaixo, parecendo que está se movimentando; na metade à direita, é possível identificar a parte de cima de uma porta, da qual uma de suas folhas (a da direita) se encontra levemente aberta e, sobre ela, um grande e chamativo letreiro no qual se lê "saída de emergência", sinalizando a função daquela porta.

O desdobramento metaenunciativo aqui analisado é o de *opacificação de elementos verbais no plano visual*. Assim, ele recairá sobre o elemento verbal presente no plano visual que, neste conjunto noticioso, é a placa sinalizando a saída de emergência. Qual comentário metaenunciativo sobre ela fará ter seu sentido opacificado?

Logo no primeiro parágrafo do texto principal do conjunto noticioso, lê-se que "Pressionado por suposições, e algumas declarações, de que a cúpula do Rio 2016 estaria

envolvida diretamente no escândalo dos arquivos copiados do comitê londrino, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e do Rio 2016, Carlos Arthur Nuzman, finalmente veio a público para tentar explicar o incidente que ganhou destaque na imprensa europeia e afetou a organização dos próximos Jogos”. No quarto parágrafo do mesmo texto, é dito que o presidente do COB decidiu marcar uma coletiva de imprensa depois de uma “reprimenda pública” do ministro do Esporte, que estaria incomodado com as declarações de uma funcionária demitida que afirmara que a cúpula do grupo Rio 2016 sabia das práticas de roubo das informações confidenciais do comitê londrino. Na linha fina que inicia o texto principal, mais uma informação é destacada, a de que Nuzman disse que funcionários envolvidos no furto se reportavam diretamente ao comitê londrino, e não aos seus superiores dentro do COB (do qual Nuzman é o presidente).

Com isso, e seguindo a análise, o esquema abaixo é pertinente:

<b>Plano verbal</b>	<b>Plano visual</b>
após pressões, Nuzman vem a público e isenta cúpula do COB da participação no furto de documentos, demitindo funcionários e afirmando que os atos foram de exclusiva responsabilidade destes.	o presidente do COB, Nuzman, caminha em direção à porta sobre a qual se encontra uma placa com os elementos verbais “SAÍDA DE EMERGÊNCIA”.

A placa, cuja finalidade é a de sinalizar a porta de saída de emergência da sala na qual a coletiva de imprensa foi realizada, tem seus dizeres, seus elementos verbais, opacificados pelo desdobramento metaenunciativo estabelecido dentro do enunciado concreto. A “saída de emergência” para qual Nuzman se dirige é a de isentar a cúpula do grupo Rio 2016 de responsabilidade, afirmando que o ato dos funcionários demitidos foi de exclusiva responsabilidade dos próprios e que eles se reportavam ao comitê londrino, e não ao COB. Dessa forma, a placa na qual se lê *saída de emergência* é como se estivesse *verbo-visualmente aspeada*. Portanto, tem-se o esquema:

Plano verbal	Plano visual
após pressões, Nuzman vem a público e isenta cúpula do COB da participação no furto de documentos, demitindo funcionários e afirmando que os atos foram de exclusiva responsabilidade destes.	o presidente do COB, Nuzman, caminha em direção à porta sobre a qual se encontra uma placa com os elementos verbais “SAÍDA DE EMERGÊNCIA”.
Plano verbo-visual	
o presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman, busca uma saída para o escândalo envolvendo funcionários do grupo Rio 2016 após sofrer pressão, isentando a cúpula da entidade de qualquer responsabilidade sobre os atos e demitindo nove funcionários envolvidos.	

Assim, no plano verbo-visual e a partir do desdobramento metaenunciativo estabelecido, os dizeres da placa presente na fotografia são comentado, tendo seu sentido opacificado: não se trata mais da rota de fuga do espaço físico do salão, mas sim da estratégia do presidente do COB de colocar fim ao escândalo envolvendo o roubo de documentos confidências. Os elementos verbais da placa de sinalização *não coincidem com eles mesmos*. Explicitando as *aspas verbo-visuais* presentes neste conjunto noticioso, pode-se descrevê-la utilizando-se de uma modalização autonímica: *a saída de emergência encontrada por Nuzman, se assim se pode dizer, foi a de isentar a cúpula do grupo e atribuir toda a responsabilidade aos funcionários demitidos*.

É importante frisar que o efeito de sentido aqui flagrado só se manifesta no plano verbo-visual. A fotografia, se fosse publicada isoladamente como um enunciado concreto, não permitira a existências das *aspas verbo-visuais* sobre os elementos verbais presentes na placa de sinalização. É no desdobramento metaenunciativo entre os elementos verbais e visuais que constituem um mesmo enunciado concreto que o comentário opacificante se torna possível, no retorno do enunciado sobre ele mesmo.

## 5.2.2. Análise 2: O “degrau” na campanha de Russomano

O conjunto noticioso analisado foi publicado na primeira página do jornal Folha de S.Paulo do dia 25 de setembro de 2012 e é composto por uma grande fotografia na metade superior da página, na qual aparece o então candidato à prefeitura de São Paulo, Celso Russomano, do Partido Republicano Brasileiro (PRB), dentro de um ônibus. Ao lado, em uma coluna, a chamada para a notícia sobre a escalada dos ataques que o candidato retratado estava sofrendo de seus adversários:

# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRTOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 92 • TERÇA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 2012 • Nº 30.481 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 18:29 • R\$ 3,00

### Adversários comparam Russomano a Celso Pitta

Faltando duas semanas para a eleição, rivais de Celso Russomano (PRB) subiram o tom dos ataques ao líder nas pesquisas associando-o ao ex-prefeito Celso Pitta e ao risco de retrocesso. O candidato disse que a invenção dos rivais é “bairrista” e indica “desespero”.

Pela primeira vez num debate, Haddad (PT) atacou Russomano. Aliados no plano federal, eles se pousaram até então. **Poder A10 • A11**

---

**JÓÃO PEREIRA COUTINHO**  
A democracia midiática premia talento superficial

O Brasil não existe para o jornalista de Portugal. Certo quando nasce um fenômeno midiático, Tivência foi o último grande estardalhaço brasileiro a cruzar o Atlântico. Russomano pode ser próximo. Eles são de fácil reprodução porque ambos são produtos da televisão. **Insuares B18**

---

**Justiça permite alterar a causa da morte de Herzog**

Uma decisão judicial permitirá que a certidão de óbito do jornalista Vladimir Herzog (1937-1975) seja alterada. Em vez de suicídio, constará no documento que a morte decorreu de “tesões e maus tratos” sofridos nas dependências do DOI-Codi de São Paulo. A Justiça aceita o pedido da viúva de Herzog, Clarice, e da Comissão da Verdade. **Poder A13**

---

**Irã veta acesso a Google e planeja lançar rede própria**

O Irã bloqueou o acesso ao site de busca Google e ao e-mail gratuito Gmail. A medida foi uma retaliação à divulgação, na semana passada, de um vídeo que satiriza Maomé e gerou protestos em países islâmicos. O governo planeja criar uma internet própria, isolada da rede mundial. **Mundo A18**

---

**Dilma deve fazer cobranças aos países ricos em discurso na ONU**

Mundo A15



Russomano em ônibus elétrico do governo estadual, que promete adotar na cidade

### mensalão o julgamento

## Presidente do antigo PL é condenado por revisor

Valdemar Costa Neto, que recebeu R\$ 9 mi, é culpado por corrupção

O revisor do processo do mensalão no STF, o ministro Ricardo Lewandowski, votou pela condenação do deputado federal Valdemar Costa Neto (PR-SP) pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha.

Lewandowski considerou que o deputado não conseguiu comprovar o destino dado ao dinheiro. O voto do revisor seguiu o do ministro Joaquim Barbosa, relator do caso, indicando que os demais colegas deverão decidir da mesma forma. **Poder A8**

---

**Sob pressão do governo, bancos iniciam corte de juros do cartão**

Em meio à pressão do governo para que os bancos baixem as taxas do crédito rotativo dos cartões de crédito, o Bradesco reduziu os juros da modalidade de 14,7% para 6,9% ao mês. A nova taxa começa a valer a partir de 1º de novembro.

O Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal já haviam anunciado cortes na taxa. Outros bancos, como o HSBC e o Santander, também estudam reduzir os juros do rotativo. **Mercado B1**

---

**Para atingir classe média, governo muda Minha Casa**

O governo planeja expandir o programa habitacional Minha Casa, Minha Vida. Segundo o presidente da Caixa Econômica, Jorge Heredia, a proposta é reduzir os juros e aumentar os limites de renda familiar dos que podem acessar o programa. Hoje, o financiamento de até R\$ 170 mil nas capitais pouco atende a classe média, devido ao aumento nos preços dos imóveis. **Mercado B4**

**COTIDIANO**  
Hospital pet de luxo abre em SP com diária na UTI a R\$ 2.500 **ES**

**ESPORTE**  
Sorteio livra Corinthians de rival mexicano na semi do Mundial **A1**

**ROSELY SAYÃO**  
Boa convivência se ensina em casa e também na escola **Equilíbrio Pág. 8**

**EQUILÍBRIO**  
Pose expansiva basta para elevar autoconfiança, diz pesquisa **Pág. 1**



Cadelita Nala, com gravidez psicológica, faz ultrassom



**317.626 empregados** Impostos e dívidas

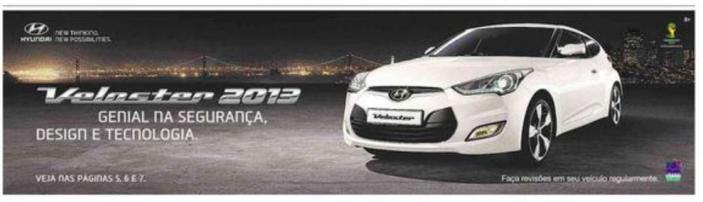
**ATMOSFERA** Cotidiano C2  
Chuva e vento fortes na Grande SP

**poder A16**  
Perferece deixar comissão de ética e critica presidente

**EDITORIAIS** Opinião A2  
Leia “Guerra por empregos”, sobre reação brasileira a medidas contra a crise mundial, e “Irresponsabilidade federal”, acerca de greve na PF.

**FALE COM A FOLHA**  
Seja como entrar em contato conosco: envie-nos e-mails para: [atendimento@folha.com.br](mailto:atendimento@folha.com.br) ou telefones: [3777-1412](tel:+551137771412) e [3777-1212](tel:+551137771212)

**Não desista de lutar** Não desista de lutar contra a corrupção. Não desista de lutar contra a corrupção. Não desista de lutar contra a corrupção.



**Veloster 2013**  
GENIAL NA SEGURANÇA, DESIGN E TECNOLOGIA.

VEJA NAS PÁGINAS 5, 6 E 7. Faça revisões em seu veículo regularmente.

A fotografia, por mais que seja a maior da metade superior da primeira página, não pertence ao conjunto noticioso que leva a manchete principal, mas sim à cobertura da corrida eleitoral para a prefeitura de São Paulo. Sob a manchete “Adversários comparam Russomano a Celso Pitta”, o texto de abertura menciona que seus adversários políticos na disputam passaram a atacá-lo mais incisivamente e se encontra à esquerda da fotografia. Segue a transcrição do texto:

Faltando duas semanas para a eleição, rivais de Celso Russomano (PRB) subiram o tom dos ataques ao líder nas pesquisas associando-o ao ex-prefeito Celso Pitta e ao risco de retrocesso. O candidato disse que a investida dos rivais é “baixaria” e indica “desespero”.

Pela primeira vez num debate, Haddad (PT) atacou Russomano. Aliados no plano federal, eles se poupavam até então. **Poder A10 e A11**

Os conjuntos noticiosos das páginas A10 e A11 tratam da cobertura das eleições e, como o texto da chamada de capa já anuncia, relata as críticas feitas tanto pelo candidato Fernando Haddad (PT) que ocupava a terceira colocação da disputa, quanto do candidato José Serra (PSDB), segundo colocado até então, realizadas em um debate promovido conjuntamente pela TV Gazeta e pelo portal de internet Terra.

A fotografia, creditada a Lalo de Almeida, da Folhapress, retrata o candidato dentro de um ônibus, estando ligeiramente deslocado para a esquerda pela perspectiva do eixo central vertical da imagem. Ele está cercado por passageiros e pela imprensa que o acompanhava em seu dia de campanha. Acompanhando o conjunto noticioso presente na página A11 da mesma edição, é informado na legenda de outra fotografia do candidato que ele trafegava em um trólebus (ônibus elétrico) entre os terminais São Mateus e Jabaquara, na cidade de São Paulo.

Os corrimões e suportes de segurança do coletivo, na cor amarela, ganham destaque na composição, marcando fisicamente as linhas do ponto de fuga da imagem. Centralizado no quadro da fotografia, na parte superior, pode-se flagrar o anúncio luminoso presente no ônibus, cuja função é alertar aos passageiros do desnível no piso do veículo. Nele, lê-se: “CUIDADO DEGRAU”, em vermelho sob fundo branco. Como pode ser notado no detalhe:



Compreendendo os discursos mobilizados nos planos verbal e visual, tem-se o esquema:

plano verbal	plano visual
Concorrentes à prefeitura de São Paulo aumentam os ataques ao então líder da disputa, Celso Russomano.	Celso Russomano dentro de um ônibus e, sob sua cabeça, há o letreiro de advertência: “CUIDADO DEGRAU”.

O letreiro luminoso presente no coletivo tem por função sinalizar aos passageiros o degrau presente no assoalho, já que há um desnível significativo devido à montagem do chassi do veículo. Assim, sua função é de ser uma placa de segurança, um conselho, uma advertência para se evitar acidentes como tropeços e quedas, por exemplo.

A fotografia faz parte do enunciado concreto no qual é informado que os adversários do candidato Russomano aumentaram seus ataques contra ele, já que, a duas semanas do primeiro turno das eleições municipais, ele aparecia na liderança da disputa segundo pesquisas de opinião. Ao aumentar as críticas, o objetivo dos adversários foi o de diminuir a

vantagem do líder da corrida eleitoral, buscando uma queda em seus índices de intenção de votos. Com o desdobramento metaenunciativo opacificante de elementos verbais no plano visual, a opacificação dos dizeres do letreiro presentes no coletivo se estabelece: alvo de maiores ataques por seus adversários, o letreiro do ônibus pede cuidado ao líder da corrida eleitoral não para evitar o tropeço no degrau do assoalho do coletivo, mas sim para uma possível queda nas pesquisas eleitorais.

plano verbal	plano visual
concorrentes à prefeitura de São Paulo aumentam os ataques ao então líder da disputa, Celso Russomano.	Celso Russomano dentro de um ônibus e, sob sua cabeça, há o letreiro de advertência: “CUIDADO DEGRAU”.
plano verbo-visual	
líder da corrida eleitoral, o candidato Russomano sofre uma intensificação dos ataques por parte dos adversários e é advertido a se preocupar com uma possível queda nas pesquisas de intenção de votos.	

A advertência da queda, do tropeço, não é mais em seu aspecto físico, função primeira no letreiro retratado acima da cabeça do candidato, quando estabelecido o desdobramento metaenunciativo. O “cuidado” que o candidato deve ter é com sua posição de liderança nas pesquisas eleitorais, pois pode haver uma queda em seus índices de intenção de votos após o recrudescimento dos ataques de seus adversários. O elemento verbal “cuidado degrau” presente como aviso dentro do ônibus há de ser interpretado como se estivesse entre aspas depois de estabelecido o desdobramento metaenunciativo no plano verbo-visual: cuidado para não cair nas pesquisas eleitorais.

Há, portanto, uma *não-coincidência das palavras consigo mesmas*, mas não das palavras presentes no plano verbal, no fio do texto, mas sim daquelas que aparecem no plano visual. Construindo uma modalização autonímica que descreve o desdobramento analisado, pode-se ter: *cuidado com o degrau*, no sentido de *evitar uma queda nas pesquisas eleitorais*.

Os dizeres cautelosos do letreiro do ônibus, flutuando sobre a cabeça do candidato e opacificado pelo desdobramento metaenunciativo estabelecido, mostraram-se proféticos. No dia 5 de outubro, dez dias depois da publicação do conjunto noticioso analisado, a capa do caderno Eleições do mesmo jornal (Folha de S. Paulo) foi a seguinte:

# eleições 2012

**Intervenção é esperada  
em segundo turno, além de  
PT também critica  
marketing de Haddad**

**Uma sessão  
de debate entre  
candidatos  
é esperada**

A queda registrada desde fevereiro para o candidato Fernando Haddad (PT) após o anúncio de sua candidatura ao segundo turno da eleição municipal de São Paulo, em outubro, abriu uma nova fase para o candidato do PT. O partido também critica o marketing de Haddad.



## Queda de Russomanno abre crise na campanha

Principal aliado, PT cobra programa de governo e troca de marqueteiro

Campanha de Haddad enfrenta queda de apoio desde fevereiro, quando anunciou sua candidatura. O PT cobra programa de governo e troca de marqueteiro.

Campanha de Russomanno enfrenta queda de apoio desde fevereiro, quando anunciou sua candidatura. O PT cobra programa de governo e troca de marqueteiro.

Campanha de Russomanno enfrenta queda de apoio desde fevereiro, quando anunciou sua candidatura. O PT cobra programa de governo e troca de marqueteiro.

Campanha de Russomanno enfrenta queda de apoio desde fevereiro, quando anunciou sua candidatura. O PT cobra programa de governo e troca de marqueteiro.

**TELA QUENTE**  
Campanhas tiveram êxito na última dia de propaganda na TV

<p><b>Fernando Haddad (PT)</b> Apresentou um programa de governo e trocou de marqueteiro.</p>	<p><b>Celso Russomanno (PSDB)</b> Apresentou um programa de governo e trocou de marqueteiro.</p>	<p><b>Candidato do PRB</b> Apresentou um programa de governo e trocou de marqueteiro.</p>
---	--	---

### Anúncio de Haddad liga candidato do PRB à 'máfia dos fiscais' de Pitta

O anúncio de Haddad ligou o candidato do PRB à 'máfia dos fiscais' de Pitta. O candidato do PRB acusou o candidato do PSDB de estar ligado a uma máfia de fiscais que desviava dinheiro do município.

<b>Datafolha</b> Candidato do PT é o maior beneficiado dos votos que Russomanno ainda pode ganhar até domingo	<b>Igrejas</b> Coordenador da campanha do PRB, Celso Russomanno, afirma não ter influência religiosa como problema	<b>Últimos dias</b> Alcides Jorge agenda encontro para tentar reverter resultado ruim para o PSDB no interior de São Paulo	<b>Votação</b> PSDB mantém liderança de governo para garantir a chegada de um novo governador em outubro
--	---	---	---

De líder isolado, o candidato Russomanno não chegaria a disputar o segundo turno das eleições municipais, que foi realizado entre os candidatos José Serra (PSDB) e Fernando Haddad (PT), com a vitória deste último.

### 5.2.3. Análise 3: A “consolação” para os usuários do metrô

O conjunto noticioso analisado foi publicado no jornal O Estado de S. Paulo do dia 11 de outubro de 2012, na página C2 do caderno Cidades. Ocupa o terço superior da página, e refere-se aos testes que a Companhia Metropolitana do Estado de São Paulo, responsável pelo Metro da cidade, passaria a realizar buscando aperfeiçoar o funcionamento dos trens visando diminuir os intervalos entre eles e, assim, facilitar a locomoção dos passageiros:

## Testes mudarão horário de estações

Neste domingo, em vez de 4h40, Sumaré e Vila Madalena vão abrir às 12h; ramais da Paulista serão afetados em outros fins de semana

As estações Vila Madalena e Sumaré, da Linha 2 Verde do Metrô, vão ficar fechadas neste domingo entre 4h40 e meio-dia para instalação do novo sistema de controle dos trens. A suspensão do funcionamento vai se repetir nos próximos dois domingos e, dependendo dos resultados dos testes, as estações poderão ficar fechadas mais uma vez.

A expectativa do Metrô é de que cada trecho entre duas estações fique fechado por três domingos, sempre até o meio-dia, para que o novo sistema seja instalado nesse período na linha que passa pela Avenida Paulista. O cronograma, no entanto, pode sofrer alterações caso algum novo problema técnico seja identificado no processo.

Ônibus serão colocados à disposição dos usuários nos trechos interditados. O passageiro

vai receber um ticket para embarcar gratuitamente nos coletivos pagando a passagem de metrô. Os ônibus vão parar na Estação Clínicas, onde o usuário vai continuar a viagem. Quem já está na linha terá de descer na Clínicas e seguir a viagem de ônibus.

O gerente de Concepção de Projetos de Sistema do Metrô, David Turbak, diz que os testes entre Vila Madalena e Sumaré já são realizados durante a semana. No entanto, como o tempo é curto — cerca de três horas por dia — o fechamento aos domingos possibilitará aos técnicos mais horas seguidas para concluir os testes e, assim, acelerar o trabalho de troca do sistema.

“O teste entre Sacconi e Vila Prudente foi o conceito do sistema. Já o CBTCC já está operando”, diz Turbak.



Multidão. Movimento na estação da Linha 2 aumentou após ligação com a Linha 4-Amarela

#### PARALEMBRAR

#### Falha causou batida em maio

O sistema antigo de controle do Metrô, que secciona os trilhos em trechos para evitar colisões, falhou no dia 16 de maio e provocou a primeira batida da história da companhia. O incidente não virou uma tragédia porque o maquinista esperou o choque e acionou os freios a tempo.

“O sistema antigo de controle do Metrô, que secciona os trilhos em trechos para evitar colisões, falhou no dia 16 de maio e provocou a primeira batida da história da companhia. O incidente não virou uma tragédia porque o maquinista esperou o choque e acionou os freios a tempo.”

#### PONTOS-CHAVE

#### As estratégias para reduzir a lotação

• **‘Trem fantasma’**  
O Metrô leva trens vazios, sem parar em estações intermediárias, até os pontos que concentram mais passageiros, como a Sé, para então seguir viagem.



• **Looping**  
Trens em um sentido da linha são enviados após passarem por estações-chave e manobrados para atender o sentido que está com maior demanda.



• **Obras**  
Hoje, o Metrô constrói quatro linhas na capital. É considerada por especialistas como a solução definitiva para o problema da atual superlotação.

## No Rio, acidentes fazem ‘Ligeirão’ ser chamado de ‘Caveirão’



Casos. Foram 16 colisões ou atropelamentos desde junho

Apesar de reduzir em 40% o tempo de percurso entre Santa Cruz e a Barra, BRT teve cinco mortes em quatro meses

Fabio Greller / RBS

Colmeada como solução para a Copa e Olimpíadas, TransCruz, primeira linha de Bus Rapid Transit (BRT), uma espécie de corredor expresso do Rio, já chama mais a atenção pelo número de acidentes com vítimas do que por reduzir em 40% o tempo do percurso de aproximadamente 10 km entre Santa Cruz e Barra da Tijuca, dois bairros da zona oeste. Em quatro meses, a via já registrou pelo menos 16 colisões ou atropelamentos, que causaram a morte de cinco pessoas — a última foi atropelamento de um pedestre.

#### Prefeitura culpa pedestre e motorista

• Segundo a prefeitura do Rio, a maioria dos acidentes não foi causada por usuários ou motoristas dos ônibus, mas por pedestres que atravessaram a Avenida das Américas em lugar impróprio ou motoristas que não respeitaram as regras em conversões proibidas. O governo lançou uma campanha com foco na região do BRT.

ção como Caveirão, em referência ao veículo blindado usado pela Polícia Militar em operações especiais. Não existem dados certos sobre os acidentes porque a pista do BRT, embora exclusiva, corre paralelamente à pista de trânsito comum de carros de passeio e as estatísticas oficiais não separam acidentes ocorridos na pista expressa das que registramos nas demais pistas, envolvendo veículos particulares. Mas é possível afirmar que a maioria dos acidentes ocorreu no período noturno, entre 17h e 20h, no longo da Avenida das Américas, na Barra da Tijuca.

Sugestões. A sequência de acidentes levou a prefeitura a criar uma comissão para analisar medidas capazes de tornar mais seguro o corredor. O grupo vai analisar, entre outras, sugestões propostas pelo Conselho Regional de Arquitetura e Engenharia do Rio (Crea RJ). “A TransCruz precisa conquistar a confiança dos usuários, operando com segurança”, diz Agostinho Queiroz, presidente do Crea RJ.

Entre as sugestões estão a instalação de guarda-lua para separar a pista do BRT e as demais, a instalação de cancelas nos cruzamentos, para evitar que os carros invadam a pista exclusiva, e a colocação de barreiras para evitar que pedestres atravessem a pista fora das faixas. A prefeitura afirma que já tomou as primeiras medidas para aumentar a segurança: cercas vivas estão sendo plantadas nos cantos centrais para impedir que pedestres atravessem.

**Chegou ESTADÃO empregos monster**

A credibilidade do Estadão e a força do maior site de empregos do mundo. Juntas para encontrar os maiores talentos para sua empresa.

ANUNCIE

Procuramos sua empresa no Super (11) 3060-0001, estamos sempre disponíveis.

Atividade: Engenharia, Arquitetura, TI, Design, Marketing, Recursos Humanos, Direito, Jornalismo, Saúde, Educação, Artes, Música, Esportes, Moda, Turismo, Hotelaria, Alimentação, Varejo, Serviços, Outros.

Atividade: Engenharia, Arquitetura, TI, Design, Marketing, Recursos Humanos, Direito, Jornalismo, Saúde, Educação, Artes, Música, Esportes, Moda, Turismo, Hotelaria, Alimentação, Varejo, Serviços, Outros.

O conjunto possui a manchete “Testes mudarão o horário de estações”, seguida da linha fina “Neste domingo, em vez de 4h40, Sumaré e Vila Madalena vão abrir às 12h00; ramais da Paulista serão afetados em outros fins de semana”. A transcrição completa do texto principal do enunciado é apresentada na sequência:

As estações Vila Madalena e Sumaré, na Linha 2-Verde do Metrô, vão ficar fechadas neste domingo entre 4h40 e meio-dia para instalação do novo sistema de controle de trens. A suspensão do funcionamento vai se repetir nos próximos dois domingos e, dependendo dos resultados dos testes, as estações poderão ficar fechadas mais uma vez.

A expectativa do Metrô é de que cada trecho entre duas estações fique fechado por três domingos, sempre até o meio-dia, para que o novo sistema seja instalado nesses 90 dias na linha que passa pela Avenida Paulista. O cronograma, no entanto, pode sofrer alterações caso algum novo problema técnico seja identificado no processo.

Ônibus serão colocados à disposição dos usuários nos trechos interditados. O passageiro vai receber um tíquete para embarcar gratuitamente nos coletivos após pagar a passagem de metrô. Os ônibus vão parar na Estação Clínicas, onde o usuário vai continuar a viagem. Quem já está na linha terá de descer nas Clínicas e seguir a viagem de ônibus.

O gerente de Concepção de Projetos de Sistemas do Metrô, David Turbuk, diz que os testes entre a Vila Madalena e a Sumaré já são realizados durante a semana. No entanto, como o tempo é curto – cerca de três horas por dia –, o fechamento aos domingos possibilitará aos técnicos mais 11 horas seguidas para concluir os testes, acelerar o trabalho de troca de sistema.

“O teste entre Sacomã e Vila Prudente foi o coração do sistema. Lá, o CBTC já está operando”, diz Turbuk.

**Tendência.** O presidente da Associação de Engenheiros e Arquitetos do Metrô (Aeamesp), José Geraldo Baião, diz que o novo sistema de controle será usado por 70% das novas linhas que estão sendo construídas no mundo e, até 2020, por 40% das linhas existentes.

O CBTC é tido como o sistema mais seguro. Foi criado em 1986 em Vancouver, Canadá, e até hoje não há registro de acidentes. “Como há uma grande automação, há muitos sistemas redundantes”, afirma.

No Brasil, a Linha 4-Amarela é a única que tem esse sistema e opera sem maquinistas nos trens. /BRUNO RIBEIRO

Ao lado do texto principal, há um *box*<sup>78</sup> que traz a notícia sobre um acidente que ocorrera em maio daquele ano envolvendo a batida de dois trens do metrô. Sob o chapéu “para lembrar”, escrito em vermelho, leva o título “Falha causou batida em maio”. Na sequência há a transcrição:

O sistema antigo de controle do Metrô, que secciona os trilhos em trechos para evitar colisões, falhou no dia 16 de maio e provocou a primeira batida da história da companhia. O incidente não virou tragédia porque o maquinista anteviu o choque e acionou os freios a tempo.

<sup>78</sup> Termo do jargão jornalístico para se referir à apresentação de informações complementares ou, como no caso, relembra acontecimentos relacionados ao informado.

Ainda componho este conjunto noticioso, para além da fotografia principal que será analisada mais adiante a fim de demonstrar o desdobramento metaenunciativo aqui perseguido, há três notas ao pé do conjunto que, sob a rubrica de “Pontos-chave” e com o título de “As estratégias para reduzir a lotação”, traz três pequenos textos, reproduzidos na sequência:

. ‘Trem fantasma’

O Metrô leva trens vazios, sem parar em estações intermediárias, até os pontos que concentram mais passageiros, como a Sé, para então seguir viagem.

(foto de um trem do metrô)

. Looping

Trens em um sentido da linha são esvaziados após passarem por estações-chave e manobrados para atender o sentido que está com maior movimento

(foto de uma obra do metrô) – Ambas as fotos são de Milton Fukuda, da Agência Estado, e datadas de 22/06/2012.

. Obras

Hoje, o Metrô constrói quatro linhas na capital. É considerada por especialistas como a solução definitiva para o problema da atual superlotação.

Para facilitar a análise das aspas verbo-visuais, o conjunto noticioso em detalhe é reproduzido:

# Testes mudarão horário de estações

Neste domingo, em vez de 4h40, Sumaré e Vila Madalena vão abrir às 12h; ramais da Paulista serão afetados em outros fins de semana

As Estações Vila Madalena e Sumaré, da Linha 2-Verde do Metrô, vão ficar fechadas neste domingo entre 4h40 e meio-dia para instalação do novo sistema de controle dos trens. A suspensão do funcionamento vai se repetir nos próximos dois domingos e, dependendo dos resultados dos testes, as estações poderão ficar fechadas mais uma vez.

A expectativa do Metrô é de que cada trecho entre duas estações fique fechado por três domingos, sempre até o meio-dia, para que o novo sistema seja instalado nesses 90 dias na linha que passa pela Avenida Paulista. O cronograma, no entanto, pode sofrer alterações caso algum novo problema técnico seja identificado no processo.

Ônibus serão colocados à disposição dos usuários nos trechos interditados. O passageiro

vai receber um tiquete para embarcar gratuitamente nos coletivos após pagar a passagem de metrô. Os ônibus vão parar na Estação Clínicas, onde o usuário vai continuar a viagem. Quem já está na linha terá de descer nas Clínicas e seguir a viagem de ônibus.

O gerente de Concepção de Projetos de Sistemas do Metrô, David Turbuk, diz que os testes entre a Vila Madalena e a Sumaré já são realizados durante a semana. No entanto, como o tempo é curto - cerca de três horas por dia -, o fechamento aos domingos possibilitará aos técnicos mais 11 horas seguidas para concluir os testes e, assim, acelerar o trabalho de troca do sistema.

"O teste entre Sacomã e Vila Prudente foi o coração do sistema. Lá, o CBTC já está operando", diz Turbuk.



**Multidão.** Movimento na estação da Linha 2 aumentou após ligação com a Linha 4-Amarela

**Tendência.** O presidente da Associação de Engenheiros e Arquitetos do Metrô (Aeamesp), José Geraldo Baião, diz que o novo sistema de controle será usado por

70% das novas linhas que estão sendo construídas no mundo e, até 2020, por 40% das linhas existentes.

O CBTC é tido como o sistema

mais seguro. Foi criado em 1986 em Vancouver, no Canadá, e até hoje não há registro de acidentes. "Como há uma grande automação, há muitos sistemas re-

## PARA LEMBRAR

### Falha causou batida em maio

O sistema antigo de controle do Metrô, que secciona os trilhos em trechos para evitar colisões, falhou no dia 16 de maio e provocou a primeira batida da história da companhia. O incidente não virou uma tragédia porque o maquinista anteviu o choque e acionou os freios a tempo.

dundantes", afirma.

No Brasil, a Linha 4-Amarela é a única que tem esse sistema e opera sem maquinistas nos trens. **BRUNO RIBEIRO**

## PONTOS-CHAVE

### As estratégias para reduzir a lotação

#### • 'Trem fantasma'

O Metrô leva trens vazios, sem parar em estações intermediárias, até os pontos que concentram mais passageiros, como a Sé, para então seguirem viagem.



#### • Looping

Trens em um sentido da linha são esvaziados após passarem por estações-chave e manobrados para atender o sentido que está com maior demanda.



#### • Obras

Hoje, o Metrô constrói quatro linhas na capital. É considerada por especialistas como a solução definitiva para o problema da atual superlotação.

A foto principal, creditada a Hélvio Romero, da Agência Estado e, conforme indicado nos créditos, tirada no dia 25/04/2012, traz a imagem de usuários do metrô utilizando a ligação subterrânea existente entre as estações Consolação, da Linha 2-Verde, com a Paulista, da mais recente Linha 4-Amarela. Na legenda, lê-se: "**Multidão.** Movimento na estação da Linha 2 aumentou após ligação com a Linha 4-Amarela". Ocupando praticamente a metade direita da fotografia, é possível ver muitos passageiros de costas, seguindo em direção ao túnel que possibilita a troca de linhas. Já na metade direita, no quadrante superior, há o letreiro que indica o nome da estação: "Consolação".

Com estas informações, é possível estabelecer o esquema:

plano verbal	plano visual
informação de testes do novo sistema de controle dos três do metrô, que proporcionará maior agilidade e segurança para os passageiros	multidão de passageiros caminham dentro de uma estação do metrô cujo nome aparece em um grande letreiro na parede: CONSOLAÇÃO

De nome sugestivo, a estação do metrô é batizada com o mesmo nome da avenida presente em suas proximidades, como também do cemitério da região. Este letreiro é

opacificado pelo desdobramento metaenunciativo de opacificação de elementos verbais no plano visual: é o elemento verbal “Consolação” que está, neste enunciado, verbo-visualmente aspeado.

Como a notícia informa, horários das estações foram alterados devido aos testes de um novo sistema de controle de fluxo de trens, que possibilitaria mais segurança e agilidade no transporte. Há a lembrança ainda do acidente que ocorrera em maio daquele ano que, conforme é dito, não foi uma tragédia devido à perícia do maquinista que conseguiu acionar os freios. Nas notas que também compõe o conjunto noticioso, outras medidas visando a melhoria das condições de uso do metrô são elencadas.

Assim, estabelecidas as aspas verbo-visuais, o esquema se torna:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
informação de testes do novo sistema de controle dos três do metrô, que proporcionarão maior agilidade e segurança para os passageiros, como a de outras estratégias para diminuir a lotação.	multidão de passageiros caminha dentro de uma estação do metrô cujo nome aparece em um grande letreiro na parede: CONSOLAÇÃO
<b>plano verbo-visual</b>	
os testes do novo sistema de controle do metrô, que deve proporcionar maior agilidade e segurança, e as outras estratégias para reduzir a lotação, são uma “consolação” para os usuários.	

Como informado nos créditos da fotografia, ela foi tirada no dia 25/04/2012, ou seja, quase seis meses antes da data da publicação da matéria, o que significa que era uma fotografia de arquivo. Além dessa diferença temporal, chama a atenção o fato da estação Consolação não ser mencionada em nenhum momento no plano verbal: apesar dela pertencer à linha 2-Verde e fazer conexão com a linha 4-Amarela, os testes que são o objeto da notícia são entre as estações Vila Madalena e Sumaré. Entretanto, foi esta a foto selecionada para compor o conjunto noticioso, o que reforça a possibilidade de compreendê-la como um comentário metaenunciativo realizado pelo superenunciador jornal, opacificando o elemento verbal “Consolação” presente no plano visual, estando ele verbo-visualmente aspeado, conforme o esquema apresentado.

## 5.2.4. Análise: 4: O “New look” do PT: Haddad

O último conjunto noticioso a ser analisado nesta seção do capítulo foi publicado no jornal Folha de S.Paulo do dia 29 de setembro de 2012, na página A4. Diferentemente das outras análises sobre a opacificação de elementos verbais no plano visual apresentadas até agora, o caso a ser analisado tem o elemento verbal verbo-visualmente aspeado não pela relação entre os planos verbais e visuais que compõe o mesmo enunciado, mas por meio das relações discursivas (dialogicas) estabelecidas com enunciados precedentes.



### Segunda instância

José Dirceu, Delúbio Soares, José Genoino terão que enfrentar, se condenados no STF (Supremo Tribunal Federal), como já foi João Paulo Cunha, um novo julgamento. Aprovado em fevereiro pelo Diretório Nacional, o estatuto do PT determina que sejam expulsos filiados condenados por crime infamante ou prática administrativa ilícita, com sanção transitada em julgado. No caso de Delúbio, seria a segunda expulsão. Ele se filiou em 2011, após deixar a legenda em 2005.

**Letra morta** O rito de exigência da regra será julgado por formação de quadrilha e corrupção ativa a partir da semana que vem. Pretisa descartam mudar o estatuto. Análises que o mais provável é que a legenda deixe de aplicar a cláusula de expulsão.

**Súmula** Assessor e emissários identificaram na nota em que Joaquim Barbosa critica Marco Aurélio Mello um recado direto aos demais colegas. Ao dizer que não fará “desvassas administrativas” ao chegar à presidência, Barbosa tranquiliza os presidentes anteriores, que não teriam as gestões questionadas.

**Falta...** Passadas as eleições, o ministro Mendes Ribeiro (Agricoltura) planeja fazer uma reestruturação do quadro da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Há, no entanto, o comando por Rubens Rodrigues, indicado pelo PT.

**...combinar** Com a nomeação de Rodrigues, em fevereiro, o PTB na Câmara fechou apoio à candidatura de Henrique Eduardo Alves (RN) presidente da Casa no ano que vem. O diretor financeiro da Conab, Bona Garcia (PMDB), é um dos cotados para assumir a presidência.

**Sem serão** Depois de aventar, na semana passada, a possibilidade de realizar sessões extras para julgar processo acumulado no Tribunal Superior Eleitoral, a presidente Círculo não se compromete, nem mesmo na reta final da campanha.

**Sem braços** A ministra Luciana Lóssio, que assume a titularidade do TSE em agosto e já recebeu o gabarito com vários processos, diz que só conta com quatro servidores para auxiliá-la, o que ajuda a explicar o acúmulo de casos sob sua tutela que não foram julgados.

**com FÁBIO ZAMBELLI e ANDRÉIA SADI**

**tireito**  
**A CUT cria programa de alfabetização com dinheiro público, não dá conta do recado e, ao devolver, ainda escorrega na aritmética.**

**contraponto**  
**Sabe aquela do economista?**

Uma mesa redonda no Instituto FIC reuniu o ex-presidente e ex-ministro da Fazenda Delcílio Netto para debater o livro “Keynes: Crise e Política Fiscal”, do economista José Roberto Afonso. FIC: “Lula não dá a crise econômica em Portugal, que acabou de voltar.”

“Proporem baixar a contribuição das empresas e aumentar a dos empregados. Mas quando possem no Brasil já tinham desistido, não entendem nada.”  
Delcílio Netto então mencionou, para gargalhada geral: “O que você não entendeu? Ai o problema é mais de pida de português que de economia...”



## Sob pressão, Dilma decide ir ao palanque de Haddad

Presidente atende a apelo de Lula e participará de comício na segunda-feira

**Imagens serão usadas para reforçar ideia de que Russomanno não tem apoio político; PT e PSDB pregam voto útil**

Pressionado por Lula e pelo PT, a presidente Dilma Rousseff vai desembarcar em São Paulo na próxima segunda-feira para participar pela primeira vez de uma atividade da campanha de Fernando Haddad à prefeitura.

A seis dias da eleição, ela vai a um comício em Itaquara, na zona leste, uma das regiões em que o petista mais perde votos para o líder Celso Russomanno (PRB).

Dilma pretende deixar sua presença para o segundo turno. O número do Datafolha, que mostrava Haddad em empate técnico com José Serra (PSDB), ajudaram a fazer a mudar de ideia.

Pouso na decisão o temor de ser responsabilizada por uma eventual derrota para o candidato tucano por uma pequena margem de votos.

A presidente já apareceu na TV, mas resistiu a subir no palanque de Haddad.

Ela chegou a sugerir que a viagem ficasse para as vésperas da eleição, mas foi convencida a viajar no início da semana pelo publicitário João Santana, que quer usar as imagens do comício na TV.

A solução encontrada foi aprovar uma viagem oficial na segunda-feira, quando Dilma já participará de evento na capital paulista.

Embora os petistas considerem que Dilma tem mais influência eleitoral na classe média, sua presença é considerada importante para reforçar que Haddad, se eleito, terá respaldo em Brasília.

Neste momento, o principal discurso da campanha petista contra Russomanno é o de que o candidato do PRB é inoperante.

O presidente do partido, Marcos Pereira, não quis se manifestar ontem sobre a entrada da presidente na campanha de Haddad.

Hoje Lula voltará a subir no palanque de seu candidato. Foram marcados comícios em São Miguel e Cidade Tradem, também na zona leste.

As campanhas de Haddad e José Serra (PSDB) querem pregar o voto útil na última semana para tentar garantir o segundo turno contra Russomanno.

Os petistas vão investir na ideia de que o ex-ministro da Educação é o único capaz de derrotar o candidato. Um dos argumentos é o de que o índice de rejeição de Serra (69%) impediria sua vitória.

Os tucanos apostam no eleitor antipetista que também rejeita o líder da disputa, mas hoje manifesta intenção de voto em candidato como Gabriel Chalita (PMDB) e Sônia Maria Fracitor (PPS).

**BERNARDO MULLER FRANCA, CITA SERRA E VALDO CRUZ**

**LEIA MAIS** sobre eleições nas pgs. A6, A10, A12 e A13



Candidato Fernando Haddad (PT) durante caminhada em Paraisópolis, na zona sul

### Russomanno se compara a Lula após cair 5 pontos

**DISSENSO CAMPANHA DE SÃO PAULO**

Após registrar pela primeira vez queda nas intenções de voto no Datafolha, Celso Russomanno (PRB) se comparou ontem a Lula, maior fador da candidatura de Fernando Haddad.

Russomanno lidera com 30% das intenções de voto, mas perdeu cinco pontos em uma semana. Haddad (PT) tem 18% e está tecnicamente empatado com José Serra (PSDB), que tem 22%.

Em uma palestra na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados e Tecnologia da Informação, em Santa Cecília (centro), Russomanno reba-

teu as críticas de que não teria experiência, mote de insinuações veiculadas pelo PT e de discursos de Haddad.

“Será que eu não estou preparado, não tenho currículo? Mas, se a gente voltar uns anos atrás, todo mundo tinha medo do Lula. Ele tinha um mandato de deputado federal e tinha sido presidente de sindicato. E foi um bom presidente.”

Ele disse ainda que, como Lula, gostaria de “trabalhar pelo social”. O discurso de Russomanno segue uma nova estratégia da campanha: neutralizar o ataque petista usando o exemplo de Lula.

O conjunto noticioso informa da primeira participação da então presidenta da República, Dilma Rousseff, na campanha do candidato do PT à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad. A manchete é “Sob pressão, Dilma decide ir ao palanque de Haddad”. Como os elementos verbais que possibilitarão o desdobramento não estão presentes no plano verbal deste mesmo enunciado, e sim em enunciados anteriores, a transcrição do texto principal não é necessária para a análise a ser realizada.

É na fotografia que compõe o conjunto noticioso que ocorre a opacificação de elementos verbais no plano visual. Creditada à Fábio Braga, da Folhapress, retrata o candidato Fernando Haddad durante uma caminhada em Paraisópolis, como informa a legenda. Com o rosto virado para sua direita, Haddad aparece com as sobrancelhas levemente arqueadas e uma feição que pode ser interpretada como esnobe. Ocupado mais da metade superior da fotografia, há o que possivelmente seja um toldo e o letreiro de um salão de beleza, no qual, entre algumas letras e alguns números cortados pela metade, é claramente possível ler “New Look”, grafado em inglês e que, pela composição da fotografia, ganha destaque, já que se torna nítida a orientação de mantê-lo pelo enquadramento escolhido da imagem em detrimento de um maior destaque ao próprio candidato.

O termo “new look”, mesmo sendo de origem inglesa, é bastante utilizado no jargão de salões de beleza e entre a população em geral com o significado de “nova aparência” estética, “novo visual” ou mesmo de uma “transformação da imagem” da pessoa que o busca.

A foto em detalhe:



O candidato Fernando Haddad (PT) durante caminhada em Paraisópolis, na zona sul

Como já dito, o desdobramento metaenunciativo se dará pela relação estabelecida com enunciados anteriores, numa perspectiva dialógica, aspeando verbo-visualmente a expressão “new look” presente na fotografia. Assim sendo, é necessário retomar alguns desses enunciados e, conseqüentemente, os discursos que eles tecem para sustentar o desdobramento explorado aqui.

Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), jamais havia concorrido a nenhum cargo eletivo antes de tornar-se o candidato escolhido pelo partido para disputar a prefeitura da cidade de São Paulo.

Professor de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Haddad foi Chefe de gabinete da Secretaria de Finanças do município de São Paulo na gestão da prefeita Marta Suplicy entre os anos de 2001 a 2003. De 2005 a 2012 foi Ministro da Educação durante o mandato dos presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

A escolha do novato Haddad para a disputa da prefeitura de São Paulo se deveu à vontade de Lula, que buscava renovar o partido lançando novos nomes nas disputas eleitorais, inclusive criando um forte mal-estar político com Marta Suplicy, que pretendia disputar novamente o cargo.

Haddad foi apresentado como o candidato novo, uma nova face do Partido dos Trabalhadores (PT). Na seção 4.3.5 deste capítulo, há a análise de um desdobramento classificado como *alegoria verbo-visual opacificante* que retoma esses discursos ao apresentar o perfil do candidato.

Outra relação dialógica pertinente a ser estabelecida é o discurso corrente, porém não formalizado, circulante principalmente na FFLCH-USP que se refere ao ego inflamado do professor que lhe valeu a alcunha de “Fernando Vaidade”. Mais próximo da fofoca rasteira do que de uma construção discursiva sólida e amplamente compartilhada, essa relação não seria aqui evocada se não fosse uma charge publicada no mesmo jornal (Folha de S.Paulo) que oferece uma materialidade que permite estabelecer essa relação dialógica. Ela foi publicada no dia sete de outubro de 2012, na capa do caderno Eleições 2012.



Na charge, cuja assinatura do autor está no canto esquerdo (porém não sendo possível de identificar o nome), Fernando Haddad é retratado segurando com a mão esquerda um espelho na forma de estrela vermelha, símbolo do Partido dos Trabalhadores, e tendo um pente na mão direita. Tanto o espelho quanto o pente remetem à suposta vaidade do candidato, sem nenhuma dubiedade. Como o primeiro esquema, tem-se:

<b>Plano verbal (relações dialógicas anteriores)</b>	<b>Plano visual</b>
o candidato Fernando Haddad foi escolhido para disputar a prefeitura dentro de uma estratégia de renovação dos quadros do PT, apresentando novos nomes. Fernando Haddad também é conhecido, pejorativamente, como Fernando “Vaidade”.	o candidato Fernando Haddad é retratado embaixo de um toldo de um provável salão de beleza, no qual é possível “New Look”.

Instauradas as relações dialógicas que possibilitam o desdobramento metaenunciativo, os elementos verbais presente no plano visual, os dizeres “New Look” presentes no toldo do salão de beleza, opacificam-se. Não é mais a expressão do jargão de salão de beleza, mas sim “a nova cara do PT”, com um novato em disputas eleitorais concorrendo à prefeitura da cidade de São Paulo. Assim, o “New Look” de Haddad reflete a estratégia política de Lula de lançar novos nomes pelo Partido dos Trabalhadores. Outra opacificação possível, a derivada da relação dialógica estabelecida com a suposta vaidade do candidato, transforma os elementos verbais presentes no toldo em um comentário sarcástico sobre esta possível característica de Fernando Haddad:

<b>plano verbal (relações dialógicas anteriores)</b>	<b>plano visual</b>
o candidato Fernando Haddad foi escolhido para disputar a prefeitura dentro de uma estratégia de renovação dos quadros do PT, apresentando novos nomes. Fernando Haddad também é conhecido, pejorativamente, como Fernando “Vaidade”.	o candidato Fernando Haddad é retratado embaixo de um toldo de um provável salão de beleza, no qual é possível “New Look”.
<b>plano verbo-visual</b>	
<p>. Fernando Haddad representa o “new look” do Partido dos Trabalhadores, seguindo estratégia de Lula de apresentar novos nomes e renovar os quadros do partido.</p> <p>. Fernando Haddad, que dizem ser vaidoso, preocupa-se com a sua imagem, seu “new look”.</p>	

É sobre o elemento verbal “New Look” presente no plano visual que recai as aspas verbo-visuais, opacificando seu sentido. Numa *não-coincidência das palavras consigo mesmas*, numa primeira opacificação o “new look” deixa de significar o jargão de salão de beleza e passa a representar a estratégia política de apresentar novos candidatos para representar uma renovação partidária. Numa segunda opacificação possível, o “new look” também deixa de significar o jargão estético e passa a ser um comentário sarcástico sobre uma suposta característica da personalidade do candidato Fernando Haddad, sua vaidade.

### 5.3. A alegoria verbo-visual opacificante

A terceira e última categoria de aspas verbo-visuais construída a partir das análises do *corpus* é a denominada de *alegoria verbo-visual opacificante*. A alegoria, como informa Hansen (1986), deriva do grego *allós* (outro) e *agourein* (falar) e, dentro da retórica clássica, pode ser entendida como dizer *b* para significar *a*. Ou ainda, como define Lausberg, a alegoria “é a metáfora, que é continuada como tropo de pensamento, e consiste na substituição do pensamento em causa, por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse mesmo pensamento em causa” (2004, p. 249).

A alegoria, seja como figura retórica no plano verbal, seja como recurso amplamente utilizado nas artes plásticas, se constitui como uma possibilidade de formar uma “virtualidade significante” (HANSEN, 1986, p. 10), ou seja, é uma construção pela qual há a potencialidade de outros sentidos emergirem.

O termo foi escolhido para nomear esta terceira categoria de aspas verbo-visuais porque, como as análises irão demonstrar, não há uma *relação direta* entre elementos verbais e visuais (como na primeira categoria), tampouco a *opacificação de elementos verbais no plano visual* (como na segunda). O que essa particular forma de relação entre elementos verbais e visuais possibilita é a opacificação do conjunto visual como um todo, sendo opacificado de forma que ele se abra à inferência de um sentido outro e passe a representar, via discurso visual, o discurso presente no plano verbal.

Na *alegoria verbo-visual opacificante*, a relação não é uma relação *direta*, mas sim *mediada*. E o que aqui se chama de relação mediada é aquela que, para ser compreendida, necessita da mobilização de informações e saberes outros para além do que está presente estritamente no enunciado analisado. Ou seja, há a necessidade de uma mediação.

Neste tipo de categoria, o que ocorre é uma *não coincidência do discurso visual consigo mesmo*. Estabelecida a opacificação por meio da relação entre o plano verbal e o visual, o plano visual abre-se à inferência de outro sentido no momento que passa a ser comentado pelo desdobramento metaenunciativo. É nesse sentido que o plano visual torna-se uma alegoria do que está presente no plano verbal.

De forma esquemática, este terceiro tipo de aspas verbo-visuais pode ser assim apresentado:

<b>Aspas verbo-visuais de tipo <i>Alegoria verbo-visual opacificante</i></b>	
<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
Discurso X (verbal)	Discurso Y (visual)
<b>plano verbo-visual</b>	
Discurso Y (visual), <i>mas no sentido de</i> Discurso X (verbal)	

Na sequência, cinco análises serão apresentadas para tornar mais claro o funcionamento deste terceiro tipo de aspas verbo-visuais.

### 5.3.1. Análise 1: A “coroa de louros” do vencedor

O conjunto noticioso que aqui será analisado foi publicado na revista Veja do dia 17 de outubro de 2012. Intitulado de “O dilema do vencedor”, trata do crescimento do Partido Socialista Brasileiro (PSB) nas eleições municipais realizadas no final de 2012. É mostrado o crescimento de 40% do número de prefeituras comandadas pelo referido partido em relação às eleições anteriores. Entretanto, o foco da notícia é o crescimento da influência política do então presidente nacional do PSB e também governador do estado de Pernambuco, Eduardo Campos, assim como o seu posicionamento futuro quando das próximas eleições presidenciais<sup>79</sup>.

O conjunto noticioso mostra, conforme a título principal, que Eduardo Campos está sofrendo assédio dos dois principais possíveis candidatos presidenciais em 2014: o da presidenta Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores – PT) que buscava a reeleição; e Aécio Neves (Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB).

**O DILEMA DO VENCEDOR**

O PSB de Eduardo Campos venceu o primeiro turno. Agora, ele precisa decidir se continua com Dilma ou disputa a Presidência

**ALIAÇO DO RIVAL?**  
Eduardo Campos será o candidato em 2014

**PSB, O GRANDE VITORIOSO**

Partido	2008	2012	Varição
PSB	310	433	+40%
PT	558	627	+12%
PSDB	791	692	-12%
PDT	352	309	-12%
PMDB	1.201	1.020	-15%
FALCÃO PROGRESSISTA	551	466	-15%
Democratas 25	496	276	-44%
PSD	0	493	+

**SÔNHO TUCANO**  
Aécio Neves, candidato do PSDB, quer Eduardo Campos como vice ou a seu lado no segundo turno

**SOHO TUCANO**  
Aécio Neves, do PSDB, que na semana passada recebeu 30% dos votos para prefeito do Rio de Janeiro. Com tantos candidatos tirando votos do PT, Dilma segura favorita, mas a possibilidade de a eleição ter dois turnos seria maior. E, nesse caso, é provável uma aliança entre Eduardo Campos e Aécio Neves no turno final — hipótese cogitada com senos no Palácio do Planalto. O sonho de consumo do PSDB é atrair Eduardo para ser vice na chapa de Aécio, unindo o eleitorado do Nordeste e o de Minas Gerais. Os dois políticos são amigos e trabalharam em conjunto pela eleição de Marco Lacerda à prefeitura de Belo Horizonte. Além disso, há outras alianças importantes entre tucanos e socialistas, como em São Paulo e no Paraná. Apesar desses fatores de aproximação, Eduardo já avisou que descarta a hipótese. Se for para romper com o PT e o governo, será para lançar sua própria candidatura e não para apoiar Aécio. Ele considera que, mesmo se perder em 2014, fortalecerá seu partido e seu nome, tornando-se mais competitivo em 2018.

O crescimento do PSB pode ser explicado pela decadência de PMDB e DEM, partidos que vêm perdendo força no Norte e no Nordeste. É pelo desgaste do PT em grandes centros graças ao mensalão. Embora tenha aumentado o número de votos e de prefeitos, o partido de Dilma e Lula verificou seu maior crescimento em cidades com até 20000 eleitores e no Nordeste, onde o mensalão não tem tanta influência. Nas grandes cidades, a avaliação do desempenho político ainda depende do resultado em São Paulo, onde Fernando Haddad disputa o segundo turno com o tucano José Serra. O desfecho da eleição paulista também será levado em conta por Eduardo Campos para resolver seu dilema.

<sup>79</sup> Eduardo Campos faleceu em um acidente aéreo durante a sua campanha presidencial em 2014.

O conjunto ocupa duas páginas da revista (as páginas 74 e 75) e nele podemos identificar três grandes elementos visuais: na página da esquerda, há uma grande foto do político Eduardo Campos ocupando duas das três colunas verticais e dois terços do espaço horizontal da página. A foto é de João Carlos Mazelli, da Fotoarena. Em seu canto inferior esquerdo há a legenda: “Aliado ou rival? Eduardo Campos terá de dizer a Dilma se será ou não candidato em 2014”. Abaixo desta fotografia, há um quadro onde é apresentado o crescimento dos partidos políticos após as eleições municipais de 2012.

Na página da esquerda, encontra-se outra fotografia, porém menor, ao topo da página e quase que centralizada (está ligeiramente deslocada para a direita) na qual se vê Aécio Neves, senador pelo PSDB e candidato do partido para as eleições presidenciais de 2014. A foto é de André Fossati, da Folhapress e, ao seu lado, encontra-se a legenda: “Sonho tucano. Aécio Neves, candidato do PSDB, quer Eduardo como vice ou a seu lado no segundo turno”.

A grande manchete do conjunto noticioso é “O dilema do vencedor”, tendo por linha fina “O PSB de Eduardo Campos venceu o primeiro turno. Agora ele precisa decidir se continua com Dilma ou disputa a Presidência”. O texto principal está transcrito abaixo e é assinado por Otávio Cabral:

As últimas cinco eleições presidenciais foram marcadas pela disputa entre PT e PSDB, partidos que têm estrutura em todo país e líderes capazes de atrair expressivas votações. A tendência era que a polarização se mantivesse em 2014, com a presidente Dilma Roussef buscando a reeleição contra o senador tucano Aécio Neves. Mas as eleições municipais de domingo passado acrescentaram um novo personagem na disputa: Eduardo Campos, governador de Pernambuco e presidente do PSB. Seu partido foi o que mais cresceu, aumentando em 40% o número de prefeitos e em mais de 50% o total de votos recebidos (*veja números da eleição no quadro abaixo*). Além disso, Eduardo colheu vitórias pessoais sobre o PT – mais especificamente sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva – ao eleger no primeiro turno os prefeitos de Recife e Belo Horizonte e chegar ao segundo turno em Fortaleza. Nas três cidades, o PSB deixou a aliança com o PT para lançar candidatos próprios. Com o sucesso numérico e a afirmação como estrategista, Eduardo passou a ser apontado como possível candidato a presidente. Cauteloso, ele não confirma a intenção, mas também não a nega.

O fato é que as movimentações de Eduardo acenderam um alerta no Palácio do Planalto. Na terça-feira passada, em reunião com ministros sobre o resultado das eleições, Dilma Roussef avaliou que já é mais provável ter o governador como adversário do que como aliado em seu palanque de 2014. Por isso, ela decidiu ter uma conversa franca com ele e com o governador do Ceará, Cid Gomes, logo após o segundo turno. Dilma perguntará a eles se o PSB pretende apoiar sua reeleição. Se a resposta for positiva, ela oferecerá ao partido dois ministérios de primeira grandeza – um deles deverá ser o dos Transportes. Se Eduardo hesitar ou disser não, a presidente entenderá isso como um sinal de rompimento político – e tirará o partido do comando da Integração Nacional e dos Portos, ministérios que ocupa hoje. “A presidente vai trucar o Eduardo. Ele vai ter que deixar claro qual é o seu projeto. A

ideia é que em 2013 o ministério seja composto só dos partidos que estiverem no palanque dela em 2014”, afirma um ministro.

Dilma quer manter o PSB como aliado, pois vê na candidatura de Eduardo um obstáculo a dificultar sua reeleição. Os socialistas têm muita força no Nordeste, região tradicionalmente dominada pelo PT em eleições presidenciais. Aécio Neves, o provável candidato do PSDB, entraria na disputa como favorito em Minas Gerais, outra área cara ao PT. O governo aposta que mais dois candidatos estarão na urna eletrônica: Marina Silva, que em 2010 teve 20 milhões de votos e está formando um novo partido, e Marcelo Freixo, do PSOL, que na semana passada recebeu 30% dos votos para prefeito do Rio de Janeiro. Com tantos candidatos tirando votos do PT, Dilma seguiria como favorita, mas a possibilidade de a eleição ter dois turnos seria maior. E, nesse caso, é provável uma aliança entre Eduardo Campos e Aécio Neves no turno final – hipótese cogitada com temor no Palácio do Planalto. O sonho de consumo do PSDB é atrair Eduardo para ser vice na chapa de Aécio, unindo o eleitorado do Nordeste e o de Minas Gerais. Os dois políticos são amigos e trabalharam em conjunto na eleição de Márcio Lacerda à prefeitura de Belo Horizonte. Além disso, há outras alianças importantes entre tucanos e socialistas, como em São Paulo e no Paraná. Apesar desses fatores de aproximação, Eduardo já avisou que descarta a hipótese. Se for para romper com o PT e o governo, será para lançar sua própria candidatura e não para apoiar Aécio. Ele considera que, mesmo se perder em 2014, fortalecerá seu partido e seu nome, tornando-se mais competitivo em 2018.

O crescimento do PSB pode ser explicado pela decadência do PMDB e DEM, partidos que vêm perdendo força no Norte e no Nordeste. E pelo desgaste do PT em grandes centros graças ao mensalão. Embora tenha aumentado o número de votos e de prefeitos, o partido de Dilma e Lula verificou seu maior crescimento em cidades com até 20 000 eleitores e no Nordeste, onde o mensalão não tem tanta influência. Nas grandes cidades, a avaliação do desempenho petista ainda depende do resultado em São Paulo, onde Fernando Haddad disputa o segundo turno com o tucano José Serra. O desfecho da eleição paulistana também será levado em conta por Eduardo Campos para resolver seu dilema.

A *alegoria verbo-visual opacificante* manifesta-se na fotografia maior do conjunto noticioso, na qual Eduardo Campos é retratado e tem seu rosto preenchendo o quadrante superior da imagem, tendo suas mãos dominando o quadrante inferior. Atrás da cabeça do então governador, em segundo plano e ligeiramente desfocado, vê-se o brasão do estado de Pernambuco, conforme se pode cotejar com sua representação abaixo:



(fonte: [www.pe.gov.br/conheca/simbolos/](http://www.pe.gov.br/conheca/simbolos/))

Pela descrição presente na página oficial do Governo de Pernambuco, o ramo à

esquerda do escudo é de cana-de-açúcar e o à direita é de algodão, que representam as riquezas econômicas do estado, ao menos à época da oficialização do símbolo como brasão, em 1895.

Retomando a fotografia, percebe-se que o enquadramento fez com que esses dois ramos (o de cana-de-açúcar e o de algodão) ladeassem a cabeça de Eduardo Campos pela sobreposição desta em relação ao brasão presente na parede, ao fundo.

Numa primeira análise, tem-se o esquema:

<b>Plano verbal</b>	<b>Plano visual</b>
o crescimento do partido capitaneado por Eduardo Campos, o aumento de sua força política no cenário nacional, a caracterização de Eduardo Campos como o vencedor da conjuntura eleitoral ampla do ano de 2012.	retrato de Eduardo Campos, em primeiro plano, presença do brasão de Pernambuco em segundo plano. Justaposição da cabeça do governador e do brasão, criando o efeito de estar ladeada pelos ramos de cana-de-açúcar e de algodão.

Se a justaposição presente na fotografia, derivada não da manipulação posterior, mas do enquadramento realizado no ato de fotografar, já permite visualizar a cabeça de Eduardo Campos ladeada pelos ramos de cana-de-açúcar e algodão, o desdobramento metaenunciativo entre os elementos verbais e visuais opacifica o significado destes ramos: o que é cana-de-açúcar e algodão no brasão passa a significar ramos de louro, e Eduardo Campos, vencedor, ostenta o símbolo da vitória em sua cabeça.

A “coroa de louros” tem origem na Roma antiga, quando era ofertada aos generais vitoriosos de batalhas, e transformou-se ao longo do tempo em símbolo da vitória, gerando expressões como “colher os louros da vitória”, “dar os louros ao vencedor” etc.

Se a fotografia, tomada como um enunciado concreto isolado, já possibilitava a inferência de significado pela sobreposição da cabeça do governador e o brasão do estado de Pernambuco, o conjunto noticioso em seu todo, e o respectivo desdobramento metaenunciativo opacificante entre os elementos verbais e visuais, só a fortalece. Se havia alguma dúvida da possibilidade de inferência de tomar os ramos de cana-de-açúcar e algodão como uma coroa de louros pousada sobre a cabeça de Eduardo Campos, o conjunto verbal do título da matéria a reduz substancialmente: “O dilema do vencedor”. Assim, o que era um ramo de cana-de-açúcar e outro de algodão opacifica-se, e os elementos podem ser interpretados como ramos de louro, numa coroa símbolo da vitória. O desdobramento metaenunciativo estabelece um comentário sobre estes elementos visuais: os ramos de algodão e de cana-de-açúcar estariam, portanto, *verbo-visualmente aspeados*, uma vez que

significam ramos de louro.

Portanto, tem-se o esquema:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
o crescimento do partido capitaneado por Eduardo Campos, o aumento de sua força política no cenário nacional, a caracterização de Eduardo Campos como vencedor dentro conjuntura eleitoral ampla do ano de 2012.	retrato de Eduardo Campos, em primeiro plano, presença do brasão de Pernambuco em segundo plano. Justaposição da cabeça do governador e do brasão, criando o efeito dela estar ladeada pelos ramos de cana-de-açúcar e de algodão.
<b>Plano verbo-visual</b>	
instauração da alegoria verbo-visual: Eduardo Campos, apontado como o vencedor dentro da conjuntura eleitoral ampla de 2012, ostenta o símbolo da sua vitória, uma coroa de louros.	

A alegoria no plano verbo visual se estabelece porque, diferentemente das duas outras categorias de *aspas verbo-visuais* identificadas e apresentadas anteriormente, neste tipo de desdobramento não há uma relação direta entre elementos verbais e visuais, tampouco a opacificação de um elemento verbal no plano visual.

O que ocorre neste tipo de desdobramento é uma opacificação do *conjunto* da fotografia, numa inter-relação discursiva estabelecida entre os elementos verbais e visuais que constroem o enunciado concreto. A fotografia, portanto, passa a ser uma alegoria do vencedor. Utilizando-se das categorias de Authier-Revuz sobre as não-coincidências, na construção das *alegorias verbo-visuais opacificantes* há a presença do que seria uma *não-coincidência do discurso visual consigo mesmo*; ou seja, não se trata mais da fotografia de Eduardo Campos, então governador de Pernambuco, e do brasão daquele estado, mas sim a fotografia do grande vencedor dentro da conjuntura eleitoral do ano de 2012. Há, assim, a ressonância de outros discursos que opacificam o sentido da fotografia como um todo.



A manchete é “Revisor absolve Dirceu, mas três já o condenam”, e está acompanhada da linha fina “Lewandowski diz que provas contra petistas não passam de ‘ilações’: colegas criticam e veem contradição no voto”. Há uma fotografia na qual está flagrado o ministro do Supremo, com a legenda: “Lewandowski lê seu voto sobre o ex-ministro José Dirceu”. O texto principal da chamada de capa está transcrito na sequência:

O revisor do mensalão no Supremo, Ricardo Lewandowski, votou pela absolvição de José Dirceu do crime de corrupção ativa. Para ele, as acusações do Ministério Público contra o ex-ministro da Casa Civil não passam de “ilações” e “conjecturas”.

Lewandowski chegou a dizer que Dirceu pode até ter sido o “mentor da trama”, mas ressaltou que as provas existentes no processo do mensalão não o fizeram concluir dessa forma.

Os ministros Rosa Weber e Luiz Fux seguiram o relator do caso, Joaquim Barbosa, e votaram pela condenação de Dirceu. Eles argumentam que o petista foi o responsável pela compra de apoio de congressistas.

Quatro ministros que ainda não votaram questionaram os argumentos do revisor, indicando que devem concordar com a denúncia.

Três ministros já condenaram José Genoïno, e quatro, Delúbio Soares. **Poder A4**

Abaixo do texto principal, há duas chamadas para artigos de colunistas do jornal. Como a característica dos enunciados pertencentes à primeira página de um jornal é a de ser a introdução e a chamada para as notícias que podem ser encontradas na publicação daquele dia e, mais, como as chamadas dos dois artigos estão dentro do tema do enunciado, elas também serão tomadas como parte do conjunto noticioso e, assim, são transcritas na sequência:

MARCELO COELHO

Lewandowski foi incoerente; deveria absolver a todos

**Poder A8**

VERA MAGALHÃES

Votei de acordo com minha consciência, afirma ministro

**Poder A4**

O conjunto noticioso em detalhe:



**Revisor absolve Dirceu, mas três já o condenam**

Lewandowski diz que provas contra petista não passam de 'ilações'; colegas criticam e veem contradição em seu voto

O revisor do mensalão no Supremo, Ricardo Lewandowski, votou pela absolvição de José Dirceu do crime de corrupção passiva. Para ele, as acusações do Ministério Público contra o ex-ministro da Casa-Civil não passam de "ilações" e "conjecturas". Lewandowski chegou a dizer que Dirceu pode até ter sido o "inventor da trama", mas ressaltou que as provas existentes no processo do mensalão não o foram conclusivas.

Os ministros Rosa Weber e Luiz Fux seguiram o relator do caso, Joaquim Barbosa, e votaram pela condenação de Dirceu. Eles argumentam que o petista foi responsável pela compra de apoio de congressistas.

Quatro ministros que ainda não votaram questionaram os argumentos do revisor, indicando que devem concordar com a denúncia. Três ministros já condenaram José Genoino, o quarto, Delúbio Soares, Pedro AB

**MARCILIO COSTA**  
Lewandowski foi incoerente; deveria absolver a todos  
Pedro AB

**VERA MAGALHÃES**  
Votei de acordo com minha consciência, afirma ministro  
Pedro AB

A fotografia que acompanha o conjunto noticioso é creditada a Alan Marques, da Folhapress, e contém em seu canto superior esquerdo os dizeres “mensalão”, em vermelho e “o julgamento”, em branco, que servem como um chapéu para contextualizar a própria foto para além do plano verbal que a acompanha.

Nela, o ministro Lewandowski é retratado lendo o seu voto no qual absolve o ex-ministro José Dirceu, como consta da legenda. Sua postura, entretanto, é a que permite opacificar essa fotografia e transformá-la em uma alegoria verbo-visual como proposto por este estudo.

O seu semblante, com a cabeça ligeiramente abaixada, numa postura de benevolência, assim como sua mão direita erguida, levemente arqueada e com os dedos esticados, acabam por se transformarem numa *alegoria* quando estabelecido o desdobramento metaenunciativo verbo-visual. O gesto flagrado durante a leitura do voto do ministro, cuja razão primeira é insondável, é o destaque do conjunto visual:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
o ministro Ricardo Lewandowski absolveu o ex-ministro José Dirceu da acusação de ter participado do esquema de corrupção conhecido como “mensalão”	Ricardo Lewandowski profere seu voto no qual absolveu o ex-ministro José Dirceu, gesticulando durante a leitura do mesmo.

O gesto de erguer uma ou ambas as mãos, com um semblante de benevolência, não faz parte da ritualística da magistratura de “absolver”, mas remonta à ritualística religiosa ou mesmo à dos monarcas para tal gesto: o da absolvição, o do perdão. E é esta relação que permite o desdobramento metaenunciativo, opacificando a fotografia, transformando-a em uma alegoria verbo-visual:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
o ministro Ricardo Lewandowski absolveu o ex-ministro José Dirceu da acusação de ter participado do esquema de corrupção conhecido como “mensalão”	Ricardo Lewandowski profere seu voto no qual absolveu o ex-ministro José Dirceu, gesticulando durante a leitura do mesmo.
<b>plano verbo-visual</b>	
instauração da alegoria verbo-visual opacificante: o gesto do ministro Ricardo Lewandowski é o gesto da absolvição, remetendo ao pertencente à ritualística religiosa.	

Por mais que nesta análise há também a opacificação de um gesto, como a feita na seção 4.1.1 (A “mira” de Fernando Haddad), há diferenças que devem ser pontuadas. Enquanto que na análise 4.1.1 o desdobramento foi classificado como sendo de categoria de *relação direta entre elementos verbais e visuais*, a aqui realizada foi categorizada como *alegoria verbo-visual opacificante*. A diferença é que, no primeiro caso, havia uma relação direta entre o verbo *mirar* e o gesto *mirar*; o gesto flagrado na fotografia era claramente o gesto de fazer mira, e o que opacificou-se na relação verbo-visual estabelecida. No caso da análise do gesto de Lewandowski, não foi retradado na fotografia o gesto de “absolvição” do ministro, até porque, na ritualística da magistratura, tal gesto não existe. O que ocorreu, e por isso a construção da alegoria, foi que uma semelhança gestual retratada na fotografia foi opacificada no plano verbo-visual por ter semelhanças físicas com o gesto de “absolvição” da ritualística religiosa. Assim, e daí a diferença da classificação, no primeiro caso foi possível estabelecer uma relação *direta* entre elementos verbais e visuais, enquanto que no segundo, a relação é *mediada*, e, por essa mediação, é que há de ser classificada como uma *alegoria verbo-visual opacificante*.

E é devido a essa relação *mediada* que a *não-coincidência* da alegoria é a da *não*

*coincidência do discurso imagético consigo mesmo*, pois o que o que seria o registro fotográfico da leitura do voto do ministro relator passa a refletir o discurso da absolvição presente no plano verbal.

### 5.3.3. Análise 3: A “condenação” de José Dirceu

O conjunto noticioso analisado nesta seção foi publicado na primeira página do jornal *Folha de S.Paulo* do dia 8 de outubro, e é composto por duas fotografias que compartilham de uma mesma legenda e referem-se ao julgamento do escândalo conhecido como “mensalão” e a condenação de José Dirceu pelo voto do relator do caso no Supremo Tribunal Federal, ministro Joaquim Barbosa:

**FOLHA DE S. PAULO**  
 Desde 1921 folha.com.br  
 UN JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL  
 DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRASS FLEURY SEÇÃO SP/SP  
 SEGUNDA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO DE 2012 • R\$ 10,00 CIRCULAÇÃO A PARTIR DE 15,5 MIL

**eleições 2012**  
**pré-candidatura**  
 José Serra (PSDB) **30,75%** Fernando Haddad (PT) **28,98%**  
 José Serra concede entrevista ao lado do vice Schneider (foto.) e Kassab (foto.) enquanto... ...a seu adversário na segunda turnos, Fernando Haddad, comemora ao lado de petistas

## Serra e Haddad estão no 2º turno; Dilma cobra apoio de Russomanno

★ COM QUEDA LIVRE DO CANDIDATO DO PRB, DISPUTA TEM REVIRAVOLTA HISTÓRICA ★ PT NEGOCIA ACORDO COM CHALITA, E PSDB, COM SONINHA E PTB ★ ÍNDICE DE ABSTENÇÃO, BRANCOS E NULOS É O MAIOR DESDE 96

**RESULTADOS DAS URNAS**  
 Eleições em São Paulo em SP

PSDB	30,75%
PT	28,98%
PTB	1,10%
PSB	0,80%
PPS	0,70%
PRB	0,60%
PMDB	0,50%
PR	0,40%
DEM	0,30%
PCB	0,20%
PMN	0,10%
PROSP	0,05%
PSOL	0,05%
PCdoB	0,05%
PP	0,05%
PRD	0,05%
PSR	0,05%
PSM	0,05%
PRN	0,05%
PRQ	0,05%
PRV	0,05%
PRW	0,05%
PRZ	0,05%
PRY	0,05%
PRX	0,05%
PRU	0,05%
PRQ	0,05%
PRV	0,05%
PRW	0,05%
PRZ	0,05%
PRY	0,05%
PRX	0,05%
PRU	0,05%

**Na maior reviravolta já registrada em São Paulo, José Serra (PSDB) e Fernando Haddad (PT) disputam o segundo turno de eleições em 2012. Dilma cobrará o apoio de Russomanno e Gabriel Chalita (PMERB) à campanha petista. Já os tucanos tentam fechar acordo com Bolsonaro (PPS) e com o PTB.**

**Antes mesmo de iniciar a apuração, os candidatos já se movimentaram em busca do apoio dos eleitores. Dilma cobrará o apoio de Russomanno e Gabriel Chalita (PMERB) à campanha petista. Já os tucanos tentam fechar acordo com Bolsonaro (PPS) e com o PTB.**

**O resultado confirma o desvirtuamento da campanha de Russomanno, que lidera a disputa desde agosto e terminou em terceiro lugar, com 21,6% dos votos.**

**Rombado pelos adversários, o candidato teve a maior queda da história das eleições na capital.**

**Serra e Haddad retomam em que PSDB e PT negociam acordo e PT quer evitar judicialmente o segundo turno, impedindo a polarização de eleições presidenciais. O índice de votos brancos e nulos é abismal (20,9%), o maior desde 1996. 8/10/12**

**LEIA MAIS (CLIQUE NA SETA)**  
 Câmara de SP terá renovação de 40% dos vereadores **Fig. 8**  
 País obtém votação histórica e ganha 2º mandato no Rio **Fig. 13**  
 Candidato de Aécio, Marcio Lacerda é reeleito em BH **Fig. 14**  
**ERRE E INVERE**  
 Eleições de SP em 2012: o que mudou e o que não mudou **Fig. 2**  
**VERA SERRA**  
 Serra e Haddad: o que mudou e o que não mudou **Fig. 3**  
**EDUARDO CANTANHEDE**  
 Eleições de SP em 2012: o que mudou e o que não mudou **Fig. 4**  
**EDITORIAIS** apresenta-se  
 Leia "Por um lado", acerca da direita de Celso Russomanno na eleição em São Paulo, e "Presença pendular", a respeito de eleições presidenciais. **Fig. 10**  
**cotidiano** 1  
 Após morte de político, cinco são assassinados em Santos

**Na Venezuela, Chávez é eleito pela 4ª vez seguida**  
 Após enfrentar a campanha mais acirrada desde que chegou ao poder na Venezuela, em 1999, Hugo Chávez ganhou mais seis anos de mandato. Esta é a quarta vez que ele é eleito. 8/10/12

**ROBBERIO** Colômbia **1**  
 Não deve haver mais roubos, dizem autoridades colombianas e tucanas **Fig. 11**

**FALE COM A FOLHA** Colômbia **2**  
 O que mudou e o que não mudou nas eleições de 2012 **Fig. 12**

**ATMOSFERA** Colômbia **3**  
 O que mudou e o que não mudou nas eleições de 2012 **Fig. 13**

**30.75%** PSDB **28.98%** PT

**A UNIP É TOP NO MERCADO DE TRABALHO QUEM AFIRMA SÃO OS QUE CONTRATAM**  
 CONFORME COMPROVADO PELO RANKING UNIVERSITARIO FOLHA

**E MAIS** **UNIP**

**CURSOS COM CONCEITOS POSITIVOS NO ENADE-MEC** **UNIP**

BRASILIDADE E EFICIÊNCIA COMPROMISSO

A primeira fotografia, situada à esquerda, é de Moacyr Lopes Junior, da Folhapress, e retrata o ex-ministro José Dirceu indo votar em sua seção eleitoral. A fotografia da direita, de Mônica Imbuzeiro, da Agência O Globo, mostra o ministro Joaquim Barbosa recebendo cumprimentos de eleitores quando também foi votar. Ambas as fotografias compartilham da mesma legenda: “O RÉU E O JUIZ José Dirceu cercado por militantes na seção de SP na qual passou a votar para evitar assédio; o relator do mensalão, Joaquim Barbosa (dir.), que condenou o ex-ministro, ouviu elogios e pedidos de ‘cana neles’ no Rio. Poder A6 e A8”.

O conjunto noticioso em detalhe:



Constituído por duas fotografias e uma mesma legenda que contextualiza as imagens, fornecendo também a indicação das páginas nas quais os outros conjuntos noticiosos referentes ao mesmo tema foram publicados naquela edição, o desdobramento metaenunciativo se dará entre esses três elementos (as duas fotografias e a legenda), transformando a imagem da esquerda em uma alegoria verbo-visual opacificante.

Na fotografia da esquerda, pode-se ver o ex-ministro José Dirceu que ocupa a direita da imagem, tendo uma mulher não identificada ao seu lado e outras pessoas ao fundo. No canto esquerdo, existe uma grade, provavelmente uma porta da seção eleitoral, aberta e, à direita da fotografia, uma parte de uma mão que aponta para o ex-ministro uma direção, provavelmente o caminho que ele deveria seguir. A mão é negra.

Na fotografia da direita, o ministro do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa aparece abraçado com um homem vestido de azul, à esquerda do quadro, posando para uma fotografia com ele que está sendo tirada por um celular que é segurado por duas mãos que aparecem no canto direito do enquadramento.

A legenda informa que José Dirceu está acompanhado de militantes durante sua ida à seção eleitoral para votar, numa referência à foto da esquerda, e que Joaquim Barbosa ouviu elogios quando também foi votar – em outra seção, no Rio de Janeiro, não a mesma de José Dirceu – e pedidos de “cana neles”, expressão reproduzida entre aspas.

Com essas informações, um primeiro esquema pode ser elaborado:

Plano verbal	Plano visual
José Dirceu vota acompanhado de militantes. Joaquim Barbosa vota e ouve elogios e pedido de “cana neles”, referendo-se à postura do ministro do Supremo de condenar José Dirceu e outros envolvidos no caso do “mensalão”.	. foto 1: Uma mão negra aponta o caminho para José Dirceu, que deve passar por uma porta gradeada; . foto 2: Joaquim Barbosa posa para fotos com eleitores que o elogiaram.

É a primeira foto que, estabelecido o desdobramento metaenunciativo, opacifica-se numa alegoria verbo-visual:



O ministro Joaquim Barbosa, negro como se pode constatar pela fotografia da direita, foi o relator do processo do mensalão e em seu voto condenou o ex-ministro José Dirceu. Estabelecido o desdobramento, os elementos visuais da fotografia são verbo-visualmente aspeados: a porta gradeada que aparece no canto esquerdo não é uma mera porta presente na seção eleitoral – possivelmente uma escola, como costuma ser as seções eleitorais no Brasil –, mas sim a porta gradeada de uma cela de um presídio. A mão negra que aponta o caminho deixa de ser a de um militante amigo do ex-ministro ou de um funcionário que o ajuda a encontrar sua seção para votar, mas se opacifica e reflete a mão negra do ministro Joaquim Barbosa, num gesto como se ordenasse a José Dirceu que fosse para “de trás das grades”, expressão que significa ser preso. A fisionomia de assustada da mulher que acompanha o ex-ministro, assim como o semblante abatido dele, deixam de se relacionar com o possível tumulto existente na seção eleitoral devido a sua presença e passam a refletir o espanto e tristeza com a sentença de condenação proferida por Joaquim Barbosa.

<b>Plano verbal</b>	<b>Plano visual</b>
José Dirceu vota acompanhado de militantes. Joaquim Barbosa vota e ouve elogios e pedido de “cana neles”, referendo-se à postura do ministro do Supremo de condenar José Dirceu e outros envolvidos no caso do “mensalão”.	. foto 1: Uma mão negra aponta o caminho para José Dirceu, que deve passar por uma porta gradeada; . foto 2: Joaquim Barbosa posa para fotos com eleitores que o elogiaram.
<b>Plano verbo-visual</b>	
instauração da alegoria verbo-visual na foto 1: O ministro Joaquim Barbosa, representado metonimicamente pela mão negra, ordena ao ex-ministro José Dirceu que ele vá para detrás das grades.	

Retomando o plano verbal da legenda que acompanha as fotos, a menção da expressão “cana neles” dita ao ministro Joaquim Barbosa como apoio à sua postura de condenar os acusados no caso do mensalão, entre eles José Dirceu, reforça a construção da alegoria verbo-visual como descrita acima. Assim, o discurso imagético – o registro da ida do ex-ministro José Dirceu a uma seção eleitoral – opacifica-se, e, dado o desdobramento metaenunciativo, passa a *não-coincidir consigo mesmo*, refletindo-se numa alegoria representativa da sua condenação e prisão.

### 5.3.4. Análise 4: A “condenação” de José Dirceu (2)

O conjunto noticioso analisado compõe a capa do caderno especial do jornal *O Estado de S. Paulo* voltado à cobertura do caso conhecido como “mensalão”. Ele foi publicado no dia 10 de outubro de 2012, e traz semelhanças com o conjunto noticioso analisado anteriormente.

HI | QUARTA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 2012

O ESTADO DE S. PAULO

– ESPECIAL –

# MENSALÃO

O JULGAMENTO DO NÚCLEO POLÍTICO

**Reação do ex-ministro**  
‘Sede de Justiça será minha razão de viver’, afirma Dirceu  
Pág. H3

**Reação do ex-presidente**  
Para Lula, condenações de petistas são uma ‘hipocrisia’  
Pág. H3

**Último ato.**  
Dirceu é cercado por militantes e sindicalistas, ao votar no domingo



## Supremo condena Dirceu e Genoino por corrupção

Maioria dos ministros concluiu que ex-ministro da Casa Civil e ex-presidente do PT comandaram, ao lado do ex-tesoureiro Delúbio Soares, um esquema de compra de apoio político no Congresso no governo Lula

Seis anos após retornar à planície, José Dirceu foi condenado ontem pela mais elevada instância do Judiciário. A maioria dos integrantes do Supremo Tribunal Federal considerou o ex-ministro, “capitão” do início do governo Lula, inocente. Lula da Silva, culpado pela crise de corrupção ativa. Para a Corte, Dirceu participou do esquema de compra de apoio político conhecido como mensalão.

O ex-ministro ainda não foi julgado pelo crime de formação de quadrilha, da qual é acusado de ser o “chefe” pelo Procurador-Geral da República. Ao ser julgado corrupto, no entanto, o jovem líder estadual que foi preso pela ditadura, libertado após o sequestro de um diplomata americano, alçado a líder da oposição ao governo de “direita” e o homem forte do primeiro mandato de “esquerda”, novamente vê no horizonte o risco de ter privada sua liberdade.

Embora sua defesa – assim como seus defensores no meio político – diga não haver provas de sua participação em compra de voto, o Supremo concluiu que não havia como Dirceu não saber do esquema que envolvia o PT, partido que ajudou a fundar em 1980 e levar ao poder em 2002, e mais quatro siglas. Para o STF, a ordem para formar a base de apoio a Lula saiu do Palácio do Planalto.

Com isso, os ministros que julgam a ação penal 470 também abrem um novo capítulo no combate à corrupção: a inexistência de um “ato de ofício” – o que nos anos 90 levou à absolvição de Fernando Collor de Mello, antigo presidente a sofrer processo de impeachment na República – não será mais garantia de impunidade para autoridades que praticarem crimes no exercício da função pública.

O Supremo seletou também o destino de outros dois réus do PT. Ex-presidente do partido e, como Dirceu, opositor do regime militar e deputado dos mais combativos contra a corrupção, José Genoíno foi considerado culpado pelo mesmo crime. Delúbio Soares, ex-tesoureiro que foi expulso e depois reintegrado ao PT, está na iminência de ser condenado por unanimidade.

Ao “final” do julgamento do mensalão, o relato do processo, Joaquim Barbosa, fez o julgamento ser acompanhado como um espetáculo, ainda a caminho de um desfecho. Para Dirceu, no entanto, já há um capítulo final após o retorno à planície.

A fotografia ocupa a maioria da área destinada ao conjunto noticioso, cuja manchete é “Supremo condena Dirceu e Genoino por corrupção”. A linha fina abaixo da manchete informa que “Maioria dos ministros conclui que ex-ministro da Casa Civil e ex-presidente do PT comandaram, ao lado do ex-tesoureiro Delúbio Soares, um esquema de compra de apoio político no Congresso no governo Lula”. Integrada ao quadro da fotografia, no canto superior direito, há a legenda na qual se lê: “**Último ato.** Dirceu é cercado por militantes e sindicalistas, ao votar no domingo”.

Segue a transcrição do texto principal:

Sete anos após retornar à planície, José Dirceu foi condenado ontem pela mais elevada instância do Judiciário. A maioria dos integrantes do Supremo Tribunal Federal considerou o ex-ministro, “capitão” do início do governo Luiz Inácio Lula da Silva, culpado pelo crime de corrupção ativa. Para a Corte, Dirceu participou do esquema de compra de apoio político conhecido como mensalão.

O ex-ministro ainda não foi julgado pelo crime de formação de quadrilha, da qual é acusado de ser o “chefe” pela Procuradoria-Geral da República. Ao ser julgado corrupto, no entanto, o jovem líder estudantil que foi preso pela ditadura, libertado após o sequestro de um diplomata americano, alçado a líder da oposição aos governos de “direita” e homem forte do primeiro mandato de “esquerda”, novamente vê no horizonte o risco de ter privada sua liberdade.

Embora sua defesa – assim como seus defensores no meio político – diga não haver provas de sua participação em compra de voto, o Supremo concluiu que não havia como Dirceu não saber do esquema que envolvia o PT, partido que ajudou a fundar em 1980 e levar ao poder em 2002, e mais quatro siglas. Para o STF, a ordem para formar a base de apoio a Lula saiu do Palácio do Planalto.

Com isso, os ministros que julgam a ação penal 470 também abrem um novo capítulo no combate à corrupção: a inexistência de um “ato de ofício” – o que nos anos 90 levou à absolvição de Fernando Collor de Mello, único presidente a sofrer processo de impeachment na República – não será mais garantia de impunidade para autoridades que praticarem crimes no exercício da função pública.

O Supremo selou também o destino de outros dois réus do PT. Ex-presidente do partido e, como Dirceu, opositor do regime militar e deputado dos mais combativos contra a corrupção, José Genoino foi considerado culpado pelo mesmo crime. Delúbio Soares, ex-tesoureiro que foi expulso e depois reintegrado ao PT, está na iminência de ser condenado por unanimidade.

Ao “fatiar” o julgamento do mensalão, o relator do processo, Joaquim Barbosa, fez o julgamento ser acompanhado como um enredo, ainda a caminho de um desfecho. Para Dirceu, no entanto, já há um capítulo final após o retorno à planície.

O texto principal não possui nenhuma assinatura. A fotografia é creditada a Marcio Fernandes, da Agência Estado e, conforme informa a legenda, foi realizada no domingo de eleições quando José Dirceu ia votar, assim como a fotografia que constituiu a análise anterior.

O desdobramento metaenunciativo que permite o surgimento da alegoria verbo-visual opacificante neste conjunto noticioso é bastante semelhante ao que permitiu o mesmo efeito no conjunto noticioso já analisado. Se antes o conjunto noticioso informava que o ex-

ministro José Dirceu havia sido condenado pelo relator do processo no Supremo Tribunal Federal, a notícia acima informa que tanto o ex-ministro quanto José Genoino e Delúbio Soares acabaram condenados pela maioria do STF.

Na fotografia, vê-se em grande destaque, ocupando praticamente todo o quadro, o rosto do ex-ministro José Dirceu. No segundo plano, é possível enxergar alguns rostos e partes de equipamentos fotográficos, possivelmente da imprensa que o acompanhava durante a votação. Sobre o ombro do ex-ministro, à esquerda da fotografia, vê-se uma grande mão negra que o segura.

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
José Dirceu, assim como Genoino e Delúbio Soares, é condenado pela maioria dos ministros do Supremo Tribunal Federal, acompanhando o voto de Joaquim Barbosa, relator da ação penal 470 (mensalão)	José Dirceu (primeiro plano), acompanhado de militantes (segundo plano), indo votar. Sob seu ombro, uma mão negra (primeiro plano).

Instaurado o desdobramento metaenunciativo verbo-visual, a foto opacifica-se, transformando-se numa alegoria da condenação do ex-ministro José Dirceu. A metonímia visual existente na análise já feita se faz presente outra vez: a mão negra, possivelmente de um amigo do ex-ministro no contexto original de registro da fotografia, passa a refratar a mão do ministro Joaquim Barbosa, negro também. Se na análise precedente a mão negra indicava o caminho para detrás das grades, como visto, na foto que compõe o conjunto noticioso por ora analisado está a segurar o ex-ministro, num gesto que pode remeter ao do jogo infantil de pega-pega: a mão negra, vinda por detrás de José Dirceu, o agarra pelo ombro. José Dirceu está “pego”, para usar o jargão do referido jogo, por Joaquim Barbosa, ministro relator que foi o primeiro a condená-lo e que teve sua decisão acompanhada pela maioria dos ministros da Suprema Corte.

Assim sendo, o esquema se transforma em:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
José Dirceu, assim como Genoino e Delúbio Soares, é condenado pela maioria dos ministros do Supremo Tribunal Federal, acompanhando o voto de Joaquim Barbosa, relator da ação penal 470 (mensalão).	José Dirceu (primeiro plano), acompanhado de militantes (segundo plano), indo votar. Sob seu ombro, uma mão negra (primeiro plano).
<b>Plano verbo-visual</b>	
instauração da alegoria verbo-visual: o ex-ministro José Dirceu, como num jogo de pega-pega, é “pego” por Joaquim Barbosa metonimicamente representado pela mão negra, e condenado no caso do mensalão.	

Estabelecendo a analogia com as *não-coincidências* de Authier-Revuz, a alegoria verbo-visual opacificante aqui estabelecida é da *não-coincidência do discurso imagético consigo mesmo*, já que, como demonstrado pelo desdobramento metaenunciativo verbo-visual, a fotografia que refletiria a ida de José Dirceu para votar refrata-se na sua condenação pelo Supremo Tribunal Federal, tendo sido “pego” pelas mãos do ministro relator Joaquim Barbosa.



O conjunto é composto cinco fotografias com suas respectivas legendas, sendo que uma delas ganha maior destaque e ocupa todo o terço superior da página. E nela que se dará o desdobramento metaenunciativo aqui analisado.

A manchete é “criador & **CRIATURA**”, seguida da linha fina “O **escolhido** para disputar a Prefeitura de São Paulo pelo **PT** conta como estreitou sua relação com **Lula** entre gafes e conversas no avião presidencial”. Há ainda sobre a manchete o que poderia ser considerado um chapéu, no qual está escrito “Perfil Fernando Haddad”.

O texto principal é assinado pelo jornalista Bernardo Mello Franco, de São Paulo, cuja transcrição é apresentada:

O momento não era o mais apropriado para deslizos.

Numa sexta-feira tumultuada pelo escândalo do mensalão, o governo tentava evitar a abertura do processo de cassação do mandato de José Dirceu na Câmara enquanto parlamentares da esquerda do PT convocavam a imprensa para um ato contra “a política econômica, as alianças espúrias e a corrupção”.

Foi nesse clima que Fernando Haddad entrou no gabinete do presidente Lula em 5 de agosto de 2005, uma semana após tomar posse, para sua primeira audiência como ministro da Educação.

Os dois ainda buscavam quebrar o gelo quando uma ligação do ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, trouxe a má notícia: a descoberta de um foco de aftosa em Mato Grosso do Sul.

“Eu tinha que minimizar o problema para conseguir despachar”, lembra Haddad, sete anos depois. “Então eu disse: ‘Presidente, o gado brasileiro é vacinado’. E ele: ‘Você não entende nada de febre aftosa, né? A vacina não é garantia de não contaminação’. Aí já começou a complicar a minha audiência...”

O caçula do governo tentou consertar a gafe. Argumentou que o gado infectado teria sido transportado em caminhões fechados, sem contato com o resto do rebanho. Lula levou as mãos à cabeça: “Mas você não entende nada mesmo de febre aftosa, né? O vírus viaja até 90 quilômetros com o vento!”

O ministro dobrou o papel com o roteiro da reunião e sugeriu voltar outro dia, mas o presidente exigiu que ele ficasse até encerrar a lista de pendências da pasta.

Assim começou a se estreitar a relação que levava o primeiro operário a governar o país a escolher um professor da USP sem traquejo eleitoral como seu candidato a prefeito de São Paulo em 2012.

### **SEM INTIMIDADE**

Antes da primeira eleição de Lula, Haddad foi convidado para debates no Instituto da Cidadania, onde o petista remontava seu “gabinete paralelo” depois de cada derrota em eleições presidenciais. “Mas nós tínhamos uma relação muito superficial. Nenhuma intimidade”, afirma.

A sensação de distância era tão grande que um dia, já na Presidência, Lula disse acreditar que seu ministro nunca havia votado nele.

“Com exceção de 1982, quando votei no Rogê Ferreira (do PDT) para governador, eu sempre votei no senhor. Mas reconheço que sem convicção...”, respondeu Haddad. A primeira-dama Marisa Letícia, que ouvia a conversa, se desesperou: “Fernando, como é que você diz uma coisa dessa?”

Aos poucos, os dois foram ficando mais próximos. Suas mulheres fizeram amizade, o ministro levou os filhos para festas na Granja do Torto e passou a ser convidado para trocar ideias até

na sauna do Palácio da Alvorada. Quando o presidente viajava para São Paulo, ele se apressava em pedir carona no Aerolula.

“Isso ajuda muito. Ele me chamava sempre para conversar na cabine presidencial”, conta Haddad, orgulhoso. “Lá não toca telefone, os problemas não entram no avião. É um momento bom.”

#### **POR TELEPATIA**

Satisfeito com o desempenho do pupilo no MEC, Lula começou a lhe pedir palpites sobre economia – ele diz que só opinava ao ser consultado, num esforço para não melindrar os ministros da área.

A transformação do auxiliar em candidato foi uma consequência natural. E só não se precipitou em 2010, quando Lula sondou Haddad para concorrer ao governo do Estado, porque ele já havia escolhido outra ilustre desconhecida, Dilma Rousseff, para disputar a Presidência.

“Ele sabia que um projeto de renovação tem munição limitada”, diz o ex-ministro.

Nas palavras dele, o convite para se candidatar neste ano, contrariando a desconfiança do partido e as pretensões da ex-prefeita Marta Suplicy, foi o “coroamento” da aproximação. Os dois se encontram ao menos uma vez por semana e conversam por telefone dia sim, dia não.

O ex-presidente driblou o tratamento do câncer para articular a campanha e chegou a posar com o ex-inimigo Paulo Maluf para ampliar o tempo do candidato na TV.

“Eu não sei nem como caracterizar a relação que nós temos hoje. É meio fraternal, meio paternal”, arrisca Haddad. “Eu o entendo, ele me entende, está tudo sempre super resolvido entre nós. Tem hora que é telepático.”

Há alguns anos, não era bem assim. Em conversas com Tarso Genro, que antecedeu Haddad no MEC, Lula chamava o afilhado de “mauricinho” e “almofadinha que deu certo”, num misto de reconhecimento e deboche.

Entre amigos, o candidato costuma se vingar imitando a voz rouca e os tropeços do ex-presidente no português.

“Já contaram para ele, mas eu neguei”, conta, com sorriso do aluno que espera o professor deixar a sala de aula para lhe pregar uma peça.

As quatro fotos e suas respectivas legendas que compõem o enunciado concreto não serão apresentadas em detalhes, uma vez que não recairá sobre elas o desdobramento metaenunciativo aqui estudado. É a foto maior que se refratará numa alegoria verbo-visual. No detalhe, será apresentado também o principal elemento verbal que terá a função do comentário que se desdobra sobre o enunciado:

eleições 2012



Lula discursa durante lançamento da candidatura de Haddad em SP

BERNARDO NELLE FRANGO  
DE 184 FOTOS

PERFIL FERNANDO HADDAD

O momento não era o mais apropriado para deslizes. Numa sexta-feira tumultuada pelo escândalo do mensalão, o governo tentava evitar a abertura do processo de cassação do mandato de José Dirceu na Câmara dos Deputados. A esquerda do PT comemorava a imprensa para um ato contra "a política econômica, as alianças espúrias e a corrupção". Foi nesse clima que Fer-

# criador & CRIATURA

...virão...". respondeu Haddad. A primeira-dama Marta Leticia, que estava a convite, se desculpou: "Fernando, como é que você dá uma coisa dessas?". Aos poucos, os dois foram ficando mais próximos. Suas mulheres ficaram amigáveis, o encontro levou os filhos para festas na Granja do Ipojuca e passou a ser convidado para trocar ideias até na suíte do Palácio da Alvorada. Quando o presidente viajou para São Paulo, ele se aproximou em perfil caracol na Avenida.

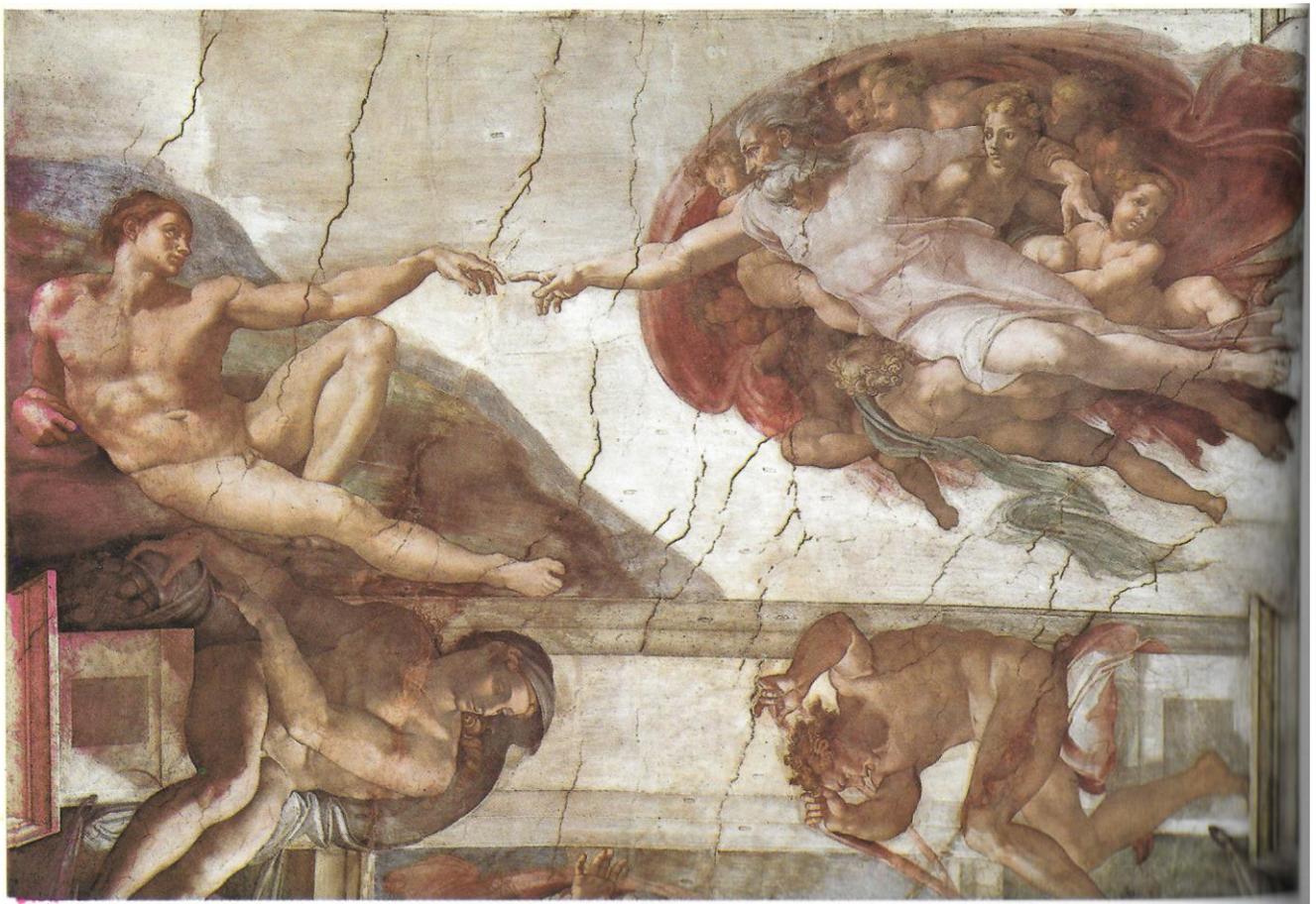
A fotografia é creditada a Jorge Araújo, da Folhapress e, conforme consta nos créditos, foi realizada no dia 2 de junho de 2012. A legenda que a acompanha, presente no canto inferior direito, informa que “Lula discursa durante lançamento de candidatura de Haddad em SP”. Na imagem, é possível ver o ex-presidente Lula de microfone na mão, no canto direito da imagem, apontando para o candidato Fernando Haddad que aparece estar sentado, dado o desnível em relação ao ex-presidente. Pela composição da imagem, o dedo estendido de Lula parece tocar no então candidato, que sorri.

Já explicitado pela manchete do conjunto noticioso, “criador e criatura”, o perfil de Haddad presente no plano verbal discorre sobre o processo de sua indicação para concorrer à Prefeitura de São Paulo, sendo que Lula decidiu lançar um candidato sem nenhuma experiência eleitoral, buscando um projeto de renovação do Partido, criando constrangimentos com Marta Suplicy que, como ex-prefeita de São Paulo pelo PT, possuía a expectativa de concorrer ao pleito novamente. Assim, dado esse contexto, a candidatura de Haddad é tomada como uma criação de Lula, surgida por uma motivação pessoal do presidente que é chamado

de “criador”.

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
perfil do candidato Haddad, centrado no processo de sua escolha pelo presidente Lula para ser candidato à Prefeitura de São Paulo, disputando pela primeira vez um pleito eleitoral.	Lula discursa no lançamento da campanha de Haddad e aponta para o candidato, encostando o dedo em sua cabeça devido ao enquadramento da fotografia.

O desdobramento metaenunciativo que permitirá a constituição da alegoria verbo-visual se dá entre os elementos verbais “criador” e “criatura”, que sintetizam o que está informado no plano verbal, e o gesto do toque que se apresenta no plano visual. Como toda a alegoria verbo-visual é baseada numa relação *mediada* e não *direta*, o que permite a relação entre esses elementos verbais e visuais é a mobilização de outro discurso imagético bastante difundido e de ampla circulação:



(Fonte: DALTROP; RONCALLI, 1972, p. 36)

A imagem é parte do afresco que cobre o teto da Capela Sistina, no Vaticano, executado entre os meses de maio de 1508 a outubro de 1512 pelo artista renascentista Michelangelo Buonarroti (1475-1564). É a sexta das cenas bíblicas a contar da entrada da Capela. Apesar de não haver um título definido, este conjunto é conhecido como *A criação de Adão*, e representa o momento em que Deus, à direita, dá a vida à sua criatura por meio do seu toque. Assim Daltrop e Roncalli descrevem a cena:

O primeiro homem está deitado na terra e tende, levantando-o levemente, o braço em direção ao Criador. Este avança em vôo e toca o dedo de Adão: é o instante no qual Adão é feito ciente de poder levantar-se, de poder liberar-se como indivíduo da terra da qual é formado. A divina centelha atinge o primeiro homem, lhe comunica a alma, o faz ser (1972, p. 36, tradução própria).<sup>80</sup>

Se em Gênesis há o relato de que Deus deu a vida a Adão por meio de um sopro em suas narinas (GÊNESIS 2:7), a construção pictórica desenvolvida por Michelangelo e tornada icônica na História da Arte ocidental disseminou o gesto do toque divino como o ato de tornar Adão ser vivente: o “toque da criação”, como apresentado em detalhe:



(fonte: DALTROP; RONCALLI, 1972, p. 36)

É por meio desta interdiscursividade que o desdobramento metaenunciativo se faz pertinente dentro do conjunto noticioso analisado, possibilitando a opacificação da fotografia e, conseqüentemente, transformando-a numa alegoria verbo-visual opacificante. Na seqüência, a foto do conjunto noticioso e a reprodução do afresco de Michelangelo são

---

<sup>80</sup> No original: “Il primo uomo è semisdraiato a terra e tende, sollevandosi leggermente, il braccio verso il Creatore. Questi avanza a volo e tocca il dito di Adamo: è l’attimo, in cui Adamo è fatto consapevole di potersi alzare, di potersi liberare come individuo dalla terra di cui è formato. La divina scintilla raggiunge il primo uomo, gli comunica l’anima, lo fa essere.

colocadas próximas para que as semelhanças possam ser notadas com maior facilidade:

A foto do conjunto noticioso:



O detalhe do afresco “A criação de Adão”, de Michelangelo:



(fonte: DALTROP; RONCALLI, 1972, p.36)

Comparando as duas imagens, encontramos tanto Lula quanto Deus na mesma posição no quadro: à direita e num plano superior a Haddad e a Adão, respectivamente, com o braço em direção a ele e o dedo esticado. Se há uma diferença na postura do candidato em relação a do Primeiro Homem, ela não é suficientemente forte para impossibilitar a remissão à

obra de Michelangelo. E, para reafirmar a construção do desdobramento metaenunciativo, a manchete do conjunto noticioso fortalece a relação: “Criador & Criatura”.

Assim, estabelecido o desdobramento metaenunciativo no plano verbo-visual, o esquema se torna:

<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
perfil do candidato Haddad, centrado no processo de sua escolha pelo presidente Lula para ser candidato à Prefeitura de São Paulo, disputando pela primeira vez um pleito eleitoral.	Lula discursa no lançamento da campanha de Haddad e aponta para o candidato, encostando o dedo em sua cabeça devido ao enquadramento da fotografia.
<b>Plano verbo-visual</b>	
instauração da alegoria verbo-visual opacificante: Lula (Criador) discursa no lançamento da candidatura de Haddad (Criatura) e o toca, tornando-o um ser vivente no cenário político eleitoral.	

A principal fotografia do conjunto noticioso que traz um perfil do candidato Fernando Haddad é, assim, uma alegoria verbo-visual da sua criação política realizada pelo ex-presidente Lula. O discurso imagético da fotografia, que seria o registro do lançamento da candidatura de Fernando Haddad, passa a *não-coincidir consigo mesmo*, já que, opacificado, refrata-se como sendo o discurso imagético do momento de criação política do então candidato, que recebe o toque do ex-presidente Lula, seu criador, e ergue-se para disputar a Prefeitura de São Paulo, disputa da qual sairá vencedor.

## Considerações finais

“Uma imagem vale mais do que mil palavras”, é o dito popular que expressa o imaginário que crê ser a fotografia um retrato do real, uma apreensão de um determinado momento da realidade, afirmando sua suposta fidedignidade ao mundo comparando-a à linguagem verbal, que pode tanto ser obtusa quanto falsear o concreto, ou até mesmo criar um “concreto” novo.

Esta tese, focando num fenômeno de produção de sentido específico, buscou demonstrar que mesmo as fotografias podem assumir sentidos diversos em determinados contextos enunciativo-discursivos; e os elementos visuais nelas presentes, por mais que registrados com a maior nitidez técnica possível, podem se tornar semanticamente opacos.

A possível opacidade dos elementos visuais foi o que motivou formular o conceito de *aspas verbo-visuais*. Sabendo que quando uma palavra se encontra aspeada no plano verbal há um chamado interpretativo para compreendê-la para além do seu uso corrente, este mesmo chamado poderia ocorrer sobre elementos visuais: um elemento visual (ou vários) não coincidiria com ele mesmo, e, assim, deveria ser interpretado de uma maneira diferente daquele de seu uso habitual.

A partir dessa inquietação, a hipótese foi formulada: *tomado o enunciado em sua dimensão verbo-visual, determinadas relações entre elementos verbais e visuais constitutivos dele podem se configurar como desdobramentos metaenunciativos opacificantes, em analogia à dinâmica da modalização autonímica que ocorre no plano verbal, e serem consideradas como aspas verbo-visuais*.

O contexto enunciativo-discursivo tomado como foco engloba o plano verbo-visual, no qual elementos verbais e visuais que compõe um enunciado são analisados em seu conjunto, uma vez que é na articulação desses dois planos semióticos que o sentido se realiza.

Já a ideia de abordar o fenômeno observado buscou articular o conceito de *modalização autonímica*, formulado a partir da análise estritamente verbal do enunciado, uma vez que por meio dele acreditou-se haver uma possibilidade de abordagem interpretativa que poderia apreender seu funcionamento e auxiliar na sua compreensão e descrição. Por mais que, como visto, nem toda modalização autonímica implica o uso das aspas, estas seriam a sua “arqui-forma”. Assim, observando o fenômeno da opacificação de elementos visuais no plano verbo-visual, compreendê-lo por meio do estabelecimento de uma analogia com o

conceito de modalização autonímica se mostrou pertinente.

O *corpus* selecionado para a pesquisa foi composto por enunciados pertencentes à esfera jornalística, uma vez que neles há constantemente a articulação de elementos verbais com fotografias, o que proporciona um material de investigação rico para a abordagem do fenômeno aqui estudado.

Para desenvolvimento da tese, três questões de pesquisa foram formuladas, e a perseguição às suas respostas orientaram a construção e o desenvolvimento do trabalho apresentado. Assim, os capítulos formaram um percurso investigativo que possibilitou alcançar as respostas a essas questões, que serão apresentadas na sequência.

A primeira pergunta de pesquisa era: *como compreender o processo de metaenunciação, constitutiva da modalização autonímica, no plano verbo-visual?*

A possibilidade de haver a metaenunciação no plano verbo-visual implica compreender o enunciado como um enunciado concreto, e, assim, entender que tanto os seus elementos verbais (plano verbal) quanto os visuais (plano visual) não são enunciados distintos, mas sim componentes de um mesmo e único enunciado. Desta forma, as relações estabelecidas entre estes dois planos, quando constituintes de um só mesmo enunciado, são de natureza metaenunciativa, pois são presentes num mesmo e único enunciado e referem-se a ele próprio.

Neste sentido, a compreensão do processo de metaenunciação no plano verbo-visual implica analisar as relações estabelecidas entre os elementos verbais e visuais constitutivos de um mesmo e único enunciado.

A segunda pergunta de pesquisa foi assim formulada: *o que seriam e como se constroem os desdobramentos metaenunciativos opacificantes (modalização autonímica) entre elementos verbais e visuais a partir da dimensão verbo-visual dos enunciados pertencentes ao corpus dessa pesquisa?*

Os desdobramentos metaenunciativos opacificantes estão presentes quando há um tipo específico de relação entre os elementos verbais e visuais que acabam funcionando como uma espécie de comentário entre eles, opacificando-os, ou seja, sinalizando a pertinência de uma interpretação do sentido destes elementos para além do habitual. É a esse tipo específico de relação, que foi explorada nas análises apresentadas nesta tese, que se deu o nome de *aspas verbo-visuais*.

Como já informado desde a introdução, as *aspas verbo-visuais* não são um sinal tipográfico inequívoco que marca a sua presença, como são no plano verbal, mas sim fruto

deste tipo específico de relação entre elementos verbais e visuais que constroem um mesmo enunciado. Assim, se as aspas verbais são “sinal a ser interpretado” (MAINGUENEAU, 2005, p. 160), um “indicador interpretativo” (DAHLET, 2006, p. 182) ou um “tipo de *ausência*, de vazio a ser preenchido interpretativamente, um ‘chamado à glosa’” (AUTHIER-REVUZ, 2012, p. 139, grifos no original, tradução própria)<sup>81</sup>, as *aspas verbo-visuais* demandam dois esforços interpretativos: o primeiro, o de identificar a relação específica entre elementos verbais e visuais que podem se configurar como um desdobramento metaenunciativo opacificante; e, o segundo, uma vez identificada essa relação (que não é marcada por nenhum sinal tipográfico ou tem sua presença inequívoca), buscar compreender qual o sentido enunciativo-discursivo produzido por esta relação (como se faz ao analisar as aspas no plano verbal).

As 13 análises apresentadas nesta pesquisa demonstraram como estas relações podem ser identificadas a partir do *corpus* aqui escolhido, o que também possibilitaram apresentar a resposta à terceira questão de pesquisa, a saber: *quais as similaridades existentes entre as ocorrências das aspas verbo-visuais que possibilitam construir categorias de análise do fenômeno abordado?*

Para além de identificar o fenômeno, mostrando seu funcionamento, esta tese buscou criar categorias de análise do mesmo que servisse de contribuição para pesquisas futuras que se desdobrassem sobre a análise do plano verbo-visual do enunciado concreto. Desta forma, dedicou-se especial atenção para identificar traços comuns na ocorrência do fenômeno que possibilitassem agrupá-los nessas categorias.

A partir das análises do *corpus*, três categorias de *aspas verbo-visuais* puderam ser criadas, que serão apresentadas na sequência.

A primeira foi denominada de *aspas verbo-visuais* de tipo de *relação direta entre elementos verbais e visuais*, que tem por marca de sua presença a relação direta entre um mesmo elemento presente no plano verbal e a sua aparição no plano visual, estabelecendo, assim, um desdobramento metaenunciativo opacificante.

Essa copresença de um mesmo elemento (X) no plano verbal e no visual é que torna a marca de presença desse tipo de *aspas verbo-visuais*, possibilitando o chamado à interpretação do sentido que esta relação, ou comentário metaenunciativo, proporciona.

Um esquema de funcionamento dessa categoria também foi construído, e que novamente é apresentado:

---

<sup>81</sup> No original: “une sorte de *manque*, de creux à combler interprétativement, um <<appel de glose>>”

<b>Aspas verbo-visuais de tipo de <i>relação direta entre elementos verbais e visuais</i></b>	
<b>Plano verbal</b>	<b>Plano visual</b>
<b>X<sub>(verbal)</sub></b>	<b>X<sub>(visual)</sub></b>
<b>Plano verbo-visual</b>	
<b>X<sub>(visual)</sub>, mas no sentido de X<sub>(verbal)</sub></b> ou <b>X<sub>(verbal)</sub>, mas no sentido de X<sub>(visual)</sub></b>	

Utilizando-se das formulações de Authier-Revuz sobre modalização autonímica, para quem a estrutura enunciativa (*X, mas no sentido de p*) é um exemplo canônico do conceito, o que se buscou apresentar é a substituição dos elementos estritamente verbais (tanto X quanto p são signos verbais nos estudos da linguista francesa) para a representação de um mesmo elemento (X) nos diferentes planos semióticos (X<sub>verbal</sub> / X<sub>visual</sub>). Por ser um mesmo elemento (X) é que se faz possível estabelecer essa relação particular entre eles, uma relação *direta*.

Nesse tipo de categoria, é possível estabelecer uma forma de recorrência de uma *não-coincidência* que se apresenta em todas as manifestações do fenômeno que se enquadram nela. Se Authier-Revuz, dentre os quatro tipos de não-coincidências que formula, postula aquela da *não coincidência das palavras consigo mesmas*, o que ocorre nesta categoria pode ser compreendido, estabelecida uma analogia e não uma aplicação mecânica do conceito de modalização autonímica para o plano verbo-visual, como sendo uma *não-coincidência do elemento visual consigo mesmo*.

Estabelecida a relação direta entre os elementos verbais e visuais, realizado o desdobramento metaenunciativo opacificante, o elemento visual opacificase e, assim, deixa de coincidir consigo mesmo, uma vez que se abre à interpretação por meio do comentário realizado pelo elemento verbal: X<sub>visual</sub>, *mas no sentido de* X<sub>verbal</sub>, ou vice-versa.

A segunda categoria de *aspas verbo-visuais* formulada foi a de *opacificação de elementos verbais no plano visual*. Nela, o que é flagrado é a opacificação de elementos verbais (como placas de aviso, letreiros, anúncios etc.), tendo a ampliação de sentido

proporcionada pelo comentário metaenunciativo estabelecido com o contexto oferecido pelo plano verbal do mesmo enunciado.

Diferentemente da primeira categoria, não existe uma relação direta entre elementos verbais e visuais que permite inferir o desdobramento metaenunciativo opacificante. O que pode ser considerada como a marca desta segunda categoria de *aspas verbo-visuais* é a presença de um elemento verbal no enquadramento da fotografia. Assim, no enquadramento constitutivo do plano visual, a presença de uma placa, letreiro, anúncio etc. – que poderia ser excluída por um recorte ou pela escolha de outro plano para o registro da imagem – sinaliza que os dizeres neles contidos (elementos verbais) abrem-se à interpretação de um sentido outro para além daquele original.

Dessa forma, o que está informado pelos elementos verbais contidos no plano visual (a sinalização de uma saída de emergência, o alerta para um obstáculo, o nome de um estabelecimento etc.) perde sua função original (a de sinalizar, informar, nomear etc.) e ganha outro sentido dentro da relação estabelecida com o plano verbal do mesmo enunciado, opacificando-se.

O esquema que apresenta o funcionamento dessa segunda categoria de *aspas verbo-visuais* é o seguinte:

<b><i>Aspas verbo-visuais de tipo de opacificação de elementos verbais no plano visual</i></b>	
<b>Plano verbal</b>	<b>Plano visual</b>
<b>X(verbal)</b>	<b>Y(verbal)</b>
<b>Plano verbo-visual</b>	
<b>Y(verbal), <i>mas no sentido de X(verbal)</i></b>	

A presença do elemento verbal no plano visual é que serve como marca que sinaliza a possibilidade do desdobramento metaenunciativo. A opacificação dos elementos verbais no plano visual se dá pela relação destes com o que está contido no plano verbal do mesmo enunciado, e não, como na primeira categoria apresentada, numa relação direta entre um elemento verbal específico e seu correspondente elemento visual.

Nesta categoria há uma *não-coincidência das palavras consigo mesmas*. As palavras

que não coincidem, entretanto, são aquelas que se encontram no plano visual que compõe uma placa, um anúncio, um aviso etc., que, não coincidindo com a função inicial que esses dizeres possuem, passam a se relacionar com o contexto trazido pelo plano verbal do mesmo enunciado e, opacificados por esta relação específica estabelecida, serem passíveis de outra interpretação.

A terceira e última categoria de *aspas verbo-visuais* foi denominada de *alegoria verbo-visual opacificante*.

A alegoria, seja como figura retórica no plano verbal, seja como recurso amplamente utilizado nas artes plásticas, se constitui como uma possibilidade de formar uma “virtualidade significante” (HANSEN, 1986, p.10), ou seja, é uma construção pela qual há a potencialidade de outros sentidos emergirem.

O termo foi escolhido para nomear esta terceira categoria de *aspas verbo-visuais* porque não há uma relação direta entre elementos verbais e visuais (como na primeira), tampouco uma opacificação de elementos verbais no plano visual (como na segunda). O que essa forma particular de relação entre elementos verbais e visuais possibilita é a opacificação do conjunto visual como um todo, sendo opacificado de forma que ele se abra à inferência de um sentido outro e passe a representar, via discurso visual, o discurso presente no plano verbal.

Na *alegoria verbo-visual opacificante*, a relação não é uma relação *direta*, mas sim *mediada*. E o que está sendo chamada de relação mediada é aquela que, para ser compreendida, necessita da mobilização de informação e saberes outros para além do que está presente estritamente no enunciado analisado. Ou seja, há a necessidade de uma mediação.

O esquema que demonstra a dinâmica desta terceira categoria é o que segue:

<b>Aspas verbo-visuais de tipo Alegoria verbo-visual opacificante</b>	
<b>plano verbal</b>	<b>plano visual</b>
Discurso X (verbal)	Discurso Y (visual)
<b>plano verbo-visual</b>	
Discurso Y (visual), <i>mas no sentido de</i> Discurso X (verbal)	

Neste tipo de categoria, o que ocorre é o que pode ser chamada de uma *não-*

*coincidência do discurso visual consigo mesmo*. Estabelecida a opacificação por meio da relação entre o plano verbal e visual, o plano visual abre-se à inferência de outro sentido no momento que passa a ser comentado pelo desdobramento metaenunciativo estabelecido. É neste sentido que o plano visual torna-se uma alegoria do que está presente no plano verbal.

A partir das análises do *corpus*, estas foram as três categorias identificadas de *aspas verbo-visuais*, constituídas a partir de diferenças significativas da forma de relação estabelecida entre os elementos verbais e visuais de um mesmo enunciado. Como apontado ao longo do trabalho, isso não implica a inexistência de outras categorias possíveis de serem formuladas: chegou-se a levantar a possibilidade de uma quarta, a de *relação direta entre elemento verbal e forma visual*, entretanto, por só ter sido encontrada uma manifestação dentro do *corpus* selecionado, não foi possível analisar funcionamentos recorrentes em diversos casos que possibilitassem já apresentá-la como uma categoria. Sua abordagem aponta para a necessidade de investigação em trabalhos futuros.

Dentro ainda das considerações finais, um aspecto merece ser ressaltado. No título dos subcapítulos nos quais foram apresentadas as análises, utilizou-se o emprego das aspas verbais, como, por exemplo, “a ‘mira’ de Fernando Haddad”, “a ‘saída de emergência’ de Nuzman” e “a ‘coroa de louros’ do vencedor”. Este recurso foi intencionalmente utilizado para demonstrar a pertinência da nomenclatura de *aspas verbo-visuais* para o fenômeno aqui analisado.

Ao se utilizar as aspas verbais nos referidos títulos, buscou-se já apontar o efeito enunciativo-discursivo estudado: os elementos verbais aspeados nesses títulos indicariam quais seriam os elementos visuais que sofreriam a opacificação por meio da relação verbo-visual específica do enunciado analisado, facilitando a compreensão das características e do funcionamento do fenômeno estudado.

Como já mencionado, o fenômeno de *aspas verbo-visuais* demanda dois esforços interpretativos. O primeiro é o de identificar a relação característica de um desdobramento metaenunciativo opacificante entre elementos verbais e visuais que o constitui; ou seja, na ausência de uma marca inequívoca de sua presença (como ocorre com as aspas no plano verbal), identificar uma relação verbo-visual específica que possa ser interpretada, ela mesma, como sendo a marca da presença das *aspas verbo-visuais*. O segundo esforço interpretativo é o de analisar as funções e efeitos enunciativo-discursivos que elas possuem em determinado enunciado, e, com isso, avançar numa interpretação analítica do enunciado concreto como um todo (marcas de posicionamentos ideológicos, estabelecimentos de relações dialógicas com

outros enunciados, efeitos retóricos etc.).

Nas análises apresentadas nesta tese, entretanto, este segundo movimento interpretativo não foi realizado. O objetivo central da pesquisa foi o de estudar o funcionamento do fenômeno abordado, criando o conceito de *aspas verbo-visuais*, e o de oferecer categorias de análise para sua abordagem. Buscou-se aqui apresentar o que é, como pode ser identificado e como pode ser classificado o fenômeno, e não quais os efeitos discursivos derivados de sua presença.

Longe de ser uma falha na pesquisa, essa postura atesta a proficuidade do conceito de *aspas verbo-visuais* para os estudos que se debruçam sobre a verbo-visualidade do enunciado. A utilização do conceito, já clarificado, poderá se basear neste segundo movimento interpretativo a depender do objetivo a ser buscado em pesquisas futuras.

Outra ponderação pertinente que atesta a proficuidade do que foi proposto nesta tese refere-se à possibilidade de utilização do conceito para além do *corpus* aqui estabelecido. Se na presente pesquisa restringiu-se as análises aos enunciados concretos provenientes da esfera jornalística, produzidos pelo *superenunciador* jornal, criou-se também um caminho investigativo interessante a ser seguido em pesquisas futuras no que se refere a buscar analisar o fenômeno em enunciados provenientes de outras esferas discursivas. Não há nenhuma restrição teórico-metodológica *a priori* que impeça que essa abordagem possa ser realizada.

São estas as contribuições que esta tese pretendeu oferecer ao campo dos estudos sobre a linguagem, apresentando o conceito de *aspas verbo-visuais* e categorias de análise para que, assim, auxilie nos estudos que se debrucem sobre a dimensão verbo-visual dos enunciados e suas formas características de produção de sentido.

\* \* \*

## Referências Bibliográficas

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In. *Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. FREITAS, Maria Tereza; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia (Org.). 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 11-25.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Ces mots qui ne vont pas de soi, Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*, Paris: Larousse, 2 v., 1995.

\_\_\_\_\_. *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. 2. ed. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

\_\_\_\_\_. Enunciação e metaenunciação – heterogeneidades enunciativas e problemáticas do sujeito. Trad. Rosângela Morello. In *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 177-198.

\_\_\_\_\_. As não coincidências do dizer e sua representação metaenunciativa – estudo linguístico discursivo da modalização autonímica. Trad. Maria Onice Payer. In *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998b, pp.13-28.

\_\_\_\_\_. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. In *Letras Hoje*. Porto Alegre, vol. 34, nº 2, 1999, pp-7-30. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/view/14934/9875> (acessado em agosto de 2015)

\_\_\_\_\_. Le fait autonymique : Langage, langue, discours – quelques repères. In *Parler des mots: le fait autonymique em discours*. AUTHIER-REVUZ, Jacqueline; DOURY, Marianne; REBOUL-TOURÉ, Sandrine. (Org.). Paris: Press Sorbonne Nouvelle, 2011. p. 67-96.

AVANCINI, Atílio. A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo. In *Brazilian Journalism Research*, vol. 7, nº1, p. 50-66, 2011. Disponível em <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/285/267> (acessado em janeiro de 2015).

AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. In *Mediação*, vol. 9, nº9, 2009, pp. 81-97. Disponível em <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/296> (acessado em janeiro de 2015).

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4. ed. atualizada. São Paulo: Ática, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 261-306.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2008.

\_\_\_\_\_. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARNHURST, Kevin; NERONE, John. Visual Mapping and Cultural Authority: Design Changes in U.S. Newspapers, 1920-1940. In *Journal of Communication*, vol. 45, nº 2, p. 9-43, 1995.

BARROS FILHO, Clóvis de. *Ética na Comunicação*. São Paulo: Editora Moderna. 2001.

\_\_\_\_\_; MARTINO, Luís Mauro Sá. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Editora Paulus. 2003.

BARTHES, Roland. Rhétorique de l'image. In *Communications*, n. 4, 1964, pp. 40-51. Disponível em [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm\\_0588-8018\\_1964\\_num\\_4\\_1\\_1027](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1964_num_4_1_1027) (acessado em março de 2014).

\_\_\_\_\_. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASSO FOSSALI, Pierluigi. Peirce et la photographie : des abus interprétatifs et des retards sémiotiques. In DONDERO, Maria Giulia; BASSO FOSSALI, Pierluigi. *Sémiotique de la photographie*. Limoges: PULIM, 2011. Pp. 145-291.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização Reflexiva*. (trad. Magda Lopes). São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BÉGUIN-VERBRUGGE, Anette. *Images en texte, images du texte: dispositifs graphiques et communication écrite*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2006.

BEGUOCI, Leandro. *A reinvenção do jornalismo*. Publicado em: 13 mai. 2015. Disponível em <http://projetodraft.com/a-reinvencao-do-jornalismo-spoiler-e-hora-de-abaxar-o-topete-mas-de-levantar-a-cabeca/> (acessado em outubro de 2015).

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas Simbólicas*. Trad. Sergio Miceli e outros. Editora Perspectiva. São Paulo: 2003.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. *L'emprise du journalisme*, in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n.101-102, 1994.

- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes/Fapesp, 2001.
- \_\_\_\_\_.(Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008(b).
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhti: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008(c).
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2008(d).
- \_\_\_\_\_. Análise e teoria do discurso. In *Bakhtin, outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2008(e), pp. 9-31.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009(b).
- \_\_\_\_\_. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In FIGARO, Roseli (Org.) *Comunicação e análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 79-98.
- \_\_\_\_\_; ROJO, Roxane. *Gêneros: artimanhas do texto e do discurso*. São Paulo: Escolas Associadas, 2001.
- \_\_\_\_\_; MELLO, Rosineide de. Enunciado concreto/enunciado concreto/enunciação. In. *Bakhtin, conceitos chaves*. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 2008, pp. 61-78.
- \_\_\_\_\_; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web, in: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, pp. 15-30.
- \_\_\_\_\_; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. In *Alfa*, 56 (2), p. 371-401, 2012. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531/4343> (acessado em março de 2015).
- BRONCKART, Jean-Paul; BOTTA, Cristian. *Bakhtin démasqué: histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif*. Genebra: Droz, 2011.
- CALIANDRO, Stefania. *Images d'images: le métavisuel dans l'art visuel*. Paris: L'Harmattan, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise de Discurso*. Trad. Fabiana Komesu (Coord.) São Paulo: Contexto, 2008.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Trad. Jaime Guisnburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DALTROP, Georg; RONCALLI, Francesco. *I Musei Vaticani: Monumenti, Musei e Gallerie Pontificie*. Firenze: Scala, 1972.

DAHLET, Véronique. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Humanitas, 2006.

DONDERO, Maria Giulia. Cartographie de la recherche sémiotique sur la photographie. In DONDERO, Maria Giulia; BASSO FOSSALI, Pierluigi. *Sémiotique de la photographie*. Limoges: PULIM, 2011. p. 19-139.

DOSSE, François. *História do Estruturalismo: o campo do signo 1945-1966*. vol. 1. Trad. Álvaro Cabral. Bauru: Edusc, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.) *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

FERRATER MORA, José. *Diccionario de filosofía*. 6. ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2009.

FLOCH, Jean-Marie. *Les formes de l'impreinte*. Périgueux: Pierra Fanlac, 1986.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual de Redação*. 15. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Trad. Jorge Coli. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. In *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.

FREUND, Gisèle. *Photographie et société*. Paris: Éditions du Seuil, 1974.

\_\_\_\_\_. Photojournalisme : légendes et interprétations. In BRUNI, Ciro (Org.). *Pour la photographie : actes du 1er Colloque international pour la Photographie*. Universidade de Paris-VIII, jan. 1983. Sammeron: GERMS, 1983.

FRIAS FILHO, Otávio. *Vampiros de papel*. Folha de S. Paulo, 05/08/1984. Caderno Folhetim nº 394, pp.3-4. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fsp/1984/8/5/348-folhetim> (acessado em setembro de 2015).

GRILLO, Sheila. *A produção do real em gêneros do jornal impresso*. São Paulo: Humanitas, 2004.

\_\_\_\_\_. Esfera e campo. In. BRAIT, BETH (Org.) *Bakhtin, outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. pp. 133 -160.

- GRUPO  $\mu$ . *Traité du signe visuel : Pour une rhétorique de l'image*. Paris: Seuil, 1992.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.
- HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções (1789-1848)*. 17ª ed. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- HOMEM DE MELO, Chico. Design de revistas: *Senhor* está para ilustração assim como *Realidade* está para a fotografia. In *O design gráfico brasileiro: anos 60*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em [www.uol.com.br/houaiss](http://www.uol.com.br/houaiss) (acessado em setembro de 2015).
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 2. ed. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.
- JOLY, Martine. *Introduction à l'analyse de l'image*. 2ª ed. Paris: Armand Colin, 2009.
- KRESS, Gunter. VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001
- \_\_\_\_\_. *Reading images: the grammar of visual design*. London; New York: Routledge, 2006.
- KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica – ética no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.
- KUNCZICK, Michael. *Conceitos de jornalismo*. Tradução de Rafael Varela Jr. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- KROBE, Kenneth. *Photojournalism, the Professional's Approach*. Somerville: Curtin and London, 1980.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da notícia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LOREDANO, Cássio. *Guevara e Figueroa: caricatura no Brasil nos anos 20*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Gráficas, 1988.
- LOTMAN, Jurij; USPENSKIJ, Boris. Sul meccanismo semiotico della cultura. Trad. D. Ferrari-Bravo. In LOTMAN, J; USPENSKIJ, B. (Org.). *Semiotica e cultura*. Milano/Napoli: Ricciardi, 1975, p. 59-95.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. Subjetivação, jornalismo e ética: uma abordagem dialógica. 2010. 275f. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. Uma escuta dialógica para conflitos contemporâneos da imprensa. In BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (Org.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014. p. 93-115.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4. ed. Trad. Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. Org e trad. SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de; POSSENTI, Sírio. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Analyser les textes de communication. Nouvelle édition revue et augmentée*. Paris: Armand Colin, 2012.

MANNARINO, Ana de Gusmão. *Amílcar de Castro e a página neoconcreta*. 2006. 148 fls. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura. Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Ser jornalista. O desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. São Paulo: Paulus, 2009.

\_\_\_\_\_. Imprensa e Capitalismo. In MARCONDES FILHO (Org.) *Imprensa e Capitalismo*. São Paulo: Kairós, 1984, pp.11-19.

MEDVIÉDEV, Pavel. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MILLER, Jacques-Alain. U ou “il n’y a pas de métalangage”. In *Ornicar ?*, n. 5, 1976, pp. 67-72.

MILNER, Jean-Claude. *Les nons indistincts*. Paris: Édition du Seuil, 1983.

MOEN, Daryl. R. *Newspaper Layout and Design*. 2. ed. Ames: Iowa State University Press, 1989.

MOLON, Newton; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. In *Bakhtiniana*, 7 (2), p. 142-195. Jul./Dec. 2012. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/9890/9335> (acessado em jun 2014).

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: Creation of Prosaics*. Stanford: Stanford University Press, 1990.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In OLIVEIRA, S. L. et al. (Org.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.

PALMA, Isis de. (Org.). *Diálogos J-Aliança: mídia e responsabilidade, uma contribuição à reflexão coletiva sobre o jornalismo responsável*. São Paulo: Imagens Educação, 2013.

RÉCANATI, François. *La transparence et la énonciation: pour introduire à la pragmatique*. Paris: Seuil, 1979.

REY-DEBOVE, Josette. *Le métalangage*. Paris: Éditions du Robert, 1978.

\_\_\_\_\_. Les logiciens et le métalangage naturel. In. *Histoire Épistémologique Langage*, nº 1, 1979, pp. 15-22.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SANTOS, Milton. *Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHNEIDER, Michel. *Voleurs de mots*. Paris: Editions Gallimard, 1985.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Mil Dias: os bastidores da revolução de um grande jornal*. São Paulo: Trajetória Cultural, 1998.

\_\_\_\_\_. *Mil dias: seis mil dias depois*. São Paulo: Publifolha, 2005.

SOUSA, José Pedro de. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/Argos – Unoesc, 2000.

\_\_\_\_\_. *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

VIANNA, Rodolfo. Marxismo e filosofia da linguagem à luz d'A ideologia alemã. In *Bakhtiniana*, 3 (1), p. 29-41, Jan./Jun. 2010. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3368/2238> (acessado em jan 2015).

\_\_\_\_\_. Jornalismo, ironia e “informação”. 2011. 220 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2011.

\_\_\_\_\_. O gênero jornalístico informativo na perspectiva do Círculo de Bakhtin. In BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (Org.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014. p. 54-74.

VILLALTA, Daniella. O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. *Anais do XXV*

*Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom*, 2002, disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/> (acessado em dezembro de 2014).

VOLOSHINOV, Valentín. (M.M. BAJTIN). La palabra en la vida y la palabra en la poesía: Hacia una poética sociológica. In: BAJTIN, Mijail. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Trad. Tatiana Bubnova. Barcelona/San Juan: Anthropos/Universidad de Puerto Rico, 1997. pp. 106-137.

\_\_\_\_\_. *O discurso na vida e o discurso na arte*. Trad. Para uso didático por C. Tezza e C. A. Faraco, s. d.